

TATIANA MARETO

O SEGREDO DE  
**ESPLENDORA**

LIVRO 01 - A ORIGEM

arte da capa por chris hortsch

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# ***A Origem***

@2010 – Tatiana Mareto Silva

Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, ou de outra forma sem a prévia autorização do editor.

*Printed in Brazil / Impresso no Brasil*

ISBN 9788580450200 NOTA DA AUTORA

O Segredo de Esplendor – A Origem é uma obra de ficção, elaborada a partir da imaginação fértil de uma menina que não gosta de dormir. Nenhuma das personagens existe e nenhuma das cenas retratadas representa qualquer situação verídica. Qualquer semelhança com pessoas ou lugares é apenas coincidência.

## PRÓLOGO

*Eram séculos de guerra e desolação. Os céus se tingiam de vermelho a cada crepúsculo. A noite se abateu sobre Esplendor desde então; desde o início da guerra havia a luz e a escuridão na cidade dos Anjos. Havia sangue derramado pelos ladrilhos impecáveis e o branco estava manchado para sempre. Eram séculos de guerra, e nunca poderia haver um vencedor.*

— Eu não posso continuar vivendo aqui, Fletcher. Nós não podemos. Você sabe disso, se eles descobrirem não seremos nós que estaremos em perigo. - Abdiel disse, enquanto olhava para a cidade que parecia arder em chamas, da janela do seu quarto.

— Eu sei. – Fletcher aproximou-se e enlaçou-a com o braço direito. Pôs-se a olhar para a paisagem ao lado daquela que ele amava. Não se tratava mais de um jogo, ele não podia trair seus sentimentos nem sua consciência. – Precisamos ir embora, Abdiel. Precisamos ir para um lugar onde o Onisciente não nos descubra.

— Você acha que lá estaremos seguros? – O Anjo virouse para Fletcher, os olhos azuis transparentes brilhando. Dos olhos de Abdiel emanavam faíscas luminosas que destoavam das cores do conflito em Esplendor. – Lá eu não terei poderes suficientes para protegê-los dele.

— Lá ele não terá poderes suficientes para nos ameaçar. Lembre-se, Abdiel, que o Mundo Inferior está no limiar entre a luz e as trevas. E nas trevas eu predomino.

— Não diga isso. – Abdiel jogou-se nos braços de Fletcher, os olhos então úmidos pelas lágrimas contra as quais ela lutava. Depois olhou-o brevemente, o semblante preocupado e rígido do Bruxo. – Você tem mais qualidades do que qualquer Anjo nessa terra, Fletcher. acredite em mim. Mas se você considera que o Mundo Inferior é nosso melhor esconderijo, então é para lá que iremos. Preciso despedir-me de meus amigos.

— Não temos tempo. – Fletcher beijou rapidamente os lábios do Anjo. – Eu retorno para conversar com a guardiã quando nossa filha estiver para nascer.

O Bruxo levou a mão espalmada e tocou o ventre expandido de Abdiel. Ele pode sentir uma força ainda não mensurada emanando do ser que ela gerava. Aquela criança era uma benção e uma maldição em Esplendor; ela era fruto de tudo que a cidade repudiava e carregava em si o carma de todas as Profecias. Ela era a filha do Anjo com o Bruxo, os pilares da guerra que destruiria Esplendor, para fazê-la renascer de cinzas de sangue. Ainda havia muitas mortes até que o conflito terminasse. Fletcher não arriscaria a vida de sua filha e não permitiria que o Onisciente colocasse também a vida de Abdiel em risco. Eles tiveram um acordo, eles tinham um pacto; mas os laços se romperam quando Fletcher descobriu o quanto ele amava Abdiel.

E junto com o pacto, pôs um fim à sua existência, já sabendo as consequências daquela escolha.

## 01 { TRANSFORMAÇÃO }

Os céus de Graceland pareciam mais escuros do que sempre foram. Nuvens pesadas pairavam sobre o ar por dias, como que anunciando uma tempestade. Tempestade que nunca chegava, chuva que nem sempre caía. O vento do norte estava mais frio naquele inverno. A população de menos de dois mil habitantes já estava acostumada às variações climáticas, mas nunca daquele jeito. A falta de qualquer luz do sol havia feito morrer a vegetação e estava deixando os animais doentes. Mal se percebia a noite vir e ir; ninguém via a lua ou qualquer estrela. O hospital recebia mais casos de alergias e problemas respiratórios. As pessoas estavam amareladas como papel envelhecido.

Pelas ruas quase desertas caminhava a mais sombria das figuras de Graceland. Sempre vagando de um lado a outro, fazendo o tempo passar enquanto burlava mais uma aula de matemática. Wesley detestava matemática e tudo relacionado a números. Seus olhos profundos estavam fixados no movimento sem ritmo de seus pés, que eram arrastados pelo calçamento irregular. Os dedos da mão já davam sinais de ressequidão; os que ele tentou esconder inutilmente dentro dos bolsos do casaco. O zíper fechado até em cima, mas se podia ver sua face desalinhada.

Wesley não estava incomodado com o clima esquisito. Nada podia ser mais esquisito para ele do que ele mesmo. Ele não se deixava afetar por quase nada que fosse considerado diferente ou anormal. Wesley Mason era a própria anomalia materializada em um rapaz de dezenove anos. Vivia com uma tia porque os pais o haviam abandonado anos atrás. Ele sequer sabia onde estavam. A tia era uma boa pessoa, mas não tinha responsabilidade para cuidar nem de si própria. Ofereceu a Wesley abrigo, e nada mais que pudesse ser aproveitado. E ele desenvolveu-se sem padrões e parâmetros que pudessem lhe garantir uma adolescência natural.

O sinal soou, e Wesley pode ouvi-lo de onde estava. Não se afastava muito dos muros da escola, e não era importunado por

estar cabulando aula. Os professores sempre o preferiam longe, porque Wesley Mason por perto era sinal de coisas estranhas acontecendo. Ele era tido como o portador de coisas ruins. Alguns chegaram a creditar a ele o problema climático. O rapaz virou-se para retornar à sala de aula e pegar seus livros. Era a última aula do dia, e mesmo sem nada para fazer ele retornaria para a casa da tia e passaria o dia trancado em seu quarto. Não daria tempo. Não naquele dia, não naquele instante. A rotina desanimada de Wesley foi abruptamente rompida por um ruído metálico que o atingiu, fazendo com que caísse de joelhos no chão sujo de paralelepípedos.

Não havia ninguém nos arredores. Wesley passou a mão em seu pescoço e havia sangue jorrando de algum lugar. Imediatamente tudo ficou escuro, ainda mais escuro do que Graceland estava. Seu corpo amoleceu como se estivesse a desintegrar-se, e ele perdeu completamente os sentidos.

— Isso não era para ter acontecido agora. - Uma voz ecoou no vazio. O corpo trêmulo de Wesley se esvaía em sangue, mas ainda não havia ninguém por perto. A cidade parecia parada no tempo, por alguns minutos.

— Resgate-o. - Outra voz fez-se ouvir. Menos grave, mais marcante. Forte. - Ou deixe-o, tanto faz. Ele é só um humano.

— Sua compaixão para com o próximo é impressionante. — Ele não é *meu* próximo. Ele nem é da minha espécie. A voz menos grave parecia desdenhosa. - Vamos, resgate-o ou não terá mais tempo de fazer nada por ele.

— Acha mesmo que ele prefere ser condenado a morrer?

A passar a eternidade como nós?

— Dá no mesmo, não? Morto ele já está... quase. A imagem escura e borrada de um homem materializou-se imediatamente em meio à avenida. Os estudantes já deviam estar saindo, mas nenhum movimento se fazia visível. O homem caminhou lentamente até Wesley, e chutou para longe um pedaço de telha de zinco. O vento estava forte, quase insuportável de se tolerar. O céu negro anunciava a tempestade que parecia finalmente ter encontrado seu

caminho. Era impossível se imaginar que um dia tivesse havido sol. O homem olhou em volta, certificando-se mais uma vez de estar sozinho. Tomou Wesley em seus braços e inalou profundamente o ar. — Delicioso, não é? - A voz grave provocou.

— Cale-se Stuart. Estou chegando.

Na mesma fração de segundo em que sua voz preencheu

o vazio, o homem desmaterializou-se, com Wesley em suas mãos. Seus olhos enegrecidos encaravam o ferimento pulsante de Wesley, enquanto uma de suas mãos pressionava o local onde a carne estava rompida.

— *Hm!* - A interjeição de insatisfação de Stuart mais parecia um dos trovões que se faziam ouvir do lado de fora. Chegaram à estalagem onde ele estava, dirigindo-se para o quintal aos fundos. O homem colocou o corpo de Wesley sobre uma mesa de granito e encarou o céu, cada vez mais negro.

— Vamos levá-lo para dentro. Logo começa a chover. — Você não vai se desfazer com a água, Henry. - Stuart deu uma gargalhada. - Vamos... se vai fazer isso, faça logo. Não quero a estalagem toda ensanguentada. Se não vai fazer nada com ele, deixe-me ao menos jantar.

— Você não tem o menor autocontrole. Henry balançou a cabeça negativamente. Seus olhos ficaram tão escuros quanto o céu e seus lábios se entreabriram em presas afiadas que imediatamente foram cravadas no pescoço desfeito de Wesley. O rapaz gritou, mesmo com a garganta dilacerada.

Seu corpo inteiro tremeu como se recebesse um choque de potência incalculável. Suas mãos se torceram em garras, e todos os seus ossos estalaram. Henry tinha os dentes presos à carne enquanto o sangue escorria cada vez menos pelo ferimento aberto. Não demorou muito. Henry satisfez-se com o sangue vivo da artéria ainda pulsante. Wesley ainda tremia, agonizante, mas seus músculos pareciam mais relaxados. Stuart assistiu toda a cena com olhos arregalados, respirando aceleradamente. Depois, antes que fosse tarde demais, Henry fez um corte, dilacerando um de seus pulsos e jogou o líquido avermelhado que ali escorria dentro da garganta de

Wesley.

— É a primeira vez. - Stuart recompôs-se. - Não pensei que fosse tão...

— Simples? - Henry passou a mão pelos lábios, retirando o excesso de sangue. - Vamos, Stu... você precisa controlar todos esses impulsos humanos. Sua respiração está ofegante!!

— A tentação do sangue é muito forte. - Stuart reclamou.

— Eu sei.

— E agora? - Stuart apontou para o corpo de Wesley, que a cada segundo se tornava mais rígido e menos sem vida. Ele morreu? Você já fez isso antes, sabe o que vai acontecer agora?

Henry franziu os lábios e encarou o rapaz.

— Eu nunca fiz isso, Stuart. Nunca transformei ninguém, nunca achei necessário condenar ninguém a ser como eu. Mas eu sei o que vai acontecer. - Moveu os ombros. - Em algumas horas ele acorda. E teremos muita coisa a explicar para ele, essa coisa de vampiro recém-criado, a relação com a família.

— Ele passa a pertencer a você, é isso?

— Como eu já disse, eu nunca transformei um humano antes. - Henry pegou Wesley novamente nos braços e o carregou para dentro da estalagem. Não havia mais sangue vertendo de seu corpo, nem algum sinal de que um dia ele foi cheio de vida. Os músculos estavam rígidos como se Wesley estivesse em algum tipo de estado catatônico. E ele estava muito mais pesado. - Não sei direito como funciona essa coisa de criador e criatura.

— Deveria tê-lo deixado morrer.

— Ele me divertia. Ele divertia você também.

— Ainda assim.

— Não seja ciumento. Será bom termos outro membro na família. Você anda muito possessivo. Talvez com um brinquedo novo você me deixe em paz por alguns anos. Ou séculos, se eu tiver sorte.

Henry deitou Wesley no sofá empoeirado do saguão da estalagem. Ergueu uma sobrancelha e olhou para Stuart, que moveu os ombros em desdém. Ele deveria manter o ambiente limpo, agradável às pessoas que eventualmente passavam por ali. A estalagem que antes estivera abandonada passara a pertencer aos

irmãos – que não tinham reais laços de sangue – há alguns anos, desde quando decidiram estabelecer-se em Graceland. Agir como donos de um comércio local, filhos de pais mortos e sem qualquer outra família que se pudesse contatar, era um bom disfarce. E ainda os ajudava a conseguir comida. O alimento nunca era escasso em Graceland, principalmente nas temporadas de caça.

Stuart era o mais jovem, apesar de aparentar ser mais velho. Talvez ele fosse mais velho quando humano. Mais alto, mais forte, dono de uma voz grave e potente, poderia ser confundido com um nobre. Henry não tinha certeza de sua origem, porque Stuart não guardava memórias de sua vida humana, antes da transformação. Ele pouco se lembrava, apenas podia precisar que havia nascido em 1774. Seus cabelos loiros e muito pálidos, conjugados com os olhos que se assemelhavam a vidro, lhe conferiam uma origem nórdica. Mas ele não tinha certeza.

Já Henry era muito antigo. Sua aparência de rapaz de vinte e dois anos não havia mudado nada desde então, apenas se aprimorado. Ele tinha uma memória impecável, e conhecimento o suficiente para escrever uma enciclopédia, sozinho. Ao contrário de Stuart, que era relapso com o tempo livre que tinha, Henry usava cada dia de sua vida eterna para descobrir mais, aprender mais. Os cabelos castanhos escuros, quase pretos, se arrumavam meticulosamente em um penteado suficientemente ultrapassado, que seguia a mesma linha de seu vestuário. Os olhos sempre profundos e de cor indefinida, confundindo-se ora com o preto, ora com o cinza denso, demonstravam que ele não pertencia à humanidade. Se os humanos fossem mais atentos e menos céticos, Henry sempre dizia, eles nunca se deixariam enganar.

— Eu já vivi muito. - Henry sentou-se, olhando para lugar algum.

— Ih, esse discurso de novo.

— Sempre tão impaciente, Stu!

— Henry, esse *blá blá blá* de vampiro velho cansa tem horas... você viveu muito? Vai viver ainda muito mais. Você é eterno, esqueceu? Você, eu, esse aí agora. - Stuart apontou para Wesley. - Não vamos morrer nunca, então que diferença faz quanto você já viveu?

— Podemos morrer, você sabe.

— Podemos, isso não quer dizer que vamos. Quem vai nos matar? Nem sabem quem somos, não acreditam no que somos.

— E não saberão quem somos. Henry franziu o semblante. - Os humanos não estarão seguros se souberem de nós, e não teremos mais alimento.

— Eu sei, eu sei. - Stuart demonstrou mais impaciência. Então, deixe de bobear sim? O que devo esperar desse retardado quando ele acordar?

— Ele não será mais retardado. - Henry deu uma risada.

- Ele será como nós. Invencível, lindo, insuperável.

Stuart olhou para o rapaz e fez um bico. Depois, caiu na risada mais uma vez. Imaginar que o tolo que eles observavam caminhando de um lado para o outro poderia ser como ele era ridículo. Mas era verdade, afinal, os muito parecidos. A beleza física era vampiros eram todos inumana, o que lhes conferia uma aparência de divindade. E a força descomunal lhes transformava em super-heróis. Um tanto quanto diferentes dos heróis das criações humanas, mas ainda superheróis. A diferença maior é que eles não pretendiam salvar a humanidade, apenas alimentar-se dela.

Henry levantou-se, endireitando o corpo esguio. Com um olhar, solicitou a companhia de Stuart. O céu estava completamente escurecido, e a chuva caía torrencialmente. Eles deviam passear pela cidade, deixar que Wesley se recompusesse e pudesse, então, acordar para a sua nova vida. Uma vida diferente, condenada, sem vida. Vampiros não eram vivos, e não eram mortos por completo. Henry nunca teve certeza se teria sido melhor que tivesse morrido. Recusava-se a transformar humanos porque não queria mais seres malditos vagando por aquele mundo perdido. Mas a ideia humana de que andar, falar, sentir, estar no mundo terreno, era vida, o impeliu a transformar Wesley. Ele precisava lidar com aquilo. Só isso.

~~\*~~

A Montana State University recebia os alunos do início de mais um ano letivo, e a recepção dos calouros estava impecável, em

2004. Uma banda tocava marchas típicas da Universidade enquanto as líderes de torcida empolgavam os visitantes e alunos com coreografias bem montadas. Porém havia uma participante ilustre naquela festa toda. A jovem Heather Jane Cohen, prodígio de vinte anos de idade, proveniente da minúscula Graceland, que tinha terminado o ensino médio com quinze anos e já havia cursado a Universidade pública na mesma cidade de Bozeman. Aos seus vinte, ela já era graduada em Astronomia e promissora pesquisadora, com mais de sete trabalhos publicados e um Mestrado em andamento.

A Universidade não a estava admitindo como aluna no curso de Mestrado apenas. Heather chegava como professora da graduação, e pesquisadora. Contratada por um salário polpudo, ela foi disputada por outras duas Universidades, mas decidiu por continuar em Montana. A garota sistemática e incomum chegou ao primeiro dia de aula vestindo jeans e uma blusa vermelha, cores da Universidade, carregando uma bolsa velha com seu computador pessoal e algumas anotações. Aversa a algumas tecnologias, ela se adaptou apenas ao computador. Não gostava de telefones celulares ou *paggers* ou qualquer coisa do tipo.

Heather tinha os cabelos tão loiros quanto o sol de verão, e seus olhos eram de um azul pálido, quase transparentes. A pele branca de vidro deixava à mostra as veias azuladas de seu corpo. Magra, pequena, com feições surrealmente delicadas e simétricas, que ela cuidadosamente escondia atrás de um par de óculos de armação escura e pilhas de livros. Mas não foi a sua aparência incomum que causou surpresa em toda Bozeman, quando da sua chegada. Foi a energia estranha que ela irradiava, o fato de preferir dormir ao dia e estudar durante a noite, a sua aversão a qualquer tipo de crença ou religiosidade, o ceticismo relacionado àquilo que a ciência não provasse matematicamente. Para Heather, a vida resumia-se à ciência e seus experimentos, e nada mais fazia sentido se assim não fosse.

Na verdade, Heather não costumava acreditar em nada. Ela ainda não tinha encontrado nada em que valesse a pena acreditar simplesmente; o mundo se resumia àquilo que existia.

Os seus dados foram lançados, e o futuro de Heather estava na mão de si mesma. Ela tinha toda a estrutura que precisava para desenvolver seus trabalhos e podia criar novos pesquisadores em sua sala de aula, selecionando estagiários para seus projetos. Ainda, ela tinha todo um rol de fãs que a perseguia pela cidade de Portland, e que daria qualquer coisa para ser um dos discípulos que anotava as percepções de Heather sobre as estrelas e astros. Ela tinha listas de pessoas interessadas em ser qualquer coisa em suas pesquisas, até mesmo datilógrafos. Aquilo a manteria envolvida com a ciência, e distraída até quando a ciência lhe bastasse. Heather tinha certeza que o relacionamento duraria para sempre.

Era noite no campus, estava frio e Heather estava à janela, observando o céu. Havia uma estrela que brilhava mais do que todas as outras; uma estrela que cintilava uma coloração incomum. Aquela estrela não parecia estar ali toda noite; Heather não tinha certeza se já a tinha visto alguma vez. Não podia ser uma estrela nova; seu brilho intenso demais e seu tamanho a faziam acreditar que aquela estrela estava ali há algum tempo. Mas ela realmente ainda não a tinha visto.

Antes que pudesse pegar seu telescópio para analisar o astro, Heather sentiu um calafrio lhe percorrer toda a extensão corporal. O vento estava forte, e ela podia ouvir o farfalhar das árvores coníferas que circundavam o pátio da Universidade. "*Volte para casa, Heather,*" uma voz ecoou junto com o barulho das folhas bruxuleantes. "*Você precisa voltar para Esplendor.*" A mulher afastou-se da janela, os pelos do corpo eriçados como se ela fosse um gato acuado, sem conseguir tirar os olhos do astro brilhante. Olhou em volta e respirou fundo, tentando concentrar-se na voz que tinha acabado de ouvir. Não havia ninguém ali, todos dormiam no prédio de alojamentos. Talvez um ou outro aluno com a mesma insônia que ela, mas nenhum deles saberia seu nome. "*Volte para casa,*" Ela ouviu novamente o som musical. Acreditando que tudo se tratava de um surto psicótico causado pelo excesso de trabalho e pelo *stress*, Heather fechou a janela, puxou as cortinas e foi para a cama, certa de que no dia seguinte não haveria mais rastro daquele momento de insanidade.

## 02 { CRIADOR E CRIATURA }

A escuridão do céu havia sido substituída por uma lâmpada incandescente que se movia de um lado para o outro. Wesley piscou os olhos duas vezes, tentando se lembrar. Ele estava indo em direção à escola, e então acordou em algum lugar macio. Tudo que ele via era o teto de algum cômodo e tudo que ele podia ouvir era o ruído do lado de fora, sem que ele conseguisse identificar o lado de fora de que. Respirou fundo, porém uma coisa engraçada o fez assustar-se. Ele não sentiu o ar lhe preencher os pulmões naquela sensação de alívio imediato quando se estar a sufocar. O ar entrou, saiu, fez seu caminho natural. Mas a sensação de alívio não veio.

Suas mãos foram até os olhos e os esfregaram com força. Ele sentiu como se uma areia grossa estivesse lhe atrapalhando a visão, mas não sentiu ardência na tentativa de limpeza. Seu corpo moveu-se instintivamente para cima, fazendo com que ele se sentasse. O campo de visão se ampliou para uma sala mal ornamentada e de aparência suja. Seus dedos tocaram a textura irritante de um sofá velho.

— Você acordou. A rapidamente os ouvidos de voz suave penetrou muito Wesley, fazendo-o virar-se

assustado. Em uma fração de instantes ele estava de pé e os olhos arregalados a fitar Henry. - Acalme-se, deixe-me apresentar primeiro. Eu me chamo Henry Austin.

Henry estendeu a mão direita, movendo-se lentamente na direção de Wesley.

— Quem?

— Henry Austin. Eu sou um amigo.

— Não te conheço. Sou Wesley Mason, onde estou? Wesley ainda olhava em volta, sobressaltado. Seus dedos estavam fincados no tecido acarpetado do sofá.

— Você está em nossa casa. Acho que precisamos ter uma conversa muito importante agora.

— Por quê?

O questionamento de Wesley escondia diversas perguntas que não foram feitas. Ele não sabia onde estava nem quem era aquela pessoa que conversava com ele e se dizia amigo. Ele não sabia o que havia acontecido e não se lembrava muito bem do dia que passar. Seu corpo tinha reações instintivas e o impulso o empurrou para cima. No instante em que Wesley levantou-se, bastante assustado com Henry, Stuart chegou por trás dele e segurou suas duas mãos nas costas. Um sorriso sarcástico reluziu nos lábios de Stuart enquanto ele mantinha imóvel o rapaz. Wesley tentou desvencilhar-se de quem o mantinha preso, sem qualquer sucesso. As mãos de Stuart eram como algemas.

— Stu, não precisa disso tudo. Henry franziu a sobrancelha e sentou-se.

— Sei lá, ele não é um novato? Já vimos novatos antes... eles são terríveis.

— Sim, mas eu sou o seu criador. Ele nunca será mais forte do que eu, e nem que você. Você é um século mais velho do que ele! Vamos, solte-o para podermos conversar civilizadamente.

Stuart ainda levou alguns segundos até soltar os pulsos de Wesley que, tão logo se viu liberto, correu em direção a uma parede e acuou-se próximo de uma grande cômoda. Olhos arregalados e perdidos, ele encarava os dois homens que lhe observavam.

— Quem são vocês? O que querem comigo? Por que me trouxeram aqui?

— Wesley, aconteceu um acidente. - Henry começou a falar. Seria mais fácil ir diretamente à questão principal. *Você* sofreu um acidente, para ser mais preciso.

— Acidente?

— Sim. Um pedaço de telha de zinco se despreendeu de algum telhado e acertou você no pescoço. Você perdeu muito sangue, não seria possível salvá-lo.

Wesley olhou em volta mais uma vez. Relaxou um pouco, caminhou em direção aos dois homens. Eles pareciam muito diferentes de todos que ele conhecia. Suas mãos tocaram a garganta como se ele procurasse um enorme ferimento, um curativo, alguns pontos. Não havia nada ali que comprovasse que ele tivesse sido atingido por

algum objeto.

— Eu estou no céu? Vocês... são anjos?

Stuart gargalhou, e Henry sorriu.

— Estamos bem longe disso. - Henry prosseguiu. - Nós apenas resgatamos você.

— Então eu não morri? - Wesley passou as mãos pela face, incrédulo. Seus dedos comprimiram seu pescoço ainda, tentando encontrar o que não estava ali.

— Você morreu, sim. - Henry fez um bico. - Mas não somos anjos. Na verdade, nós... Wesley, você acredita em seres sobrenaturais?

— Pessoas com poderes especiais?

— Esses são paranormais, seu burro! - Stuart bateu com a palma da mão na testa.

— Supernaturais. Entidades míticas, seres que pertencem a lendas.

— Ah, claro... como lobisomem, vampiros, essas coisas? Claro que não acredito! Eu sou tolo, mas não sou burro. Não adianta vir querer me fazer de...

— Talvez você queira rever seus conceitos. - Stuart gargalhou novamente.

— O que ele quer dizer é que precisamos lhe contar uma coisa importante, da qual agora você faz parte. Quando você sofreu o acidente, nós o resgatamos porque sempre observávamos você perambulando de um lado para o outro, matando aula, e você nos divertia. Eu pensei, então, em te transformar. Trouxemos você para casa e...

— Você é o diabo? - Wesley arriscou outra opção, interrompendo o discurso de Henry. Se aquele homem não era um anjo e se ele estava morto, então aquele era o inferno. Stuart deu outra gargalhada, daquela vez mais sonora.

— Stu, pare de rir. - Henry protestou. - O menino está confuso, só isso. Não, eu não sou o diabo. Talvez eu seja uma criação dele, mas não sou *e/le*. Eu e Stuart somos vampiros, Wesley. E agora você

também é um.

Wesley perdeu o pouco controle que lhe restava. A confusão mental que lhe havia acometido, somada à chocante notícia que ele relutaria em acreditar o fizeram desesperar-se e tentar fugir. Não era razoável acreditar em nada do que lhe estava sendo dito, mas ele não estava consciente das limitações de sua condição de recém criado. Os olhos de Henry se enegreceram e Wesley tentou passar pelos dois para alcançar a porta. Stuart tentou agarrá-lo, sem sucesso. Henry colocou-se à frente da saída e expôs suas presas, alterado. Cravou as mãos nos braços de Wesley e o arrastou até o sofá novamente, forçando-o a sentar-se.

A ação de Wesley e a reação de Henry duraram menos de um minuto. Vampiros moviam-se rapidamente e precisamente. E Henry era o criador. Ele tinha total controle sobre suas criações, que lhe deviam submissão até o momento em que fossem libertadas. Stuart não fora criado por Henry; os dois se encontraram e decidiram passar a eternidade juntos para facilitar o convívio com os humanos, a alimentação. Não havia hierarquia exatamente entre eles, somente o fato de que Henry, por ser o mais velho, tinha voz mais ativa. Mas a relação era de respeito mútuo, porque Henry não gostava da ideia de fazer-se prevalecer sobre outro vampiro. Mas Wesley precisaria de disciplina nos seus primeiros anos de vida, Henry sabia.

— Vocês vão me matar? - Wesley estava apavorado então, tremendo como se ainda fosse humano. Suas sensações ainda não estavam devidamente aprimoradas. Vão me devorar?

— Você já está morto, Wesley. - Henry retomou sua expressão paternal, a face novamente humanizada. Se quiséssemos devorá-lo, e vampiros não devoram pessoas, você não estaria conversando conosco.

— Mas eu... céus, vampiros não existem! Eu me recuso a acreditar!

— Bem, você precisará de tempo para assimilar tudo.

— E você terá tempo de sobra! - Stuart deu outra risada, sendo repreendido imediatamente pelo olhar ferino de Henry.

— Tudo bem, paciência com o novato.

— Eu tenho presas? Vou beber sangue, agora?

— Sim, você tem. E sua alimentação será sangue, o que mais

vampiros comem? Sangue humano, sangue de animal, qualquer sangue. Mas não se preocupe, você não precisa matar as criaturas para alimentar-se delas.

— É, o Henry tem todo esse padrão ético de “humanos são amigos”.

— Como vocês fazem? Ninguém nunca ouviu falar de vocês... estamos ainda em Graceland? Vocês podem sair ao dia? Como me observavam...

— Tantos questionamentos; tentarei responder a tudo. Vejamos, nós podemos fazer com que os humanos caiam em nossas graças, Wesley. Eles são atraídos e nos alimentamos deles, sem causar nenhum dano emocional. É uma característica interessante nossa. Alguns dizem que enfeitizamos os humanos. Eles não se lembram de nada, depois. E tentamos deixar no lugar uma ferida que possa ser facilmente confundida com um arranhão, ou um corte. E estamos em Graceland sim, adoro esse lugar. Moramos aqui há bastante tempo. Vamos e voltamos sempre, para podermos deixar pular as gerações e os humanos não perceberem que não envelhecemos. Se me compreende.

— E não podemos sair ao dia. - Stuart decidiu falar, também. Ele queria ser parte do processo de aprendizagem do novato. - Na verdade nosso problema não é o dia, mas o sol. O sol nos mataria, então o dia nos mataria. Porém há muito tempo não há um raio de sol em Graceland. Sem sol, estamos seguros, desde que usemos alguns acessórios. Já o sol...

— Você ouve a chuva, Wesley? - Henry sentou-se ao lado do rapaz, que já estava absorvido nas histórias. - Você consegue cheirar a tempestade? O aroma da terra molhada?

— Sim.

— Sentidos bem apurados, os de um novato. Tudo será uma grande sensação para você, agora. Você é muito perigoso, ainda, tem pouco controle sobre seus instintos e pode matar humanos sem querer. Ou esquecer-se de enfeitá-los e revelar nosso segredo. Por isso, terá que confiar em nós.

Wesley fez um bico e encarou Henry mais uma vez. Aquela era a pessoa que o resgatou da morte, e que o condenou a outro tipo de morte. Wesley estava tecnicamente morto, porém sentia-se mais

vivo do que nunca. Levantou-se do sofá, em um reconhecimento mais calmo do ambiente em que se encontrava, e deixou que seus pés o guiassem até o espelho que estava colocado sobre um aparador. “*Vampiros não devem ter reflexo*”, era só o que pensava. Mas ele precisava ver como estava, se ainda era o mesmo apesar de tudo. Se aquele que andava com seus pés era Wesley Mason e não um ser diferente qualquer.

A imagem que apareceu no espelho o surpreendeu. Era a mesma face de Wesley Mason, mas sem os defeitos de Wesley Mason. O cabelo parecia mais brilhoso, e os olhos estavam definitivamente mais claros. O rapaz passou os dedos pelo nariz, que parecia menor. Não havia mais uma pequena cicatriz por sobre seu supercílio, presente de uma queda quando criança. Ela havia simplesmente desaparecido. Seus lábios eram vermelhos e carnudos, como eram os lábios dos artistas de cinema. Wesley parecia um artista de cinema. Nem óculos ele parecia precisar, mais. Sim, vampiros tinham reflexo. E os dele eram muito mais lindos do que ele esperava.

Sua expressão de assombro chamou a atenção de Henry, que se deslocou até onde ele estava. Wesley parecia um fantasma, ou que tinha visto um. Sua pele estava mais alva do que nunca, e ele tinha certeza que seus músculos haviam crescido.

— Somos predadores. - Henry sorriu. Predadores atraem sua presa. Por isso, somos lindos. Nem precisava, afinal, somos muito fortes. Mas a beleza faz parte do nosso carma. Todos os vampiros são assim, perfeitamente lindos. Você não vai encontrar nenhuma falha em você, Wesley.

— Uau. - O novato soltou uma interjeição de júbilo. Sua expressão era de verdadeiro deleite consigo mesmo. - Eu nunca fui *lindo*.

— Eu sei. - Stuart implicou, sorridente e debochado. Mas não pense que só porque está mais bonito do que os humanos isso te faz importante. Ainda sou muito mais qualquer coisa do que você. E, na verdade, isso nem faz muita diferença.

— Por quê? - Wesley olhou curioso para o vampiro mais jovem.

— Nossa beleza não atrai garotas. - Stuart riu. - Não nos relacionamos com humanos, e vampiros... bem, vampiros fazem *sexo* com qualquer outro vampiro, a beleza é irrelevante porque

todos são, na verdade, bonitos demais.

Wesley arregalou os olhos, e continuou a contemplar-se na frente do espelho. Deixaria aquela conversa de sexo para outro momento, menos confuso. Não havia sinais de que ele sofrera qualquer dano, e não havia sinais de que ele estivesse deixado a vida terrestre. Ele poderia não ser mais humano, mas sentia que havia se tornado algo muito superior. Algo sobre humano, que o tornaria muito mais capaz de enfrentar as adversidades do cotidiano. Wesley ainda não estava pensando que havia se tornado imortal. Ele não tinha noção das dificuldades em ser eterno, porque ele havia acabado de renascer. Henry suspirou, vendo sua criação a se admirar. Wesley até tinha aceitado a situação muito bem, sem maiores traumas aparentes. Ele pensou que teria que lidar com um novato em fúria, que Wesley demoraria a aceitar o fato de estar condenado a uma vida reclusa e seletiva. Mas o rapaz ainda teria muito tempo pela frente para remoer seu infeliz destino.

## 03 { ESPECIAL }

Wesley Mason estava prestes a descobrir que ser um vampiro era uma difícil missão. Superado o assombro inicial de se ver com estranhos que se intitulavam seres míticos, descobrir-se um morto vivo e descobrir que passaria a próxima eternidade vivendo como nômade, escondendo sua existência da humanidade e bebendo o sangue alheio, Wesley passou rapidamente para a fase da auto adoração. Durante toda a vida foi considerado um problema para os pais, um estorvo para a tia, um inconveniente para os colegas de sala. Wesley era indesejado onde estivesse, e o status de vampiro lhe caiu bem. Ao contrário do que seu criador previa, ele não se sentiu condenado, nem considerou que aquela opção fosse ruim. Ser um vampiro lhe colocaria imediatamente em uma condição superior, de poder. Era forte, era lindo, era perfeito.

Mas Wesley enfrentaria logo na sua primeira noite como vampiro a provação de ser um novato. Não seria logo que ele poderia aproveitar as glórias de ser poderoso; ele ainda era muito estabonado e não sabia lidar com suas habilidades. Como recém-criado, ele precisava alimentar-se. O sangue que estava em seu corpo pertencia ao Wesley Mason humano, e estava imprestável. Era sangue morto. Ele precisava alimentar-se, preencher-se com sangue humano, vívido, vermelho; satisfazer sua necessidade imediata. E poderia ficar bastante tempo sem alimentar-se, depois. Mas naquele primeiro momento, era necessário que o fizesse.

Stuart foi escolhido para ir com ele atrás de uma presa. Henry já havia se fartado do próprio Wesley, saciando-se com seu sangue pré-morte. Estava satisfeito e não poderia ser útil nos ensinamentos do novato. Já Stuart não comia há algum tempo, suas profundas olheiras demonstravam aquilo.

— Vou fazer tudo errado. - Wesley ponderou. Ele ainda vestia sua roupa humana. Stuart parecia menos moderno, vestindo roupas tradicionais. Wesley achou graça dos dois vampiros que se vestiam como seu avô.

— Claro que vai. - Henry afagou sua cabeça, como um pai afaga o filho. - Mas Stuart vai te assessorar durante todo o processo. Não é difícil, é natural. Você não vai agir como um louco em filmes de terror.

— Já disse, o Henry tem aquela ética de não dilacerar humanos...  
- Stuart pareceu entediado.

— Se eu dilacerasse todo ser do qual já me alimentei, eu teria causado a extinção da raça humana, Stu. Se pudermos beber deles e depois liberá-los, por que acabaríamos com a comida?

Wesley deu uma gargalhada histérica, achando graça do comentário de Henry. Stuart emburrou, cruzando os braços, e torcendo os lábios. Depois, dirigiu-se até a porta e a abriu, convidando Wesley para segui-lo.

— Vamos, temos um longo caminho.

— Vamos a Graceland? - Wesley perguntou, e estava curioso.

— Não, você é muito conhecido por lá. Vamos a outro lugar, e isso nem é importante. Comida é comida, o gosto é sempre igual: uma delícia.

Henry balançou a cabeça negativamente, mas deixou que os dois seguissem seu caminho. Stuart era um vampiro experiente o suficiente para dar conta de um novato, e ele sempre poderia correr e interferir se algo desse errado. Henry estava ligado inexoravelmente a Wesley, e poderia captar com muita definição tudo que lhe acontecesse. Além do mais, o pior que ele podia prever era a morte de um humano. Sem maiores perdas a serem contabilizadas.

O vampiro mais antigo sentou-se à luz fraca da lareira. Era noite há pouco tempo, mas chovia sem parar e a escuridão do céu parecia sem fim. Henry sempre se impressionava pelas razões mais simples. O fogo nunca fizera mal a um vampiro, nem a luz artificial. O problema era o sol, aquele astro iluminado demais, que lhes podia incandescer como a um palito de fósforos. Ciente de que ele teria apenas que esperar pelo retorno dos companheiros, levantou-se e caminhou até a biblioteca, que ficava no mesmo andar térreo. Escolheu um livro da prateleira mais alta, bateu a poeira da capa e retornou para a sala. *“É provável que este eu tenha lido a mais*

*tempo*", considerou. A Anatomia da Destrutividade Humana era um livro recente, mas denso o suficiente para mantê-lo entretido por algumas horas.

O novato seguia, no banco do carona de Stuart, dedos cravados no estofado novo. O carro inteiro cheirava a novo, porque Stuart nunca gostava de ter o mesmo carro por muito tempo.

— Às vezes preciso carregar humanos aqui, e o carro fica com cheiro de comida. Foi o comentário, quando percebeu que o novato estava impressionado com o veículo.

Wesley quis perguntar sobre a convivência com os humanos, mas ainda ecoavam em seus ouvidos as palavras de Stuart dizendo que eles não interagem com humanos. Provavelmente a única interação se limitava ao horário das refeições.

Wesley esperou não tão pacientemente pelo alimento que viria. Ele não estava acostumado a ser irritável ou ansioso, mas desde que acordou do acidente sofrido ele não era mais o mesmo.

— O que vamos fazer? - O novato esfregava os dedos enquanto caminhava ao lado de Stuart, tão logo estacionaram o carro.

— Nada como nos filmes. Stuart recordou-se das palavras de Henry. - Ele é chato, mas tem razão. Vamos seduzir uns humanos, beber o que quisermos, enfeitiçá-los e devolvê-los ao seu habitat.

— Do jeito que você fala parece fácil. - Wesley olhou em volta, a rua quase deserta pelo mau tempo. Não estavam em Graceland; haviam dirigido bastante. Mas o clima estava horrível assim mesmo.

— É fácil. Como já disse, os humanos caem em tudo que falamos. Observe-me.

Stuart entrou repentinamente em um estabelecimento. O letreiro luminoso em vermelho dava notícia de que se tratava de um bar, do tipo que Wesley nunca entraria. Ele não tinha o hábito de frequentar bares ou casas noturnas, mas teria realmente que rever seu comportamento. Vampiros não andavam no sol, então ele não poderia mais esconder-se dentro de casa à noite, como de costume. Puxou o ar com força e deixou que ele passasse por seu corpo sem nenhuma reação. Seus pulmões não mais recebiam o ar fresco como antes e não reagiam ao estímulo da respiração como quando era humano. Lábios retorcidos em protesto, Wesley seguiu Stuart.

Tão logo entrou, o novato viu Stuart próximo a uma mulher que estava sentada no balcão. Wesley não entendia nada de garotas, e achou melhor recostar-se perto de Stuart. Ele sequer sabia se poderia agir como se conhecesse o vampiro, ou se deveria parecer indiferente. Na dúvida, apenas aproximou-se do vampiro e prestou atenção em sua conversa.

— Conheça meu amigo Wes. - Stuart subitamente virouse para o novato e intencionou apresentar a garota para ele. A mulher sorria, e era muito bonita. Wesley sentiu um aperto na garganta como se uma mão enorme lhe estivesse comprimindo o pescoço. Não achou que aquela sensação proviesse da beleza da garota, mas de algo diferente, que ele ainda não havia sentido. - Então, você sempre vem a esse lugar?

Stuart prosseguiu com sua conversa, e Wesley continuou a sentir o aperto incômodo. Seu organismo parecia prestes a sucumbir a uma tentação incontrolável. O vampiro mais velho virou-se novamente para o novato e torceu seus lábios em um bico.

— *Hm.* Nada bom isso. - Ele disse, franzindo a sobrancelha, preocupado com os olhos profundamente enegrecidos do novato. - Diga, Layla, você tem uma amiga?

— Sim, ela vai me encontrar aqui logo.

— Seria melhor se saíssemos daqui e fôssemos a outro lugar. - Stuart levou seus lábios até os ouvidos da garota e sussurrou. - Meu amigo é tímido e prefere ambientes mais vazios.

Como que em um passe de mágica, a garota levantou-se, pronta para seguir os dois vampiros aonde fossem. Stuart sorriu, apesar de estar acostumado com aquilo. Sempre daria certo, sempre seria fácil conseguir alimento. Uma garota somente era insuficiente para saciar a sede do novato, principalmente porque ele parecia prestes a perder o controle. Mas já que havia uma amiga sendo esperada, Stuart poderia protelar sua alimentação um pouco.

Wesley seguiu o vampiro e a garota, caminhando com extrema dificuldade. Algo dentro de si dizia que ele precisava esperar o comando de Stuart, mas uma força difícil de controlar o compelia a avançar por sobre a presa. Tão logo se aproximaram do carro, Stuart aproximou seus olhos dos olhos da mulher e aguardou uma fração

de segundos. O carro estava estrategicamente localizado em uma região deserta.

— Você está bem, e nada de mal vai te acontecer. - Ele disse, respiração pausada, concentrado. - Você vai entrar no carro conosco, e vai deixar que meu amigo se alimente de você.

— Sim. - A garota respondeu. Wesley assustou-se, o tom de voz da mulher era mecânico, como se ela estivesse lendo um script. - O que você quiser, Stuart.

— Não, o que *ele* quiser. - Stuart abriu espaço e puxou Wesley para seu lugar. - Você vai deixar que ele faça o que ele quiser.

— O que é isso? - Wesley questionou.

— Eu a estou enfeitando. - Stuart reclamou. - Não me interrompa; entre no carro com ela, banco de trás. Divirta-se.

— Eu devo...

— Você está com fome, não está?

O novato não soube responder.

— Vamos, novato. Você está com fome, esse seu olhar não nega. Essa ardência na garganta, essa sensação de estar tendo o pescoço esmagado, essa agonia... isso é parte do seu novo sentido de fome. Quanto mais fome, mais insuportável é a agonia. Entre no carro e você saberá o que fazer, libere-se. Feche os olhos, deixe suas presas expostas e beba. Não é nada demais, é natural.

Stuart abriu a porta do carro e empurrou a garota para dentro. Ela não tinha mais vontade própria, estava completamente enfeitada. Wesley tentou agir como Stuart o ensinara, fechando os olhos e relaxando os músculos. O aroma ácido do sangue penetrou suas narinas e ele pode ouvir claramente o pulsar de uma artéria. Seus olhos se abriram em fogo, e seus lábios se repuxaram instintivamente para expor as enormes presas que se expandiram em uma fração de segundo. Em poucos segundos ele já estava dentro do carro, por sobre a garota, dentes cravados onde o sangue lhe parecia mais apetitoso: na artéria femoral.

O vampiro recém-criado não tinha definitivamente controle de suas habilidades. Stuart chegou a considerar se ele tinha qualquer habilidade, vendo-o se alimentar. Ele sugava o sangue com violência, e pressionava seus dedos contra a carne da mulher. A força

desproporcional de Wesley, fora de controle, poderia ser letal aos humanos. Stuart pressentiu que aquilo não iria acabar bem, e que talvez nem fosse preciso esperar pela amiga. Era mais provável que Wesley causasse ferimentos irreparáveis na garota, obrigando-o a matá-la. Que fosse, Stuart não tinha toda a compreensão moral exagerada de Henry. Para ele, matar humanos durante as refeições não era de todo um problema; era até mesmo divertido. Drenar um humano até o seu fim era o sonho que ele tinha. Vampiros antigos não tinham mais muitas aspirações a perseguir, e tendo sempre vagado com Henry, Stuart nunca havia se dado ao trabalho de desafiar o amigo para realizar aquela façanha. Vendo o novato se alimentando – uma coisa totalmente inédita, para ele, Stuart considerou que aquela era a sua hora. Ele poderia finalmente drenar a humana até o fim.

Mas se fizesse aquilo, teria que esconder o corpo. Não poderia largá-la em uma beira de estrada e culpar outro animal faminto. Para poder drenar a humana até o fim, Stuart teria muito trabalho. Ou ele não poderia realizar o seu sonho. Irritado por ter que fazer algo que não estava a fim, o vampiro deu a partida no carro e saiu cantando pneus em direção a um lugar ainda mais deserto; o meio de alguma floresta ou trilha. Algum lugar no qual ele pudesse parar e tirar Wesley de dentro do carro sem chamar atenção demais.

Quando a vegetação já estava densa ao redor do carro e a civilização parecia ter ficado muito para trás, Stuart parou o veículo, abriu a porta traseira e arrancou Wesley de sua presa. Recebeu imediatamente um ataque já esperado, no qual o vampiro novato pretendia defender seu jantar com toda violência. Wesley cravou-lhe as unhas no peito e derrubou-o no chão, com um movimento rápido. Percebeu que se tratava de um conhecido, mas não conseguiu controlar-se. Stuart moveu as pernas e usou os dois pés para empurrar Wesley para cima, fazendo com que o novato aterrissasse violentamente alguns metros para frente. O barulho causado pelo impacto do corpo de Wesley com o chão poderia facilmente ser confundido com o explodir de uma bomba leve.

Quando o novato conseguiu retornar para o carro, Stuart já tinha suas presas entranhadas na carne desfalecida da garota. Ele

precisava que ela estivesse viva, apesar de tudo. Sangue morto não era alimento de vampiros. Enquanto o coração dela batesse, ele poderia sugá-la até o limite. E ele pretendia que ela morresse apenas depois que o sangue já estivesse totalmente drenado de seu corpo frágil.

Henry estava concentrado em sua leitura quando os dois vampiros retornaram. Horas haviam se passado, e ele suspeitava que algo não tivesse dado muito certo. Mas era de se esperar, afinal Wesley era um recém-criado. Não se podia imaginar que ele fosse acertar de primeira. O aroma de sangue coagulado imediatamente penetrou as narinas de Henry, fazendo com que seus olhos respondessem ao estímulo. Ele puxou o ar para dentro dos pulmões ressequidos com toda força possível, sorvendo o cheiro delicioso do alimento.

— Tiveram um banquete. Ele implicou. Os dois vampiros se aproximaram, Wesley um tanto zozinho. Ele havia bebido demais. - Sobrou alguma coisa do pobre que serviu de alimento para vocês?

— Estou sentindo um tom jocoso de reprovação nesse comentário? - Stuart irritou-se.

— Você sabe que não concordo com isso. - Henry fechou o livro, fazendo um estampido surdo.

— Explique você para o novato que ele não pode beber mais de dois litros de sangue, ou o humano morre. - Stuart zombou, e Wesley baixou a cabeça.

— Não estou culpando você, Wesley. - Henry sorriu. Isso acontece, é mesmo muito difícil parar quando começamos. Está saciado, agora?

— Não sinto mais como se fosse sufocar. - Wesley olhou para cima, a boca inteira tomada pelo sangue coagulado. - Foi interessante.

— Deve ter sido.

— Eu nunca matei uma pessoa. Isso não está errado? Quero dizer, não deveríamos matar para comer, não é mesmo? É errado.

— Você não mataria para comer, quando era humano? Henry ponderou. - Humanos não matam, para comer? — Não matam humanos. É canibalismo.

— Só se vocês forem da mesma espécie, Wesley. - Henry passou a mão direita pelo ombro do novato. - Você não é mais humano. Os humanos são, para nós, como qualquer outro animal na natureza. Se

me entende.

— Pensei que fosse contra matá-los.

— E sou. - Henry lançou um olhar de desaprovação para Stuart. - Mas não posso deixar de aceitar as coisas como elas são. Se eu fosse um humano, e pudesse comer sem matar, faria. Sou um vampiro, e posso comer sem matar. Eu posso fazer isso, principalmente porque sou um vampiro tão velho que pouca quantidade de sangue me satisfaz. Agora, você talvez ainda mate alguns. Vamos te ajudar a esconder os corpos, a culpar outros animais. Com o tempo, você se acostuma.

— Vou me lavar. Stuart interrompeu o momento paternal. - Essa conversa está me dando ânsia de vômito.

~~\*~~

Os anos se abateram sobre Graceland sem que ninguém percebesse o que havia acontecido com Wesley Mason. A tia não se importou com o sumiço do sobrinho, ela nunca havia efetivamente se importado com Wesley. Talvez mais do que seus pais, mas ela ainda não podia ser considerada uma pessoa que se importava. Os amigos, Wesley não os tinha. Algumas pessoas notaram que ele havia parado de ir às aulas ou de perambular pela praça, mas pensaram apenas que ele tivesse ido embora. Wesley era o tipo de morador que a cidade dispensava; não valia o tempo dispensado em preocupações com ele. Era apenas mais um degenerado que se havia perdido no mundo.

Mas havia um cidadão que deixava a cidade orgulhosa, e que fazia com que o país soubesse da existência de Graceland. A filha ilustre, que retornou alguns poucos anos depois do acidente que levou Wesley Mason para uma vida diferente. Henry não considerava vida, mas Wesley nunca havia se sentido tão vivo. Apesar de ainda muito atrapalhado com as atividades de vampiro novato, e apesar retornar a Graceland por vários anos, ele de nunca poder

nunca havia se sentido tão bem. E, passados seis anos do seu desaparecimento, a cidade recebeu entre seus habitantes uma moradora nova, mas que não era tão nova. A filha de Gregory e

Helena Cohen estava de volta, depois de passar a adolescência estudando em Montana, e depois de ter sido contratada pela mesma Universidade na qual estudou, como pesquisadora, e depois de já ter concluído sua pesquisa de Doutorado.

Na verdade, ninguém de Graceland sabia com certeza sobre a história da garota, nem sabia sobre o lugar para onde ela fora quando criança. Foi muito repentino, ela simplesmente foi levada, em uma noite, para longe de casa. Os rumores variaram desde fuga por um crime até gravidez precoce. Mas ela tinha apenas doze anos, não parecia lógico que tivesse engravidado, sem que um bebê aparecesse na história.

E ela estava de volta. Heather Jane Cohen não parecia a mesma, mas ninguém se lembrava exatamente de como ela era. Os longos cabelos loiros pareciam os mais longos de toda a cidade, e sua cor pálida fez com que todos pensassem que ela havia ficado totalmente reclusa por anos. Os olhos eram transparentes, pálidos como todo o resto de sua figura. Inexpressivos e azuis, como se fossem um pedaço de mar calmo trazido por ela para a gélida cidade natal. Mas Heather era ilustre simplesmente porque ela havia conquistado mais prêmios científicos do que qualquer pessoa que os habitantes de Graceland podiam imaginar conhecer. Com seus vinte e cinco anos, Heather era um gênio da ciência. Ela sabia tudo que os reclusos moradores de Graceland nem imaginavam que existia. Ela tinha um dom que se desenvolveu nos anos em que passou estudando, e o utilizou para desenvolver teorias e sistemas importantes.

Mas era o ceticismo de Heather a sua grande virtude, no mundo da ciência. Ela não acreditava em céu e inferno, em bem e mal, em sobrenatural. Seus movimentos calculados e ritmados já indicavam sua postura diferenciada. Seu olhar parado e sem vida não era compreensível. Ela escondia um universo dentro de si, mas ninguém jamais ousou tentar descobri-lo.

Era noite e fazia frio. Não havia muita diferença de todas as noites do ano, mas havia estrelas no céu e a lua prateada reluzia como se fosse um pendão iluminado. Heather estava sentada próxima à sua janela, no sótão, observando um de seus muitos campos de trabalho. O telescópio ao lado e um bloco de anotações

meio esquecido por sobre uma almofada lhe faziam companhia. Heather era sozinha; naturalmente sozinha. Não costumava ter amigos nem com quem conversar enquanto estava na Universidade. Os astros eram silenciosos, ela também se acostumou a ser. O olhar perdido no horizonte infinito demonstrava que ela estava em paz. Naquele momento, ao menos, em paz. A respiração estava pausada.

Involuntariamente, os olhos se fecharam e ela visualizou o negro interior de suas pálpebras. Ela acabou por lembrar-se de alguns anos atrás, quando ela esteve na mesma condição, observando uma estrela nova, e da experiência daquela noite.

— Heather. - Uma voz musical a chamou. Os olhos se abriram novamente, e ela franziu uma sobrancelha. A mãe não a teria interrompido, naquele momento. Era tarde demais para os pais caipiras estarem acordados. Heather não deu importância ao chamado; ela deveria estar delirando como sempre. Era exatamente a mesma experiência. - Heather...

Outro chamado se sucedeu ao primeiro, e a mulher virou-se para o centro de seu quarto, um tanto contrariada. Parecia mesmo estar delirando, porque no escuro breu ela enxergou uma imagem iluminada. A luz não era muito forte, quase como a luz que provinha dos adesivos de planetas que estavam pregados no teto. A imagem parecia fosforescente.

— Quem está aí? - A pergunta era estúpida, e Heather sabia. Qualquer coisa que fosse significava que ela estava delirante, e aquilo não passaria de uma ilusão projetada.

— Você não me conhece, Heather. Mas eu venho aguardando o momento em que falaria com você há muito tempo.

— Como entrou no meu quarto? - A cética cientista não sabia por que daria ouvidos à voz dentro de si, mas ela o fez. - O que você deseja de mim?

— Eu sempre estive por aqui, Heather. Por qualquer lugar que você já tenha estado, eu estive com você. Só nunca nos falamos nem você nunca me notou. Meu nome é Mills. Eu sou um Anjo.

Heather não resistiu em cair na risada. Um *anjo* era uma definição ridícula demais. Tudo bem, ela pensou, que a pessoa brilhava mais do que purpurina ao sol, mas aquilo não poderia dar a

ninguém o status de anjo. E anjos não existiam. E ainda, se existissem, não estariam gastando tempo falando com Heather. Ela se sentia tudo com o que um anjo não poderia se relacionar.

— Tudo bem, e eu sou a Rainha Mãe. Heather levantou-se, caminhando lentamente em direção à figura reluzente. - Vamos, quem é você? Aliás, o que é você? O que deu em mim para projetar uma figura brilhante na madrugada?

— Imaginei que teria dificuldades para fazer você acreditar em mim. Mas eu *sou* um Anjo Heather. Fui designada para tomar conta de você enquanto você vivesse no mundo terreno.

— Sim, sei... - Heather continuou se aproximando. A luz ficou mais forte, e ela quase não conseguia olhar para a pessoa.

- E diga-me, o que fiz eu para merecer ter um anjo só para mim? Você é meu anjo da guarda?

— Todos os humanos têm protetores. - A voz suave causava calafrios em Heather. - Mas você é especial, por isso eu estou aqui.

A garota levou sua mão esquerda até a claridade e tentou tocar a imagem, porém sem sucesso. Seus dedos passaram pelo emaranhado de luz como se ali só tivesse ar. Suas sobrancelhas se arquearam em surpresa, e ela torceu seus lábios em um bico. A imagem que estava em sua frente não parecia ser real. Heather esfregou os olhos por alguns breves segundos, piscou várias vezes e olhou para frente. Mas sua visão ainda estava turva pela luz que emanava da figura inconstante.

— O que é você, afinal? Só posso estar ficando doida, eu estou dormindo? Não, eu tenho certeza que estou acordada, então só posso estar tendo outro surto psicótico.

— Heather, você não precisa acreditar em mim agora. Mas você precisa saber que eu existo. Precisa saber quem você é e por que você voltou a Graceland depois de tanto tempo.

Para tudo há uma explicação, Heather. E você precisa saber de tudo antes que aconteça.

A imagem reluzente desfez-se instantaneamente e inesperadamente na frente de Heather. Ela arregalou os olhos e piscou mais vezes, mas a luz se fora. Sacudiu a cabeça, olhou em volta, mas da mesma forma que a imagem apareceu ela

desapareceu, como se fosse vapor no ar. E pior, deixando algo inacabado. O que afinal Heather precisaria saber, e o que iria acontecer que parecia tão importante nas palavras da entidade? Respiração acelerada, Heather bateu pela escuridão do quarto até achar as chaves do seu carro e correu para a garagem, tropeçando em tapetes e batendo o quadril em todas as quinas existentes na casa. Sem preocupar-se se iria acordar alguém ou se parecia uma maluca correndo pela casa àquela hora, Heather ligou o motor do carro e pressionou o acelerador com força, deixando que o veículo a tirasse dali o mais rapidamente possível.

“ *Eu não estou doida... não estou mais.*” Ela se repetia, enquanto se afastava cada vez mais de Graceland. A estrada estava tão escura quanto seu quarto, e só a lua continuava a segui-la. A cidade havia ficado para trás, mas Heather ainda parecia ansiosa. Suas mãos comprimiam inutilmente o couro preto do volante do pequeno Audi, e seu coração ainda não havia retomado as batidas normais. Heather dirigiu sem rumo por mais de quarenta minutos, até que decidiu parar seu carro no acostamento.

“ *Eu lá sou especial; como poderia ser especial? Eu estou paranoica, isso sim.*” A garota abriu a porta e desceu do carro, pretendendo tomar um pouco de ar. Seus pulmões pareciam prestes a explodir, como se o ambiente ao seu redor estivesse inóspito à vida humana. Heather deixou que sua cabeça pendesse para cima do capô do carro enquanto seus braços se estenderam por sobre ela, as mãos pressionando a nuca com alguma força. Respirou lentamente por vários segundos até que uma voz masculina ecoou em seus ouvidos.

— Precisa de ajuda?

Heather pulou para trás costas contra o carro. Acuada, e virou-se empurrando as encaras para a origem da voz,

imaginando se não seria outra figura iluminada que se dizia vinda do Paraíso. Mas era só um homem. Um homem muito bonito, que a fez questionar o que um homem estaria fazendo sozinho àquela hora, naquele lugar. Talvez o mesmo que ela. Talvez ele morasse por

ali. Heather sempre fazia perguntas demais e tinha todas as respostas.

— Está tudo bem. - Ela disse, ainda desconfiada. O rapaz se aproximou, e ela percebeu que ele parecia jovem demais. E branco demais, como se a lua estivesse refletida em sua face. Eu só parei porque... Eu não sei por que parei. Mas o carro está bem. Eu estou bem.

As palavras a atropelavam com violência. O rapaz lhe sorriu, e dentes brancos brilharam na escuridão da noite.

— Sou Wesley Mason, tenho uma estalagem há poucos metros para dentro da floresta. Você mora por aqui? - Ele franziu o cenho.

— Graceland. - Heather confessou. - Mas passei anos fora, retornei agora. Céus, por que estou contando isso para um desconhecido...

— Está tudo bem. Wesley aproximou-se. Heather acuou-se mais. - Se você quiser ir até minha estalagem, posso oferecer-lhe algo para beber.

Wesley olhou profundamente nos olhos de Heather, que parecia hipnotizada. Seus olhos azuis transparentes se abriram em assombro pela proximidade daquele homem totalmente diferente de todos os outros que ela já sonhara conhecer. Ele sorriu, e levou as mãos para tocá-la. Heather pulou para trás como um animal, pretendendo alcançar a porta do motorista. Wesley colocou-se entre a mulher e o carro, ligeiramente confuso. Eram anos de inexperiência e de desastres durante a alimentação, mas enfeitiçar ele sempre conseguira com alguma maestria. Henry chegou a elogiá-lo diversas vezes. Ela ainda não deveria estar resistindo a ele.

— Pretendo voltar para casa. - Heather disse, sem saber direito se temia aquele rapaz. Ele não parecia que faria mal a ela, apesar de sua atitude completamente contraditória. - Vou poder?

— Você não *quer* ir comigo? - Ele arriscou outra vez.

— Não, pode ficar para outra hora.

Naquele instante, Wesley poderia escolher. Ele poderia deixar que Heather se fosse, uma vez que ela não sabia de nada comprometedor, ou poderia devorá-la ali mesmo. Poderia deixá-la partir e voltar para Graceland, mas um alerta vermelho piscou sobre sua cabeça. Só haviam se passado seis anos. Ele ainda era um nome

para Graceland. Se a garota espalhasse para alguém que havia sido molestada por um tal de Wesley Mason que era dono da estalagem, as pessoas saberiam. Não que ele era um vampiro, mas que ele estava por ali. E elas descobririam. As pessoas sempre descobriam tudo; elas sempre sabiam o que não deviam saber. A escolha não parecia tão difícil. Ele teria que eliminá-la, ou insistir em enfeitá-la. Alguma coisa tinha que acontecer, mas liberá-la não parecia a melhor opção.

E foi o que Wesley decidiu fazer. No auge de sua inexperiência, ele arriscou. Olhou novamente dentro dos olhos de Heather, que não esboçou nenhuma indicação de que aceitara sua influência. Sem ver saída possível, Wesley avançou por sobre Heather, que não era forte o suficiente para impedi-lo. Os humanos nunca seriam páreo para a força de um vampiro, e Wesley fora bem treinado quanto a isso. Em poucos segundos, ele havia feito Heather sucumbir, jogando-a por sobre o capô do carro e cravando suas presas na jugular que pulsava freneticamente. A mulher gritou, mas o som de sua voz não seria ouvido em meio ao nada. A situação parecia, então, sob controle. Wesley Mason se alimentaria de Heather, deixando depois seu corpo pela estrada, imputando a culpa para outro animal qualquer.

Isso seria o lógico, para um vampiro. Mas o que se sucedeu ultrapassou a razoabilidade para seres mitológicos. Menos de um minuto após começar a alimentar-se de Heather, Wesley enfraqueceu-se e foi facilmente afastado pelas mãos insistentes da garota, que tentavam inutilmente fazê-lo parar. O vampiro cambaleou para trás e caiu sentado no chão, olhar apavorado e as duas mãos segurando a garganta. Heather levou uma das mãos ao pescoço, mas a ferida apenas deixou escorrer uma pequena quantidade de sangue até fechar. Wesley se contorcia no chão, em agonia, como se alguma coisa o estivesse sufocando. Era um contrassenso, já que vampiros não deveriam poder sufocar. Eles tecnicamente já estavam mortos.

— O que é você?? - Heather gritou, entrando no carro e tentando dar partida no motor. - Ah, agora não me diga que serei protagonista de uma daquelas cenas clichês de filmes em que o

carro não pega na hora mais importante! Que coisa mais clichê, pensei que minha vida fosse imune a esse tipo de coisa!

— Você não pode ir. - Wesley urrou em meio à agonia. O carro não ligava, e ele continuava rolando no chão, segurando a garganta. Heather não podia mesmo ir embora, então simplesmente trancou o carro imaginando que estaria segura. Aquele que estava no chão não parecia que lhe faria mal.

— *O que é você?* - Ela insistiu na pergunta, mas Wesley não estava apto a responder, então.

— Ele é um vampiro. - Outra voz se fez ouvir, e daquela vez Heather sentiu pânico. A face distorcida de Stuart estava dentro de seu carro. As presas expostas e o horror estampado em seu olhar fizeram com que a garota gritasse desesperadamente, mesmo sabendo que ninguém a ouviria. Os dois vampiros pressentiram que algo estava errado com Wesley e apareceram em seu auxílio. Henry correu para socorrê-lo enquanto Stuart se incumbiu de eliminar Heather. Ou não.

— Não toque nela! - Henry deu a ordem, antes que Stuart conseguisse avançar.

— Ah... Henry, agora não!! Você não vai mesmo me impedir de fazer isso, afinal ela é... ela fez.. o que ela fez com o Wes, afinal?

— Stu, ela o vampiro mais novo envenenou. Henry levantou, com o em seus braços, ainda em agonia. Precisamos resolver isso, leve-a para a estalagem agora.

— Você ficou louco? - Stuart bateu na testa com a palma da mão.

— Stu, não discuta! Ela envenenou Wesley, tem alguma coisa muito errada... não toque nela, ou você vai acabar como ele. Vamos, tranque-a na estalagem, eu preciso levá-lo a um lugar.

## 04 { INUMANO }

Mesmo contrariado e detestando ter que obedecer a Henry, Stuart decidiu fazer o que lhe foi dito. Arrancou Heather do carro e a jogou em seu ombro. Caminhou lentamente até a estalagem, enquanto a garota esperneava e socava suas costas, gritando por socorro. Ninguém a ouviria, mas ela não se renderia. Heather não tinha o hábito de desistir ou de sucumbir às adversidades. Ela enfrentava qualquer coisa que cruzasse seu caminho, mesmo quando isso significasse algo além de sua compreensão. Stuart já estava farto da garota quando chegou em casa e pode jogá-la no porão. Livrar-se dela foi um alívio. Por alguns minutos, Heather também socou o alçapão pelo qual fora jogada, mas ninguém a atenderia. Stuart considerou se não devia matá-la, mas ao mesmo tempo em que adoraria esquarterar aquele ser que só gritava, ele temia que alguma coisa estivesse mesmo errada. Henry poderia, afinal, estar com a razão.

O vampiro mais velho chegou à estalagem mais de três horas depois do ocorrido. Tudo já estava silencioso novamente, e Stuart assistia à televisão. Não havia sinais da garota que causara toda aquela comoção entre os vampiros. A apreensão de Stuart era visível, mas a irritação havia passado. A curiosidade em saber o que havia sucedido com Wesley era maior do que a vontade de exterminar humanos intrometidos. Porém Henry chegou sozinho, com o cenho franzido, o olhar baixo e uma aparência de desolação. Havia um pouco de sangue em seu colarinho, denotando que algo estivera muito errado. Henry nunca tinha manchas em suas vestes; ele estava sempre impecável.

— Onde está o novato? - Stuart arregalou os olhos ao ver Henry cruzar a sala.

— Deixei-o com Madame Cambridge. - Henry sentou-se em sua poltrona favorita, olhar concentrado. - Onde está a garota?

— No porão. Finalmente ficou quieta, deve ter morrido de tanto gritar. Mas diga... Wesley?

— Ele foi mesmo envenenado. Henry explicou. Madame Cambridge deu a ele um elixir, aqueles encantamentos que só ela mesma sabe fazer. *Medicina* para vampiros, você sabe. Ele vai ficar bem, está lá para ser observado até amanhã. Passará o dia lá, é exatamente isso.

— *Como* ele foi envenenado? Que situação mais esquisita! O que pode ter de tão ruim no sangue dessa peste? - Stuart cerrou os punhos, demonstrando irritação. - Foi o sangue dela, não foi? O que mais poderia ter causado isso em Wesley?

— Acalme-se, Stu, precisamos ser lógicos. Humanos não podem envenenar vampiros. É biologicamente impossível. O sangue deles pode nos ser mais ou menos apetitoso dependendo da pessoa, mas nunca poderia nos fazer mal.

— Então o que aconteceu exatamente essa noite?

— Considerando que a garota não tenha ministrado nada que possa ter feito mal a Wesley, e considerando que nada que ela pudesse ministrar efetivamente faria mal a ele, só podemos supor que Wesley não bebeu sangue humano.

Fez-se silêncio na estalagem. Stuart não conseguiu replicar Henry, sequer para questionar "o que ele bebeu, afinal?" Sua expressão de confusão era visível, e a simples mudez era sinal de que ele não tinha entendido nada, mas não estava com coragem para perguntar. Henry coçava o queixo, pensando em diversas possibilidades. O desconhecido lhe era fascinante, mas quando o desconhecido colocava sua espécie em risco, o estudo ficava mais complexo.

— O que você quer dizer exatamente com isso? - Stuart conseguiu formular uma questão que não levasse Henry a um labirinto de informações. Deixá-lo explicar livremente, era a opção. - Se ela é uma humana, e se foi ela que Wesley bebeu, como poderia...

Stuart calou-se novamente. Sua boca se entreabriu em nova expressão de assombro.

— Acho que você acaba de responder sua própria pergunta, Stu. - Henry deu uma risada baixa.

— Mas como! Ela não é um vampiro, Henry!! Eu teria percebido, o cheiro; se ela não fosse humana, como Wesley teria se enganado?

— Não somos os únicos seres míticos que existem, egocêntrico! - O

vampiro mais velho levantou-se. - Eu já vi de tudo, quase tudo. Há muito mais coisas que você desconhece desse mundo, Stu. Existem muitas outras espécies espalhadas por aí, tão escondidas como nós.

— Mas ela tem aparência humana!! - Stuart insistiu.

— E nós também. Bem, preciso falar com ela. Tenho que descobrir o que ela é, e como lidaremos com a situação.

Henry caminhou até o porão, enquanto Stuart decidiu montar guarda atrás dele. A garota poderia tentar fugir, e se ela não era humana, podia ter algum poder que eles desconheciam. Stuart era facilmente impressionável com algumas situações, e podia-se dizer que conhecer outro ser mítico, diferente de si, era uma delas. Henry abriu o alçapão e desceu as escadas bem devagar, tentando não fazer movimentos bruscos. Deixou a luz desligada, enquanto seus olhos capturavam a imagem da garota sentada no chão, rosto afundado entre os joelhos. Ele não conseguia vê-la direito, apenas percebia sua silhueta no breu no porão.

O vampiro torceu os lábios e se aproximou. Ele não costumava se incomodar em abordar os humanos, mas aquela garota não era humana. Ele acreditava naquela hipótese porque não parecia possível qualquer outra explicação.

— Olá. - Henry tentou iniciar um diálogo. - Você está bem?

— Quem é você? - A garota subitamente mudou de posição, encolhendo-se ainda mais no canto da parede e encarando Henry. Ele mal podia enxergá-la, mas pode notar seus olhos brilhando sob a luz fraca da lua, que penetrava por uma pequena janela de vidro. - O que você quer de mim?

— Meu nome é Henry Austin. Eu imagino que já tenha percebido o que sou, o que somos.

— Eu não percebi nada. - Ela não quis olhar diretamente para ele. - O que eu vi não existe, vampiros não existem. Heather matinha sua posição de defesa, enquanto lembrava da imagem aterrorizante de Stuart dentro de seu carro, dizendo-lhe o que Wesley era. - O que você quer de mim? Eu não tenho dinheiro, minha fama é estúpida, eu sou só uma...

— Acalme-se. - Henry a interrompeu e aproximou-se dela alguns passos; Heather retraiu-se mais. Ele decidiu parar. Eu não quero seu

dinheiro, não sei quem você é. E, se vampiros não existem, pode ter uma explicação melhor para o que aconteceu agora, na estrada?

Heather ficou em silêncio. Ela não tinha explicação alguma, para nada. Ela só sabia que lendas não caminhavam pela noite abordando garotas solitárias. Aquele comportamento era perfeitamente humano, e combinava com um maníaco. Psicopatas, era com o que ela estava lidando. Um bando de psicopatas, talvez assassinos em série. Possivelmente estupradores.

— Como você se chama? - Henry prosseguiu.

— Você não sabe mesmo quem eu sou? - Heather ficou confusa. Ela imaginou, inicialmente, que se tratava de um sequestro. Era lógico, considerando que meia Graceland achava que ela tinha muito dinheiro escondidos. Mas nada devia ser lógico naquela noite, em que ela tinha recebido uma entidade brilhante em seu quarto.

— Se soubesse, não teria te trancado em um porão. Henry sorriu, mas Heather não pode ver.

— Então melhor assim, que não fique sabendo.

— Poderia, ao menos, me dizer *o que* você é? - Henry quis aproximar-se mais, mas ela sempre parecia prestes a fugir. Ele não queria acuá-la.

— Como assim, o que eu sou? Uma garota?

— Você se parece com uma, sim, é verdade. Mas eu preciso saber o que você é.

— Que tipo de psicopata é você, afinal? Isso é tortura psicológica? Veja bem, eu sou uma cientista. Não me envolvo em jogos mentais, então pule essa etapa, por favor.

— Ora vejam. - Henry surpreendeu-se. - Você não sabe o que é.

— Isso não foi uma pergunta. - Heather torceu os lábios.

— Claro que não, foi uma constatação. Eu imaginei que você tivesse ciência de que não é humana.

Heather deu uma risada. A conversa tomara um rumo inesperado. Ela não costumava temer bandidos ou infratores da lei, nem mesmo os mais perigosos. Não tinha medo, e aquela atitude sempre a expunha a situações limite. Mas aquele maníaco não parecia que lhe faria mal imediato, então Heather acabou se envolvendo com o assunto – que parecia tão ilógico quanto tudo que estava

acontecendo naquela noite.

— Céus, eu *preciso* acordar. - Ela levantou-se e colocou as duas mãos na cabeça, pressionando o lobo temporal com força.

- Eu preciso acordar, e tem que ser agora. É muita coisa para uma noite só. Primeiro eu vejo um Anjo em meu quarto, depois sou atacada pelo maníaco mais atrapalhado que existe; e agora estou dialogando com um vampiro que me diz que eu não sou humana! O que é isso; é a natureza se vingando do meu ceticismo? Só pode ser, estou sendo castigada por ser tão descrente.

— Desculpe-me, mas você não está dormindo. - Henry ergueu uma sobrancelha. Entendo que esteja confusa, deixarei que pense por mais algum tempo. Quando estiver preparada para conversar comigo, podemos retomar de onde paramos.

O vampiro virou-se para a saída, com a intenção de sair. Ele não iria pressionar Heather, principalmente porque ele percebeu que ela não sabia do que ele estava falando. A confusão da garota não parecia uma forma de proteção, mas ignorância plena sobre seu estado. Mas a garota desesperou-se ao ver que ficaria sozinha novamente no porão. Heather não costumava desesperar-se por nada, mas naquele instante ela teve vontade de pular sobre Henry e implorar para que ele a deixasse sair dali. Algo entre o cheiro de mofo e a poeira a perturbava.

— Vai me deixar trancada aqui? - Ela tentou não demonstrar tantas emoções, mas era difícil.

— Não posso arriscar que você fuja. - Ele disse, sem virar-se.

— Eu não vou fugir! - Promessas falsas feitas no cativeiro nunca poderiam ser válidas. - Eu só quero sair daqui, estou com fome, já deve estar amanhecendo!

— Realmente, por isso preciso deixar você aqui. Não terei como tomar conta de você enquanto o sol estiver brilhando no céu.

Henry subiu as escadas e abriu o alçapão. Heather pensou em atirar-se por sobre ele e tentar fugir, mesmo suspeitando que fosse um movimento inútil. Ela não sabia se devia agir pautada na razão, e seguir os ensinamentos que via na televisão sobre nunca reagir em situações como aquela; ou se devia simplesmente deixar a emoção lhe dominar os sentidos. As pessoas, dominadas pela emoção,

costumavam ser mais fortes, mais difíceis de abater. Em um arrebato de inconsciência, enquanto seu cérebro estava na zona cinzenta que se situa entre a razão e alguma outra coisa, Heather moveu-se rapidamente em direção a Henry, passando por ele e alcançando a luz do lado de fora do alçapão.

Mas ela jamais seria exatamente mais rápida do que ele. Antes que Heather pudesse sair do porão foi segura por dedos fortes que lhe comprimiram a carne com violência. Seu coração saltou uma batida ao olhar para quem a segurava e ver a face completamente transtornada do vampiro. As presas expostas lhe encheram o campo de visão, e o urro de irritação fez doer seus ouvidos. Heather fechou os olhos, certa de que daquela vez iria morrer, e até considerou se devia fazer uma oração. Ela nunca acreditou na existência de um Deus, e não parecia razoável pensar em céu e inferno naquele momento.

A morte começou a ficar lenta demais. Heather esperava uma dor dilacerante, seguida por uma paz incomum. Mas nada aconteceu. Ela apenas continuava sentindo os dedos que lhe causariam hematomas no dia seguinte, e nada mais. Nem a respiração bufante de um homem enraivecido, nada. A garota abriu um olho bem devagar, e surpreendeu-se com a face serena de Henry que a encarava. Heather abriu os dois olhos para ter melhor visão daquele que antes lhe falava. Por alguns instantes, ela se sentiu anestesiada. A pouca dor sentida por estar suspensa do chão cessou, enquanto todas as luzes do ambiente pareciam estar dirigidas para o olhar de Henry. Ela poderia gritar, mas não quis. Não havia nenhum resquício do terror de alguns segundos atrás.

— Você não pode sair. - Henry disse, pausadamente, controlando-se. O autocontrole sempre foi uma característica bem marcante em si, e ele detestava perdê-lo. - Eu disse, você não vai sair. É inútil resistir. Heather continuou muda. Henry a manteve no ar, olhando dentro de seus olhos. Ele nunca tinha visto tanto azul.

Nem Stuart era tão branco quanto Heather. Ela parecia realmente inumana, ele não entendia como Wesley não havia desconfiado de nada. A beleza da garota não era natural.

— Precisa de ajuda? - Stuart falou, ainda sentado na sala de

televisão.

— Está tudo bem, Stu. Faça-me um favor, veja se temos comida em casa.

— Comida? - O vampiro não entendeu.

— Sim, comida; qualquer coisa que os humanos comam.

Stuart levantou-se blasfemando, enquanto Henry decidiu colocar Heather no chão. Seu corpo estava entre ela e a passagem, sendo impossível que a garota tentasse escapar outra vez. Ele a observava ainda, os olhos negros mais suaves.

— Desculpe-me. - Henry disse, em pleno controle de seu temperamento. - Eu não pretendia assustá-la. Mas você tentou fugir, e precisei agir.

— Henry, só tem leite azedo na geladeira! - Stuart gritou, de onde estava. - Para que você quer *comida*?

— Você pode sair para comprar algo? - Henry perguntou. - Ainda falta algum tempo até o amanhecer.

— E desde quando eu sou seu empregado? - Stuart apareceu onde estavam os outros dois. Seus lábios se franziram ao ver a garota fora do porão. - Ah, imaginei que você estivesse brincando com a garota. Para que você quer comida? - Ele insistiu na pergunta.

— Ela tem fome.

— Vai alimentá-la? - Stuart fez uma careta. - Deixe que morra de fome! Se não podemos matá-la, melhor que morra de causas naturais.

— Não quero matá-la, Stu. - Henry virou-se para o amigo, dando as costas para Heather. - Não pretendo machucá-la, gostaria de entender o que ela é. Amanhã à noite conversaremos mais, teremos tempo para isso. Mas não vou deixá-la morrer de fome, é cruel.

— Você deve ser o vampiro mais chato de todos. - Stuart resmungou. - Se quer alimentá-la, vá você comprar comida. Eu estou assistindo *Baywatch*.

Henry revirou os olhos. Ele devia saber que o amigo não seria tão gentil com a garota. Depois de devolvê-la para o porão, mesmo contra sua vontade, e trancar o alçapão, Henry saiu para comprar provisões humanas. A garota poderia não ser completamente humana, mas sua formação física era bem similar. Ela disse que

tinha fome, e como acreditava ser humana, ele esperava que ela comesse tudo que os humanos comem. Sem poder rodar muito, ele precisou ir a Graceland e comprar qualquer coisa em uma loja de conveniências abertas durante vinte e quatro horas. E ele nem sabia direito o que comprar, considerando a sua pouquíssima convivência com os humanos.

O vampiro retornou para a estalagem quando o céu já começava a clarear. Não parecia que haveria sol naquele dia, mas Henry não queria arriscar. A exposição ao sol poderia ser letal, e afastado de casa ele não teria ajuda. Nem ousaria expor os amigos a algo como aquilo. Stuart já estava quase preparado para recolher-se quando Henry atravessou a porta da estalagem, fechando-a firmemente com um cadeado.

— Invasores? - Stuart riu.

— Não. Ajuda-me a trancar todas as janelas e portas?

— Todas?? - Stuart bateu a palma da mão na testa, aquele gesto característico seu. - O que está havendo, um tornado?

— Vou colocar a comida na cozinha, e soltar a garota.

— Você bebeu sangue contaminado? Só pode, ou então a garota tem o poder de enfeitiçar vampiros.

— Stu, vai me ajudar ou vai ficar me criticando?

O vampiro mais jovem rosnou, porém decidiu sucumbir ao pedido do amigo. Com um movimento de ombros, subiu as escadas da estalagem para verificar quarto por quarto, e garantir que estava tudo bem selado.

— Henry, veja ao menos se coloca um cadeado em cada porta. Não quero ter que perseguir essa coisa quando acordar, sim?

Os dois vampiros lacraram cada canto da estalagem que pudesse ser utilizado como rota de fuga para a garota. Ela poderia ficar ali, e somente ali. Com o dia os expulsando para a clausura, Henry foi até o alçapão e o destrancou. Sem descer as escadas, porque não teria tempo, gritou de lá de cima algumas instruções.

— Há comida na geladeira. Sirva-se à vontade, não vamos participar da refeição. Estarei dormindo durante o dia, sugiro que faça o mesmo. Quando acordar, conversaremos mais.

## 05 { RECONHECIMENTO }

Heather demorou a se conscientizar de que estava solta. Ao menos não estava mais confinada ao porão. Quando alguma luz do dia penetrou pelas pequeninas janelas de vidro do lugar onde estava, ela pode se dar conta do espaço que ocupava. O porão parecia muito antigo, e as peças que estavam ali não eram limpas há anos. A poeira já fazia parte integrante da matéria de alguns móveis velhos. A garota levantou-se e caminhou pela extensão diagonal do porão, que era muito grande, até alcançar o alçapão. Ela tinha ouvido Henry falar, mas não prestou atenção no que ele dissera.

Para sua surpresa, o alçapão estava destrancado. Heather abriu a portinhola bem devagar, tentando não fazer barulho algum, e moveu seu corpo pelo vão até alcançar o lado de fora. A claridade do dia incomodou seus olhos, que logo se acostumaram. Não havia sol brilhando no céu, como era de se esperar. A garota se viu solta, sem ninguém por perto. Deu alguns passos temerosos em direção a nada, para ver se alguém a interpelava. Olhou em volta sem prestar atenção, tentando imaginar como fugiria dali. Sua respiração acelerou, seu coração disparou, e Heather iniciou uma corrida frenética de janela em janela em busca de um lugar para fugir.

As portas e janelas do andar inferior estavam trancadas, e muito bem trancadas. Heather sacudiu as estruturas de madeira, já bem antigas, fazendo um barulho ensurdecido que não chamaria a atenção de ninguém. Tentou arrebentar um cadeado com alguma coisa que achou na cozinha, mas só conseguiu cortar o dedo indicador direito. O sangue escorria pela mão enquanto ela ainda tentava abrir a porta da frente, inutilmente. Ao passar pela sala, Heather deparou-se com a lareira. Chegar até a boca da chaminé não devia ser tão difícil, mas havia a proteção de grades. E o telefone, que estava exposto sobre uma mesinha, não tinha linha.

“ *Estou em um cativo!*” Heather considerou, enquanto seus pés a conduziam para o andar de cima. Ela nem imaginou onde estariam seus captivos; ela só sabia que eles não estavam ali e

aquilo era mais do que suficiente. O segundo andar não estava menos trancado do que o térreo. Heather foi de quarto em quarto e não encontrou nenhuma madeira fora do lugar. Cansada e com muita fome, a garota se sentou em uma cama no último quarto do grande corredor e repousou a face na palma das duas mãos. O sangue coagulado manchou suas bochechas muito pálidas. Sua respiração estava lenta novamente e ela parecia que iria sucumbir ao sono, mas uma luz inconstante clareou o ambiente.

— Você! - Heather deparou-se com a imagem incandescente da noite anterior. Daquela vez era mais fácil enxergá-la, porque estava claro. A luz da imagem não era tão inconveniente assim. Heather pode notar o manto roxo por cima da imagem transparente da pessoa que acabara de entrar pela porta do quarto.

— Bom dia, Heather.

— Não poderia ser *bom*, não acha? - Heather reclamou. - Estou prisioneira aqui, se não percebeu.

— Claro que percebi. Eficientes, esses...

— Esses?

— Vampiros. - A imagem contraiu a face, como se a palavra lhe causasse asco.

— Ah, sim, claro. - Heather deu de ombros. - Diga-me, eu estou em coma? Eu sofri um acidente terrível e entrei em coma, e então todas as lendas da minha infância se tornaram realidade? Vou encontrar lobisomens e ogros também?

— Não sei como ainda tem forças para ser tão sarcástica, Heather. - A voz da imagem era aguda, mas severa. - Você está em maus lençóis aqui.

— E você como meu Anjo não deveria me proteger? — Eu te protejo. Mas não posso fazer muita coisa com eles. São vampiros, eu não posso nem entrar na casa; se você não percebeu, você está me vendo e eu não estou aqui. — Considerando tudo que aconteceu durante a noite, ver alguém não que está presente é até natural. -

Heather despejou mais sarcasmo.

— Você se meteu em uma encrenca, mas parece-me que eles não querem te fazer mal.

— Ah, e você sabe disso porque seu amplo conhecimento sobre seres mitológicos...

— Sei disso porque vampiros *não* mantêm humanos cativos. - A imagem interrompeu. - Eles se alimentam e os descartam. Se você foi mantida, é porque eles não querem te matar.

— Ele disse que eu não era humana. - Heather recolocou a face por sobre as palmas, visivelmente cansada.

— E você não é. - A confirmação já era esperada. — Ele não sabe o que eu sou. - A voz da garota estava fraca. - O que é injusto, já que eu sei o que ele é. Eu não sei o que eu sou, o que é ainda mais injusto, considerando uma perspectiva dessa noite absurda.

— Heather, você é um híbrido. - A imagem aproximouse, e Heather elevou a face mais uma vez. - Você é parte anjo e parte...

— Humana?

— Não, nada exatamente humano.

— *Hm*. Pensei que seria algo estilo Harry Potter. — Quem? - A imagem ergueu uma sobrancelha. — Esqueça, é uma história de fantasia. Como essa que estou vivendo por algumas horas, só que a personagem principal não está em coma.

— Nem você, Heather. Você é um híbrido, e sua metade Anjo é que me faz tomar conta de você. Mas você tem tanto dos humanos, foi criada entre eles. Mas isso não vem ao caso, afinal você não acredita em nada disso, não é?

— E eu tenho opção? - Heather protestou, sem forças.

Ou eu admito que toda essa loucura é verdade, ou eu estou vivendo o meu pior pesadelo e não consigo acordar. Você vai me tirar daqui?

— Eu não posso, Heather. - A imagem flutuante sorriu.

Heather deixou seu corpo cair por sobre a cama, e encolheu as pernas em uma posição confortável. Estava cansada, muito cansada. - Durma um pouco, eu voltarei a falar com você depois. A imagem se desmaterializou novamente, como fizera na noite anterior. Heather não viu nada daquela vez, seus olhos já

estavam fechados e ela já estava dormindo. O dia passaria sem qualquer acontecimento importante na estalagem. Já em Graceland, a cidade entrou em alerta pela possibilidade do desaparecimento de Heather. Como o carro também havia sumido, inicialmente todos pensaram que ela teria saído e ido para algum lugar. E ninguém chegou a encontrá-lo, pois Henry, após levar Wesley para a curandeira, tratou de esconder o veículo antes de retornar. Então os moradores da pequena cidade gelada acreditavam que a garota estava apenas passando algum tempo afastada. Esquisita, como era rotulada.

Os esquisitos desapareciam vez ou outra, sem deixar vestígios. Quando a claridade desapareceu praticamente e o sol não era mais um inconveniente, os vampiros deixaram suas clausuras para iniciarem a noite. Por sorte, Graceland era sempre cinzenta e estava ainda mais cinzenta naqueles dias sombrios. O clima não havia melhorado muito desde a transformação de Wesley. Alguns diziam que era a inversão climática, outros que era culpa da poluição. A verdade é que a cada ano Graceland parecia mais imersa na escuridão, e aquilo certamente atrairia vampiros para a região. Henry não deixava de preocupar-se, porque vampiros sedentos demais poderiam

atrapalhar sua pacífica estada no lugar.

A primeira coisa que Stuart fez foi percorrer o andar térreo da estalagem em busca da garota. Ele ainda não tinha aceitado muito bem a fascinação de Henry pela criatura, que ele só conseguia enxergá-la como humana, mas ele tentava respeitar as loucuras do amigo. Henry era um vampiro velho, era como ele interpretava. Enquanto Stuart olhava em volta e considerava se deveria destrancar as janelas, Henry correu os dedos pelos cabelos escuros e subiu as escadas bem silenciosamente. Olhou rapidamente em cada quarto até parar subitamente na porta do número vinte. Inalou uma grande quantidade de ar, e seu diafragma subiu e desceu como se respirar lhe fosse um prazer. Seus olhos miraram a figura adormecida de Heather, por sobre a cama.

Na primeira vez em que a viu, Henry sabia que ela era uma coisa diferente. Não sabia que coisa, mas era algo. Ele não prestou

atenção nela, e depois não a enxergou. A garota estava trancada em um porão escuro, e ele não pretendeu vê-la. Mas naquele momento ele sentiu como se seus olhos lhe estivessem pregando uma peça cruel. Heather estava encolhida por sobre a cama, os braços segurando os joelhos, os cabelos muito loiros caídos por sobre a face. Havia um grande hematoma em seu dedo cortado, e o odor de sangue coagulado causou repulsa em Henry. Ela tremia de frio, porque a temperatura havia baixado muito. Suas feições finas e suaves estavam parcialmente escondidas pelos cabelos, mas ele pode ver seus lábios entreabertos, na tentativa de sugarem mais ar, e seu pequeno nariz. Os olhos fechados por sobre duas manchas roxas, olheiras de uma noite sem dormir.

Seus pés o conduziram até mais perto, enquanto suas mãos instintivamente buscavam uma cobertura dentro do armário. Tão logo Henry conseguiu terminar de cobrir a garota, o pigarrear de Stuart foi ouvido, na porta.

— Está aí há muito tempo? - Henry perguntou, saindo e empurrando Stuart.

— O suficiente para ter duas suspeitas: ou você é não é um vampiro ou está mais velho do que eu pensava. Vamos buscar Wesley?

— Você poderia ir? - Henry pediu, descendo as escadas.

- Alguém deveria ficar, afinal a garota pode arrumar uma forma de fugir.

— Você é muito preguiçoso, sabia? - Stuart protestou. Eu vou, mas no seu carro.

— Tudo bem, pegue a Mercedes. - Henry jogou as chaves prateadas em cima do vampiro mais jovem. - Mas se eu vir um arranhão, você sofrerá as consequências. Sabe onde fica a casa de Madame Cambridge, certo?

— Claro que sei. Vejo você em algumas horas, depois que levar Wesley para uma comer alguma coisa.

Henry sorriu quando Stuart deixou a estalagem. Talvez a melhor decisão de sua existência tenha sido transformar Wesley. Ele era uma alma perdida entre os humanos, melhor que não tivesse alma alguma. E Stuart nunca estivera tão animado desde então. O novo amigo surgiu como injeção de adrenalina, fazendo-o menos

rabugento com as relações pessoais. Até com os humanos Stuart estava mais tolerante, e aquilo era fantástico. Henry estava mesmo ficando velho, e insuficiente para divertir o agitado Stuart. Era melhor que ele tivesse Wesley para cuidar e ensinar, como vinha fazendo com tanta paciência.

O vampiro caminhou até a geladeira e verificou que os alimentos estavam intocados. Franziu a sobrancelha e conferiu que os alimentos que ele havia colocado sobre o balcão

também estavam intocados. A garota não havia comido nada, e ele nem sabia se ela havia dormido o suficiente. Henry abriu várias portas de armário até encontrar um livro de receitas, que estava turvo de tão empoeirado. Seus dedos folhearam o livro antigo enquanto seus olhos buscavam ingredientes pela cozinha pouco provida. Ao final, Henry determinou que não era possível cozinhar nada muito elaborado, e que ele também não saberia fazê-lo. Coletou ingredientes, organizou-os por sobre a pia, abriu pacotes e colocou panelas no fogo. Não devia

ser tão difícil cozinhar, mesmo sabendo que ele não fazia aquilo por séculos.

O aroma agradável de queijo e refogado percorreu toda a estalagem, encontrando uma Heather meio adormecida, meio embriagada, porém muito faminta. Ela não conseguiu resistir ao cheiro que suas narinas capturaram e acabou por despertar.

Sentiu uma fisgada no dedo e espantou-se por estar coberta.

*“Então foi por isso que parei de sentir frio”,* ela considerou.

Esfregou os olhos com as mãos sujas e piscou várias vezes para compreender a luminosidade. Estava escuro; era noite outra vez. Provavelmente os vampiros estavam pela casa, mas ela não havia sido jogada no calabouço. Afastou as cobertas e decidiu perseguir o aroma que lhe agredia o estômago com violência. A fome de quem não comia a praticamente um dia inteiro fez desaparecer qualquer ceticismo ou temor de seres fantásticos.

Heather chegou até a cozinha e deparou-se com uma imagem que a deixou boquiaberta. Não era o mesmo espanto que a imagem

brilhante daquela que se dizia Anjo lhe causara; ela estava assombrada porque a visão que tivera ao espiar a cozinha foi a de um *homem*, nada mais do que um homem, de pé em frente ao fogão. A garota piscou algumas vezes, mas a imagem não mudava. Definitivamente, todos os seus dogmas estavam sendo testados. Ela preferiu acreditar que eles estavam sendo aniquilados, e de forma bastante cruel. “*São só vinte e quatro horas,*” Ela pensou. “*Só vinte e quatro horas, um dia apenas.*”

— Aproxime-se. - O homem falou, sem virar-se. Ele sabia que ela estava ali. - Eu não vou morder você. Literalmente. Henry não achou que aquele fosse um bom momento para piadas; e ele não se sentia engraçado. Mas sua condição de vampiro era um tanto quanto incompatível com algumas figuras de linguagem humanas, que a garota provavelmente deveria conhecer.

— Você vai jantar? - Heather não moveu um músculo além dos necessários para falar. Seu organismo estava fraco demais e ela estava aterrorizada demais. Sempre aterrorizada, apesar de pensar que já estava ficando íntima de seres míticos.

— Eu não, você vai. - Henry moveu-se para o lado, e seu sorriso incandescente clareou o olhar de Heather ainda mais do que a entidade angelical fez em suas aparições. Ele não pretendia sorrir, era verdade, mas poderia ser confortável sorrir para ela, apesar de tudo. Heather manteve sua aparência apavorada, e daquela vez extasiada. - Venha, aproxime-se. O cheiro está assim tão desagradável?

— Não. - Heather engoliu seco. Seu estômago protestou veemente. - Na verdade está delicioso; parece estar delicioso. — Macarrão com queijo e frango. - Henry franziu o cenho e ergueu uma sobancelha, encarando a panela em sua frente com uma expressão de desaprovação. - Espero que você tenha gostos simples.

Heather atendeu a um movimento de cabeça de Henry, e caminhou lentamente até a cadeira que ele havia puxado para ela sentar-se. Enquanto ela se ajeitava, ele serviu um prato com a comida ainda fumegante e colocou à sua frente, com um pouco de pão e um copo de suco. Depois, sentou-se em outra cadeira exatamente à frente dela, apoiando o queixo com as duas mãos. Heather atacou a

comida, tão logo se viu encarando-a. Ela já havia ultrapassado a barreira da fome, e não se intimidaria porque um vampiro estava a observá-la. — Você está com fome. - Ele constatou. - Poderia ter comido antes; passou o dia trancada, e fez o que?

— Conversei com meu Anjo protetor. - Heather tinha a boca cheia, mas decidiu falar. Era a segunda vez que ela falava com Henry sem pensar no conteúdo da conversa.

— Ah sim, claro. Então você tem um Anjo que te protege? — Sim, uma *Anja*, eu acho, se é que Anjos têm sexo. Mas ela é esquisita demais, e ela me assusta. Mas o que eu poderia esperar de seres que deveriam existir só nas fábulas infantis? — O Anjo lhe disse algo importante, hoje?

— Só que vocês não pretendem me matar.

— Inteligente, seu Anjo. - Henry sorriu, olhando para baixo. Heather instantaneamente parou de comer, engolindo um bolo de alimento que lhe obstruiu a garganta por alguns instantes. A imagem de Henry a hipnotizou mais uma vez.

Aconteceu algo?

— Não... - Heather bebeu um pouco do suco. - Você me olhando comer, eu fico constrangida.

— Ao menos *eu* posso observá-la comer. - Henry sorriu.

- Você iria achar meu jantar extremamente desagradável. — O que está acontecendo aqui? - Heather disse, boca cheia novamente. - Quero dizer, por que estamos tendo essa conversa, por que você não vai me matar, por que... — Acalme-se. - Henry disse, a voz serena. Seus cabelos

brilhavam sedosos sob a luz artificial, como se ele reluzisse.

Coma primeiro, depois nós conversamos.

— Quero conversar agora. - Heather continuava empurrando a comida para dentro. Pegou um pãozinho e o desfez com os dedos, passando os pedaços no prato enquanto mastigava rapidamente o alimento. Henry a olhava, com os lábios desenhados exibindo um pequeno sorriso.

— Sim, claro. - Ele voltou a repousar seu queixo por sobre as mãos. - Você quer respostas, posso sentir sua agonia. É muito difícil quando nossos dogmas se rompem; a fragilidade de nosso

conhecimento, do mundo que nos cerca. É difícil aceitar que o real e o surreal se misturam e que a verdade nem sempre é tão verdadeira.

— Você está filosofando. - Heather terminou o prato e quase se afogou no suco. A timidez sentida por Henry observá-la esvaía-se a cada garfada. - Isso está bom, muito bom. O vampiro levantou-se, um movimento gracioso demais para um homem, e colocou mais alimento no prato de Heather.

Ela imediatamente retomou sua atividade de alimentar-se, e Henry manteve-se de pé.

— Heather, há muito que você não sabe. Mas eu não pretendo matá-la, e isso é suficiente por agora. Só gostaria de saber o que fazer. Você agora sabe demais, e isso é um problema.

— Eu não sei nada. - Heather deu uma risada. - Agora, não sei nada mesmo!

— Nosso segredo é a chave de nossa sobrevivência. Você sabe o que somos, quem somos e onde estamos; mas nós não podemos permitir que ninguém saiba. Os humanos, eles não podem saber.

— Eu não vou contar. - Heather parou de comer e encarou Henry. Ela chocou-se por ele pensar que ela revelaria algo como aquilo. Primeiro porque todos a ridicularizariam imediatamente. Uma cientista que acreditava em vampiros e Anjos. Segundo porque ela mesma estava envolvida naquilo, até o pescoço. Literalmente, Heather pensou. Ela jamais faria algo como aquilo; Heather não era uma alcoviteira.

— Claro que não. - Henry sorriu novamente e deixou Heather sozinha, na cozinha. Ele tinha algumas incertezas, mas não pretendia deixar que ela as percebesse.

Nada daquilo era fácil para Henry. Um vampiro velho de 582 anos que não tinha uma série de experiências básicas, ele pensou, torcendo o lábio enquanto observava o fogo da lareira.

A garota estava na cozinha ainda, comendo sem parar, e ele sentia fome. Seu organismo estava mais fragilizado do que de costume, e ele sentia cansaço. O dia consumia tanta energia, ele considerou. Lidar com humanos e tudo que a humanidade poderia representar era algo que ele havia deixado cair no esquecimento; que ele havia

guardado a sete chaves dentro de algum lugar escuro. Heather não era exatamente humana, ele sabia. Mas ela se parecia muito com um, e ela lhe despertava sentimentos há muito adormecidos.

A porta da frente abriu-se bem devagar, e os dois vampiros entraram rapidamente. Stuart atentos observando tudo, como um gato na frente, olhos caçando. Wesley parecia zozzo e desorientado, mas seguia o mais velho que ele, tentando manter-se de pé. Os dois falavam, em um volume de algazarra; o estardalhaço obviamente conduzido pelo irrequieto Stuart. Henry levantou-se de onde estava e fechou a porta da cozinha, em um impulso veloz. Ele não considerava que Wesley deveria ver Heather antes de ser alertado de sua presença na casa. O vampiro ainda muito jovem poderia descontrolar-se ao suspeitar de um perigo iminente. — Já se livrou da pestinha? - Stuart desdenhou. Wesley franziu a sobrancelha, como que aguardando explicações. — Ela não é uma peste. Acho que agora sei o que ela é, e ela está comendo. - Henry disse, fechando o livro que ele tentava recomeçar a ler pela terceira vez, desde os acontecimentos. - Não seja tão agressivo com ela, Stu; ela não sabe o que está fazendo.

— Ela está aqui? - Wesley arregalou os olhos, inalando grande quantidade de ar e sentindo o aroma adocicado da garota. - Eu pensei que... eu pensei que vocês a tinham matado! — Henry está curioso. - Stuart jogou-se no sofá e ligou o aparelho de televisão, sintonizando imediatamente em um canal de esportes. - Ah, TV 24 horas foi a melhor invenção da humanidade!

— Curioso sobre o que? - Wesley continuava indagador. - Henry, ela quase me matou, ela é perigosa, ela sabe e...

— Está tudo bem, Wes. - Henry passou o braço pelo ombro do vampiro. - Ela é inumana, como nós. Está confusa, apenas. E eu não sou curioso, - Henry repreendeu Stuart com o tom de voz - eu apenas gostaria de conhecê-la melhor. Saber melhor o que ela é.

— Curioso. - Stuart repetiu. Henry sacudiu os ombros e abriu novamente a porta da cozinha, para dar de frente com uma Heather também inquisitiva. Deixou o ar entrar e sair rapidamente de seus pulmões, em uma expressão de desalento.

Era novidade demais para lidar com em tão pouco tempo.

Wesley eriçou os pelos como um gato, e instintivamente escondeu-se por trás de Henry. O criador e protetor, que o manteria a salvo. E Heather olhou para o chão ao ver Wesley, um tanto quanto envergonhada.

— Wes, essa é a Heather. - Henry disse, cuidadosamente saindo da frente do vampiro jovem. - Não precisa preocupar-se, basta não cravar os dentes nela novamente.

A risada de Stuart foi ouvida pela sala.

— Oi. - Heather disse, acenando. - Eu não queria te fazer mal. Espero que esteja tudo bem.

— Não está. - Wesley fez um bico. - Mas vai ficar. Ainda estou zozzo, mas Madame Cambridge disse que é porque sou novato.

— Sente-se melhor? - Henry perguntou a Heather. Ele sabia como Wesley se sentia; ele sempre sabia tudo sobre sua criação.

— Sim. - Heather olhou novamente para o chão. Ela não parecia mais horrorizada por estar em meio a criaturas das trevas ou seres mitológicos, mas envergonhada por sentir-se tão estúpida por tanto tempo. Ela não podia mais acreditar que sonhava, então ela precisava admitir que passou anos de sua vida dedicando-se a algo que não era tão verdadeiro quanto ela supunha.

— Vou preparar sua cama. - Henry disse, austero, e virou-se em direção à escada. Stuart bateu mais uma vez com a palma da mão na testa, respirando fundo, e Heather olhou um tanto assustada para Henry. - O que foi? - Ele percebeu a hesitação ao redor.

— Vocês dois acham que vou deixar a garota ir embora? - Henry dirigiu-se aos vampiros. - E você acha que vou deixar você sair, agora? - Ele disse para Heather, com um sorriso. - Você pode ter me prometido coisas, mas é noite e você está, no mínimo, precisando de cuidados. Tome um banho quente, vista algo confortável, cuide desse ferimento e durma.

Amanhã você volta para casa.

O vampiro deixou todos na sala de estar e subiu as escadas calmamente, uma velocidade que ele aprendera a desenvolver com os séculos. Não adiantava fazer as coisas na rapidez natural de um vampiro; o tempo não corria contra si, nunca. Uma coisa que Henry tinha de sobra era tempo, e ele

precisou aprender a utilizá-lo com sabedoria para não viver no tédio. Foi até o quarto que considerava mais bem arrumado na pensão, e abriu a janela. O frio da noite soprou para dentro do quarto, esvoaçando as cortinas e fazendo a temperatura cair levemente. Henry não se importava muito com o frio, mas ele sabia que a garota iria senti-lo. Pegou algumas cobertas dentro do armário, como tinha feito antes, e arrumou a cama. Havia um pouco de pó por sobre a colcha pouco usada, mas ele supôs que ela não fosse alérgica. Seres como ela deviam ser suficientemente resistentes.

— Eu devia ir para casa. - Heather disse, chegando por trás. Henry virou-se sem surpresas, para visualizar a imagem serena da garota. Ela era quase tão pálida quanto Stuart, ele pensou. Mas a beleza irreal de Heather a deixava zozzo, então nada como Stuart.

— Sinto muito, mas hoje não. - Ele disse, voz baixa, e continuou a arrumar a cama. - Você parece mais calma, agora que está alimentada.

— Estou apenas tentando aceitar tudo isso, tentando fazer com que essa noite faça sentido, considerando que a anterior não fez. - Ela sentou-se na beira da cama. — Pode deixar que eu me arrumo para dormir.

— Tome. - Henry colocou nas mãos de Heather uma toalha e um roupão. - Há um chuveiro no final do corredor. A água é quente, posso garantir. Tome um banho.

O vampiro saiu muito mais rápido do que Heather esperava. Ela não pode fazer nada além de sacudir os ombros e caminhar até onde lhe fora indicado. Realmente, ela queria um banho e seu dedo cortado estava caminhava pelo enorme corredor, latejando. Enquanto Heather permitiu-se observar a estalagem. Portas de madeira maciça e entalhadas à mão; assoalho avermelhado que ela podia arriscar ser cerejeira; quadros antigos e aparentemente muito caros pela parede tingida de um bege inadequado. Ela franziu o cenho quando trancou a porta do banheiro, imaginando primeiro se trancar portas faria alguma diferença. Afinal, eles eram vampiros e ela sequer podia imaginar que aquele tipo de criatura existia; quanto mais o que eles poderiam fazer. Depois, porque o banheiro parecia pertencer à casa

de sua avó.

Ela tentou não se prender à louça branca vitoriana nem aos azulejos decorados. Heather demorou-se por vários minutos enquanto lavava os cabelos louros e fartos, e deixou a água quente acalmar seus músculos. Ela nem tinha notado o quanto estava tensa. Era muita coisa para pensar em vinte e quatro horas. Ela nunca tinha se visto sob tanta pressão, nem quando seus trabalhos estavam sendo analisados pelas bancas examinadoras. O banho teria um efeito calmante que ela nem sabia que precisava, mas que veio de ótimo grado.

Apesar de ser uma casa onde moravam apenas vampiros, Heather notou que o ambiente era bastante humano. Havia todo tipo de conveniência no banheiro, inclusive um secador de cabelos. Todas as parafernalias que mulheres geralmente utilizam antes, durante e após o banho estavam ali, à sua mão. "*Claro, estou em uma pensão!*" ela conjecturou, enquanto desembaraçava os fios claros com um pente de madeira meio gasto. Mas era uma pensão vazia, sem a presença de vida. Vida; os rapazes do andar de baixo pareciam bem vivos, mas ela suspeitava que vampiros fossem mortos que andavam. Achou melhor para de imaginar sobre os anfitriões e deixar o banheiro. Ela queria um curativo para colocar naquele dedo que parecia severamente infeccionado, então.

A garota assustou-se e deu dois passos, sobressaltada, para trás, ao trombar com Henry na porta de seu quarto. Ela olhava para o ferimento e não se deu conta de que alguém estava ali. Talvez porque Henry fosse muito difícil de rastrear, mas ela sentiu-se tola. Depois torceu os lábios, irritada, Heather nunca era tola.

— Você não deveria mesmo me perceber. - Ele sorriu e estendeu a ela uma pequena maleta branca com uma cruz na tampa. - Vai precisar disso, creio.

— Você parece um fantasma, e não um vampiro. Heather emburrou, e jogou-se na cama, abrindo a maleta. Explique-me, por que vampiros têm uma caixa de primeiros socorros?

— Para ajudar humanos que se ferem. - Henry gargalhou de sua própria piada ridícula – Tudo bem, sem piadas. Heather, temos que nos passar por humanos. Se nos virem, se vierem aqui; precisamos

que essa casa seja humana.

Você jamais suspeitaria de nós se não nos tivesse visto transformados. Se Wesley não tivesse agido tão bruscamente, você jamais suspeitaria.

— E teria continuado a viver minha cética ignorância.

Ela reclamou, quase sussurrando.

— Deixe-me limpar para você. - Henry delicadamente tomou a maleta das mãos pouco habilidosas de Heather e segurou o dedo ferido entre os seus. Ela sentiu um arrepio, como se aqueles dedos estivessem muito mais frios do que deveriam, mas logo as temperaturas de seus corpos se contrabalancearam. Henry concentrou-se e embebeu um algodão com antisséptico, passando por toda a extensão do corte. - Melhor assim? Você me parece bastante inapta para uma cientista. Heather bufou.

— Sei usar a mente, não as mãos. E você pode mexer em sangue assim?

— Depois de quinhentos anos as coisas ficam mais fáceis, você se torna mais objetivo. É mais fácil resistir a essas pequenas tentações. - Henry sorriu.

— Quinhentos anos? - Heather arregalou os olhos. Você tem cinco séculos de vida?

— Quase seis. Ele moveu os ombros enquanto terminava de colar o curativo. - Pronto, está quase novo. — Uau, seis séculos? Você nasceu no século XIV? — Século XV. Sou de 1427. Tempos difíceis, aqueles. Henry fixou seu olhar em algum lugar na parede creme do quarto que Heather estava instalada. - Eu era um fazendeiro, acho que todos eram fazendeiros, naquela época. Bem, vou deixar você dormir.

— Não estou com sono, dormi o dia todo!

— E pretende dormir o próximo também? - A imagem do vampiro parecia bastante sorridente. Heather deixou-se demorar algum tempo em seus lábios entreabertos e seus dentes. Eram dentes brancos e perfeitos, ela jamais imaginou que deles pudessem sair presas medonhas. Os lábios eram um desenho, um pouco pálidos, mas suficientemente preenchidos. Henry os cerrou subitamente,

deixando que seus olhos pousassem sobre os dela. - Lembre-se que tudo isso faz parte da magia da caçada. - Ele levantou-se e em instantes o quarto estava vazio novamente.

~\*~

Era um sonho ruim, inconstante. Heather estava em um lugar escuro, e sentia o cheiro de água parada misturada com algumas impurezas. Suas mãos tocavam paredes de pedra; paredes cheias de musgo. O ar lhe faltava aos pulmões, mas ela precisava sair dali a todo custo. Imagens estranhas lhe vinham à mente, como se fossem flashes sendo projetados propositadamente. Era uma agonia terrível, não saber onde estava nem por que estava ali. Sua roupa estava rasgada, e ela precisava sair. "*Você desistiria de tudo por ele?*" uma voz ecoava no vazio escuro do lugar úmido. Heather olhou para os lados, mas não viu nada. "*Você abriria mão de sua vida por ele?*" a voz estava mais incisiva. O desespero dominou a sempre centrada cientista, e ela já corria pelos corredores cheios de água imunda e cheiro desagradável.

Heather acordou sobressaltada. Ela não costumava sequer sonhar. Aquele pesadelo tinha sido terrível; ela passou a mão pela testa e se percebeu suando. O clima não estava para suar daquela forma. Seu coração batia acelerado, e ela sentia dor ao tentar sugar o ar. Parecia que o ar estava pesado, denso, seco. A garota respirava com dificuldade e seu corpo parecia reagir a algo muito forte. Com alguns minutos de agonia, ela começou a voltar ao normal. Ou ao que considerava normal. Percebeu que pela janela do quarto entrava uma pequena quantidade de luz, e ela suspeitou que fosse dia.

Desceu as escadas com cuidado, tentando não pisar em uma tábuia meio solta e acordar as bestas. Realmente, já era dia e a luz penetrava por outras janelas da estalagem. Era como se eles não se importassem com toda aquela claridade, ou como se eles estivessem protegidos dela. Claro, Heather pensou, são vampiros e devem dormir em caixões. Seus pés a conduziram à cozinha e ela bebeu, apressada, um copo de água. Sua garganta estava ressecada, como se ela tivesse passado muito tempo falando. Mas, ao contrário do

que seria razoável, Heather não tentou escapar da estalagem na primeira chance. Ela não sabia se estava trancada novamente, mas ela não tentou abrir a porta. Ela pensou em desbravar o lugar; em passear pela pousada enquanto estava supostamente sozinha. Ela passou um dia por ali e não viu ninguém. A tentação era grande.

Mas a ausência de vida por ali parecia óbvia. Não havia nada no segundo andar nem nada no perambulou pelos espaços conhecidos primeiro. Heather

e não viu sequer movimento. Ela não entendia de lendas o suficiente para compreender o que vampiros podiam ou não fazer, e outras informações importantes. Ela imaginou, então, que eles deveriam viver em um calabouço. Mas ela já havia conhecido o porão da casa, e não havia caixões lá; nem os vampiros dormiam lá, ou ela teria notado aquele detalhe.

A garota já tinha decidido que iria para casa quando, sentada no sofá da sala de entrada, olhou para o corredor que levava ao quintal e viu uma porta que ela ainda não tinha notado. Escondida, no meio de um papel de parede florido com cores pesadas e uma barra vinho, estava a porta de madeira escura que parecia pesar uma tonelada. Heather forçou a fechadura e ela se abriu quase que facilmente demais, revelando o interior escuro de um hall vazio que terminava em uma escada. "*Há outro porão na casa!*" pensou a garota, que sem pensar desceu as escadas que pareciam levá-la diretamente a um calabouço de filmes da Idade Média.

Mas a escada terminou em outro *hall*, um pouco maior do que o superior, sem qualquer iluminação. Com a porta do andar de cima fechada, Heather precisou piscar diversas vezes e esperar algum tempo até que seus olhos se acostumassem e ela conseguisse enxergar alguma coisa. Mas ela, na verdade, não conseguia ver quase nada. Havia portas no *hall*, e o espaço não parecia como o porão, que tinha portinholas para a entrada de luz solar. Ela respirou fundo, e fechou os olhos como se aquela atitude fosse apenas servir para aumentar sua concentração. Ela sabia o que queria encontrar, e não sabia se admitia o que queria.

Seus dedos foram guiados até uma das maçanetas, os olhos ainda fechados, e ela se permitiu abrir a porta, sem sequer saber o

que havia em seu interior. Seus pés a conduziram para dentro do cômodo totalmente escuro, e ela posicionou-se de forma que a porta sequer podia fechar novamente atrás de si. Seu coração batia rapidamente, muito rapidamente, e Heather parecia uma criança que tinha acabado de fazer algo errado, e estava apenas esperando a punição. Ela sabia que bisbilhotar era errado, mas não conseguia resistir. Apesar de ter compreensão plena de certo e errado, Heather costumava sucumbir muito facilmente ao que ela queria, apenas. Parada, de pé, ela iniciou um reconhecimento sombrio do espaço no qual se encontrava. Seus olhos pouco viam, mas ela conseguia enxergar alguma coisa. Um armário grande de madeira, que parecia parte integrante da parede, de tão escuro; uma cômoda com alguns objetos por cima, e, pelo meio do quarto, uma cama de tamanho grande, com um volume que se erguia do colchão.

Heather não teve tempo de pensar em quem poderia ser, ou no que ela estava realmente procurando. Em milésimos de segundo, dedos frios e macios seguravam seus ombros enquanto ela sentia uma respiração profunda em seu pescoço. Seu coração pulou uma batida, e sua respiração travou. Ela sentiu a pele de textura diferente da sua lhe tocar a superfície sensível de seu colo, e subir lentamente pela extensão do pescoço até que um par de olhos a encarou.

— Se você não fosse tão perigosa, estaria em apuros, agora. - A voz musical de Henry preencheu os ouvidos de Heather, e ela se sentiu mole. O pavor inicial passou, e seus músculos enfraqueceram momentaneamente. Os braços firmes do vampiro a mantiveram de pé. Ele ainda a segurava, e ela podia então respirar e sentir o aroma excêntrico que exalava de sua pele. O corpo de Heather pendeu para frente e ela quase deixou que seu nariz tocasse o peito de Henry. - Você está se sentindo bem? - Ele estranhou, tentando mantê-la ereta. - Aliás, Heather, o que você está fazendo aqui?

Ela não tinha a resposta. Talvez a curiosidade mórbida e cruel que a tornara cientista; a vontade incansável de descobrir o que ainda era desconhecido. Talvez a falta de coisa melhor a se fazer, talvez a falta do desejo de retornar para casa. Ela não temia mais aquele grupo, ela sabia que eles não a machucariam. Talvez fosse

algo que ela não entendesse, porque por mais que Heather desejasse, ela não conseguia entender todas as coisas.

— Desculpe-me. Ela disse, o olhar baixo. Ela não enxergava direito, mas podia jurar que Henry a via com perfeição. Os olhos dele brilhavam na escuridão do quarto.

— Você talvez *deva* ir para a sua casa. - Ele disse, com a respiração lenta. Heather sentia que os dedos exerciam uma nova pressão em sua pele quente demais para o ambiente. Durou apenas alguns segundos, depois Henry a soltou. Foi como se os pés de Heather tocassem o chão, como se antes ela estivesse flutuando, como se ele a suportasse por inteiro. - Seu carro está parado na frente da hospedaria, e a chave está na ignição. Se quiser comer, há bastante coisa na geladeira, agora.

Ela também não podia ver, mas ele estava sorrindo. Com o coração completamente disparado, ofegando, Heather saiu do quarto de Henry e passou por todo o *hall*, correndo, subiu as escadas, apressada, até chegar à sala de estar. O trajeto de volta foi feito em uma velocidade quase inumana. Ela arfava, com a ânsia de puxar todo o ar para dentro dos pulmões, mas como se eles estivessem ressecados e mortos. "*O que está havendo?*" Ela pensou, a cabeça martelando como se uma febre muito alta estivesse instalada em seu corpo. Sem pensar ou parar para deixar seus neurônios raciocinarem, Heather correu até o carro, deu a partida e saiu dirigindo pela trilha que a levaria até a estrada principal.

— Pelo amor de Deus, Henry. - Stuart surgiu nas escadas, o cabelo despenteado, encarando o vampiro mais velho que estava no hall de cima, sentado em um sofá, com a luz acesa, lendo. - Isso lá são horas?

— Invocando Deus, Stu? Que blasfêmia, para um ser como você. - Henry deu uma risada. - Estou sem sono, e já é quase hora de levantar.

— Foi aquela peste que te deixou assim? - Stuart subiu as escadas com muita preguiça, esticando os músculos. Sua pele exageradamente branca era quase um refletor da pouquíssima luz que estava iluminando o hall. - Ela já foi embora? Já conseguimos nos livrar dela?

Henry franziu o cenho e cerrou os lábios, fechando o livro bruscamente.

— Ela foi. Mas não seja assim tão rude. Não considero que tenhamos nos livrado dela.

— O que ela é, afinal? Você disse que sabia, mas não terminou seu raciocínio.

— Ela é um *Anjo*. Tenho certeza; quase certeza. Não poderia ser outra coisa. — Henry esticou os lábios. — Ela tem um Anjo que a protege, e apenas humanos e Anjos possuem protetores assim. Se ela não é um humano, porque é venenosa, decerto ela tem que ser um Anjo. Ela é uma criatura da luz, Stu.

— E depois ainda se surpreende por me ouvir invocar a divindade! - Stuart riu. - Certo, vou parar de falar porque vou acordar o Wes. Ele não é tão sensível ainda e não consegue ser tão perturbado por você, mas será que dava para ler lá fora?

— Não, há sol. - Henry respirou fundo. - Mas tudo bem, vou para a cama, se isso te agrada.

Henry jogou o livro por sobre o sofá, e determinou-se a acompanhar Stuart. O título em letras vermelhas como o sangue brilhou mais uma vez antes que toda a luz artificial cessasse. *Redeeming Love*.

## 06 { NOVA PERSPECTIVA }

A freada característica, seguida da batida de porta, fez com que Helena Cohen elevasse o olhar. A mulher estava na cozinha, terminando de assar um bolo, e deixou seu avental jogado por sobre a mesa ao ouvir os ruídos familiares na porta de casa.

— Heather! - A mãe disse, voz razoavelmente alta, da porta da frente. Se fosse a dois dias atrás, Heather teria morrido de vergonha e teria corrido para dentro da casa, irritada. Mas tudo que a mulher fez foi balançar a cabeça negativamente e caminhar lentamente para a varanda, a fim de livrar-se do sol que ainda pairava por sobre sua cabeça. Era um belo dia em Graceland, contra todas as expectativas. - Heather, onde foi que você esteve? Quase coloquei a polícia atrás de você, só que eles me disseram que precisava de setenta e duas horas de desaparecimento e...

— Mãe, eu deixei um bilhete. - Heather interrompeu a mãe, mas não elevou a voz. Ela estava estranhamente cansada, seu corpo pesando vários quilos a mais. Era uma sensação inusitada, à qual ela não estava acostumada.

— Só dizer que ia sair não resolve! - A mãe continuou esbravejando. Heather arrastava-se para dentro de casa, sem decidir se comia ou jogava-se na cama. A segunda opção era tentadora, embora ela tivesse fome. - Você poderia ter saído e sofrido um acidente! Você poderia ter se enfiado embaixo de um caminhão e...

A mãe falava demais. Heather olhou para ela, interrompendo com o olhar a enxurrada de palavras.

— Mas eu não sofri acidente algum. Estou bem, inteira, ilesa, e bastante cansada. Vou para meu quarto, alguém me ligou?

— Várias pessoas te ligaram! - Mais gritos. - Tem mil recados sobre sua mesa. Kristen esteve aqui, e Antoine também. Heather, você devia aceitar o convite dele; ele é tão elegante, tão francês...

— Eu já tive minha quota de "lordes" por um dia, mãe. Heather deu um riso histérico. - Vamos deixar que eu resolva com quem quero sair, sim?

— O que você está carregando? - A mãe aproximou-se, observando que Heather carregava livros. - Estava fazendo algum trabalho científico? - Heather não conseguiu impedir que a mãe lesse o título do primeiro livro. Ela nem se deu ao trabalho de esconder nada. - “A ciência do vampiro”? Você estuda bestas e monstros agora? Que faculdade foi essa que você...

— Mãe! - Heather já estava sentindo que iria explodir. Eu não estou exatamente estudando vampiros, sim? Eu só gosto de novidades.

— Pensei que não acreditasse em nada, que fosse cética.

— Eu sou. - Heather não mentiu. - Mas pode ser que eu precise adquirir perspectiva.

A mulher subiu as escadas e bateu a porta do quarto, trancando-a. Não queria mais conversar com a mãe escandalosa, nem discutir questões de ciência e credo. Ela tinha acabado de viver a experiência mais fantástica e ridícula de sua vida; ela tinha acabado de ser enclausurada em um covil de vampiros. Pior, ela tinha ficado à vontade com eles. Ela tinha invadido o quarto de um deles, e ela estava ainda zonzinha pelo contato estranho que durou alguns minutos. A voz de Henry ainda ecoava em seus ouvidos e ela podia jurar que o aroma amadeirado da colônia que ele usava estava impregnado nela. Heather podia sentir que os dedos dele ainda apertavam sua carne; ela sabia que ele tinha deixado digitais nela.

Jogou os livros sobre a cama, abriu a janela, inalou uma grande quantidade de ar. Heather esteve ansiosa desde que saíra da casa dos vampiros. Ela comeu alguma coisa na livraria, enquanto revirava material esotérico sobre vampiros, seres das trevas; mitologia barata na qual ela não acreditava. Antes. Rodou pelo quarto em círculos por alguns minutos, tentando concentrar-se. Então ela tinha estado com vampiros. Grande coisa, ela ficara sabendo que era um Anjo. Nada daquilo fazia sentido, mas pelo menos nos vampiros ela precisava acreditar. Jogou-se na cama e começou a ler. Ela queria ler todo tipo de lenda estúpida que tratasse do tema mais atual de sua vida, naquele momento. Ela queria preencher a lacuna do conhecimento; Heather nunca era ignorante em assunto algum. Era ridículo para ela olhar Henry e não saber nada sobre ele. E ele parecia saber tanto sobre tudo. Seu dedo ferido latejou enquanto ela devorava as

páginas dos livros, e ela imediatamente sentiu um arrepio lhe percorrer a espinha.

O ruído do telefone quase fez Heather cair da cama. Ela estava compenetrada na leitura, respirando em velocidade incompatível com a normalidade, quando o zumbido estridente a assustou. Ela pulou por sobre o colchão e agarrou o telefone com as duas mãos, atendendo sem ao menos conferir quem era.

— Heath!!! - A voz de Kristen lhe causou alívio. - Pensei que você tinha nos largado mais uma vez! Está em casa? Ah, que pergunta; claro que está, já que atendeu ao telefone! Estou chegando aí.

Antes que Heather pudesse responder alguma coisa, a amiga encerrou a ligação. Kristen era amiga de infância de Heather, e morava na casa vizinha. As duas se separaram quando Heather foi para a universidade, e estavam próximas novamente desde o retorno da filha perdida de Graceland. Mas elas eram completamente diferentes, principalmente em suas perspectivas. Enquanto Kristen era a típica garota de cidade pequena que vivia para casar-se com o capitão do time de futebol, Heather era a alienígena que só estudava ciências e observava estrelas com um telescópio enorme.

Como prometido, em menos de cinco minutos a porta de Heather era esmurrada, quase sendo colocada abaixo. Kristen entrou saltitante quarto adentro, jogando-se na cama sem ao menos tomar cuidado com os livros abertos.

— Oi, Kristen. - Heather disse, tentando controlar a respiração. - Desculpe ter sumido, mas minha mãe é desesperada... eu estive...

— Lendo sobre vampiros? - Kristen arregalou os olhos, segurando os livros nas mãos.

— Não, eu estive estudando. - Heather tomou o livro das mãos da amiga. - E os vampiros, é só curiosidade científica a respeito do sobrenatural.

— Então, vamos sair hoje? - Kristen nem se importou. Não era comum que ela se importasse com alguma coisa por mais do que um minuto. Sua vida social parecia ser bem mais relevante do que o material de estudo de Heather. - Rever o pessoal; fiquei sabendo que vão se reunir no Clayton's e a gente podia ir ao cinema depois. Está passando uma versão nova de um romance antigo, agora

esqueci o nome.

— Sim, podemos. Quero dizer, não vai dar. - Heather sentou-se à janela, olhando no relógio. - Eu preciso estudar, podemos marcar para o almoço?

— Almoço? - A amiga franziu a testa. - Assim parece coisa de negócios.

— Pode ser que seja. - Heather estava com a cabeça fervilhando. - Eu talvez tenha uma proposta para te fazer, mas agora não. Logo vai escurecer e eu preciso... - Heather travou as palavras que vinham incontrolavelmente à sua boca. Ela não podia dizer aquilo. - preciso observar um cometa novo que vai passar hoje. É isso.

— *Hm.* - Kristen fez um bico. Os lábios firmes e carnudos, preenchidos de um batom vermelho vivo. Morena como se fosse uma latina, com cabelos castanhos cacheados que lhe ultrapassavam a cintura, Kristen era linda. Heather achava-se a mulher mais sem graça de todo o planeta, com sua pele desbotada e seus olhos transparentes. Kristen era linda, tinha cor, tinha vida em sua aparência. - Bem, então tá. Vou avisar ao Antoine que você está ocupada, e podemos almoçar amanhã.

— Claro que sim. - Heather esfregou o dedo ferido, sentindo-o latejar. Fechou os olhos rapidamente, tentando fazer desaparecer aqueles pensamentos nada seus.

— Heath, posso te perguntar uma coisa? - Kristen encarou a amiga, que parecia dispersa.

— Você desde quando precisa pedir permissão? Heather riu. - Sempre pergunta tudo mesmo, de qualquer jeito.

— Você está muito esquisita. Durante essa sua escapada, você esteve com alguém?

Heather sentiu uma brisa gelada soprar em suas costas. Seus músculos se travaram automaticamente e suas feições esboçaram pavor à pergunta. Ela não era de se abrir com pessoas, e o que ela tinha passado naquelas horas não poderia ser contado a ninguém. Mas Heather precisava controlar-se para que seu corpo não desse nenhuma pista do que não poderia ser revelado.

— Não, que ideia! - Heather riu, ainda esfregando o dedo.

— Você está tão dispersa e ansiosa, isso é coisa de quem está

escondendo algo! - Kristen levantou-se, aproximando.

— Está tudo bem, Kristen. - Heather mentiu. - Eu sou assim mesmo, esquisita, esqueceu-se?

— É, claro que é. - A amiga não pareceu satisfeita com a resposta. Ela sabia que havia algo por trás do comportamento de Heather naquela tarde, porque Heather estava inadequada. E ela nunca era inadequada. - Bem, então nos vemos amanhã no almoço; não vou querer atrapalhar sua noite com o cometa.

Rindo, Kristen deixou o quarto de Heather e voltou para casa. Deixou a cientista ainda com suas conjecturas e seus livros, que ela comprou para adquirir a 'nova perspectiva'. Não havia mentido para sua mãe, ela estava mesmo adquirindo uma visão mais abrangente de algumas coisas. Entre elas, das lendas e mitos. Na verdade, Heather esperou que fosse receber a visita do Anjo Mills novamente. Ela esperava que, depois de liberta do covil dos vampiros, o Anjo aparecesse para ver como ela estava, mas parecia uma informação tola. Afinal, se Mills era seu anjo protetor, ela obviamente sabia tudo que acontecia na vida de Heather, à distância.

A noite calmamente chegou a Graceland e se abateu sobre Heather e seus pensamentos. Tão logo os raios do sol foram escondidos pela escuridão, a cientista correu até o seu banheiro, tomou uma boa ducha, vestiu-se aquecida o suficiente, e planejou uma fuga. Ela não podia sair pela porta caminhando considerando que havia acabado de mentir para Kristen, dizendo que não poderia ir ao Clayton's porque tinha um encontro com um cometa. passando por Graceland, e não Sequer havia um cometa haveria um pelo próximo decênio. Mas Heather abusou do fato de que seus amigos eram completos ignorantes em astronomia e mentiu.

Como nos melhores filmes de Hollywood, Heather ensaiou pular pela janela. A janela de seu quarto, no sótão, dava para o telhado da garagem, que ficava nos fundos da casa. A imensa armação de madeira, pintada de branco, com vidros claros e transparentes. Se ela ultrapassasse a janela, estaria por sobre o telhado, e bastaria depois escorregar pela calha que estaria no chão. E, o melhor de tudo, nos fundos da casa. A mãe sabia que não podia perturbá-la depois do entardecer, porque Heather invariavelmente estaria

observando estrelas. Era uma coisa muito simples de se fazer, nada poderia dar errado.

A não ser pelo fato de que Heather era completamente estabonada. Ela tinha uma mente brilhante, e um corpo inábil para qualquer atividade física. Sempre fora uma aluna ruim em educação física e frequentava a academia apenas porque precisava manter-se em forma. Era meio óbvio que pular da janela até o telhado poderia ser uma atividade normal, mas pular do telhado até o chão; e escorregando pela calha, seria uma cena assustadora.

Por sorte, a garota conseguiu não fazer muito barulho em sua empreitada. Caiu sentada na grama quando finalmente tocou o solo, mas fora isso os danos não foram contabilizados. Havia então o problema do carro; Heather não podia tirar seu carro da garagem ou todos perceberiam sua saída. Ela teria que caminhar até a hospedaria, um longo caminho; ou teria que ir com sua velha bicicleta. Heather olhou para a bicicleta suja de barro ressecado, que estava jogada na lateral da garagem, e considerou que pedalar seria mais prazeroso do que andar. E ela iria onde estava pensando em ir, independentemente do meio de transporte que fosse preciso usar.

~\*~

— Há alguém na porta. - Stuart reduziu o volume da televisão. - Novato, vá ver quem é.

— Você ainda não percebeu? - Wesley riu, achando graça. - Está descalibrado, Stu... eu consigo sentir o cheiro dela à distância!

O vampiro jovem caminhou até a porta e a abriu, antes mesmo que Heather pudesse tocar a campainha. Ela tinha os sapatos e jeans sujos de grama e relva. Sorriu timidamente, ainda com alguma vergonha de quem ela quase tinha matado.

— Boa noite. - Heather disse. Em instantes, Stuart estava de pé ao lado de Wesley, um sorriso brilhante nos lábios.

— Ora vejam, é o Anjinho de Henry! Ele disse, exultante. - Perdeu algo por aqui, querida?

— O Henry está? - Ela achou melhor não se intimidar pela provocação de Stuart. Não poderia ser uma boa ideia discutir com

vampiros pouco conhecidos.

— Ele saiu. - Wesley disse. - Foi *jantar*.

— Ah. - Heather sentiu o sangue circular mais rápido em suas veias, e um calor repentino a dominou. Suas bochechas estavam vermelhas como maçãs. - Bem, então...

— Quer esperá-lo? - Wesley perguntou, sabendo que desafiava Stuart.

— Eu acho que sim.

— Pode entrar, ele não deve demorar. Saiu já faz mais de uma hora.

— Vou esperar na varanda. Heather preferiu não provocar demais. Stuart tinha os olhos esticados como um animal que tudo observava, mas ele parecia estar achando divertida a interação do novato com a criatura desconhecida. Está tudo bem?

— Claro... bem, eu estou assistindo o jogo, mas se quiser posso fazer companhia a você.

— Não, por favor. Assista seu jogo. Eu vou me sentar e esperar.

Wesley sorriu, e não fechou a porta. Retornou para a televisão, porém manteve a porta aberta para não excluir Heather totalmente. Ele imaginou que era prudência da parte dela, não ficar sozinha em um covil de vampiros. Mesmo sabendo que eles não podiam bebê-la, nada os impedia de ferir ou matá-la. Heather era apenas frágil, como qualquer outro humano. Ela não parecia ter poderes ou condição de enfrentá-los. Stuart observou Heather de cima em baixo e fez um bico, antes de voltar para o jogo, também. Ela se sentiu incomodada com aquela atitude dele, mas preferiu ignorar.

Sentou-se no balanço que enfeitava a varanda enorme da estalagem e pôs-se a pensar. A varanda circulava toda a extensão da grande casa que um dia funcionara como uma próspera hospedaria, mas que havia se tornado moradia de seres das trevas. A construção de madeira com alvenaria compatibilizava harmoniosamente com o projeto da casa, que parecia remeter a dois séculos atrás. Heather não tinha muita certeza sobre aquilo; ela ignorava que aquela hospedaria existia. Deixou-se perder em detalhes de cores e texturas enquanto esperava por algo que ela ainda não sabia o que era.

Henry estava plenamente ciente de sua satisfação, mas seu organismo pedia mais. Ele torceu os lábios, irritado com aquilo. A

dieta de sangue animal podia ser saudável às vezes, mas ele estava desejando sangue humano, então. Claro, Henry considerou. Havia uma humana entre eles; pior, havia uma criatura que não era humana e que tinha toda a estrutura de um humano, despertando desejos estranhos nele. Heather, o Anjo híbrido que nem servia para ser alimento. A presença dela por todo aquele tempo o deixou vulnerável aos instintos. Ele esteve a um impulso de cravar as presas em seu pescoço, mas acabou por retomar o controle. Ela não servia para alimento, apenas para atentá-lo.

Deixou que o animal escapasse de suas mãos e decidiu buscar alimento de verdade. A cidade estava próxima, ele não tinha nada melhor para fazer. Não foi difícil encontrar uma garota vagando tolamente por locais ermos e pouco iluminados, conversando amenidades no celular. Também não foi difícil arrastá-la para o carro e alimentar-se até que seu organismo ficasse zozzo com tanta comida. Ele não queria matar a garota, e não ia. Mas precisava fortalecer-se. Henry tinha plena capacidade de alimentar-se sem matar, então talvez a dieta alternativa de sangue animal pudesse ficar somente para casos especiais, ou para uma fome menos avassaladora.

Ele caminhava com alguma dificuldade, cambaleante, tão logo saiu do carro. A Mercedes vermelha foi deixada displicentemente parada na trilha, e Henry foi se arrastando em direção à estalagem. Muito tempo sem comer tanto, ele sabia que o problema era aquele. Seu organismo não precisava daquele sangue todo, mas ele não se sentia saciado nunca. Tinha que comer até estourar. E foi daquele jeito que ele encontrou o Anjo em sua varanda. Anjo, literalmente. Heather estava distraída, observando a estrutura, e não notou a aproximação felina do vampiro. Ele demorou um pouco a acreditar que fosse ela, principalmente porque ele esperava que não fosse ver Heather novamente. Não tão rapidamente; ele jurava que a tinha assustado bastante. Não queria assustá-la, mas acreditava fielmente que o tinha feito. E lá estava ela, reluzindo como o sol de verão, iluminada pela luz artificial que a fazia ainda mais pálida e impressionante. *“Como Stuart, sem ter nada de Stuart.”* ele sussurrou para si mesmo.

— Heather. - A voz soou apreensiva aos ouvidos da garota, que se virou apressadamente para encarar o seu interlocutor. Ela o estava esperando ali por mais de duas horas, e já estava ansiosa. Ansiosa demais para quem não sabia o que procurava. Ela parou de respirar por um momento, observando-o. Ele parecia nervoso, ela pensou. Tinha as mãos arqueadas, como se estivesse segurando alguma coisa. Vestia uma camisa frouxa, pouco adequada ao vento frio que soprava do norte. Seus olhos estavam mais negros do que a noite, pareciam líquidos. - Você por aqui?

— Desculpe. - Ela disse; olhar baixo.

— Você tem uma interessante mania de desculpar-se. Ele riu, e ela não resistiu em olhar para ele. - Não fez nada errado agora, fez?

— Não! - Ela sobressaltou-se.

— Então? A que veio?

Novamente, a resposta lhe faltava. Para uma cientista pesquisadora e detentora de diversos prêmios nacionais, Heather sofria da ausência de respostas para seus próprios sentimentos. Sempre fora daquela forma, mas ela costumava inventar histórias para si mesma; enganar-se. Daquela vez, ela não tinha como mentir. Ela não *queria* mentir.

— Eu não sei. - Heather moveu os ombros, desanimada. Eu ando não sabendo um monte de coisas, ultimamente. Eu só sei que cheguei em casa muito ansiosa, e tão logo anoiteceu eu quis vir aqui.

— Veio caminhando? - Henry olhou em volta e não viu o carro prateado da garota.

— De bicicleta. Eu queria observar a noite; sou astrônoma, as estrelas me encantam.

— Claro. - Ele riu novamente. - Mas o que faz aqui fora? Os rapazes não te permitiram entrar? - O tom de voz de Henry ficou austero subitamente, e ela percebeu que ele dizia para que os outros dois ouvissem. Logo, Wesley colocou-se de pé na porta aberta, os olhos arregalados.

— Não, eles foram muito gentis. - Heather lhe sorriu. Eu preferi esperar aqui, respirando um pouco.

— Quer entrar agora? - Ele disse, aproximando-se. Heather sentiu

algo lhe congelar o interior, como se todo o frio do inverno estivesse dentro de si. Sentiu raiva, juntamente com o frio. Ela detestava sentimentos inesperados e inexplicáveis. Pautou sua vida em controle emocional e em menos de três dias todo o seu trabalho estava perdido. Bastou uma noite para que tudo que ela construiu ruísse em sua frente e ela não pudesse fazer nada. - Ou vai tentar decidir o motivo pelo qual está aqui, primeiro?

A brincadeira em sua voz era nítida. Mas seus olhos demonstravam uma urgência diferente. Heather olhou para o fundo do olhar mais profundo que já vira, mas não viu muita coisa. Henry era uma grande barreira, e parecia bastante eficiente em manter-se daquela forma. Seu corpo estava rígido parado na porta principal, e Wesley já havia saído do caminho. Heather olhou para o chão, e novamente para Henry. Sentiu-se gelada demais, quase como uma hipotermia. Seus pés caminharam involuntariamente; ela chegou perto demais dele. Perto demais para ser saudável; perto demais para seu coração permitir-se bater. Seus dedos se ergueram, e impulsivamente chegaram aos lábios de Henry. Ele manteve-se rígido, quase como se fosse uma estátua. Heather então limpou delicadamente uma pequena mancha avermelhada que estava no canto direito de sua boca. Henry levou sua mão direita até a dela, segurou seus dedos com alguma violência. O toque o pegou desprevenido, e Henry nunca era pego desprevenido. Por alguns minutos, os olhares se cruzaram e Henry permaneceu com a mão de Heather entre a sua.

— Você sabe que posso te matar. Não era uma pergunta. Henry entrou na casa, e Heather o seguiu. - Lamento por minhas reações exageradas, mas por algum motivo, fiquei momentaneamente privado de meus sentidos.

— Está tudo bem, eu deveria ser mais Heather mantinha o olhar baixo.

— Você deveria mesmo. Ele sorriu. cuidadosa.

Quer comer alguma coisa? - Ela negou com a cabeça. - Mas você está com fome. - Ela continuou negando. - Então está bem. Você não precisa estar tão envergonhada. Pode pedir mais desculpas, se isso a faz sentir-se melhor.

— Eu não queria ter invadido seu quarto hoje, mais cedo. Os dois estavam na sala maior. Stuart e Wesley, mesmo com o jogo de futebol na televisão e com a distância entre as duas salas, podiam ouvir detalhadamente a conversa dos dois. Henry sabia; Heather não. Ela falaria qualquer coisa para Henry acreditando que eles tinham alguma privacidade.

— Eu não queria tê-la assustado. Mas eu estava dormindo, e de repente o seu aroma se fez presente. É perigoso aproximar-se assim, de um vampiro.

— É que tenho experiência zero em seres míticos. - Ela tentou brincar. - E eu estava curiosa, não sabia que era o quarto de alguém, só queria saber o que era. Mesmo que eu não enxergasse nada.

— Quer conhecer meu quarto agora? - Henry disse, surpreso consigo mesmo. Ele deveria mesmo estar surpreso, porque Henry Austin não costumava interagir com quase desconhecidos daquela forma. - Quero dizer, agora não há perigo, eu estou acordado e sei que você não é o café da manhã.

— Eu vou continuar sem enxergar nada. - Heather fez um bico.

— Não é um problema.

Henry foi até a cozinha e retornou com um lampião antigo. A peça mais parecia ter saído de um museu, mas ele tinha pleno controle do que fazer. Como se fosse o mais moderno artefato.

— Só há uma questão: você ficará desapontada. - Henry disse, enquanto desciam até o porão secreto da estalagem.

— Por quê?

— Não há nada demais aqui. - Ele girou a maçaneta e abriu a porta. Heather viu-se entrando em um mundo diferente, iluminado pela chama fraca de um lampião. Tudo naquele quarto pertencia a um período de séculos passados. - Quero dizer, não há nada interessante, eu me livrei de muitas coisas; meu quarto mais parecia um museu de história antiga. Hoje tenho apenas o básico e alguns itens que me eram valiosos demais para desfazer-me deles.

A garota não respondeu. Ela estava com os olhos fixados em tudo, absorvendo toda informação que lhe aparecia. O quarto era mesmo simples, com assoalho de madeira clara e composto por um guarda roupas muito grande, uma cômoda de madeira entalhada e

uma cama. Ela já tinha tido uma noção daqueles móveis, mas então ela os estava vendo. Heather sentiu-se transportada para uma das novelas de época que todos assistiam e ela repudiava. História não era sua matéria preferida na escola, e nunca foi seu tema favorito em discussões. Os dedos correram pelos entalhes e detalhes dos móveis, que pareciam ter sido esculpidos à mão. Havia alguns objetos brilhantes por sobre a cômoda, que Heather não identificou. A cama era muito grande, parecia ser *king size*. Estava impecavelmente arrumada, coberta por uma colcha cor de vinho e cheia de almofadas de vários tons. O creme predominava, apesar de quase tudo ali ser escuro e pesado.

— Não há nenhuma janela. - Heather observou, ainda no meio do quarto.

— É assim que deve ser. - Ele a encarou. - A luz do sol nos é mortal, então não podemos ter janelas em nossos quartos, é arriscado. Mas, como você pode ver, também não há nenhum *caixão*.

— Seu senso de humor é bastante apurado, para um velho. Ela o provocou, sentindo o sarcasmo em seus comentários.

— Pode dizer que sim. - Ele não pareceu importar-se. Devo orgulhar-me de ser um hexa centenário bem humorado?

Heather riu. Pela primeira vez na presença de Henry, pela primeira vez desde que recebera a visita de Mills, ela riu espontaneamente. Não era ironia nem sarcasmo, era a reação natural às brincadeiras de Henry. Seu corpo chacoalhou-se com a gargalhada, ela se sentiu à vontade para fazer aquilo. Mas Henry subitamente perdeu a vontade de ser engraçado. Seus músculos estavam novamente rígidos, e ele deixou-se aproximar demais da garota. Ela parou, os olhos perdidos nos dele. A imagem de Henry à luz da chama era assustadora. Heather nunca se sentiu tão assombrada em toda a vida. Mas ela não estava com medo de Henry, e sim de si mesma.

— Des... - Ela iniciou a frase, e imediatamente os dedos dele estavam em seus lábios, o indicador impedindo-os de moverem-se.

— Não peça desculpas. - Ele respirava em um ritmo lento e cadenciado, e se movia com cautela. Os dedos delinearam os lábios de Heather, o mesmo movimento que ela fizera para limpar o sangue dele. Porém ela não exerceu nenhuma reação. Henry deixou que

seus dedos se posicionassem no pescoço de Heather, seu olhar fixo no pulsar de seu coração. Seus lábios estavam entreabertos, ele sentiu o controle o abandonando mais uma vez.

*“Eu estou saciado!”* foi a briga que ele travou consigo mesmo. As mãos de Henry deixaram a pele de Heather e foram esconder-se em seus bolsos, em uma fração de segundos. Ele virou as costas para ela e começou a deixar o quarto, indo diretamente para a parte iluminada da casa. *“Tem que ser outra coisa, tem que ser. Mas o que mais seria?”*

— Você me proíbe de pedir desculpas, mas sinto como se estivesse fazendo tudo errado, todas as vezes. - Ela veio atrás dele, gesticulando e falando em tom de voz mais alto do que o necessário para seus ouvidos apurados. - Eu não sei o que fazer; eu senti medo, muito medo; eu pensei que fosse morrer. E então eu vi que não ia morrer, mas precisaria enfrentar tudo que eu acreditava fielmente não existir. Eu não morri, mas tudo que eu acreditava sim. E agora eu estou assim, perdida. Eu não sinto medo, eu sinto uma vontade estranha de estar aqui, de estar por perto, porque eu só saí por uma tarde. Imagine se fosse um dia inteiro. É como se apenas aqui essa loucura toda fizesse algum sentido. O mundo tornou-se um lugar estranho e irreal para mim agora, como vou enfrentar o que sou e o que eu sei quando tudo que eu sabia não passava de mentiras?

Heather disse tudo aquilo de uma vez, e depois parou no meio da sala. Ela se sentia tola, sua atitude parecia a de uma pessoa desequilibrada. Ela não gostava de parecer frágil ou desequilibrada, porque Heather não era assim.

— Está tudo bem. - Henry também parou. - As novidades são complicadas de se assimilar quando elas vêm todas de uma só vez. Veja Wesley, ele era um humano em uma manhã, e vampiro em uma noite. Foi muito difícil para ele nos primeiros dois anos, e ainda é. Talvez seja difícil você assimilar toda essa nova perspectiva da sua vida, Heather.

— Rá! - Ela deu outra risada. - Foi exatamente o que disse à minha mãe; eu teria uma nova perspectiva.

— Que bom que acertamos, então. Não são mentiras, tudo que você

sabe. Você apenas descobriu algumas coisas que não sabia.

— Eu estou confusa, e não posso falar com ninguém sobre isso. - Heather voltou a balbuciar. - Minha melhor amiga não me via há anos e quer me jogar para cima de um Francês de intercâmbio. Não imagino o que gente de intercâmbio vem fazer em Graceland...

— Heather. - O vampiro aproximou-se dela mais uma vez. Daquela vez ele tinha o controle, ao menos. Os dedos percorreram os seus cabelos muito loiros, mas de forma consciente e justificada. Henry puxou o queixo da mulher para si, fazendo-a encará-lo. - Não exija muito de si mesma, nem dos outros. Não agora. Se precisar conversar, pode conversar comigo. - Ele abriu um sorriso e Heather mais uma vez parou de respirar. - Sou um *velho*, então sou capaz de ouvir e aconselhar. Agora vá para casa. É muito tarde já, você precisa dormir.

## 07 { ENCONTROS }

O almoço com Kristen deveria ser mesmo uma boa ideia. Heather tentava convencer-se de todas as formas que aquele almoço a faria sentir-se mais calma. Na noite anterior ela retornou para casa de carona com Henry. Ele não a deixou pedalar até Graceland; considerou que a estrada era perigosa àquela hora da noite. Ela teve a chance de entrar no carro mais elegante que ela já tinha visto, e Heather já tinha visto muitos carros lindos e caros. O seu carro era caro, mas não chegava aos pés do espetáculo Alemão que Henry dirigia. E como dirigia. O vampiro tinha uma precisão fantástica de reflexos, e não vacilava um instante. Foi mais rápido do que Heather desejava que fosse, mas o suficiente para deixá-la com o cheiro do couro bege impregnado na pele. O couro bege e a colônia amadeirada que ela ignorava qual fosse. Tudo dentro do quarto de Henry, do carro de Henry; tudo em Henry cheirava tão bem. Cuidadosamente, a Mercedes vermelha a deixou a alguns metros de casa, e Heather precisou enfrentar a provação de subir até o telhado para voltar para o quarto. Não seria nada fácil, ela soube.

O resto de noite foi martirizante, apesar de Heather não dormir muito. Ela não conseguiu se concentrar em estudos e nem na leitura dos livros que havia comprado. Ela lera alguma coisa, mas não tudo. Muita coisa parecia mentira, como se alguma coisa relacionada a vampiros pudesse, de uma forma ridícula, ser verdade. A sua verdade estava em confronto com a sua mentira; Heather era um paradoxo há quase quatro dias. Seu corpo cansado pegou no sono somente quando o céu havia começado a clarear, por sobre papéis amassados.

Então, passar alguns momentos humanos, com pessoas às quais ela estava acostumada e que não estariam a dois segundos de lhe morder o pescoço, poderia ser uma boa ideia. Era do que Heather tentava se convencer enquanto escovava os cabelos. O brilho dourado que eles tinham parecia mais intenso, mas ela não pretendia parecer intensa. Olhou para si no espelho, infeliz por estar

se sentindo tão sensual. Ao invés dos jeans surrados e camisetas masculinas, Heather vestia uma bermuda de tecido com uma camiseta estampada, e um casaco leve de tricô por sobre os ombros. Os tênis imundos foram substituídos por sapatilhas com fivelas. Heather parecia quase uma menina. Ela não sabia de onde tinha saído toda aquela produção.

Kristen queria almoçar no Smith's, o restaurante mais elegante da cidade. Depois de algum tempo com pessoas elegantes, Heather poderia suportar um restaurante fino que oferecia mais do que dois pares de talheres para cada refeição. Quando Heather passou na casa de Kristen, a amiga já havia saído. Ela deu de ombros, sorriu para a Sra. Bowen e caminhou até o centro de Graceland. Passou pela escola na qual estudou durante a sua infância – e onde foi tratada como uma aberração por todo aquele período, e chegou ao Smith's já quase se permitindo convencer de que ela não queria, na verdade, almoçar. E porque Heather sentiu-se com sorte, Kristen já estava no restaurante, sentada com Antoine e Geoffrey. Geoffrey era, se Heather estivesse correta, o paquera de Kristen e o anfitrião do Francês Antoine. Claro que ela não admitia muito bem que mulheres adultas pudessem ter paqueras, os relacionamentos aos vinte e cinco anos deveriam ser mais sérios. E mais *sexuais*.

— Boa tarde. - Heather sabia que já passava de meio dia. Não havia sol daquela vez, e a perspectiva a fez sentir ainda mais frio. Sem sol, ela imaginava que os vampiros poderiam estar à solta. Desculpem-me o tumultuada.

— O cometa comportou-se? atraso, foi uma noite

- Kristen desdenhou, e Geoffrey riu. Antoine levantou-se, intencionando puxar a cadeira para Heather sentar-se.

— Está muito bela, Heather. - O Francês coordenou lentamente as palavras, em um sorriso. Ele tinha olhos timidamente azuis, e uma pele de cor indefinida. Os cabelos castanhos eram bem curtos, mas ele era bonito. Franceses eram bonitos, Heather pensou.

— Obrigada. - Ela fez um bico, pensando se tinha o direito vestida de brincar com os sentimentos de outra pessoa. E daquela

forma, todos pensariam que fora para encontrar-se com Antoine. Sempre a impressão errada, por mais que ela tentasse acertar. - Mas Kristen, vocês já fizeram o pedido?

— Tomei a liberdade de pedir por você. - A amiga sorriu.

- Então, você tinha algo para me dizer?

— Sim, eu tinha. - Heather olhou em volta, os rapazes as observando. - Bem, então. Eu estou pensando em montar um negócio, você está interessada em participar? Como minha sócia?

Os olhos de Kristen se iluminaram em duas bolas verdes. — Um negócio? Como assim, tipo uma loja? Já sei! Uma loja de moda, com sapatos, bolsas, vestidos; pode ser de joias também!!

— Eu pensei em algo como uma cafeteria. - Heather interrompeu a enxurrada de devaneios que se seguiria. — Uma cafeteria durante o dia e bar durante a noite. Funcionariamos vinte e quatro horas.

— Parece-me bom. - Geoffrey considerou, servindo-se de uma torrada da entrada. - Vão ter música ao vivo? — Sim, é uma ideia. Eu ainda estou projetando o modelo, aceitando sugestões.

— Uma cafeteria? Kristen sentiu suas idealizações frenéticas de garota fútil se esvaírem. - Tudo bem, vamos vender café! - Ela animou-se novamente. - Que bela ideia, Heather, desistiu de ser cientista?

— Estou apenas pretendendo dar um novo rumo à minha poupança. Ontem eu vi um casarão abandonado perto da livraria do Moe, parece o lugar perfeito. Já conversei com a senhora que toma conta do terreno e ela me disse que os proprietários vendem, se for feita uma boa proposta. Estou aguardando uma ligação deles para hoje, a qualquer hora. Se aceitarem, teremos o casarão e em poucas semanas poderemos inaugurar nosso espaço.

— Excelente!! - Kristen bateu palminhas. - Ah, que bela ideia, Graceland precisa mesmo de um lugar alternativo. Já está ficando cansativo passar as noites no Clayton's ou no cinema. O almoço então transcorreu sem maiores novidades. Foi perceptível que Kristen e Geoffrey tentaram fazer com que Antoine parecesse interessante para Heather. Fizeram com que ele falasse sobre suas experiências com os estudos, e suas aspirações para o futuro. Ele

queria ser jornalista, mas ainda não tinha certeza. Fazia faculdade de comunicação e estava interagindo nos Estados Unidos porque pretendia aprimorar seu Inglês. “*Ele ainda não tem certeza*”, Heather riu secretamente.

Com menos de vinte anos, Heather já era uma cientista. Seu primeiro projeto com aprovação para bolsa de pesquisa foi elaborado quando ela tinha dezenove anos. E aquele francês de vinte e seis ainda não sabia o que queria. Ainda fazia faculdade.

Não seria fácil fazê-lo parecer interessante. Não para ela. Apesar de tudo, Heather tentou mostrar-se amigável.

Ela tinha decidido que precisava estar com pessoas e precisava fazer aquilo dar certo. Sorriu bastante, deixou-se levar pelo sotaque gostoso de Antoine, divertiu-se de alguma forma.

Mesmo se, quando inalava o ar, o cheiro que entrava por suas narinas ainda fosse o mesmo da noite anterior. Ela tentou varrer vampiros, Anjos e outras criaturas de sua mente. E, com a ausência de seu Anjo protetor, ela estava realmente se sentindo a mesma humana de sempre. Só menos cética.

~\*~

Henry Austin Lewis. Era o bordado gasto e já se desfazendo de uma colcha de dois séculos. O vampiro olhava para seu próprio nome enquanto tentava se decidir entre preto e azul. Preto era sempre uma boa pedida, mas ele pareceria soturno demais. Cabelos pretos, olhos pretos, camisa preta; era como se fosse um Bruxo, e não um vampiro. Mas azul não combinava com seu humor. Ele estava ansioso, nervoso, os dedos inseguros que mantinham as duas camisetas nas mãos, sem saber o que fazer.

— Eu acho que você devia usar essa. - Wesley apareceu na porta do quarto, e jogou para cima de Henry uma camiseta verde musgo. Um verde morto, cansado. Henry colocou-a na sua frente, e ponderou por breves segundos. Depois retirou a camisa que vestia e verificou se a roupa de Wesley lhe servia.

— Como pareço? - Ele pediu a aprovação do novato.

— Como um garoto. - Wesley deu uma risada. - Tirando esse cabelo de quinhentos anos atrás, está muito bom.

— O que tem o meu cabelo? - Henry franziu o cenho, passando a mão pelos fios emaranhados.

— Está parecendo o cabelo do meu bisavô. - Wesley aproximou-se e mexeu com o cabelo de Henry, parecendo despenteá-lo completamente. Depois colocou gel em sua mão e deu o toque final, encerrando sua arte. - Pronto, agora parece que tem vinte anos.

— Vinte e *dois*. - Henry corrigiu-o. - Eu tinha vinte e dois anos quando me tornei um vampiro.

— Que seja, são dois anos. Você está bem.

Henry fez um bico e girou em seu próprio eixo. Vestia um tênis social, algo que ele ignorava existir, e uma calça jeans justa. Henry nunca usou nada justo em sua existência, e entre suas calças praticamente não havia jeans. Foi difícil entrar em uma das calças de Wesley, não porque eles tivessem tamanhos muito diferentes. Henry não era muito alto, nem muito robusto. Ele tinha ombros largos, mas nada que não lhe permitisse pegar algumas camisas emprestadas. O tênis foi realmente difícil, ele precisou comprar um. Dirigiu até Point Hill com o novato, porque Wesley calçava dois números a menos do que ele. A camiseta de malha com mangas até os cotovelos era de um tom de terra esverdeada que lembrava as vestimentas do exército. E então o cabelo estava levemente desarrumado, com gel nas pontas. Ele não resistiu em olhar-se no espelho por alguns minutos, assombrado.

— Estou chocante. - Ele disse, respirando fundo. - E quase desistindo.

— Henry não desiste. - Wesley torceu os lábios. - Quer que eu vá com você?

— Eu queria, mas ainda é cedo, Wes. - Henry afagou o novato. - Vou pedir a Stu que leve você a algum lugar diferente. Eu sinto muito, mas parece arriscado levar você a Graceland ainda.

— Tudo bem, eu me divirto com as cidades vizinhas, mesmo. - O vampiro jovem balançou os ombros, demonstrando indiferença.

Subiram as escadas e foram até a sala grande, Henry ainda caminhando com restrições por causa dos jeans. Stuart chegava de seu jantar, pressentindo que ele precisaria estar em casa para ver alguma coisa importante. E seu sexto sentido não lhe mentiu, daquela vez. Era algo mesmo importante. Henry estava vestido para sair.

— Epa! - Stuart entrou pela janela, colocando-se na frente dos outros dois. Era típico dele, fazer estardalhaço. – Esperem, meus olhos devem estar embaçados. Eu acho que bebi sangue contaminado. Henry, o que é isso?

— Meta-se com sua vida, Stu. - Henry sentiu um misto de vergonha e reprovação. Ele não estava seguro do que iria fazer. – *Isso não é nada demais.*

— Você vai a algum lugar? - O vampiro loiro observava o mais velho de cima em baixo, também assombrado. - Quero dizer, isso é muito interessante! Henry, você nunca saiu de casa à noite a não ser para comer! E você nunca, mas nunca mesmo, vestiu-se dessa forma!

— Decidi que quero dar uma volta. - Henry olhou para Wesley com cumplicidade – É assim mesmo que se fala, certo?

— Sim, muito bem. - Wesley fez um sinal que Henry não pareceu entender perfeitamente.

— Mas talvez tenha sido uma ideia tola. - Henry franziuse. - Talvez eu deva...

— Henry não desiste!!! - Wesley protestou. - Ah, não seja bobo, é tão legal, sair, divertir-se, beber com os amigos!

— Beber não é uma coisa que eu creia que você deva fazer. - Stuart deu uma risada. - Henry, você está ridículo.

O vampiro mais velho olhou para si mesmo. Depois olhou para os outros dois, que se reprovavam mutuamente. Stuart considerando que Henry cometeria um erro, e Wesley dando seu suporte par ao criador. Seu corpo reagia de forma inesperada à ideia de sair de casa e à ideia de fazer o que ele pretendia. Mas apenas uma coisa dita era absolutamente verdade, Henry Austin nunca desistia.

— Wesley, vá vestir-se. - O vampiro mais velho disse, subitamente. Pegou os outros dois de surpresa. Suas mãos estavam mais frias do que de costume, e ele esfregava os dedos ansiosamente. - Rápido.

- Mas eu pensei que fosse muito cedo.
- *É* muito cedo. - Stuart repreendeu Henry em seu tom de voz.
- Sim, mas será quase impossível que alguém reconheça Wesley. Ele era totalmente diferente, em tudo. E quem que conviveu com ele há cinco anos poderia recordar-se daquele tolo que mais parecia invisível, sendo que ele não teria envelhecido nada? Não, eu não posso fazer isso sozinho. Vistase! - Henry ordenou. - Venha comigo para seja lá onde que estamos indo.

~\*~

Heather não queria ir a lugar algum. Já havia dois dias que ela não via Henry e mais do que isso que ela não recebia a visita de Mills. O Anjo que colocou sua vida de pernas para o ar desapareceu da mesma forma rápida que apareceu. Ela suspeitava que tivesse visto Mills algumas vezes, como uma sombra, perambulando próxima a si. Mas era apenas seu pensamento, ela teve certeza. Então, eram algumas muitas horas sem a presença de qualquer ser sobrenatural em sua vida, a não ser ela mesma. Mas, ainda, Heather não se sentia nada além de humana.

E então Antoine havia ligado o dia todo, mesmo com ela dizendo todas as vezes que estava ocupada em algum trabalho. Ela fugiu de Kristen, indo ao casarão abandonado com um engenheiro, tentando colocar em prática seu plano de montar um negócio, porque a amiga insistia em ligar logo em seguida às ligações do Francês. Kristen estava literalmente empurrando Heather para um relacionamento com Antoine, sempre com a desculpa de que ela precisava de alguém. Heather acabou passando o dia fora, indo ao cartório para preparar a escritura de transferência do casarão, uma vez que os proprietários aceitaram sua proposta; e discutindo com o engenheiro como seria o projeto da cafeteria.

Mas, quando retornou à casa, Kristen estava em sua porta aguardando. A garota morena estava na varanda, braços cruzados, aparência insatisfeita. Heather sabia que não teria como escapar de comentários e intimações. Sim, Kristen definitivamente a intimara a ir ao Clayton's, e naquela noite ela não teria como dizer não.

Sentindo-se miserável, e sem muita explicação para isso, Heather considerou vestir-se como uma freira. Se pudesse vestir-se a ponto de repelir qualquer olhar do sexo oposto, afastaria qualquer homem que imaginasse que pudesse se aproximar. Se estivesse pouco simplesmente transitar por entre sensual, ela poderia os mortais sem muitos problemas. Mas seus olhos pousaram sobre uma blusa azul, de gola rolê, que combinava com seus olhos suaves. Ela sempre ficava bem de azul, principalmente o azul real. E Heather acabou combinando a blusa com jeans que ela não usava há meses, e que estavam ainda muito escuros, como se fossem novos.

“ *Pareço uma garota bonita, droga!*” Foi a objeção. Mas Heather não conseguiu mudar de ideia, acabou vestindo-se muito melhor do que esperava. Despediu-se dos pais dizendo que não tinha hora para voltar e pedindo que não chamassem a polícia. Depois, dirigiu-se para o Clayton's. O bar ficava no final da cidade, já bem próximo à sombria rodovia estadual que levava a Point Hill, a cidade mais próxima. Heather estacionou próximo a um conjunto de árvores enormes e encontrou-se com uma impaciente Kristen na porta de entrada.

— Finalmente, *hem!* - A amiga esbravejou. Segurava uma garrafa de cerveja nas mãos e estava linda. Kristen usava um vestido em tons de rosa, que só realçava sua pele bronzeada. E era curto, bastante curto. Heather não sabia se tinha coragem de usar algo que exibisse tanto seu corpo, e nem queria. Mas Kristen combinava com aquele tipo de roupa. - Pensei que ia precisar mandar o Antoine te buscar.

Heather não discutiu ou iniciou um sermão. Assentiu com a cabeça e acompanhou Kristen para dentro, em uma marcha quase fúnebre. Infeliz, ela estava. Heather detestava fazer aquilo que não queria, mesmo quando achava que devia. E ela tinha certeza que deveria prestar mais atenção em seus amigos humanos, em afastar toda aquela sobrenaturalidade de si. Henry não era uma boa influência, nem o Anjo que a perseguia. Apesar de ela ter sido informada de sua origem, ela não queria ser diferente. Era a primeira vez, em tanto tempo, que Heather não se sentia confortável sendo diferente.

O bar estava escuro e cheirando a fumaça. Havia muita gente fumando e a banda country local tocava uma música ruim. Os ouvidos de Heather foram agredidos por alguns acordes estridentes de uma guitarra pouco afinada, enquanto seus olhos ardiam por causa do gelo seco que envolvia o ambiente. As pessoas falavam em alto volume, e sua cabeça estava zumbindo como se um enxame de abelhas estivesse dentro de seu crânio. Ela olhou em volta e sentiu desalento. Kristen falava alguma coisa em que ela não prestava atenção, e perceber-se tão perdida em sua própria casa a deixava deprimida o suficiente para perceber que, talvez, não fosse possível evitar ser diferente.

Mas em poucos minutos dentro do Clayton's, entre cervejas e comentários machistas; entre cowboys falsificados e músicas country, Heather teve uma visão. Não a mesma visão que tivera quando Mills a visitou pela primeira vez. Claro que ela não tinha muito com o que comparar; a vida de um cético não permitia muitas experiências que pudessem ser qualificadas como visões. Mas Heather teve certeza que, se ela fosse uma paranormal intrigante, ela não teria como ter visões mais luminosas do que aquela.

Henry estava de pé, próximo ao bar, segurando uma garrafa de cerveja meio observando o movimento. bebida, sorrindo animadamente e

— Uau! - Kristen moveu-se para acompanhar os olhos de Heather, tentando descobrir o que tinha feito a amiga deixar o queixo cair ao chão. - Não me admira que tenha baba escorrendo por essa boca aberta, Heath. O que é aquilo tudo, muito melhor do que Antoine. Que por sinal, desapareceu com Geoffrey por aí e eu aqui querendo dançar.

Heather continuou muda. A expressão tola. Seus olhos fixaram-se na imagem branca e polida do vampiro, que mais parecia um adolescente no meio de todos aqueles, mas que ao mesmo tempo parecia muito superior a todos eles. Sabedoria e experiência emanavam de Henry por seus poros. A forma como ele sustentava o corpo sob uma perna só, a posição de seus dedos ao segurar a garrafa, a coluna ereta o suficiente para dar a ele um aspecto nobre.

Ele se destacava pelo simples fato de estar ali, mesmo que ele não fizesse nada.

Não havia mesmo como tornar ninguém, nem nada, naquele momento, interessante aos olhos de Heather. Ninguém que não fosse Henry.

— Heath, você está bem? - Kristen estava parada em frente a ela, mãos na cintura, olhos confusos, enquanto Heather continuava vidrada na pessoa próxima ao bar. Henry não a tinha notado, e ela nem sabia se ele queria notá-la. Ela pode ver que Wesley estava com ele. - Heath...

— Eu estou. - Ela respondeu, depois de mais de cinco minutos sem respirar. Ela podia jurar que seu coração também não havia batido nenhuma vez. - É que acabo de ver um conhecido.

Kristen olhou novamente para onde Heather olhava. — Você está querendo dizer que conhece aquele monumento ali? Sim, eu prefiro homens mais altos, quase gigantes, mas Heather, aquele homem é perfeito! Quase um Brad Pitt ou outro astro de cinema lindo e maravilhoso! Aliás, acho que ele é uma mistura de Brad Pitt com Tom Cruise e George Clooney porque ele é... nossa!

— Não seja ridícula. - Heather olhou para a amiga, então, com reprovação estampada em sua face. - E sim, eu o conheço há pouco tempo.

Mas parece que o conheço há anos, ela quis dizer. De sua boca nada saiu, até porque ela não podia explicar a Kristen quem era Henry. Ela tinha que manter o segredo, ela havia prometido.

— Vá falar com ele, sua boba! - Kristen cutucou Heather, empurrando-a para frente. Ela foi projetada até uma roda de garotas que conversava e trombou em uma delas, derrubando o drinque gelado que consumia. A garota a olhou irritada, mas toda a cena foi o suficiente para atrair bastante atenção. Algumas pessoas olharam para elas, e Heather pode ouvir passos conhecidos.

O homem, que mais parecia marchar ao invés de caminhar, aproximou-se de Heather e segurou sua mão direita. Todas olharam para ele, e para seus olhos de noite.

— Você está bem? - Ele disse a Heather, e depois visualizou a garota com o drinque perdido. - Uma pena que tenha ficado sem sua

bebida, mas se você for até ali – ele apontou para onde estava Wesley – meu amigo poderá lhe pagar outra.

A garota riu, daquela forma imbecil que Heather detestava, e afastou-se, indo em direção ao tranquilo Wesley. Ainda bem que ela não se submetia aos encantos sobrenaturais daqueles vampiros. Não que ela precisasse, mas Heather não estava interessada em ser enfeitiçada.

— O que você... - Heather tinha que perguntar. Mas não conseguiu terminar a sua frase, seus lábios não conseguiam mover-se conforme sua vontade.

— Eu decidi trazer Wes para um passeio. Henry respondeu à pergunta incompleta. Seus olhos fitavam timidamente uma Heather atônita e já suficientemente rendida.

— Eu pensei que você... quero dizer, que vocês... eu pensei que não pudessem...

— Podemos. - Henry lhe sorriu. - Mas não fazemos. Questão de simplicidade. Para que nos submeter gratuitamente à dor que o aroma do sangue humano nos causa se podemos simplesmente evitá-la? - Ele disse, volume quase inaudível, lábios próximos aos ouvidos de Heather. - Mas hoje eu quis sair.

— *Ahem!* - Kristen pigarreou pela quarta vez atrás de Heather, e naquela foi ouvida. Heather compreendeu o que a amiga queria, e apresentou o vampiro a ela, sem ainda saber como explicar de onde se conheciam. Ela achou melhor omitir informações até ter uma mentira bem estruturada. Heather não pensou que tivesse que explicar Henry, porque ela jamais imaginou que ele fosse estar ali, em meio aos habitantes de Graceland. Kristen quase deixou escapular um grito histérico quando Henry segurou sua mão entre os dedos e a beijou. Os lábios não estavam mornos como deveriam, e foi exatamente aquilo que a deixou ansiosa.

— Você quer beber alguma coisa? - Henry perguntou, já concentrado novamente na garota clara como o dia. Da mesma forma que ela parecia embevecida em sua presença, ele não parecia apto a desprender-se dela.

— Você *bebe*? - Heather franziu a sobrancelha e olhou a garrafa verde de cerveja entre os dedos de Henry.

— Não. - Ele riu, e a forma como ele deixou sua cabeça pender para trás fez com que algumas garotas próximas suspirassem. Heather olhou em volta, catalogando todas as mulheres fáceis que estavam rodeando a novidade. Depois ela poderia ter assunto para conversar à vontade na cidade. Sua mãe adoraria saber quem estava se oferecendo para um desconhecido. - Mas eu não posso deixar de provar isso aqui.

— Cerveja. Não conhecia?

— Não essa marca.

— Você pode ficar bêbado?

— Eu posso, mas acredito que não vou. - Henry riu novamente, e Heather já estava começando a se incomodar com os suspiros em volta. Ela não tinha o direito de se incomodar com nada, ela estava agindo como uma tola possessiva. Mas seus olhos mal conseguiam se fixar no semblante tranquilo e satisfeito de Henry e na forma como ele a observava. Tem alguma coisa incomodando você. Não precisa se dar ao trabalho de irritar-se com elas, tudo que são para mim é refeição.

A garota teve vontade de rir. Mas ela estava nervosa o suficiente para não arriscar. Qualquer riso que saísse de seus lábios naquele instante pareceria uma gargalhada histérica. A última coisa que Heather queria era que pensassem que ela estava louca. Sim, ela estava, mas as pessoas não precisavam saber. Em algumas semanas ela se tornaria uma empresária e não gostaria que seus planos se frustrassem porque ela parecia uma adolescente com os hormônios agitados.

Wesley acabou por pular no meio dos dois, trazendo um copo colorido e colocando na mão de Heather. Ele parecia feliz e bastante ansioso, e ela notou que Henry o observava cautelosamente. Devia ser aquela fixação do novato, Heather pensou. O vampiro novato, com pouco controle sobre si e sobre seus instintos. Mas Henry arriscava levá-lo a um bar cheio de humanos suados, então ela não achou que ele fosse mesmo um problema. Kristen não conseguiu reencontrar Geoffrey e acabou se reunindo com os outros três, sem nem desconfiar da origem diferente dos rapazes. Alguma meia hora depois, Henry despistou e disse que iria ao banheiro. Heather olhou

para ele com curiosidade, mas ele arrastou Wesley consigo, deixando as duas garotas sozinhas. Kristen, que estava completamente hipnotizada pelos vampiros, e Heather, que não mais reconhecia a si mesma.

— Heath, diz o que tem na sua água! - Kristen sussurrou, mas em volume mais alto do que o normal. A música estava estridente. — Sério mesmo, primeiro é Antoine, que cai de amores por você; aquele Francês lindo com aqueles olhos azuis e aquele furo no queixo. E agora é essa pintura de Rafael Sanzio que caiu de paraquedas em Graceland!

— Você bebeu demais. - Heather fez-se de desentendida e cheirou o copo quase vazio nas mãos da garota. - O que é isso? Tequila?

— Não desconverse. - A amiga protestou. - Você sabe do que estou falando! Todos os homens lindos se interessam por você, como pode isso? Não que você não seja interessante, mas é como se você fosse *abençoada*!

— Não seja ridícula, Kristen. Diga, onde está Geoffrey? E não tem nada entre mim e Henry; não sei de onde tirou essa ideia tola. Ele é só um amigo.

A palavra não fez sentido, e Heather sabia. Henry não era seu amigo, e provavelmente nem poderia ser. Ele a havia aprisionado em sua casa, e feito com que ela passasse um dia inteiro trancada em um porão imundo. Ele a manteve cativa por dois dias, e só a liberou porque ela não servia para alimentá-lo. Ela não era significativa para ele, apenas outro ser mítico inconveniente. Mas ela não conseguia entender o que eles faziam ali, então.

— Acho que eu deveria procurar Geoffrey, mesmo. Kristen decidiu, depois de alguns segundos encarando o próprio drinque. - Afinal, ele deveria estar comigo, certo?

— Sim, certo. - Heather concordou por concordar. - Vá atrás dele, e se precisar de carona para casa, me encontre.

A amiga saiu perambulando, cambaleante, pelo salão cheio, em busca de seu par desaparecido. Heather permaneceu esperando alguma coisa, enquanto os dedos mexiam o gelo que se derretia em seu drinque. *Bloody Mary*. Bastante adequado ao momento, ela riu. Franziu o cenho, como se subitamente sentisse um aroma muito

conhecido, e virou-se instintivamente para trás. Mãos muito rápidas e precisas seguraram o copo que terminaria por cair ao chão, no mesmo instante em que Heather tinha o nariz enfiado na blusa verde de Henry.

Ela precisou respirar fundo, antes de reunir coragem para elevar o olhar. Ela sabia que precisava olhar para ele, mas ela não sabia como, nem o que a esperava quando o fizesse. Os braços de Henry estavam estendidos por seu corpo, o copo de *Bloody Mary* já por sobre o balcão do bar. Ela tinha uma das mãos espalmada no peito dele, o contato da pele com o tecido macio e relativamente frio demais. Fazia frio, então por que ela sentia tanto calor? Lentamente, Heather afastou-se alguns centímetros de Henry e olhou para cima. Os risos haviam cessado. Não havia mais um sorriso iluminado nos lábios de desenho de Henry. Ele os tinha cerrados, de uma forma definitiva, como se nada no mundo pudesse obrigá-lo a abrir a boca. Os olhos mais pareciam um mar em tormenta. Eles fitavam Heather e ela sentiu o tremor que fez todo o seu corpo chacoalhar.

— Você quer saber? - Ele perguntou, mas nada voltou ao normal. Era como se todo o Clayton's tivesse desaparecido, e eles estivessem no meio das árvores, sozinhos. Era irrelevante se os viam.

— Saber o que? - Ela não respirava, novamente. Aquela reação padrão já a estava irritando.

— Por que todos os rapazes se interessam por você. Um sorriso tímido e sombrio pousou naqueles lábios pálidos.

— Isso é mentira. E... como você... - Heather assustou-se.

— Eu ouço melhor do que você imagina. Lamento, não queria ouvir sua conversa, mas o banheiro é logo ali – Henry apontou para a imagem de um vaqueiro que iluminava a portinhola de madeira escura. - e foi impossível não ouvi-las. Sua amiga fala muito.

— Ainda assim, é invenção da cabeça fértil de Kristen.

— Não é. - Ele então sorriu. Mas logo seus lábios se contraíram novamente. - Você é interessante, Heather. Sua condição sobre humana, sua inteligência incomum. Você é um território inexplorado e isso atrai os homens. Mas, por que suspeito que isso não te deixe animada?

— Porque não quero ser atraente.

— Os homens não te atraem. - Não era uma pergunta. Era uma constatação triste, Henry considerou.

— *Os humanos*, não.

Talvez Heather não tivesse percebido o que disse, ou talvez ela tenha dito simplesmente porque era a verdade. Heather costumava apreciar dizer a verdade, e ela não conseguia mentir na presença de Henry. Era como se uma força a impedisse de raciocinar alguma mentira, ou alguma história que servisse para mascarar a realidade. Talvez fosse ele mesmo que causasse nela aquele efeito. E talvez ele nem tivesse percebido, se ela imediatamente não tivesse retraído os olhos e os deixado fixos em um ponto qualquer na enorme tela que exibía um videoclipe.

A mão direita de Henry se elevou até que seus dedos segurassem suavemente o queixo de Heather, fazendo-a virarse novamente para ele. O toque de pele com pele a fez fechar os olhos, um pouco assustada com a sua própria reação. Heather estava irreconhecível, e o inesperado a perturbava. Ela não conseguia prever suas reações, era também a verdade. Ela não sabia o que viria a seguir. O polegar acariciou sua bochecha, e os dedos percorreram seus cabelos mais uma vez. Heather podia sentir a respiração de Henry, ritmada como uma música suave.

— Eu não sei o que estou fazendo. - Henry disse, mais para si mesmo do que para qualquer mortal naquele salão. Sua mão esquerda já estava posicionada na cintura de Heather, e ele lentamente a puxava para mais perto. Ela decidiu não reagir. Ao menos, não impedir o que viesse. Os olhos se entreabriram e ela pode sentir que sua testa tocava a dele. Ela sentiu o seu hálito, o aroma confuso que se desprendia de seus lábios cada vez que ele exalava o ar. E, em um instante, tudo se acabou.

Heather abriu os olhos, o coração pulando uma batida, e Henry não estava mais à sua vista. Ela não se preocupou se alguém vira o que aconteceu, ou para onde ele tinha ido. Heather olhou em volta e não conseguiu enxergá-lo. Seus músculos estavam moles como se fossem feitos de borracha, mas ela encontrou forças para correr até o lado de fora. Passou pela segurança na porta como se nada

existisse, procurando apenas a Mercedes vermelha que ela não tinha visto quando estacionou. Seu coração batia descompassadamente e ela sentia como se pudesse entrar em colapso. Mesmo assim, virou o pescoço de um lado para outro até visualizar um par de faróis azulados que vinham em sua direção. Sem pensar em nada, Heather atirou-se na frente do carro que ela ainda ignorava qual fosse.

O barulho da freada atraiu a atenção de todos que ainda tentavam entrar no Clayton's. O carro havia parado a centímetros de distância de Heather, que precisou reunir todas as suas forças para não sucumbir e desabar por sobre o capô. Algumas pessoas se aproximaram, e o motorista saiu do carro, passos largos. Segurou Heather com os dois braços, suportando o peso de seu corpo.

— Você está bem? - Uma garota de olhos curiosos perguntou. - Você se machucou?

— Ela está bem. - Henry não precisou ver para saber. Não havia cheiro de sangue além do que ele já estava sentindo. Não havia sangue derramado.

— Quer que chame um médico? - O segurança perguntou, já pegando o rádio em seu bolso.

— Não será preciso. - Henry disse, aquele tom de voz austero que emanava autoridade. - Eu vou levá-la para casa, podem deixar.

— Não, eu não vou para casa agora. - Heather tentou debater-se um pouco, mas os braços de Henry a mantinham firme.

— Está tudo bem Heather... - ele sussurrou em seus ouvidos. - Wesley. Você dirige o carro dela? - O vampiro novato estava então na cena do quase acidente. Ele não estava na Mercedes, mas a percepção do ocorrido o fez correr para o lado de fora. Henry jogou para ele a bolsa de Heather, e depois a conduziu para dentro do carro, fazendo-a sentar-se no banco do carona. O barulho do motor quase imperceptível fez com que os curiosos se afastassem. Em pouco tempo, Henry guiava a Mercedes pela rodovia, em direção a Point Hill. Heather não estava prestando atenção, ela tentava com algum esforço normalizar seus batimentos cardíacos.

O carro parou no acostamento, a estrada iluminada apenas pelos faróis ligados. Henry destravou o cinto de segurança e saiu do carro,

levando as duas mãos à cabeça e desfazendo o penteado. Deixou que seus olhos se perdessem observando a lua, por alguns segundos. Ele precisava se acalmar. Era a primeira vez em séculos que Henry precisava se acalmar. Ele podia sentir seu organismo responder aos últimos acontecimentos de uma forma a qual ele não estava acostumado. Fechou os olhos e deixou que a escuridão tivesse efeito de remédio. A escuridão, o seu lugar. De onde ele nunca deveria ter saído, mesmo que ele sempre tivesse negado viver nas trevas. Ele pertencia à escuridão, e ele sabia.

A porta do carro abriu-se novamente, e a cientista caminhou até o transtornado Henry.

— Você não pode fazer isso. - Ele disse, sem olhá-la. - Eu poderia tê-la machucado... Heather, você parece não entender que eu posso te matar.

Henry disse aquilo, virando-se para a garota e cravando os dedos em seus ombros. Ela assustou-se, mas ele ainda tinha o semblante humano. Não havia as presas como da primeira vez.

— Qualquer um pode me matar. - Ela decidiu retomar o seu controle. Eu me joguei na frente de um carro, eu obviamente estou louca. Poderia ter sido qualquer um.

— Mas fui eu.

— O que foi aquilo, lá no Clayton's? E por que você saiu correndo? Os dedos se afrouxaram ao redor da carne de Heather. Ela sentiu algum alívio, mesmo se antes ela não estivesse sentindo nada significativa. Além da adrenalina correndo em suas veias.

— Eu não sei. - Ele divagou. - Talvez eu também não esteja sabendo muita coisa ultimamente. Eu não posso, Heather. Eu não sei fazer isso. Não mais.

— *Isso* eu não sei o que é, também. Quero dizer, não use enigmas, Henry. Eu sei que estou louca, não precisa me deixar mais insana. Você me prende em sua casa como se eu fosse o almoço, e depois cozinha para mim. Você me libertou mesmo sem ter como saber que eu não exporia você. Você se veste como um adolescente de dezoito anos e vai até o bar mais movimentado da cidade. Bebe cerveja, conversa com minha melhor amiga, arranca suspiros até das mulheres mais bem casadas de Graceland e então foge de mim

como se o que você estivesse querendo fazer fosse um problema? Seja o que for que esteja fazendo, você sabe fazer sim! Talvez você não queira, ou não ache ideal no momento, mas você sabe fazer. Ela disse tudo de uma vez. Os três *Bloody Marys* estavam fazendo efeito, então. Heather nunca bebia, e o pouco de álcool que consumiu a deixou à mercê de emoções que ela usualmente ignorava ter. Henry torceu os lábios, enquanto a garota o encarava, esperando a continuação do debate improvisado. Mas ele não aconteceu. Henry piscou lentamente, os olhos de noite novamente dominados pela tormenta do mar revolto, e seus dedos escorregaram pela pele de Heather até repousarem em sua cintura, como antes. Heather ergueu uma sobrancelha, confusa com o que ele pretendia, até que uma das mãos segurou-a pela nuca, puxando seus lábios com um pouco de força demais, mas que pela anestesia do momento ela não se permitiu sentir nenhum inconveniente.

Mesmo que fosse inadequado, ela não se importava. Heather não pregava a castidade, mas também não se importava com sua vida amorosa. Cientistas, quase todos, não tinham vida amorosa. Ela frequentava um mundo de '*nerds*' e '*geeks*' que passavam horas, dias, por sobre mapas estelares, e noites agarrados a telescópios. Ela não tinha interesse em romance, ela não se sentia à vontade com homens a não ser que eles estivessem tomando as notas de suas observações. Então, ela não entendia o que sentia desde o primeiro momento em que viu Henry. Ela não sabia se foi quando ele surgiu na penumbra do porão empoeirado, ou se quando ele estava na cozinha preparando-lhe macarrão para o jantar. Ela só sabia que era alguma coisa que ela nunca tinha sentido antes, e aquela imprevisão toda a incomodava mais do que tudo. O fato de ela não poder calcular, organizar, controlar.

E naquele momento, desmanchando-se naqueles braços imóveis, sob as estrelas e no meio da estrada, tudo que passava por sua cabeça eram os lábios de Henry sobre os seus. A pressão que suas mãos exerciam em sua pele. A boca entreaberta que a permitia timidamente sentir o sabor único que ele tinha. Heather só podia pensar que ela nunca tinha provado nada como aquilo, e ela não sabia o que fazer com tanta informação em tão pouco tempo.

— Eu não queria te envolver. - Ele disse, alguns minutos depois, a respiração difícil, a testa colada na de Heather. Quero dizer, eu queria. Mas eu *preferia* não te envolver. Eu nunca fiz isso antes.

— Tarde demais. - Ela disse, os dedos seguros em suas costas. - E eu nem vou mesmo acreditar que nunca fez isso, senhor vampiro de seis séculos de vida.

Henry deu uma gargalhada.

— Eu quis dizer que nunca fiz isso com outra criatura. Ele ergueu uma sobrancelha. - Isso foi extremamente rude, lamento. Mas é verdade, depois que me tornei vampiro, eu nunca me envolvi com outra espécie.

— Acho que você dá conta. - Heather também riu.

— Stuart vai achar tudo isso muito divertido. Serei motivo de riso.

— Isso incomoda você? - Heather perguntou, a voz fraca.

— Não. - Ele sorriu, e ela quis beijá-lo novamente. O problema em se beijar alguém e achar que pode fazer isso novamente a qualquer momento, foi o que ela pensou. - Mas é bom estar preparado para todo tipo de reação dos meus.

## 08 { UMA HISTÓRIA }

Stuart não pareceu acreditar quando viu o carro prateado parando no pátio da hospedaria. Ficou ainda mais assombrado quando percebeu que era Wesley quem o dirigia. Imediatamente, ele começou a pensar em diversas hipóteses para aquele acontecimento. Henry teria tentado atacar o Anjo, e foi ferido. Wesley então matou a peste sem remorsos. Poderia ser também que Henry tivesse dado conta de que ela era uma peste, e ele mesmo a matara. A hipótese correta jamais lhe ocorreria. Stuart nunca imaginaria que estivesse acontecendo exatamente o que estava acontecendo.

O vampiro novato entrou em casa com os dedos agarrados ao celular, discando os números de Henry. Ele estava ansioso e agitado, Stuart pode notar que seus dedos tinham dificuldade em pressionar os botões do aparelho. E foi um martírio aguardar enquanto o 'bip' insuportável do telefone chamava.

— Diga, Wes. - A voz rouca de Henry atendeu do outro lado. O vampiro novato sentiu alívio instantâneo.

— Onde você está? Eu fui com o carro da garota até a casa dela, esperei você e nada. Você quer me deixar doido?

— Você está na estalagem? - Henry não respondeu.

— Sim, estou, acabei de chegar. Stu está me olhando com todas as interrogações do mundo, o que eu faço?

— Espere-me, estou chegando também.

— E a garota?

— Está comigo.

Wesley desligou o telefone e encarou Stuart. O vampiro esperava claramente uma explicação dos acontecidos, mas ele não sabia o que dizer. Deveria esperar Henry, porque só Henry saberia explicar o que provavelmente só Henry conseguia entender. Não demorou muito para que a Mercedes SRL parasse do lado do carro prateado, e um Henry visivelmente constrangido abrisse a porta para uma Heather totalmente embevecida descer. Os dois se olharam por

alguns instantes, e dirigiram-se para a casa como se nada antes tivesse ocorrido.

O vampiro loiro de olhos transparentes não estava interessado em ser dissimulado, daquela vez. Já passava de duas horas da manhã, e ele queria saber o que tinha acontecido naquela primeira vez em que Henry Austin saía na noite, em vários séculos.

— Então, vamos logo para a fase de explicações. - Stuart disse, jogando-se no sofá, tão logo os dois entraram no casarão. Wesley tinha olhos arregalados e curiosos. - Se o menino já não estivesse morto, ele teria tido um ataque cardíaco. O que foi que esse Anjo aprontou dessa vez?

— Heather, você poderia esperar-me no andar de cima?

- Henry disse, gentilmente, quase um sussurro.

— Está tudo bem. - Ela disse, da mesma forma gentil. Stuart arregalou os olhos também, a boca aberta de surpresa. Eu posso aguentar a pressão.

— Ai ai... - O vampiro loiro bateu com a mão na testa, seu ato característico de quando estava irritado com alguma coisa. - Não, eu vou fingir que não presenciei essa manifestação melosa que acabou de acontecer exatamente agora e vou abstrair tudo. Henry, o que está havendo?

— Stu, não houve nada para você se alarmar tanto. Henry sentou-se, a mesma forma elegante de sempre. Heather não sabia o que devia fazer, mas acabou por optar sentar-se do lado dele. O sofá era grande o suficiente para duas pessoas. Foi um pequeno acidente, só isso.

— Wesley, você me conte a verdade. - Stuart encarou o novato. - Vamos, foi um pequeno acidente? O que esse Anjo estava fazendo na história, mais uma vez?

— Nós encontramos Heather no Clayton's. - Wesley começou, esperando ser repreendido por Henry, o que não aconteceu. - E depois, eu não sei bem o que aconteceu; eu estava no bar quando ouvi a freada. Heather estava na frente do carro, e ela parecia muito tonta. Então Henry pediu que eu dirigisse o carro dela, e o resto você já sabe.

Stuart fitou a situação, mas ele não estava convencido. Ao mesmo

tempo em que não estava preparado para aceitar os fatos claramente expostos em sua frente. Henry fez um bico, e esperou que Stuart começasse a esbravejar. A ausência de compreensão não permitiu aquela explosão que lhe era esperada. O vampiro mais velho então se levantou, ajeitou a blusa justa demais em seu corpo com um rosnado irritado e segurou a mão de Heather, puxando-a para cima. O toque a fez sentir aquele arrepio que lhe enervava, mas ela tentou ser indiferente. Deixou-se arrastar para o andar de cima, enquanto os outros dois vampiros moviam os ombros, sem ter certeza se queriam entender alguma coisa.

Henry levou Heather para o quarto que ele já a havia oferecido, uma vez, e puxou a colcha da cama.

— O que está fazendo? - Heather ergueu uma sobrancelha.

— Arrumando a cama para você dormir. - Henry não a olhou.

— Se quisesse dormir, teria ido para casa. - Heather sentou-se no colchão, braços cruzados, emburrada. - Você já deveria ter percebido que sua presença me previne de adormecer.

— Eu percebi sim. - Ele deu um riso pequeno, seus lábios apenas se repuxaram um pouco. - Mas vamos, deite-se. É tarde, você precisa dormir. Eu conto uma história para você.

Heather o olhou com surpresa.

— Nem meu pai me conta histórias para dormir.

— Não sou seu pai. - Ele estava impassível. Heather fez uma careta, mas acabou por deitar-se na cama. Henry sentou-se no colchão, longe o suficiente para dar a ela espaço. Seus olhos fitavam a parede cor de creme, enquanto a garota se ajeitava por sob as cobertas aquecidas.

— Então me conte a *sua* história. - Ela por fim disse, e obteve como resposta apenas um suspiro ruidoso.

— Não há nada muito interessante na minha história.

— Claro que há. Você vive por cinco séculos. - Ela se sentou e segurou os joelhos com as mãos. Não havia qualquer sinal de sono em sua aparência suave. Henry olhou para a garota e franziu os lábios, pensando se era mesmo adequado contar a ela quem ele era. Ou o que ele era, no que havia se tornado. Eles se conheciam há pouco tempo, e já experimentavam um envolvimento curioso. No

mínimo, inesperado. – Não tente me convencer que quem já viveu um quarto da história cristã não viveu nada interessante.

— Está bem, então. Começando de quando eu nasci? Ele sorriu, e Heather assentiu com a cabeça. O vampiro apoiou as mãos nos joelhos, em uma posição talvez desconfortável e rígida, e começou uma narrativa que seria longa. - Vejamos. Eu nasci em Shoreham, Inglaterra. Meu pai era um próspero comerciante, e tinha algumas fazendas. Eu herdei todas quando ele morreu em uma das tempestades que quase fez desaparecer a região do mapa. Aos dezoito anos eu já tinha feito crescer as suas propriedades, e vivíamos bem da agricultura.

— Você tinha irmãos? - Heather interrompeu, mas Henry não pareceu importar-se.

— Sim, eu tinha onze irmãos. Nunca passei dificuldades, apesar de não termos sido muito ricos. Era difícil de nos qualificar, porque não éramos nobres; mas a mentalidade do homem estava se modificando. O que não impediu que a inveja de um destruísse minha família.

Heather engoliu seco, mas não quis interferir daquela vez.

— Eu tinha vinte anos. Ele me odiava porque ele odiava meu pai, e eu era o filho que havia dado continuidade ao legado de Austin Lewis. Mas o ódio maior era porque eu tinha dois filhos, meninos, e ele não admitia, sabe-se lá por que.

— Filhos? - Heather ergueu a sobrancelha. - Você tinha *dois filhos* com vinte anos?

Henry sorriu, e baixou o olhar. As memórias eram ainda dolorosas, não importava quanto tempo passasse.

— Naquela época as pessoas se casavam cedo, e viviam pouco. Lembra-se de Romeu e Julieta? Eles teriam vivido um século depois de mim, e Julieta casou-se aos treze anos. Minha esposa tinha quinze quando nos casamos. Nossa família era unida e feliz, e nem todos conseguem lidar com a alegria alheia. Eu pensei que a ordem natural das coisas; nascer, crescer e morrer, não poderia ser modificada. Mas meu então desafeto tratou de cuidar da minha ignorância. Um dia, quando eu voltei de uma viagem, encontrei tudo assassinada, juntamente com destruído. Minha família os criados, os

animais envenenados, a terra salgada. Ele me tomou tudo, menos a vida. Ele conseguiu tomar até mesmo a minha alma.

Heather tinha a respiração acelerada, e os olhos arregalados. Aquela jamais poderia ser uma história de dormir; ela jamais conseguiria pegar no sono pensando naqueles horrores. Instintivamente, sua mão procurou a de Henry e ela segurou-a firmemente entre seus dedos. Ele estava tenso.

— Foi então que eu tomei a decisão. Eu o mataria, e antes eu o faria sofrer mais do que eu havia sofrido. Cumpri minha promessa; em uma noite e fúria invadi a sua casa e tirei a vida de sua família sob seu olhar de medo, e depois o matei após uma tortura intensa. Eu peguei minha alma de volta naquela noite, mas ela já estava contaminada. Condenei-me ao inferno, e blasfemei contra todos os santos e credos. Tive minha *vingança*, e em momento algum me arrependi dela. Mas fugi de Shoreham, indo vagar até encontrar, no sul da Noruega, uma tribo pouco evoluída que me ofereceu abrigo. Eles tinham uma lenda, uma besta da noite que todos temiam e que era capaz de sugar todo o sangue de quem ele atacasse. Eu não acreditava em vampiros, e imaginei que se tratasse de um animal.

— E ele atacou você! - Heather estava sobressaltada.

— Não. - Henry falou, a voz fraca. - Eu descobri onde ele se escondia e o procurei.

— Você foi atrás da besta? - A garota disse em tom de voz bastante alto.

— Para você ver, eu costumo gostar de procurar confusão. - Ele brincou. - Desculpe-me, vou prosseguir. Eu queria que ele colocasse fim ao meu sofrimento. Eu era avesso ao suicídio, queria ser morto. E com dor, para saber o que sofreu minha família. Mas ele recusou-se a me matar, ele ofereceu-me algo mais interessante. Ele me transformaria em vampiro, e eu pararia de sentir.

— Sentir dor?

— Sentir *qualquer coisa*. Ele me disse que, como uma besta, eu não sofreria mais. E eu abri mão de minha vida e de quem eu era para não sofrer mais. Hoje eu sei que ele queria companhia, na verdade. Ludibriou-me para que eu lhe fizesse companhia. Mas eu não tive tempo sequer de aprender a ser o que eu era. Quando

acordei, estava enterrado debaixo de muita neve. O povo da tribo, crendo que ele tinha me atacado, descobriu uma forma de matá-lo e me enterrou, em um túmulo de gelo. Eu era então um vampiro, sem saber como agir, completamente perdido, com os instintos descontrolados. Não tive um criador para tomar conta de mim e me ensinar. E eu estava sentindo dor, muita dor. Eu senti dor por anos, até saber que a dor vinha da fome. Eu matei mais gente em dez anos do que uma guerra mundial poderia fazê-lo. Eu aniquilei vilas inteiras. Eu queria o que me foi prometido, a ausência da dor. Henry interrompeu sua narrativa por alguns instantes, e fixou novamente o seu olhar na parede. - Por fim, eu consegui. Com um século de existência eu quase não sentia mais nada. Eu era apenas uma criatura sombria que vagava pela noite e se alimentava da vida alheia. Troquei o sofrimento humano por aquilo. Os séculos foram me fazendo mais calmo, mais consciente de minha condição, mais contido, mais compreensivo. Já sei que não devo matar para me alimentar, mesmo que isso me custe energia. Hoje, eu tento ser apenas uma criatura no mundo. De preferência, que ninguém me note.

Heather ouviu todo o relato completamente assombrada. Ela não podia conceber que um dia sentiria condolências por um vampiro. Mesmo que a lenda fosse verdadeira, o vampiro deveria ser uma criatura maligna e cruel. Mas em sua frente havia um homem, e mais uma vez ela se recordou da primeira vez em que viu Henry realmente. A sua imagem na cozinha, a constatação de que ele era um *homem*. Não era cabível qualificar Henry como uma criatura, ainda menos como cruel. Seus olhos estavam revoltos mais uma vez, e ele tinha os dedos cravados no colchão quando terminou de falar. O olhar perdido em algum ponto qualquer.

— Eu sinto muito por tudo isso, Henry. - Ela disse, sem saber exatamente se deveria consolá-lo. Quero dizer, eu nunca perdi nada, nem ninguém. Eu não compreendo o seu sofrimento.

— Até alguns anos atrás eu sequer podia falar sobre isso.

- Ele soltou o ar com força, e seu corpo se sacudiu pelo movimento do diafragma. Seus olhos capturaram Heather, mas ele não sorria ou esboçava qualquer reação compreensível. - O tempo realmente é

remédio para todos os males. Ao final, meu criador tinha razão. Tornando-me um vampiro, eu superaria a dor.

— Você deixaria de sentir. - Ela mostrou que estivera prestando atenção.

— Não. - Ele baixou o olhar e fez uma pausa. Engoliu seco e quando deixou que seu queixo se erguesse mais uma vez, havia um brilho estranho na escuridão de seus olhos. - Se eu tivesse conseguido parar de sentir, não estaríamos tendo essa conversa agora.

Não houve reação da garota que permanecia imóvel por sobre a cama. Ela pressentiu o que ele faria antes mesmo de ele terminar a sua frase. Algo naquele olhar deu a ela a medida exata do que ele sentia, como se ela pudesse enxergar a sua alma. As barreiras intransponíveis estavam baixadas; não havia nada que impedisse Heather de ver Henry como ele era. Ele poderia ter condenado a sua alma para sempre, Heather pensou, mas ela não acreditava naquilo. Seu coração pulou uma batida quando Henry moveu-se por sobre a cama e seu corpo pendeu por sobre o dela. Seus músculos se enrijeceram por sob Henry, enquanto todo o seu corpo a empurrava contra as cobertas que já tinham sido afastadas. Seus lábios tomaram os dela sem suavidade, diferente de algumas horas antes, no meio da rodovia. Por mais que Heather quisesse reagir, ela não era forte o suficiente. Sua vontade sucumbia ao torpor que a acometia toda vez que ele se aproximava. Sim, o problema de beijar alguém era exatamente aquele; você sempre se julgava no direito de beijar novamente a pessoa, quando quisesse. Heather quis beijá-lo novamente, mas ele o fez primeiro.

De início o beijo já não se parecia com o primeiro. Antes, Henry estava hesitante. Ele não sabia se sabia; ele estava confuso e vendo tudo em uma perspectiva infeliz. Ele tinha Heather perto demais, mas Heather não podia lhe pertencer. Mas ela não parecia interessada em respeitar aquela concepção. Ela demonstrava claramente o quanto ela o queria, mesmo que ela sequer se apercebesse daquilo. Ele passou a saber, então. Não foi fácil romper barreiras nunca visitadas e tomá-la entre os dedos, deixando que seus lábios explorassem o corpo humano sem a intenção de sugar-lhe o sangue. Heather podia ser um Anjo, mas seu corpo era

humano. Até demais, Henry pensou.

Mas daquela vez não havia impedimentos. Henry havia acabado de contar a Heather a história de sua vida. O resumo de quinhentos anos de sofrimento e aprendizagem. Ele abrira seu coração, e ela não fugiu ou sentiu medo. Ao contrário, ela sentia... não, Henry não conseguia compreender perfeitamente aquele sentimento. Não havia barreiras que o impedissem de tomá-la novamente. De beijá-la, de apreciar o seu sabor adocicado que lhe fazia sentir arder a garganta. Heather parecia tão humana; eram tão mais compreensíveis para ele os motivos que levaram Wesley a enganar-se. E ele nunca se sentiu tão feliz pelo equívoco de sua criatura. Se Stuart pudesse interferir naquele momento, ele diria que mesmo depois de anos, Henry ainda fazia tudo errado. Ao invés de envolver-se com um vampiro, para uma saudável relação sexual, ele estava se entregando a um problema ambulante.

Heather era um problema. Mas por mais que ela temesse qualquer coisa, ela não era ela mesma quando estava com Henry. Suas mãos deslizaram por dentro da camiseta, que já havia saído do lugar. Roupas de adolescentes, Henry pensou em protestar. Mas Heather já havia decidido tocar mais do que o permitido, deixando que seus dedos pressionassem a carne pálida do abdômen de Henry. Ela podia sentir o diafragma subir e descer, na respiração mais suave e musical que existia na face da Terra. Era tão fácil; toda a batalha interna que ele travou considerando se devia ou não desaparecer e manter-se longe dela tinha sido inútil. Era fácil, ela estava em suas mãos, entre seus braços.

Henry então sentiu o apelo que clamava por sua intervenção. Seus músculos se contraíram, e ele sentiu a dor dos caninos muito sensíveis. As presas pontiagudas surgiam rápido demais; ele não tinha todo o controle como estava acostumado a ter. Heather sentiu, por entre seus lábios, a pressão que os dentes exerciam em sua pele. Ela não queria parar de beijá-lo mesmo assim; ela não se importava. Ela já sabia o que ele era, ela não iria fugir daquele fato. Mas Henry calmamente apoiou a mão esquerda no peito da garota e afastou-se, respirando com alguma dificuldade. Ela então pode visualizar toda a transformação; a face retorcida, os olhos

avermelhados e o cenho enrugado como se ele fosse um animal. As presas lhe escapuliam; ele não conseguia mantê-las dentro da boca. Da primeira vez, ela ficou chocada. Ela já tinha visto Henry transformado, mas ele a segurava pelos ombros e a erguia do chão. Ela ainda não sabia quem ele era, ela só temia ser morta naquele instante. Daquela vez, Henry era apenas Henry. Heather não conseguiu importar-se com aquela aparência tão diferente, ela fazia parte de quem ele era.

Foi inútil erguer o corpo e tentar beijá-lo novamente. Ele segurou-a pelos pulsos, manteve-a afastada e sentou-se na cama, tentando concentrar-se. Henry sempre tinha o controle, ele precisava repetir para si mesmo.

— Eu não me importo. - Ela disse, passando as mãos pelos seus cabelos macios.

— Não é essa a questão. - A voz saiu abafada. - Eu ainda não sei como controlar isso.

— Você não tem que controlar, não tem problema. Heather tentava aproximar-se mais, mas Henry mantinha-a afastada.

— Heather. Ele virou-se para ela, a face ainda transtornada, as presas dificultando a fala. - Você realmente não compreende. Se eu não tiver o controle, eu vou morder você. É assim que funciona; pelo menos, essa é a forma mais simples. Todos os nossos instintos são muito parecidos. Desejar você me faz desejar você em *todos os sentidos*.

A garota ergueu as duas subitamente, recostando-se na sobancelhas e afastou-se estrutura da cama. Uma interjeição de surpresa escapou de seus lábios, enquanto Henry a encarava. Ela pode ver tristeza nos olhos avermelhados, e pode notar que ele respirava sem o ritmo de sempre. Ela também não sabia como estava respirando; não parecia saudável interromper o momento daquela forma. Mas parecia necessário, então.

— Desculpe-me. - Ela disse, por fim. - Eu realmente não sabia, porque você não deve me morder.

Henry sorriu. Sua face voltou ao normal gradualmente, e as presas se retraíram dolorosamente, ansiando pelo sangue que não veio.

— Eu jamais te faria mal. - Ele passou os dedos pela bochecha de

Heather. E sei que você me faria, caso eu tentasse. Durma, agora. Ele levou os lábios até os dela, permitindo que se tocassem, apenas. Depois deixou o quarto, caminhando lentamente. Heather cobriu-se até o pescoço e ficou ali, observando o teto, até o sono abatê-la.

~\*~

Mills rodava flutuando pela enorme sala decorada com vidros pintados, esperando a sua vez de falar com a Bruxa Superiora. Vera já havia conferido se ela precisava de alguma coisa, mas Mills estava apenas ansiosa. Aquele sentimento humano demais ao qual ela não estava acostumada, mas que não podia evitar. Ansiosa. O assoalho brilhante de ladrilhos moldados, que formavam o desenho da galáxia, pouco tinha sido tocado por pés. A enorme cúpula do Salão Nobre estava plenamente iluminada pelo sol do lado de fora, anunciando que Esplendor continuava em perfeita harmonia.

A Bruxa Vera apareceu mais uma vez, e com um gesto de cabeça indicou a Mills que ela seria atendida. O Anjo não tinha certeza absoluta do motivo que a levava até o Salão Nobre, mas ela podia suspeitar. Bell nunca queria lhe falar, a não ser quando o assunto era Heather.

— Anjo Mills. - Bell fez ecoar a sua voz pelo salão, do alto de seu pedestal. Seja bem vinda. Sabe por que foi chamada?

— Tenho uma leve suspeita. - Mills acomodou-se de frente ao Conselho. Aquele Conselho que governava Esplendor por alguns muitos anos, e que provavelmente se manteria no comando por mais outros. Bell era a atual Bruxa Superiora, e quem costumava usar mais a palavra. O Anjo Supremo, Seraphiel, só falava quando se interessava pelo assunto. Anjos mais observavam do que falavam, era um fato constatado.

— Sua protegida Heather. Onde ela está?

— Na Terra, onde sempre morou. - Mills não gostava nunca do tom de voz de Bell. Não era o problema de ela ser uma Bruxa, a rivalidade entre as espécies há muito já havia sido esquecida. Mas Mills considerava Bell *arrogante*. - Sob minha constante supervisão, claro.

— E a sua supervisão até agora não foi suficiente para trazer Heather até nós? - Bell questionou. - Ela já sabe o que é, não sabe?

— Sim.

— E por que ainda resiste a juntar-se a nós? Mills, você sabe que Heather tem vinte e cinco anos. Isso significa que durante o alinhamento dos planetas ela irá ascender. E você também sabe que durante a ascensão Heather não pode estar entre os humanos. Ela precisará de auxílio, ela precisará estar em Esplendor. O seu lugar é conosco, para sua própria segurança.

Mills sabia que era verdade. Mesmo que ela detestasse o fato de trazer Heather novamente a Esplendor. Abdiel lutou para que a filha não se tornasse parte daquilo tudo; e ela queria respeitar os desejos da grande amiga. Ela havia prometido a Abdiel que Heather estaria livre de Esplendor, que a filha não precisaria enfrentar os mesmos problemas que ela havia enfrentado. Mas Heather era um poder em evolução, uma criatura única e inexplorada. Ninguém sabia o que ela seria quando ascendesse, nem que tipo de poderes desenvolveria. Ninguém podia prever como Heather se comportaria quando sentisse correr em suas veias toda aquela energia. Por mais que ela desejasse que Bell estivesse errada, ela não estava.

— Eu sei, Bruxa Bell. Mas Heather apenas agora aceitou que é um Anjo. Ela ainda está confusa e eu não fiz a ela um convite formal para vir a Esplendor.

— Por que ainda não? - O Anjo Anael manifestou-se. O seu manto branco que reluzia sob a luz natural que penetrava pela cúpula se moveu graciosamente quando ela se ergueu.

— Porque eu me afastei de Heather por alguns dias. Mantive minha observação externa, porque ela vem buscando suporte em uma besta.

— Ah! - Bell retraiu-se. - O vampiro! Conte-nos sobre ele.

— Ele é uma criatura antiga, e bastante sábia. Não se assemelha imediatamente às outras bestas que conhecemos. Mas ainda é um condenado, um amaldiçoado. É difícil ver Heather tão próxima a uma coisa dessas, por isso não tenho me comunicado com ela.

— Afaste-os. - Anael foi prática.

— Não creio ser boa ideia, Anjo Anael. - Mills prosseguiu.  
- Heather parece muito apegada ao vampiro, e afastá-la subitamente pode causar um trauma e fazê-la afastar-se de nós. Ela não é um Anjo submisso.  
— Você deve saber a melhor forma de convencer Heather. - Bell interveio. - Afinal, é a sua tutora. E Heather é bem filha de quem Abdiel, teimosa e difícil. Mas Mills, não se demore. Temos poucos dias. Se ela não quiser vir, teremos que trazê-la à força.  
O Anjo assentiu; um movimento reverencial de cabeça, e deixou o salão. Mills flutuou para fora do centro do Conselho com muitas dúvidas. Ela sabia que Heather jamais aceitaria deixar tudo para trás e se recluir em Esplendor. E ela sabia que Bell jamais permitiria que Heather fosse um Anjo comum, porque Heather era tudo menos comum. Ela não sabia ainda como evitar que Heather tivesse que estar ali, naquele ambiente hostil onde ela seria tratada como uma aberração, um inconveniente.  
No Conselho, a Bruxa Vera foi chamada tão logo Mills deixou o salão.  
— Vera, como está a pedra da Profecia? - Bell questionou.  
— Intocada, Bell. Nada foi escrito nos últimos dias.  
— Perfeito. novidade. Mantenha-me informada de qualquer

~\*~

“ *Você morreria por ele?*” a voz era incisiva e bradava enquanto gritos e lamentos eram ouvidos pelos corredores. Heather estava em um tribunal, e era o juiz quem fazia a pergunta. “ *Você desistiria de tudo por ele? O que você daria para salvá-lo?*” A audiência observava a garota loira de pé na tribuna, ansiosa. Sem saber do que se estava falando. “ *Morreria por quem?*” Ela perguntou, mas ninguém parecia ouvir. Sua voz não ecoava e os lamentos pareciam ainda mais altos. O juiz bateu o martelo em um pequeno tablado de madeira e dois homens de manto negro entraram no tribunal, aproximando-se de Heather.

Ela acordou assustada e suando. Mais esquisito, mais um pesadelo com as mesmas um pesadelo perguntas a respeito de um assunto

que ela ignorava. Heather sentou-se na cama, afastando as cobertas. O suor lhe escorria pela frente, e ela respirava aceleradamente. Seu coração batia fora de ritmo, mas ela já deveria estar-se acostumando. Desde que conhecera Henry, seu coração não mais batia em um ritmo natural. Olhou em volta e não viu nada. Era dia, e as cortinas se moviam lentamente pelo sopro de uma brisa leve. Jogou-se na cama novamente, a cabeça batendo no travesseiro com força, e seus olhos fixos no teto. Heather moveu os lábios sentindo o sabor em sua boca, e sorriu. Mesmo recém-acordada de um pesadelo, a simples percepção do gosto de Henry em seus lábios a fez feliz.

Ela precisava ir para casa. Tinha dito aos pais que não tinha hora para chegar, mas ela nunca tinha passado a noite fora por tanto tempo. Ela sequer imaginava que horas eram, mas como havia sol do lado de fora, Henry estaria dormindo. Heather precisou concentrar-se muito, enquanto calçava os sapatos, para não correr até o quarto dele e passar o dia ali. Aquele comportamento inadequado tinha que cessar, ela considerou. A garota saiu da estalagem às pressas, e dirigiu como louca no caminho para casa. Eles estavam quase em Point Hill, então era uma boa caminhada.

Chegou em casa e estava esbaforida, agitada. A mãe a recebeu com a mesa do café. Passava das nove da manhã, e o pai estava trabalhando na loja de ferragens. Helena Cohen não estava feliz com a escapada noturna da filha, mas considerava que Heather estivesse com Antoine, o Francês de seus sonhos. Ela toleraria alguns deslizes da filha brilhante se fosse para vê-la envolvida com Antoine, então foi como aconteceu. Heather devorou dois pães de batata com os ovos mexidos, como se não comesse há dias. Ela tinha fome, estava se alimentando de forma precária.

Mas quando Heather chegou a seu quarto, depois de subir as escadas correndo para tomar um banho, foi recebida por uma figura já conhecida. O Anjo lhe aguardava, de pé próxima à janela que Heather usara como rota de fuga dias antes. As mãos iluminadas de Mills tocavam a soleira e ela olhava fixamente para o lado de fora.

— Bom dia, Heather. O Anjo disse, voz musical. Heather respirou fundo, já suspeitando que deveria encarar um pequeno sermão da sua protetora. - Vejo que está feliz, hoje.

— Sim, estou. - Heather retirou os sapatos e os arrumou meticulosamente ao lado da cama. Começou a despirm-se para o banho matinal, mesmo que aquilo representasse lavar Henry de si. - E pelo visto você sabe de tudo, porque você me observa. Certo?

— Sim, você é bastante perspicaz. A voz soou sarcástica, e Heather sentiu irritação. - Diga-me, você também sente o cheiro dele? Por isso tem tanta pressa em banhar-se?

— *Ahm?* - Heather levou alguns instantes para compreender o comentário. - Claro que eu sinto o cheiro dele, mas é delicioso! Henry cheira a um perfume fantástico, que eu nunca senti antes. Você não sente?

— A criatura tem um cheiro detestável. - Mills mostrou sua insatisfação franzindo o nariz perfeito. - Mas, Heather, eu me mostrei novamente porque precisamos conversar. É muito importante, e você terá que prestar muita atenção no que vou dizer.

— Posso tomar meu banho primeiro? - Heather fez um bico, e o anjo assentiu com a cabeça. A garota não pretendia demorar-se, apesar de tudo. Ela estava curiosa a respeito do que o Anjo lhe diria, porque nos últimos dias a sua vida virara de cabeça para baixo e ela sentia como se estivesse renascendo. Em poucos minutos, Heather estava de volta ao quarto, cabelos lavados, enrolados na toalha florida, vestindo um roupão azul claro de tecido atoalhado. Ela se sentou na cama e encarou o Anjo, que continuava de pé próxima à janela, flutuando em luz.

— Bem, você já sabe o que é. - O Anjo apenas afirmou. Heather manteve-se silente, ouvindo. - E sinto-me ultrajada por ter acreditado em mim apenas depois de ter conhecido as bestas.

— Henry não é uma *besta*. - Heather remoeu a frase entre os dentes. - Nem Wesley, ele é uma graça. Stuart é um chato, mas nem ele eu classificaria assim.

— Como você preferir chamá-los. Devo dirigir a eles pelo nome? - Mills perguntou, e Heather assentiu. - Pois bem, então. Porém você não sabe muita coisa. Saber que é um Anjo não te faz ciente de

quem você é realmente, nem de onde veio. Você sabe quem são seus pais?

— Helena e Gregory Cohen, dois caipiras de Graceland que tiveram uma filha superdotada.

— Essa é a sua concepção. - Mills sorriu. - Mas na verdade, você é filha de Abdiel. O Anjo mais poderoso que Esplendor já conheceu.

— O que é Esplendor?

— O lugar onde vivemos. Deixe-me contar uma história, Heather. Esplendor é um lugar de magia, no qual seres como eu e você vivem. Anjos, Druidas, Elfos, Bruxos, e tantos outros seres que não pertencem ao lado das trevas. Em Esplendor os dias são muito mais longos do que na Terra, e todos vivem em harmonia. Hoje, em Esplendor, não há mais noite nem escuridão. Mas nem sempre foi assim. A cidade atravessou uma secular batalha entre Anjos e Bruxos pelo poder, até que, há vinte e cinco anos atrás, encontramos a paz.

— Quando eu nasci?

— Sim, e não. Você não nasceu há vinte e cinco anos, você foi retirada da hibernação há vinte e cinco anos.

Heather olhou assustada para Mills, mas manteve-se sentada e impassível. Ouvir a história de Henry era doloroso, ouvir a sua própria deveria ser ridículo. Mas como ela já havia sido apresentada àquela realidade sobrenatural semanas atrás, não deveria ser muito difícil aceitar um pouco mais de fantasia em sua vida.

— Sua mãe, Abdiel, era um Anjo muito diferente. Ela apaixonou-se por um Bruxo de extrema grandeza, seu pai, exatamente em um período de trevas em Esplendor. A eles jamais seria permitido ficarem juntos, principalmente porque Abdiel era vista como a sucessora ao trono. Os Bruxos a queriam morta, e seu pai a trouxe para o Mundo Inferior. Ela estava grávida de você, eles descobriram e decidiram fugir. Mas não era seguro que você nascesse até que a guerra acabasse; então Fletcher, após o parto, colocou-te em suspensão e Abdiel confiou a mim a missão de zelar por sua segurança. Somente quando Esplendor encontrou a paz você pode 'nascer', Heather. Há vinte e cinco anos.

— E por que estou sabendo tudo isso agora? - Ela estava atônita. -

Quero dizer, vivi até agora na ignorância, acreditando em minhas origens. Por que preciso saber que minha mãe e meu pai eram um tipo de casal de super-heróis; por que ninguém achou importante me contar isso antes?

— Porque você está prestes a ascender, Heather, e também terá *superpoderes*. - Mills aproximou-se, flutuando. Seu olhar era maternal, e seu tom de voz suave. - Os Anjos nascem e se desenvolvem até os vinte e cinco anos. Então eles ascendem. Durante a ascensão eles descobrem seus poderes e se tornam plenos.

— Que tipo de história de Anjo é essa! Eu sempre pensei que anjos fossem bonzinhos e tivessem asas. Nunca pensei que fossem como a Liga da Justiça.

— Você fala complicado. Mills franziu o cenho. Existem diversas espécies de Anjos, e nós somos uma delas. Somos diferentes, uma evolução. Temos matéria, e poderes. Não sei explicar, Heather; é natural, existir mais de uma espécie do mesmo gênero.

— E eu vou ficar como você? - Heather arregalou os olhos, dando-se conta da possibilidade de tornar-se luz.

— Não, acredito que não. Você tem muito do seu pai, sua morfologia se assemelha à dos humanos. Sempre será matéria pura, você provavelmente será pouca luz. Mas eu sou matéria, porém na Terra eu sou muito poderosa, e isso me deixa assim.

— Ainda bem. Eu não quero perder o que sou.

— Você diz isso por questões mesquinhas. Mills repreendeu-a. - Você quer manter seu corpo humano porque você está apegada a... - Heather a encarou irritada, e Mills decidiu reformular a frase. você está apegada a Henry. Heather, não há valor no prazer físico que você quer sentir ao lado dele. Isso tudo é repugnante.

— Cale-se. - Heather levantou-se e sentou-se à penteadeira para escovar os cabelos úmidos. - Cale-se, não fale assim dele. Simplesmente não fale. Você pode não gostar dele e ter seus pré-conceitos, mas *não*. Não vai passar por cima dos meus sentimentos e ofendê-lo dessa forma.

— E quais são os seus sentimentos, Heather?

— Eu não sei. - Ela disse, bufando. - E não te interessaria! Continue

contando essa história de ascensão.

Mills revirou os olhos, quase desistindo. Bell tinha razão mais uma vez, Heather era mesmo filha de Abdiel. A mesma teimosia, a mesma determinação a fazer o que achava certo, e estar quase sempre errada.

— Quando você ascender, você deve estar em Esplendor, comigo.

— Ah, mas não de novo! - Heather deu uma gargalhada, e então percebeu que sua mãe não poderia saber que ela conversava com um Anjo em seu quarto. Ela detestaria ter que dar explicações; já estava farta de mentir. - Nem pensar que eu vou para esse lugar, não sei nem onde é Esplendor!

— Heather, a ascensão é poderosa, e perigosa. Você estará à mercê de seus poderes desconhecidos por algum tempo; e aqui, na Terra, você poderá colocar a todos em perigo. Se estiver em Esplendor, saberemos o que fazer. Todos os Anjos ascendem, já estamos totalmente acostumados a lidar com esse momento.

— A resposta ainda é não. Eu me tranco no quarto e só saio quando esse... poder? É, quando esse poder sair de mim.

— Ele não vai *sair* de você. Mills ergueu uma sobrancelha. Ela não vestia roxo daquela vez, mas seu manto tinha tons de azul e bege. Parecia uma personagem de histórias infantis, com seus cabelos pálidos expostos à luz do sol. Heather não pode negar que se parecia mais com Mills do que com sua família. A sua palidez então era uma característica dos Anjos. - O poder emana de você, Heather. Existem vários níveis de Anjo, e a sua mãe era o mais poderoso. Você, por ser um híbrido tão forte, pode ter poderes avassaladores, insuperáveis.

— Uau, eu serei como o Super-homem?

— Não sei do que você está falando. Mas não se trata de uma brincadeira. Eu vim avisá-la de que deve ir comigo a Esplendor, antes de sua ascensão.

— Eu não vou, já disse. - Heather terminou de escovar os cabelos e vasculhou o armário em busca de alguma coisa para vestir. - O que vai fazer; levar-me à força?

— Eu não. - A voz de Mills assumiu um tom severo. Mas Bell sim. Ela pretende levá-la de qualquer jeito, e ela tem Seraphiel e talvez Anael

ao seu lado.

— Quem são esses? - Heather sentiu curiosidade mais uma vez.

— A Bruxa Bell e o Anjo Seraphiel são Superiores de Esplendor. E o Anjo Anael compõe o Conselho. Eles, do Conselho, consideram você uma ameaça e querem você de volta a Esplendor. Heather, venha comigo. Não poderei protegê-la se eles vierem buscá-la; eles são todos muito mais poderosos do que eu.

— Mas não mais do que eu serei, certo? - Heather sentiu um calafrio só em pensar naquela possibilidade. - Quero dizer, eu poderei enfrentá-los.

— Você não vai querer usar seus poderes tão levemente. - Mills balançou a cabeça negativamente, querendo varrer do pensamento a proposta de Heather. - É perigoso, você entende? Aqui, é muito perigoso. Venha comigo.

— Eu vou pensar. - Heather quis livrar-se de Mills, naquele instante. O convite havia se tornado uma imposição. Ela teria que ir espontaneamente, ou um grupo de seres míticos surgiria na Terra para levá-la. Se ela fosse por seus próprios pés, poderia voltar? Se ela não opusesse resistência, poderia convencer os superiores que ela não era um perigo? Poderia ela ser um perigo? De uma cientista tola e genial, Heather transformou-se em ameaça à segurança pública em dias. - Deixe-me pensar, eu não vou passar por essa ascensão agora, vou?

— Em algumas semanas. - Mills confessou.

— Então, dê-me alguns dias para pensar.

O Anjo desmaterializou-se, no mesmo instante em que um vento frio soprou para dentro do quarto de Heather. A garota levou alguns minutos para se recuperar da visita de sua protetora. Daquela vez, a situação não parecia divertida. Ela estava compreendendo, então, os motivos que levaram Mills a interpelá-la, depois de tantos anos. Heather carregava dentro de si algum tipo de poder que todos pareciam temer.

Ela não queria pensar naquilo, não naquela manhã, não naquele dia. Depois de vestir-se e sentir-se menos impressionada com a aparição de Mills e seus feixes de luz, Heather ligou para Kristen e carregou a amiga para o casarão, onde seria a cafeteria. O engenheiro já havia

preparado um projeto, e elas precisavam conseguir os empreiteiros que fariam a reforma. Como Kristen morara a vida toda em Graceland, ela era a pessoa mais indicada para conhecer alguém para o serviço. Heather tentaria manter-se ocupada o suficiente para não ter que pensar nos acontecimentos da manhã.

O dia então transcorreu sem maiores aborrecimentos. Kristen estava falante demais, querendo saber todos os detalhes da noite. Heather foi embora do Clayton's sem avisar, e aquilo não era algo que Heather faria. A amiga tinha certeza que o galante Henry tinha algo a ver com aquilo, e não estava em nada enganada. Mas Heather não podia contar-lhe tudo que acontecera. Ela teve que suprimir os detalhes hediondos, como o fato de que Henry fugiu dela e por isso ela correu até ele, sendo quase atropelada pelo carro vermelho. Ela também não poderia contar que fora dormir na casa do vampiro, e que ele não pode tocá-la porque ele não tinha controle sobre seu instinto de caça. O que podia ser revelado, Heather passou a noite com Henry, de uma forma simples. Ao menos, era o que ela gostaria que tivesse acontecido.

## 09 { A DECISÃO }

A cafeteria poderia ser inaugurada em alguns meses, foi o prognóstico indeciso do empreiteiro escolhido por Kristen. Ele tinha um preço compatível com o serviço e um prazo tolerável. Em alguns meses, as duas garotas estavam suficientemente ansiosas. Mas a ansiedade de Heather estava também focada em outro lugar. Ela aguardava o sol se por, e a possibilidade de ver Henry novamente. Ela sentia como se algo estivesse inacabado, e ela detestava deixar coisas inacabadas. Heather era uma perfeccionista, nada poderia permanecer incompleto.

Por mais que ela estivesse empolgada com a ideia de investir seu tempo em algo menos científico, porque desde que Heather descobriu que existia um mundo de fantasia além do seu mundo cético de pesquisadora ela estava enxergando tudo em uma perspectiva diferente; e por mais que Kristen fosse uma boa companhia, ela ansiava para que dia terminasse logo. A sua vida girou cento e oitenta graus em cinco, seis dias, e ela se sentia como se de repente tudo antes não tivesse passado de um filme; e a vida real começasse a partir do instante em que recebeu Mills em sua casa. Heather sempre gostou da noite, porque somente à noite ela podia observar as estrelas. E a noite então a traria algo mais interessante do que as estrelas. Heather soltou um suspiro de desalento enquanto dirigia de volta para casa, em velocidade acima do permitido. Ela nunca achara nada mais interessante do que as estrelas, aquele simples pensamento a fazia sentir medo. Medo do que ela poderia sentir por Henry, medo do que ela era, medo do que poderiam fazer com ela, medo do que ela poderia se tornar. Medo de, ao fim, ser impossível estar com Henry. E nunca, em sua vida curta, ela teve medo de não estar com alguém.

Heather parou o carro na frente da casa, porque ela pretendia dirigir até a hospedaria mais tarde. Primeiro, tomaria um banho e se prepararia para reencontrar o vampiro, depois da noite anterior. Ela ainda sentia os seus músculos trêmulos em razão de toda aquela

experiência nova. A mãe estava invariavelmente na cozinha, e ela apenas a cumprimentou. Subiu as escadas de madeira com o assoalho rangendo sob seus pés, e trancou-se no quarto. Heather recostou-se na porta branca de madeira de baixa qualidade e respirou algumas vezes. Ela sentia-se uma adolescente apaixonada, e aquilo causava ainda mais pavor. Heather nunca fora uma adolescente, e menos ainda apaixonada. Ela já tivera homens em sua vida; Heather não era uma virgem imaculada de vinte e cinco anos. Mas fora apenas casual, momentos de prazer físico, que vieram e se foram, na mesma intensidade. Heather ainda não tinha se *apaixonado* por ninguém nem por nada, além da ciência.

Mas com Henry era diferente. Ela se sentiu uma tola desde a primeira vez que o viu; e a ignorância parecia acometê-la por completo sempre que estava em sua presença. Henry parecia-se com um potente narcótico que a mantinha sedada; seu corpo perdia contato com seus neurônios. Não deveria ser daquela forma, com um quase desconhecido. Foi com aqueles pensamentos desconexos e confusos que ela entrou no chuveiro, evitando molhar os cabelos, que eram cuidadosamente envoltos em uma touca de plástico opaco. Heather ouviu a campainha tocar, mas a mãe atenderia. Que não fosse Antoine, porque ela não estava definitivamente apta a encarar Antoine naquela noite.

Helena Cohen enxugou as mãos em seu avental xadrez de vermelho e branco e retirou a peça, descartando-a. Com os lábios franzidos, ajeitou os óculos que lhe escorregavam pelo nariz. A pequena mulher tinha cabelos crespos e castanhos, e uma face redonda. Era o real estereótipo da mãe, como nos seriados de televisão. O vestido de tecido barato movia-se enquanto ela se dirigia para atender à porta.

A reação da mãe foi a mesma de todos que o viram no Clayton's. Helena arregalou os olhos e deixou que sua boca se entreabrisse um pouco, surpreendida pela aparência da pessoa que estava de pé à sua porta. Segurando um pequeno ramo de flores silvestres e vestindo calça de tecido cinza chumbo e camisa branca de botões, com um colete de flanela xadrez por cima, prendendo cuidadosamente a gravata vermelha, Henry sorriu ao ser recebido

por uma Helena não muito menos atônita do que Heather costumava ficar. Os cabelos penteados para o lado davam a ele um ar juvenil.

— Boa noite. A Heather está? - Ele perguntou, a voz suave soando como uma sinfonia agradável aos ouvidos de Helena.

— Sim, ela está.

— Henry Austin. - Ele considerou que deveria apresentar-se. - Sou um amigo.

— Claro. - Helena ainda se sentia desconcertada. O olhar de Henry a deixou zozza, como se ele fosse capaz de hipnotizar as pessoas. Mas ela tentou manter-se natural. - Entre, por favor; eu vou chamá-la.

Henry entrou, batendo os pés levemente na soleira da porta para evitar carregar poeira consigo. Os sapatos de verniz eram marrons, com cadarços meticulosamente amarrados em um laço elegante.

— Heather. - A mãe chamou, do andar de baixo. A garota ainda estava no banho, e o barulho do chuveiro a preveniu de ouvi-la. - Heather! Você tem visita.

A única palavra audível para a filha foi 'visita'. Certamente era Antoine, porque Kristen não era vista como uma visita. Kristen não se fazia anunciar, ela subia e invadia o espaço de Heather. Então, deveria mesmo ser o Francês que insistia naquele relacionamento platônico sem futuro. Ela franziu a sobrancelha, e desligou o chuveiro já considerando que desculpa ela daria ao rapaz para não atendê-lo. Uma pesquisa que ela precisava entregar com urgência o resultado foi a escolha.

Enquanto Heather vestia-se e decidia se queria parecer normal ou sexy, a mãe tentava entreter o convidado.

— Aceita uma água, um café, um chá? - Helena perguntou, diligente. Henry puxou levemente a manga da camisa de algodão e olhou o relógio, pensativo.

— Um chá seria perfeito. - Ele sorriu.

— Com açúcar, creme, leite?

— Duas pedras de açúcar, por favor. - Henry manteve-se educadamente de pé, até que sua anfitriã fez um sinal para que ele

se sentasse, e seguiu para a cozinha. Voltou dois minutos depois, com uma bandeja e duas xícaras de chá inglês, com uma pequena vasilha de creme.

No quarto de Heather, ela já tinha tirado doze peças de roupa do armário e nenhuma servia. Vestir-se nunca fora um problema, porque a escolha sempre era jeans e camiseta. Mas ela estava confusa, então, e não parecia apta a decidir coisas simples como a roupa da noite. Heather temia vestir-se de forma sensual demais e causar algum sofrimento a Henry. "*Ele precisa aprender a se controlar, então não seja assim tão cruel!*" ela esbravejava consigo mesma, enquanto descartava um vestido preto com decote.

— Heather!!!! - A voz da mãe ecoou pelo hall do corredor mais uma vez, estridente como se estivesse em um megafone. - Você se perdeu aí em cima?

A garota colocou meio corpo para fora do quarto, irritada com a insistência.

— Mãe, eu estou me vestindo. Diga a Antoine que me espere, em alguns minutos eu desço!

Helena franziu a testa e saiu balançando a cabeça, negativamente. A filha estava fora de si; pedia para dar um recado ao Francês que sequer estava ali! convidado, que bebia o chá lentamente. A Voltou para o Sra. Cohen o observou discretamente por alguns instantes, apavorada com a constatação de que ela nunca vira ninguém como aquele rapaz em Graceland. Era como se ele tivesse características que o tornassem diferente de tudo que existia.

Alguns minutos depois, ouviu-se o rangido da escada e Heather apareceu na sala, desatenta, terminando de pentear os cabelos. Vestia uma enorme blusa de tricô vinho combinada com uma calça *legging* preta e sapatilhas. Fazia frio e a blusa de lã a manteria aquecida o suficiente. Ao mesmo tempo, ela se sentia menos normal do que com os seus surrados jeans. Ao lado de Henry ela *não* era normal, então não adiantava lutar contra o óbvio.

O convidado colocou a xícara de chá sobre a bandeja e levantou-se, tão logo percebeu que Heather estava chegando. A garota já vinha falando a sua desculpa preparada para ludibriar Antoine quando parou no meio da sala, os olhos arregalados. O pente que segurava

caiu no chão, e ela perdeu o ar por alguns segundos.

— Henry? - O choque não havia passado, mas ela conseguiu dizer alguma coisa. - Você... o que você...

— Boa noite. - Ele se aproximou e entregou a ela as flores. Heather segurou o pequeno buquê nas mãos e encarou o vampiro, que tinha um sorriso involuntário nos lábios perfeitos. Ela podia jurar que eles estavam menos pálidos. - Vim ver se você quer sair para jantar.

— Você veio até minha casa. - Ela tentou falar em tom de voz baixo. - Céus, você está em uma sala com a minha mãe! Por quanto tempo permiti isso? Ela já teve tempo de falar sobre toda a minha infância problemática para você?

Henry deu uma risada.

— Ela não falou nada, ainda. Acho que eu a deixei um pouco intimidada.

— Você deixa todo mundo intimidado. - Heather baixou o olhar. - Não acredito que veio à minha casa. Você quer subir?

— Sua mãe lida bem com isso? Homens no seu quarto, a essa hora da noite? E por acaso vou conhecer seu pai?

— Meu pai está ainda trabalhando. - Heather continuava sussurrando. Os dois estavam parados no meio da sala, de frente um para o outro. Helena Cohen estava na cozinha, mas Heather sabia que a mãe tinha ouvidos poderosos.

- E meus pais não sabem como lidar com homens em meu quarto, eu nunca levei nenhum.

— Que falta de sorte, desses rapazes. - Henry sorriu. Acho melhor irmos comer alguma coisa; quero dizer, acho melhor  *você*  comer alguma coisa. - Ele corrigiu. - Eu não quero ser um visitante intrometido que viola a integridade de Heather Cohen.

— *Integridade?* Você falando parece meu avô.

— Eu garanto que sou mais velho do que ele.

— Vamos embora. - Heather empurrou Henry para a porta, sentindo um calafrio lhe percorrer a espinha. - Mãe! Vou sair para jantar, não me espere! - Ela gritou, já da porta.

A Mercedes SRL vermelha estava parada na frente da casa de Heather, atrás de seu carro prateado. Alguns meninos da vizinhança já tinham se aproximado, assombrados com a beleza e magnitude

do veículo. Henry abriu a porta para que Heather entrasse, e depois fez roncar suave o motor do carro, arrancando em direção a Point Hill. Ligou o aquecedor no mínimo e colocou uma música suave para tocar. Heather ajeitou-se no banco de couro bege e ajustou o cinto de segurança. Passaram alguns minutos sem falar nada, até Henry deixar Graceland e tomar o acesso para a rodovia.

— Aonde vamos? - Ela perguntou, e estava bastante ansiosa. - Eu não quero jantar, não estou com fome.

— Você precisa se alimentar. Mas podemos ir onde você quiser. - Henry disse, prestando atenção na estrada. - Algum lugar que você queria ir, que justifique pular a refeição?

— Não.

Heather disse aquilo, mas a voz lhe falhou involuntariamente. Ela não queria dizer a ele o que ela queria, realmente. Sentia-se péssima, sentia-se adolescente, sentia-se *ridícula* em querer tanto uma coisa que para ela nunca foi importante ou significativa. Ela queria ficar em qualquer lugar, desde que estivesse nos braços de Henry. Quando foi que ela tinha se tornado uma tola apaixonada, era o questionamento que ela se fazia sem parar.

— Então vou levar você a um lugar especial. - Henry não conseguiu esconder o sorriso maroto que brotava em seus lábios. - Você confia em mim?

— Sim. - Mais um monossílabo. Henry exibiu um sorriso mais largo, e levou sua mão direita à de Heather, segurando seus dedos com uma leve pressão. Suas mãos não estavam frias, elas tinham uma temperatura diferente. Heather sentiu a pele suada, quase viscosa por sobre a sua.

Não foram proferidas mais palavras até a chegada ao destino final. O ar dentro da Mercedes estava denso, e o aroma de Henry parecia ainda mais precioso dentro de um ambiente totalmente fechado. O carro vermelho parou na frente de um prédio fechado e aparentemente quase em ruínas, que ficava em um descampado entre Graceland e Point Hill. Heather não se lembrava daquele lugar, se um dia já tivera estado ali. A construção parecia não muito antiga, e o telhado arredondado a fez ter uma ideia do que era.

— Esse é o observatório de Point Hill. - Henry sorriu, enquanto

segurava a corrente que lacrava o portão com as duas mãos. Com um pequeno esforço, ele puxou a corrente e ela se arrebentou, possibilitando que eles entrassem. Os humanos têm trancas inúteis.

- Ele riu.

— Um observatório?

— Sim, está abandonado há anos. Você não está vendo o telescópio porque ele está virado para o outro lado. Mas as engrenagens ainda funcionam, se você quiser observar as estrelas. Está uma noite linda.

— Não acredito. E eu não lembrava que existia essa coisa aqui? - Heather entrou seguindo Henry, caminhando pela pequena trilha de pedra até chegar à porta fechada do observatório. Mais um pouco de força, e a porta cedeu sob as mãos firmes de Henry. Ele a levou até a sala de observação, e passou as mãos por sobre os controles do telescópio, intencionando retirar a poeira que se instalara ali. O cenho franzido, Henry conferiu se havia força e se era possível ligar o equipamento.

— Acho que funciona. - Ele observou as luzes acesas. Você pode tentar abrir o telhado, eu vou ao carro buscar algo que esqueci.

Henry beijou rapidamente a testa de Heather, e retirouse. A garota sentiu-se como em um parque de diversões. Se ela já estava se sentindo uma criança, naquele momento ela realmente parecia uma. Heather aproximou-se dos controles e identificou os comandos importantes. Pressionou o botão que faria o telhado se abrir, e ouviu com prazer o ruído de ferro enferrujado se movendo. Depois, girou a alavanca do telescópio, fazendo virar-se para o nordeste. Ela pretendia observar aquela região, já que era onde estudava algumas constelações. Seus olhos percorriam todo o lugar empoeirado em êxtase, e era quase a mesma sensação louca de quando ela se viu sozinha com Henry no quarto dele.

Ela sentou-se na cadeira de observação, puxou para si o telescópio e ajustou o foco. O mundo que ela conhecia então se abriu diante de seus olhos. Por um instante, a Terra pareceu um lugar desconhecido e as estrelas eram familiares. Heather não pode evitar pensar se Esplendor era uma estrela; se o lugar que Mills chamava de casa estaria por ali, iluminando a noite dos mortais.

Esplendor. O pensamento se perdeu das estrelas para a conversa

que ocorrera durante a manhã, com o Anjo Mills. Heather respirou fundo, não querendo pensar naquilo. *Não agora*, ela pensou. Não enquanto ela estava ali, naquele lugar de sonho, com Henry. Não enquanto ela lutava para compreender o que Henry significava para ela, e qual era a implicação real de estar com ele. Enquanto ela se dividia entre as estrelas e o conflito que se instaurara dentro de si, ela sentiu um par de mãos mais frias lhe tocando os ombros. Os dedos de Henry pressionaram sua omoplata, massageando suavemente seus músculos tensos. Ela pode sentir a sua respiração, o hálito aromatizado que saía de seus lábios toda vez que ele exalava o ar. Os dedos escorregaram para o pescoço de Heather, e ela pode sentir-se envolvida pelas mãos grandes do vampiro.

— O que estamos fazendo? - Ela perguntou, com os olhos fechados, o telescópio empurrado para o lado. Henry continuava a massageá-la, e ela já estava se sentindo mole. O torpor da presença de Henry; era a mesma sensação de antes.

— Eu continuo não sabendo. - Henry sussurrava. - Bem, na verdade, eu sei. Você também sabe. Mas não aceitamos, porque talvez seja difícil demais lidar com a situação. É difícil demais lidar com isso, não acha?

— Sim, é muito difícil. - Ela deixou sua cabeça pender para trás, sendo sustentada pelo abdômen de Henry. - Mas estamos fazendo mesmo assim, ou seja, gostamos de confusão, não é mesmo?

— Sim, eu posso dizer que sou tentado a buscar problemas. - Henry fez girar a cadeira de Heather e ela estava então de frente para ele. Ele segurou-a pelos ombros e a fez erguer-se. A facilidade com a qual ele a manipulava era quase patética. Heather não conseguia exercer reação física quando ele a tocava; era como se todos os seus sentidos pertencessem, subitamente, a Henry. - Acho que é quase um vício. Mas eu nunca fiz nada tão errado, nem quando fui procurar aquela besta, há mais de quinhentos anos atrás.

— E eu sou um erro maior do que sua busca pela morte?

- Heather recostou-se no ombro de Henry, passando os braços por ele, envolvendo-o em um abraço. Suas mãos pousaram em suas costas, e ela deixou que os dedos delineassem a forma de seus músculos.

— Sim, você é. - Ele riu, mas seus lábios tocaram os cabelos de Heather. - Você é uma perdição loira de olhos transparentes, que fala sem parar e parece um enorme banquete, principalmente vestindo essa roupa cor de vinho.

— Veja quem está falando. - Ela protestou, sem mover-se. Estava gostoso perder-se nos braços de Henry, deixar que suas mãos espalmadas tocassem as suas costas. - Como se fosse muito natural, para mim, envolver-me com um vampiro! Até uma semana atrás eu sequer acreditava que você existia, e agora não tem um minuto do dia no qual eu não pense em você, Henry Austin. Wesley me disse que vocês não me conseguem 'enfeitiçar', mas eu duvido. Você consegue.

O telhado do observatório estava aberto, e não havia luz acesa dentro do prédio antigo. O luar pousava seus raios prateados na face do casal sobrenatural que dançava sem música sob o teto de estrelas. Henry puxou o queixo de Heather para cima e beijou seus lábios mais uma vez. Seus músculos se contraíram pelo sabor que o fazia pensar no sangue. Ele precisava manter suas presas retraídas, ele precisava concentrar-se. Heather *não* era alimento, ela era diferente. As mãos pressionaram a pele da garota e a puxaram para mais perto. Os dois corpos ainda não tinham estado tão próximos, pele com pele. Os lábios de Henry se desvencilharam dos de Heather e ele beijou lentamente seu queixo, a linha de seu maxilar, até chegar ao seu pescoço. A forma mais cruel de provocação, ele pensou consigo mesmo.

Heather descobriu o que Henry havia esquecido no carro quando ele a empurrou para baixo, fazendo-a deitar em um amontoado de cobertas que estavam estrategicamente colocados no chão. Enquanto ela se deliciava mexendo no telescópio ele arrumara o espaço para que pudessem usufruir dele. Havia também algumas almofadas, e ela foi cuidadosamente colocada por sobre elas. O beijo se tornou mais intenso, e Heather já não sentia mais o torpor inicial. Ela estava proativa, e muito agitada com tudo. Suas mãos abriram um a um os botões de madeira do colete de Henry, retirando-o, apressadamente. Depois, afrouxaram a gravata e deslizaram para os botões da camisa branca. Henry a beijava por

toda a extensão de seu pescoço, até chegar ao colo, onde encontrava os nós da linha da blusa cor de vinho.

Quando Heather terminou de abrir cada botão da camisa que já estava suficientemente amassada, seus dedos apressadamente percorreram toda a extensão de seu peito, tateando suavemente os músculos abafou um urro e puxou o corpo que encontrava. Henry para trás, afastando-se subitamente. Ele não tinha a face retorcida do vampiro transformado, mas sabia que estava prestes a sucumbir. Daquela vez, não se falou nada. Henry sentou-se, recostando o corpo nas almofadas coloridas, a camisa aberta revelando mais o seu corpo do que ele se sentia confortável. Heather ajeitou os cabelos, prendendo-os rapidamente, e arrastou-se para o lado do vampiro, deitando a cabeça em seu peito. Ela podia sentir, sob sua cabeça, o diafragma que se contraía.

— Henry. - Ela chamou, depois de alguns minutos de silêncio. Os dois apenas se tocavam, sem muitas pretensões.

— Diga. - Ele beijou seus cabelos.

— Por que você sente isso? Quero dizer, não dá simplesmente para, quero dizer, ficarmos juntos sem que você queira cravar os dentes em mim? – A frase completou-se com alguma dificuldade. Ela tentou brincar, mas pode sentir a tensão percorrer o corpo do vampiro. Ele deu um suspiro profundo.

— Dá sim. - Ele pressionou sua pele com mais força, a carne branca da garota entre seus dedos. – Eu tenho certeza que é possível, mas eu não tenho experiência em fazer isso. Eu nunca fiz isso. - Henry franziu-se todo, sentindo a impotência da vergonha. Ele não se sentia confortável em falar sobre sexo com uma mulher; ele não se sentia confortável falando sobre aquilo com ninguém. - Bem, eu tenho inexperiência absoluta em me envolver com uma mulher de outra espécie. E você cheira como humana; é muito difícil de controlar o ímpeto de me alimentar de você. Como eu disse antes, os desejos são todos misturados.

— Você me mataria, se isso acontecesse? - Heather não sabia onde aquela curiosidade a levaria, mas ela precisava perguntar.

— Não, provavelmente não. - Henry ponderou. Heather ergueu o olhar e capturou seus olhos. Havia tristeza na noite, mais uma vez. A

luz fraca da lua o fazia ainda mais pálido. - Eu não te mataria, eu controlo muito bem esse aspecto. Eu não mato para me alimentar.

— Então, por que você não deixa acontecer?

— Porque eu ainda me lembro do que houve com Wesley. - Henry deu uma gargalhada. – Você poderia matar-me.

— E se eu disser que eu não vou te machucar? E se eu disser que eu *não quero* te machucar, e isso é suficiente?

Henry puxou Heather para si e a beijou novamente, sem qualquer urgência. Eles tinham bastante tempo para ficar ali, e estar com Heather em qualquer aspecto parecia suficiente. Ela, no entanto, não parecia achar o mesmo.

— Não precisa se preocupar com isso.

— Você confia em mim? - Heather apoiou os cotovelos no peito de Henry e o encarou, o nariz tocando o dele suavemente.

— Você quer mesmo ser mordida por um vampiro? - Ele ergueu uma sobrancelha. - Tem certeza que é o que deseja; isso pode ser doloroso. Eu não sei, parece injusto e cruel submetê-la a isso.

— Eu quero compartilhar *tudo* com você. - Ela disse, permitindo-se beijar o peito nu de Henry enquanto falava. Não importa se nos conhecemos há poucos dias; para mim é como se fossem anos. Há um tornado dentro de mim, e ele quer você de qualquer jeito, não importa o preço que eu tenha que pagar. Eu não costumo pechinchar.

Henry fez com que Heather o encarasse, e beijou seus lábios bem devagar. Em instantes, a urgência estava de volta. Ele não discutiria com Heather, porque ela parecia tão certa de sua vontade, tão certa de suas certezas. Ela garantiu que não o machucaria porque Heather prestou atenção no Anjo Mills quando conversaram mais cedo. Heather sabia que ela detinha um poder imenso, e que esse poder poderia ser plenamente controlado por ela, antes mesmo da tal ascensão. Ela duvidava que seu sangue fosse venenoso, porque ela cheirava como humana. Eram as palavras de Henry. Ela não podia ser tão humana e ao mesmo tempo tão inumana. Mills garantiu que ela jamais deixaria de ser matéria. Tudo aquilo conjugado a fazia ter certeza absoluta de que ela controlava tudo em seu organismo.

Wesley havia sido envenenado não porque Heather era venenosa, mas porque ela quis feri-lo. Era essa a certeza que ela tinha, e era a certeza que ela precisa convencer Henry a ter.

O vampiro de cinco séculos de vida ainda não tinha experimentado nada daquilo. Ter Heather poderia se assemelhar a uma conquista única. Ele a deitou novamente nas cobertas, no meio das almofadas, e passou a beijar toda a extensão de seu corpo. A blusa vinho foi descartada sem qualquer pressa. Aquilo era tão contrário aos seus preceitos e princípios, mas ele não quis impedir de acontecer. Henry era um cavalheiro, ele não devia aceitar agir daquela forma. Mas eles estavam no século XXI, e todas as convenções e tradições de sua época não poderiam mais se aplicar ao momento. Seus lábios não mais se importavam em tocar o corpo humano de Heather com propósitos outros que alimentar-se. Ele a queria, ela o queria, o que importava era apenas aquilo.

A sensação de estar com Henry era quase insuportável, Heather sabia. A textura de sua pele era mesmo diferente, e ela pode sentir aquilo com mais precisão enquanto lhe retirava a camisa e permitia que seus dedos desabotoassem a calça senhoril que ele trajava. Não havia mais diferença de temperatura entre eles, ela estava plenamente adaptada à pele mais fria. Seu coração batia descompassadamente enquanto Heather se entregava sem restrições àquilo que a atormentava por dias.

Entre seus lábios, ela podia sentir que ele tinha sua face completamente transformada. Deixou que a ponta da língua tocasse as presas expostas, como se aquilo fizesse parte do jogo. Um jogo que poderia ser perigoso se ela não tivesse tanta ciência de tudo à sua volta. Divertiu-se quando Henry precisou abafar mais uma vez o som que saía de sua garganta. Ela não considerava que aquilo pudesse fazê-lo sofrer, ela tinha certeza que ele estava bem. A certeza que Heather sempre tinha sobre tudo estava de volta. A sua fé estava estabelecida, na direção oposta do que antes era.

— Se eu... - Henry encarou Heather por um momento, mesmo envergonhado de sua aparência. - Se eu não resistir e se alguma coisa me acontecer, basta ligar para...

Heather selou seus lábios com um dedo.

— Confie em mim, Henry.

Foi o suficiente para que ele se calasse e aquilo não mais importasse, também. Como Henry suspeitava, não seria possível resistir a Heather naquele momento. A sensação de prazer em estar com ela conectava-se inexoravelmente à sensação de prazer que o sangue proporcionava. Ele resistiu ao máximo, mas cada vez que seus lábios passavam a centímetros de seu pescoço, ele sentia sua boca se partir e a tentação lhe causava uma agonia imensa. No ápice do momento, a própria Heather moveu-se delicadamente para o lado, como que insistindo para que ele desse vazão àquele desejo irresistível.

Ela tinha os olhos fechados, e esperava dor. Henry beijou-a, os músculos trêmulos, os lábios repartidos, os dentes lentamente pressionando a carne flácida do pescoço de Heather até que estivessem totalmente inseridos. O sangue imediatamente verteu da ferida, e ele fechou a boca ao redor para não desperdiçá-lo. Henry tinha as mãos fechadas em punhos ao redor de Heather, sustentando o peso de seu corpo. Ela cravou seus dedos nas costas do vampiro, sentido um misto dolorido de prazer e tranquilidade. Doía, ela não podia negar. Era como se seu pescoço tivesse sido perfurado por algo bem maior do que um prego, duas vezes. Mas os lábios de Henry estavam tão macios, e ele se movia ainda tão lentamente por sobre si que a dor deixava de ser significativa.

E então, acabou. O tornado que estava dentro de Heather se foi, deixando devastação por onde passou. Seu corpo estava novamente mole como se feito de borracha, enquanto as mãos habilidosas de Henry a seguravam pelas costas. A dor tinha ido embora, e os lábios do vampiro delineavam o seu maxilar mais uma vez, serenamente. Ela sentia calor, muito calor, como se todo o sol estivesse contido em sua pele. Queimava, como fogo. E ela sentiu a necessidade absurda de relaxar, de permitir a seus músculos que não se movessem mais. Ela só percebeu quando Henry a aconchegou entre seus braços. Logo após, seus olhos se fecharam e o cansaço se abateu por sobre ela, fazendo-a adormecer quase que instantaneamente.

Enquanto adormecia, Heather sonhou. Ela vinha sonhando repetidamente a mesma coisa, e era sempre um pesadelo horrível.

Daquela vez, era como se ela estivesse apenas acordada, tendo que tomar a decisão mais importante de sua vida. Ela tinha apenas vinte e cinco anos, mas dela dependia tanta coisa. Heather não queria aceitar aquilo, mas ela não tinha escolha. Ela tinha que decidir, ela precisava fazê-lo. Ela estava para ascender, e a ascensão iria colocar Henry em perigo. Ela sabia, Heather havia desenvolvido uma percepção absurda sobre tudo. Era uma semana, ela continuava pensando a mesma coisa. *"Minha vida não pode mudar tanto em uma semana!"* ela protestava. Mas era inevitável, era parte do que ela era. Era a transformação, a ascensão para o seu estado máximo de Anjo.

Imediatamente, ela se recordou que Henry poderia estar sofrendo. As suas certezas perderam a solidez que tinham adquirido no momento anterior. Henry poderia estar ferido, agonizando por causa de seu sangue ruim. Heather sentiu a agonia, querendo acordar de todas as formas. Seu corpo se debatia, porque ela precisava acordar. E se Henry estivesse precisando dela? A agitação passou subitamente quando ela sentiu os dedos frios que lhe acariciavam a face. Novamente, uma onda de tranquilidade a acometeu, e ela concentrou-se mais uma vez na decisão que teria que tomar. Mills a aguardava, ansiosa. Ela precisava decidir se ia a Esplendor ou se ficava na Terra. Ela precisava decidir, mas a decisão já parecia tomada. Ela jamais arriscaria Henry, e ela sabia que a ascensão o colocaria em perigo. Ela, por si só, já era o perigo. *"Eu vou com você."* Heather disse, vencida pela impossibilidade de vencer-se. *"Dê-me um tempo, deixe-me explicar a ele."* Seus olhos muito azuis estavam afogados em lágrimas que resistiam em rolar, e ela sentia a sua voz embargada e triste. Ela não podia evitar; ela sabia, dentro de si, que qualquer coisa diferente que fizesse seria ruim para aqueles que ela amava.

Heather acordou sentindo como se o sonho não tivesse sido um sonho. Seus olhos estavam molhados e seu corpo tremia em pequenos espasmos convulsivos. Ela estava tensa e ansiosa. Levou a mão até seu pescoço e sentiu uma fisgada inconveniente. Os dedos tocaram um local muito sensível, e as pontas se sujaram de sangue. Estava dolorido; ela pensou. Seus olhos não queriam se abrir, mas

ela estava acordada. Sentiu quando pegaram seus dedos e sentiu que eram colocados entre os lábios firmes e sentiu a língua úmida que realizava a tarefa de limpar o sangue.

“*Henry!*” Ela quis dizer, mas seus lábios não se moveram e ela ainda não conseguia abrir os olhos. Os lábios então tocaram sua testa, e as mãos acariciaram sua face. Ela quis atirar-se em seus braços, mas ela percebeu que já estava ali.

— Você quer acordar, não quer? - Ele disse, e ela notou uma ponta de apreensão no seu tom de voz. O tom sempre austero de Henry.

— Sim, eu quero. - Finalmente, a voz. - Henry, o que está havendo comigo?

— Nada demais. - Ele a beijou novamente, puxando-a mais para cima. Ela aconchegou-se em seu peito mais uma vez.

- Você está tonta, um pouco fraca. Eu não devia ter feito isso.

— Eu disse que era seguro. - Heather sorriu. Ela sentia-se bem, então. Apesar da fraqueza absoluta e de seus olhos se recusarem a ver a luz, ela sentia-se muito bem. - E foi gostoso.

— Você perdeu o juízo. Como pode dizer que foi 'gostoso' ser mordida e sugada por um vampiro? Veja, você está fraca, pálida, sentindo dor.

— Cale-se, Henry. - Ela disse, batendo de leve em seu peito com o punho cerrado. - Eu sempre fui pálida e não estou sentindo dor alguma. Aliás, dor é o que eu menos sinto, agora. Você poderia tomar todo o meu sangue que eu não me importaria, se fosse para ter você assim outra vez.

— Não diga esse absurdo. - Ele a segurou com toda delicadeza e a moveu para o lado, apoiando-a em almofadas. Heather forçou as pálpebras até que elas se abriram parcialmente, capturando a quase ausência de luz. Tudo estava meio borrado, mas ela conseguiu ver Henry levantar-se e pode observá-lo vestir as calças cinza de tecido grosso e macio. Seus lábios se abriram em um sorriso juvenil enquanto ela tentava se espreguiçar.

— Quanto tempo eu dormi? - Ela disse, finalmente.

— Umas três horas. - Henry conferiu em seu relógio. - E eu preciso ir agora; quero dizer, eu não posso arriscar ser pego pelo sol.

— Você precisa ir? - Heather esforçou-se para erguer sua carcaça

pesada até sentar-se. Ela nem tinha forças para preocupar-se em estar nua, não faria mais a menor diferença. Vai me deixar aqui?

— Claro que não, Heather! - Ele se aproximou, puxando-a para cima e abraçando-a. - Você não pode pensar que eu te deixaria aqui depois de tudo. Na verdade, eu acho que ainda vou enlouquecer, de tanto que eu gostaria de ficar perto de você o tempo todo desde que você desabou em minha existência. Mas eu *preciso* recluir-me, não há previsão de nuvens para essa manhã. Vou levar você para casa.

O vampiro ajudou a garota a vestir-se, porque ela ainda estava fraca e descoordenada. Depois de alguns minutos de pé e respirando ar fresco, Heather já se sentia melhor. Ela não conseguia parar de sorrir, apesar de tudo. O mundo estava girando ao seu redor, e o observatório estava grande demais. As estrelas pareciam borrões no céu escuro, mas ela continuava a sorrir. Henry balançava a cabeça negativamente enquanto a ajudava a entrar na Mercedes. Ele tinha aceitado aquilo, mas sabia que era estúpido. Heather estava muito enfraquecida, ele tinha bebido sangue demais. E ele sabia o que podia acontecer se ele fizesse aquilo. A sua preocupação não era matá-la, mas sim causar-lhe outro mal. Heather não era humana, ela não poderia transformar-se em vampiro, poderia? Ele não sabia, e não pretendia descobrir a resposta.

Não foi uma tarefa simples encontrar as chaves da casa, mas foi possível. Heather foi colocada em sua cama por Henry, a porta do quarto estava cuidadosamente fechada. Ele retirou seus sapatos e cobriu-a com um edredom rosa que cobria o colchão. Olhou em volta por alguns instantes, ele ainda não tinha ido até aquele lugar. Havia uma grande penteadeira antiga na parede próxima à porta, que dava acesso ao banheiro. As paredes eram brancas, e havia adesivos de planetas e naves espaciais no teto, ornado com um lustre de cristais coloridos. Os móveis eram claros e cheios de enfeites, todos muito bem dispostos. Um lugar totalmente diferente de seu quarto, ele pensou. Ela dormia novamente, e ele percebia que não sabia quase nada de Heather. Não tinha ideia de seu passado, de sua vida, de seus anseios e projetos. Ele não a conhecia verdadeiramente, mas sentia como se ela fizesse parte de

sua história. Ele acariciou sua face mais uma vez e beijou sua bochecha com suavidade, deixando o quarto pela janela.

## 10 { POUCO TEMPO }

Sobre Esplendor pairava uma nuvem grossa e escura, como aquelas que anunciam chuva. Uma única nuvem. Israfil observava o céu com curiosidade, sem compreender o significado daquela imagem negra que poluía o céu sempre claro e festivo. No Quarto da Profecia, movimento podia ser ouvido. A Sétima Pedra, na segunda fila, estava descoberta, e o ruído do entalhe era alto o suficiente para chamar a atenção de todos no grande Salão. Mas estavam distraídos demais com a anormalidade climática; eles não seriam capazes de concentrar-se em um barulho qualquer.

Quem chegou ao Quarto foi Vera, a guardiã da profecia. Sua função era monitorar todas as profecias diariamente, e foi ela a testemunha do fato mais inusitado de todos. Muito mais do que qualquer nuvem. Muito mais do que híbridos e vampiros se relacionando como humanos. Um fato que poderia significar tudo, e ao mesmo tempo ela desejou que ele significasse nada. Vera aproximou-se da Sétima Pedra, apreensiva. Sua boca se abriu em espanto quando ela viu que o formão entalhava a pedra sem que ninguém o segurasse. Era pura magia.

A bruxa correu até o Salão Nobre e chamou todos que ali estavam. Sua condição causou pavor entre os presentes. Anjos e Bruxos dispararam até o Quarto da Profecia, seguindo Vera, sem suspeitar da gravidade do que lhes seria apresentado. Ao chegarem todos, a Bruxa Bell foi quem soltou uma interjeição de medo, colocando a mão por sobre a boca para abafar o som de seu espanto.

A Sétima Pedra era a pedra da profecia do Escolhido. A profecia que teria sido escrita quando Abdiel deixou Esplendor com Fletcher; a profecia que tratava do fim. A história que colocou medo em todos, que apavorou Anjos, Elfos, Bruxos, todo tipo de ser mitológico. A Sétima Pedra era a profecia que contava o nascimento de Heather. Ela estava intocada por quase trezentos anos. E, naquele instante, o formão escrevia uma nova história por sobre

aquela, a continuação do filme de terror que Bell tanto temia. A Bruxa aproximou-se, fazendo um gesto com o braço para que ninguém a seguisse. O formão continuava a mover-se sozinho, e Bell pode ler o que ele escrevia. Ela não conseguiu repetir a história para os presentes, apenas dar o seu veredito.

— Estamos todos perdidos. Ela sentenciou, com a escuridão em seu olhar. - Que os deuses tenham piedade de nós.

~\*~

Na estalagem, era noite novamente. Uma grande tempestade era anunciada para Graceland, o que deixou os vampiros animados. Chuva e nuvens pesadas, tudo que eles precisavam para caminharem pelo dia. A ausência do sol os fazia satisfeitos, porque não precisavam recluir-se. Mas aquela noite não foi de celebração pelo clima sombrio, mas de interrogatórios e acusações. Stuart e Wesley tiveram a desejada chance de encurralar Henry e questionar as suas atitudes. Eles *precisavam* questionar Henry. Eles não tinham qualquer autoridade para isso, mas apostavam no fato de que Henry nunca fizera valer a sua hierarquia de vampiro mais velho. Wesley teria a chance de usar a aproximação entre criador e criatura para forçá-lo a confessar e para fazê-lo compreender a loucura que fazia. Isso porque todos os dois tinham certeza de que Henry estava fazendo exatamente o que eles achavam que ele estaria.

O vampiro de cabelos e olhos escuros, que mais se assemelhavam à noite, acordou depois de um dia de sono intenso. Sentia-se renovado e curiosamente mais vivo do que nunca. Alguma coisa dentro dele estava fluindo mais facilmente, e seu organismo estava incomumente satisfeito. Mas ele sabia o que precisaria enfrentar, e não estava nem um pouco preocupado com aquilo.

— Henry. Austin. Lewis. - Stuart estava parado de pé na porta da cozinha, segurando entre as mãos uma xícara de café quente. - Finalmente, acordado. - O vampiro loiro, de cabelos descoloridos como a palha do milho, cheirou o líquido dentro da caneca mutilada

e bebeu um gole. - Ah, café! Eu estou mesmo precisando, ando me sentindo tão frio...

— Diga logo o que pretende, Stu. - Henry jogou-se no sofá e ligou a televisão, em uma atitude bastante Stuart. - Dê-me um sermão e acabe logo com isso.

— Ele não vai te dar um sermão. - Wesley sentou-se próximo a Henry e desligou o aparelho. *Nós* vamos. Assim que você explicar onde passou a noite.

— Não devo explicações a vocês. - Henry olhou para os dois vampiros, incrédulo. - E vocês já sabem o que houve, então por que insistem com esses jogos?

— Queremos ouvir de você. - Stuart continuava degustando o café.

— Isso é um pouco cansativo. - Henry encarou a plateia.

- O que querem ouvir? Que estive com Heather, que fui buscá-la em sua casa e que passamos a noite juntos? É isso? Mas, se vocês já sabem que isso aconteceu; que propósito há em me fazer falar sobre algo que me constrange? Ou há algo mais que eu precise explicar para satisfazer vossa mórbida curiosidade?

— Você fez *sexo* com ela. - Stuart aproximou-se.

— Falando assim, você faz parecer tão rude. - Henry baixou o olhar. - Eu não deveria contar-te isso. - Ele sentiu-se envergonhado mais uma vez. - Aliás, eu *não* vou contar-te isso. De qualquer forma, é assim tão repugnante imaginar? É tão hediondo que eu queria estar com ela, que eu goste de estar com ela? É tão horrível que eu tenha feito sexo com ela?

— Você bebeu o *sangue* dela. - Era outra afirmação, mas daquela vez vinda de Wesley. Uma afirmação cheia de surpresa, porque para o jovem vampiro era difícil entender contradições tão absurdas. Havia uma coloração diferente na face de Henry, uma coloração que não devia estar ali. Algo incomum. - E você não morreu ou engasgou ou sofreu.

— Não é que seja repugnante, Henry. Mas é perigoso, você não acha? - Stuart interrompeu. Falava com serenidade, um tom de voz inesperado. - Ela é um Anjo, uma criatura pura e divina. Nós somos amaldiçoadas bestas da escuridão. A incompatibilidade é flagrante. E

se algo acontecer a ela? E se nos culparem pelo ocorrido? Pior, e se algo acontecer a *você*?

— Nada vai acontecer comigo. Vocês perceberam, Wes confirmou. Eu bebi sim, o sangue dela. Eu não devia ter permitido isso, mas ela é muito persuasiva. - Henry sorriu. - Ela parece que está entrando em contato com a sua essência sobrenatural, e isso a torna ainda mais fantástica. Sim, ela é fantástica. Talvez vocês não tenham como entender isso. Mas ela não é humana, ela é muito mais do que qualquer coisa que vocês já tenham pensado em comer. - O vampiro fez uma piada.

Stuart franziu a sobrancelha, mas não conseguiu evitar uma gargalhada sonora.

— Algo pode acontecer assim mesmo. - Wesley torceu os lábios.

— Não me importo. - Henry respirou fundo, e falava a verdade. - Nesse exato momento, eu não me importo. Em verdade, eu não ligo nem se ela me matar. Eu já parei de ligar se vivo ou morro há mais de um século. Não aguento mais existir sem qualquer motivação, existir por existir. Ela não podia ser outra coisa além de um Anjo; ela carrega uma luz muito forte. Não importa se eu não sobreviver a Heather, pelo menos eu estive com ela por uma vez.

— Você daria a sua vida para ficar com ela?

— Sim, eu daria. - Henry sorriu, e afagou os cabelos castanhos de Wesley. - Mas vamos parar com esse assunto desagradável. Por que não falamos do fato de que eu estou insuportavelmente feliz hoje, e que gostaria de levá-los para uma noite em Point Hill?

Os dois outros vampiros se encararam, surpresos. Henry sequer se constrangera pela conversa. Ele não se irritou, não demonstrou que estava arrependido, nada. Foi como se ele estivesse realmente bem com o ocorrido, e quisesse celebrar.

— Então você está oficialmente *ficando* com o Anjinho? Stuart franziu o cenho, imaginando qualquer coisa desagradável. - Quero dizer, é assim que se fala, certo Wes? Eu terei que aceitá-la na família?

— Sim, isso que você disse, se ela quiser estar oficialmente comigo, e se ela quiser fazer parte da família. Pelo menos com ela eu posso ser eu mesmo.

Stuart moveu os ombros, confirmando que desistia. Wesley assentiu, e pegou o seu casaco. Iriam os três para Point Hill, comemorar o fato de que Henry tinha conseguido superar todas as tolices que já tinha feito durante seus séculos de existência, e feito a maior besteira possível.

Em Graceland, Heather passou o dia inteiro se sentindo sonolenta e distante. Ela sorria deliberadamente, sem parar. A mãe não compreendia, achou que ela estivesse drogada. Revirou o quarto da garota em busca de maconha ou outro entorpecente ilícito. O pai apostou que ela estava doente. Garantiu que Heather não estava se alimentando bem, e que devia ser anemia. Ele não havia se equivocado demais, a sua fraqueza era devido ao fato de que Henry realmente bebera mais do que deveria. Ela estava demorando a recuperar o sangue perdido. Kristen considerou que Heather estivesse de ressaca, porque ela provavelmente deveria ter bebido muito na noite anterior; afinal ela ficou sabendo que a amiga havia saído para jantar com uma mistura de artistas de cinema, e Heather devia ter abusado do álcool.

Trancada em seu quarto, ela passou mais tempo de olhos fechados sonhando do que efetivamente acordada. Por sua sorte, não havia nenhum pesadelo com juízes ou inquisições; ela não precisava escolher mais nada. A sua decisão já estava tomada, mas ela ainda não sabia como aquilo ocorreria. Ela lembrava-se bem do Anjo lhe dizendo que teria algumas semanas, que naquele prazo ela teria que enfrentar a dita ascensão. Era o pouco tempo que ela tinha para explicar aos pais e amigos que precisaria viajar a trabalho, e o pouco tempo que teria para explicar a Henry que iria a Esplendor tornar-se um Anjo poderoso. Ela talvez tivesse sido egoísta em querê-lo tanto sem pensar que precisaria deixá-lo, mas ela sabia que seria temporário. Ela voltaria para Henry quando não fosse mais arriscado para ele. E Heather sabia que, em algum momento, ela deixaria de ser perigosa para todos.

Kristen invadiu seu quarto já no final da tarde, querendo conversar e trocar ideias sobre a cafeteria. Ela estivera com o engenheiro e os trabalhos tinham se iniciado. O casarão já estava sendo reformado para dar lugar ao projeto futurístico que as duas pretendiam levar

para Graceland. E, como Heather passara o dia como um zumbi, Kristen precisou resolver tudo sozinha. Mas já havia passado da hora de a amiga retomar o curso normal de sua vida e sair daquele quarto.

— Heath, vamos acordando. - Kristen abriu as cortinas. Já praticamente não havia luz do sol, e as estrelas brilhavam tímidas no céu claro. - Chega dessa preguiça; o que te deu, menina!!

Heather abriu um largo sorriso e esfregou os olhos.

— Boa noite! - Ela espreguiçou-se, esticando todos os músculos. - Nossa, estou morrendo de fome.

— Você já comeu alguma coisa hoje?

— Não. - A garota sentou-se na cama, os olhos inchados e os cabelos embaraçados. - Só agora senti fome, e uma fome horrível. Vamos ao Meatball?

— Você quer ir a uma churrascaria? - Kristen arregalou os olhos. - Jantar em uma churrascaria? Você?

— Sim, eu quero. Isso é muito esquisito?

Kristen moveu os ombros, indicando que não acharia nada mais esquisito. A amiga estava esquisita, mas ela sempre foi inesperada e imprevisível. Apesar de Heather achar que toda a sua vida tinha sido pautada em métodos e matemáticas, para aqueles que a rodeavam ela não era nada além de um turbilhão de novidades. Assim pensando, levantou-se e começou a vestir-se para sair. Entrou nos jeans surrados de sempre e enfiou uma camiseta pelo pescoço, sentindo a fragilidade da pele machucada. Seu corpo se franziu, e ela deixou que os dedos tocassem o local, percebendo que havia já os sinais da cicatrização. Foi impossível impedir que seus lábios se abrissem em outro sorriso, porque aquela dor insignificante era a comprovação de que ela passara mesmo aquela noite perfeita ao lado de Henry. Todas as memórias que Heather tinha em si eram ótimas; o seu corpo estava sensível até mesmo ao toque da roupa que ela vestia. Daquela vez, ela não queria lavá-lo de si.

As duas amigas foram ao Meatball, que estava mais vazio do que de costume. Era a única casa de carnes de Graceland, e servia grelhados e comida bastante gordurosa. Heather não hesitou em pedir carne vermelha mal passada, purê de batatas e bacon. Ela

nunca se alimentava daquela forma, costumava preferir alimentos saudáveis e balanceados. Mas estava estranhamente fraca e querendo carne e gordura. Heather sabia os motivos que a faziam sentir-se vazia, mas ela realmente estava satisfeita com aquilo. Não era importante. Não se comparado ao que ela teve a chance de compartilhar com Henry.

— Bem, agora que você está comendo por meio mundo,

- Kristen implicou, tão logo chegaram os pratos pedidos. podemos conversar sobre o que houve ontem?

— Kristen, eu quero te fazer uma pergunta. - Heather agiu como se a amiga não tivesse falado nada. Em seus pensamentos frenéticos, ninguém havia tido uma palavra até que o seu questionamento se formasse. - Você já esteve apaixonada?

A garota morena ergueu uma sobrancelha e encarou Heather, que devorava um enorme bife. Realmente, a amiga não parecia estar dentro de seu juízo perfeito. Ela estava muito comum. Heather não era comum, era sempre a cientista que ninguém entendia. Mas, naquele momento, ela fugia do estereótipo que carregava; Heather não estava se parecendo com ela mesma.

— Sim, claro que eu já estive apaixonada! Você não? Kristen riu.

— Não. - Heather continuava mastigando. - Por isso estou perguntando, como é estar apaixonado?

— Ah, bom, como eu vou descrever estar apaixonado? Kristen repousou os talheres no prato e encarou o teto por alguns instantes.

- Sei lá, Heath! Quando se está apaixonado, a gente fica meio bobo, sabe?

— Você está apaixonada por Geoffrey? - Heather parecia uma máquina de fazer perguntas, todas elas indiscretas.

— Não, eu não estou. É conveniente para mim, estar com ele, mas não é paixão. Mulheres apaixonadas, principalmente, são muito sensíveis e tolas. A gente quer ficar o tempo todo do lado da pessoa, como se a vida não existisse sem ser ao lado dela. Nosso corpo responde até aos pensamentos mais íntimos que temos. Cada toque é uma descoberta fantástica, os beijos são deliciosos e intermináveis. É uma coisa poderosa demais; acho que o sentimento mais poderoso que existe.

— Tem explicação científica para isso. - Heather disse, de boca cheia. - Na verdade, há explicação científica para tudo, quase tudo. O que não fosse possível explicar cientificamente, eu não costumava crer. Mas vendo assim; eu nunca enxerguei a paixão dessa forma. Para mim era tudo uma difusão de hormônios no organismo humano, algo perfeitamente controlável.

— Agora parece a Heather falando. - Kristen deu uma gargalhada e serviu-se de refrigerante *diet*. A mulher muito magra e esguia trajava saia preta e blusa vermelha, sempre muito sensual. Seus cabelos estavam presos em um coque, deixando o pescoço à mostra. Heather não podia deixar que vissem seu pescoço, mas aquilo lhe era motivo de orgulho.

— Mas eu considero que esteja apaixonada. - A garota colocou outro pedaço de bife na boca.

— Sério? - Kristen animou-se com a conversa. - Por Antoine?

— Claro que não! - Heather bateu com os talheres no prato, fazendo um ruído estridente. Várias pessoas olharam para a mesa, e ela acenou com a mão informando que fora um acidente. - Kristen, você já me viu sentir tudo isso que você descreveu com o Antoine?

— Não, mas eu nunca vi com ninguém mais. Aliás, por quem mais você poderia...

A garota parou sua frase no meio, e tudo ficou claro como a luz do dia. Kristen olhou para o azul dos olhos de Heather e para sua face completamente rendida, e enxergou o óbvio que ela já devia ter percebido desde a noite no Clayton's. Heather estava envolvida com alguém, um desconhecido que ela apresentou como amigo, e com quem ela desapareceu do bar algum tempo depois. E todas as respostas vieram imediatamente à sua boca. Fora com ele que Heather passara a noite anterior, e era ele o artista de Hollywood descrito pela Sra. Cohen. Era ele o responsável pelo sorriso insuportável que não saía dos lábios de Heather nem enquanto ela estava comendo.

— Henry. - Heather disse o nome dele com alguma reverência. Seus olhos baixaram, e ela sentiu as bochechas arderem em pensar na noite anterior. Henry, o vampiro de 582 anos de idade. Henry, que desde a primeira vez lhe pareceu especial, mesmo quando a

situação não a permitiu ver nada além do terror estampado em seus olhos. Henry, que se achava no direito de tocá-la como ninguém nunca ousaria; que se achava no direito de beijá-la sem que ela autorizasse. Henry, a pintura de Rafael Sanzio que falava com o tom de voz mais musical que ela já ouvira. Henry, que a fazia sentir-se como adolescente e que a fez questionar toda a sua descrença e duvidar de toda a sua verdade.

— Então é ele! - Kristen disse, o volume de voz um pouco mais alto do que deveria. - O bonitão que fala igual ao Julio Iglesias; você está apaixonada por ele!

— Se eu considerar tudo que você falou e somar a tudo que eu sei... sim, estou. E muito.

— E ele está tão assim envolvido por você, também? Quero dizer, ele está muito apaixonado por você também?

— Sim, eu acho que sim. - Heather sentiu calor, e logo a palidez de sua face estava corada de um vermelho vivo.

— Vocês ficaram naquela noite? Quando vocês saíram do Clayton's, vocês estavam juntos, não estavam? Ah, claro que estavam, e vocês também ficaram ontem! Claro que sim! Mas diga, Heather, vocês... Kristen estava novamente em seu modo eufórico, falando sem parar. Seus olhos fitavam a amiga, que se mantinha olhando para a mesa, sem conseguir falar mais. A reação era suficiente para responder a todas as perguntas não feitas. - Céus, Heather! Então é por isso que você está assim!

— Kristen, eu estou com medo. - Heather confessou, terminando de limpar o prato.

— Medo? Que medo? Ele é tão bom assim que assusta?

— Eu estou falando sério. Eu estou com medo porque esses sentimentos me apavoram. Pensar que é tudo uma reação biológica me deixa confortável, afinal eu posso tomar medidas científicas para evitar, ou controlar. Mas eu não acredito mais nisso. Eu não acredito mais em quase nada, porque agora eu estou acreditando em tudo. - A garota levantou o olhar e encarou a amiga, soltando um suspiro. - Eu estou apaixonada por Henry, e o simples fato de ele corresponder a isso me assusta. Eu saberia lidar com a rejeição, mas vou saber lidar se eu perdê-lo?

— Pare de pensar assim. - Kristen fez um gesto com as mãos como se apagasse alguma coisa. – Você acabou de conhecê-lo; vocês mal ficaram juntos pela primeira vez! Mania que toda mulher tem de mal conhecer o cara e já pensar em perdê-lo!

Ao menos Kristen sabia confortar uma garota como outra garota o faria. Heather jamais seria capaz de usar argumentos como aqueles, tão desprovidos de racionalidade e cientificidade. Kristen chamou o garçom e pediu a conta, levantando-se e pegando o cartão de crédito para pagar a sua parte. Heather fez um movimento negativo de cabeça, informando que ela pagaria daquela vez. Enquanto vasculhava sua bolsa atrás de sua carteira, ouviu um ruído. Uma música, que tocava bem baixo. A amiga fez uma expressão de curiosidade, como que esperando que Heather tomasse uma atitude. A garota então tirou de dentro da bolsa um aparelho de celular, que soava o toque padrão de algum fabricante.

— Eu *não* tenho celular. - Heather espantou-se.

— Eu sei. - Kristen riu. - Aliás, você é a única pessoa do mundo que não tem um. Atenda, mulher!

Heather pressionou o botão verde, e colou o aparelho no ouvido. Kristen apoiou o queixo nas mãos, para ouvir a conversa.

— Já estava no carro, pronto para ir até a sua casa. - A voz de tom severo pegou os ouvidos de Heather de surpresa. Você demorou quase uma eternidade para atender.

— Mas... Henry? - Ela disse, involuntariamente. Kristen interessou-se. - Eu não tenho celular, como isso se deu?

— Pois é; eu verifiquei que você não tinha um. Posso garantir que essa tecnologia é interessante, principalmente quando se está tão preocupado com a pessoa a ponto de sair dirigindo feito um louco atrás dela. Como você está?

— Espere um momento. - Heather encarou o aparelho por alguns instantes. Era um *BlackBerry* cor de rosa, com um pingente prateado pendurado. Ela segurou o pingente nas mãos e percebeu que era uma pequena estrela cravejada de pedrinhas. - Você colocou esse telefone na minha bolsa? Você me deu esse telefone?

— Oh, acho que fui descoberto. - Ele deu uma risada humorada. - É um mau hábito meu, presentear as mulheres com quem durmo

com um celular.

— Não seja ridículo! Ela esbravejou, protestando acerca do senso de humor quebrado do vampiro. - Você está em casa? Por que eu ganhei um telefone? Eu detesto telefones!

— Eu não estou em casa, saí com os rapazes. Eles estavam enciumados e precisei tentar melhorar a minha imagem. E o telefone serve para eu poder encontrá-la. Para quando precisar lhe falar e você estiver longe demais de mim.

O peito de Heather se apertou imediatamente. Ela fechou os olhos, e sentiu que as lágrimas ameaçavam vir à tona. Ela nunca foi de chorar, mas seu estado emocional estava plenamente abalado desde que tivera a primeira conversa com Mills. Ela podia apostar que não havia recepção de celular em Esplendor. Ela nem sabia se poderia falar com Henry durante aquele período mencionado pelo Anjo.

— Eu estou bem. - Ela respondeu à pergunta passada. - E muito bem, para dizer a verdade. Estava com fome, mas agora já me alimentei. Eu ainda sinto... eu estou feliz, Henry.

— Preciso desligar agora. Vejo você amanhã? — Sim, amanhã.

Heather pressionou o botão vermelho e encarou Kristen, que sorria. A amiga estava animada com o comportamento infantilizado de Heather, porque era a primeira vez que ela via a amiga como uma igual. Era a primeira vez que Heather agia como se fosse apenas uma garota, e não aquela que descobria estrelas e planetas. A garota levantou-se, jogando o aparelho dentro da bolsa e encaminhando-se para o caixa. Pagou a conta e foi para o carro, arrastando Kristen com ela. Henry só viria na noite seguinte, então ela tinha decidido passar aquela com a amiga, conversando sobre aquela novidade, estar apaixonada.

~\*~

— Bruxa Phillis, precisamos conversar. - Bell entrou na Biblioteca, o manto negro esvoaçando. A Bruxa Superiora tinha longos cabelos vermelhos, e os olhos castanhos e profundos. Sua face era desgastada e envelhecida, e sua mão possuía longos dedos com unhas enormes, pintadas de vermelho.

— Sim, Bell. - Phillis levantou-se e seguiu Bell até uma área vazia, do lado de fora do Salão do Conselho. Não havia nela a mesma imponência que na Bruxa Superiora. Phillis era baixa, acima do peso, com cabelos negros e crespos. Usava um par de óculos de lentes grossas e vestia um manto roxo que mal arrastava no chão. - O que deseja?

— Preciso que encontre seus contatos na Terra, preciso que me consiga uma Bruxa ou Bruxo disponível para me fazer um favor. Mas ninguém pode saber, ou tudo estará perdido.

— Do que se trata?

— Preciso matar um vampiro. - Bell passou o dedo indicador pelo queixo, concentrando-se no imenso horizonte de Esplendor. Estavam em uma espécie de varanda, com colunas de ferro branco, ornada com trepadeiras e outras flores. Parecia primavera, como tudo em Esplendor. O tapete de flores que cobria todo o solo abaixo das Bruxas tingia de um vermelho rosado a paisagem.

— *Matar?* - Phillis impediu-se de gritar colocando a mão na boca, e abafando a voz. - Mas Bell, matar é muito errado.

— Por isso preciso dos seres das trevas. Um Bruxo que tenha sido relegado ao plano terreno e que conheça seres do Mundo Inferior.

— Para matar um vampiro você só precisa de uma estaca de madeira, Bruxa Bell. - A voz grave ecoou pela varanda, e uma rajada de luz ofuscou o olhar das duas Bruxas. Pela porta que dava acesso ao local onde estavam entrou Seraphiel, com todo o seu brilho. Os cabelos brancos e lisos, na altura da cintura, pareciam feitos de diamantes. O manto também era branco, exatamente como a sua pele. Os olhos eram azulados, mas não pareciam ter vida. Seraphiel era um Anjo Superior da mesma grandeza de Abdiel, mas seus poderes não eram ilimitados. Ele sabia que não tinha mais muito a evoluir, afinal. A Bruxa Phillis fez uma reverência para cumprimentar o Anjo Superior. - Você crava a estaca em seu coração e ele está morto. Suficientemente simples; é muito fácil matar seres inferiores.

— Sim, senhor, mas eu não farei isso. Pretendo que outra criatura o faça.

— Ah, claro! Não sujará as suas mãos com o sangue de uma besta. - Seraphiel riu. - Bell, acredito que esteja indo longe demais com essa

história. Não podemos ter outro assassinato em nossas mãos, mesmo de uma criatura das trevas como um vampiro. Temos formas mais brandas de lidar com essa situação.

— Seraphiel, estamos falando do destino de Esplendor e de tudo o que conhecemos como real. Estamos falando de um perigo iminente. Você viu, a Sétima Pedra foi reescrita.

— Sim, mas não foi decidido que traremos Heather para Esplendor e cuidaremos dela aqui? Desconhecemos o poder desse Anjo, desafiá-la é uma política ruim. - Seraphiel clareava o lugar, e seus cabelos esvoaçavam com o vento. Ele caminhou até a grade da varanda e olhou para baixo, visualizando toda a cidade de Esplendor. - Heather não nos fará mal aqui, os poderes dela poderão ser controlados na ascensão.

— Você acredita mesmo nisso? - Bell insistia em sua posição.

— Sim, acredito. Certa Bruxa me garantiu que isso é possível. E é como pensa o Conselho. Nós não podemos passar por cima do Conselho agora, portanto desistam disso. O vampiro vive, o Anjo vem para Esplendor. Mills irá buscá-la no dia anterior à ascensão, com reforços se preciso, ou nós iremos buscá-la, o que for mais simples. Mas vamos fazer as coisas acontecerem da forma pré-determinada, não quero problemas.

Seraphiel deixou as duas Bruxas da mesma forma que chegou. Levando a luz consigo, o Anjo Superior afastou-se e retornou para seu pedestal no Salão Nobre. O Conselho tinha assuntos para tratar, e Bell também deveria acompanhá-lo. Antes, porém, fez um movimento de cabeça para Phillis, que compreendeu o que deveria ser feito.

~~\*~~

O dia amanheceu ensolarado em Graceland, como a previsão do tempo determinara. Heather acordou insatisfeita, porque ela pediu na noite anterior que houvesse chuva, nuvens, um furacão. Mas a luz do sol penetrou pelas cortinas semiabertas e irritaram os olhos muito claros da garota. Aquilo significava algumas dez horas a mais sem Henry, e ela não estava a fim de passar tanto tempo esperando

por ele. Precisava conversar com ele, precisava explicar a ele o mesmo que Mills lhe explicara. Ele era a única pessoa que poderia compreendê-la no meio daquele turbilhão confusos.

Heather levantou-se, tomou seu de sentimentos banho matinal, escovou os cabelos muito loiros, passou seus cremes e loções para cuidar da pele, organizou alguns sapatos que estavam fora de ordem, vestiu jeans novos e uma blusa de lã lilás, que não faria nunca Henry pensar em sangue, e verificou a ferida em seu pescoço. Era então um arranhão, uma marca que tinha o comprimento da circunferência da boca de Henry. Não se assemelhava àquelas que ela vira nos livros que lera. Não se tratava de uma cicatriz arredondada, como os dois caninos que ela conheceu. Os dedos tocaram o local e ele pulsava levemente. Era bem na base de seu pescoço, e ela não podia duvidar dos motivos que o fizeram escolher aquele lugar específico.

Sorriu involuntariamente. Depois ajustou a blusa para que cobrisse o arranhão, tentando escondê-lo. Mesmo que não parecesse nada suspeito, e que fosse natural Heather machucar-se, como qualquer outra pessoa, ela não queria dar explicações sobre ferimentos fantasmas. Desceu para o café da manhã mais uma vez faminta, querendo os ovos mexidos da mãe. A cozinha cheirava a pães de canela e torta de maçã, além de café fresco. Sentou-se à mesa e devorou um prato de ovos com panquecas e manteiga, juntamente com duas fatias de torta. Helena Cohen sentou-se ao lado da filha para observá-la. Fazia muito tempo que Heather não comia daquela forma, mas ela não se importava. Sempre pode comer de tudo sem engordar, então estava na hora de aproveitar. Ela tinha que estar forte e bastante recuperada para poder fazer o que pretendia.

Pegou sua bolsa e as chaves do carro e disse à mãe que iria até o casarão, acompanhar o andamento dos trabalhos de reforma. Passou na casa de Kristen e pediu à amiga que escondesse de seus pais onde ela estava indo realmente.

— Vou ver Henry. Ela disse, de dentro do carro prateado. Kristen estava debruçada por sobre a janela do carona, aberta. O cheiro de couro era característico. - Mas não quero ter que dar explicações aos meus pais. Apesar de tudo, eles são ainda antiquados e acham que Henry tem que vir aqui pedir para namorar-me.

Kristen deu uma gargalhada.

— Serei seu álibi?

— Não, a reforma é meu álibi. - Heather piscou os olhos.

- Mas se minha mãe disser que estou lá, só confirme. Está bem?

— Depois faça o favor de me trazer esse príncipe encantado aqui, para fazermos um programa juntos. - Kristen franziu a testa. - Afinal, eu quero conhecê-lo melhor. "*Claro que não.*" Heather pensou, mas não disse nada.

Sorriu para a amiga e arrancou com o carro. "*Claro que ninguém vai conhecer Henry melhor.*" era o pensamento. Heather pegou-se rindo sozinha da possessividade absurda em torno de um vampiro. Como se ele pertencesse a ela, ou como se ela por alguma vez tivesse sido tão ciumenta. Mas Heather não estava a fim de questionar seus impulsos naquele momento, uma vez que ela havia decidido dar vazão a todos os seus sentimentos sem qualquer restrição.

O carro prateado foi conduzido pela rodovia estadual até a entrada escondida da antiga hospedaria. Provavelmente aquele lugar era bastante frequentado no passado, porém estava abandonado. As samambaias cresciam por toda a extensão da trilha que levava à construção, totalmente ladeada por abetos enormes e antigos. O chão de terra estava coberto por saibro grosso já encrustado, que permitia os veículos passarem com alguma facilidade. Havia muito musgo nas laterais da pequena trilha, mas Heather não se importou. Ela seguiu com o carro até visualizar o pátio e a construção que carecia algumas reformas. Seu coração pulou do peito, e ela não ia mesmo entender por que tanta ansiedade para ter algo que ela já tivera.

Heather simplesmente parou o veículo no pátio e saiu, pisando com cuidado para não fazer nenhum ruído. A Mercedes não estava à vista, e ela suspeitou que estivesse guardada na garagem.

Caminhando lentamente, ela aproximou-se da porta principal, percebendo-a fechada. Ela não podia mesmo acreditar que os vampiros fossem dormir e deixassem a casa aberta. Qualquer um explorador tolo que decidisse invadir um lugar para passar o dia poderia se tornar o jantar. E ainda, eles não podiam arriscar serem descobertos; a luz do sol os poderia matar. Heather caminhou por toda a varanda procurando uma janela aberta, mas não havia nenhuma. Tudo fechado, como deveria ser. Ela precisaria então usar alguns de seus conhecimentos ilícitos, adquiridos em anos de invasão do laboratório de astronomia com os outros '*nerds*'. Heather sabia abrir qualquer fechadura, por mais segura que se considerasse.

Com um arame que retirou do carro e bastante habilidade, ela conseguiu girar a fechadura até ouvir o 'clique' da tranca se abrindo. Sorriu e entrou, retirando imediatamente os sapatos. Trancou novamente a porta, com um trinco interno, e esgueirou-se por dentro da estalagem até reencontrar a porta que dava acesso ao porão secreto da casa. Abriu-a e em poucos passos já estava na frente da porta do quarto de Henry.

Heather então se lembrou da reação que ele teve quando ela chegou da outra vez, e pensou se não deveria chamá-lo. Deixou os sapatos no hall e entrou, pé ante pé, no quarto completamente escuro, tentando forçar sua vista a acostumar se. Ela nem bem conseguiu visualizar alguma coisa e uma imagem já se colocava em seu turvo campo de visão. Heather não pode precisar o que era, e assustou-se. Ela teria gritado, se mãos rápidas não se posicionassem por sobre sua boca, abafando qualquer escândalo que ela pudesse fazer. Heather sentiu o aroma conhecido e o medo passou instantaneamente.

Os braços de Henry já estavam ao seu redor, e ela afundou o seu nariz em seu peito nu.

— Céus, Heather! - Ele disse, abraçando-a. - O que você está fazendo aqui? Como você entrou?

— Eu precisava te ver. - Ela mal conseguia pronunciar as palavras porque seus lábios estavam ocupados beijando a pele diferente do vampiro. Ela não se importava mais em beijá-lo sem qualquer

motivo; eles já tinham passado daquela fase.

Ridículo isso, não? Eu me sentir tão carente a ponto de invadir a sua casa no meio da manhã.

— Se eu pudesse invadir a *sua* no meio da manhã, teria feito. - Ele puxou para si os lábios dela, beijando-os intensamente. - Talvez sejamos os dois patéticos.

— Sim, somos. - Ela retribuía o beijo, ansiosa. Suas mãos estavam cravadas nas costas de Henry; ela pode perceber que ele usava um tipo de calça de tecido para dormir. - Porque eu não consigo parar de pensar em você, e eu passei um dia e uma noite desejando estar do seu lado mais uma vez. Eu sinto como se tivesse passado todo esse tempo sentindo falta de alguma coisa e, agora que encontrei, eu não quero mais parar. Henry tomou Heather nos braços e a levou para a sua cama. Ele tinha plena consciência de onde estavam seus móveis e ele enxergava bem, sem luz alguma. Ela se viu novamente jogada em meio a cobertas, mas daquela vez em um colchão macio e confortável. Henry deitou-se ao seu lado e voltou a beijá-la, com toda suavidade possível. Ela não sabia se queria que ele fosse suave, mas Henry de qualquer jeito lhe caíria bem.

Respirando aceleradamente, o abdômen subindo e descendo em velocidade acima do normal, Heather estava mais uma vez entregue. Ele beijou sua face e seu pescoço, até encontrar o ferimento de duas noites atrás.

— Está dolorido? - Ele perguntou, beijando por sobre a pele em cicatrização.

— Já nem sinto mais nada. - Ela mentiu.

— Mentirosa. - Ele percebeu. - Sou mesmo uma criatura cruel, como pude fazer isso com você!

— Bem que Stuart disse que essa sua moral é chata demais. - Heather tomou seus lábios mais uma vez. - Coloque na sua cabeça que eu quis. Está bem assim? Vamos mudar de assunto, falar de outra coisa. Eu quero que você me morda sempre que você quiser ou precisar, ou sei lá.

— Não funciona assim. - Ele se afastou um pouco, e lhe sorriu. Ela gostaria de estar enxergando aquele sorriso, mas naquela escuridão

ela pouco via. - Eu não posso usar e abusar do seu sangue, Heather, ou eu vou te matar. E eu aposto que se você sentir que vai morrer, acabarei eu envenenado. — É, pode ser. - Ela fez um bico. - Mas...

— Não precisamos de sexo toda vez que nos encontramos. - Ele sussurrou em seus ouvidos, e ela sentiu um calafrio. Depois, ele recomeçou a beijar seus lábios, usando as suas mãos para afastar as dela do corpo e fazê-la relaxar. - E eu vou aprender a lidar com isso, a não me sentir tão desesperado a ponto de morder você. Agora, você pode me dizer por que está tão nervosa. Tem algo para me dizer? Foi por isso que invadiu minha casa?

Heather não queria falar daquilo, mas estava ao lado dele e não podia tocá-lo muito além daquilo. Era melhor que se distraísse com alguma outra coisa, e ele precisava mesmo saber. — Está bem, senhor sabe tudo. Eu recebi uma visita intrigante do meu Anjo protetor.

— *Hm*, e ela te contou alguma coisa que te deixou perturbada? Mais do que todas as outras coisas que ela já disse? Heather ajeitou-se por sob Henry, que tinha meio corpo apoiado no colchão. Depois, explicou rapidamente para Henry o que o Anjo lhe havia revelado: quem ela era, de quem era filha e o que a esperava em alguns dias.

— E é por causa dessa tal ascensão que eu preciso ir para lá. - Ela concluiu sua fala, tentando apresentar uma justificativa para desaparecer por algum tempo.

— Entendo. Esplendorosa? Provavelmente nunca ouvi falar porque somente seres abençoados devem poder chegar a esse lugar. Quando seu Anjo vem te buscar?

— Eu não sei, ela disse algumas semanas.

Henry fechou os olhos, mesmo ante a escuridão. Engoliu seco, sentindo que seu corpo poderia facilmente estar flutuando, caindo em um abismo infinito. E ele não gostava da sensação.

— Então tenho algumas semanas com você, apenas? É isso? Depois você se tornará um feixe de luz e eu não poderei mais beijar você, ou tocar você? Eu poderei ao menos ver você? — Não é isso, Henry! Heather achou engraçado, mesmo sabendo que era sério. O comentário do vampiro foi divertido, mas ele estava muito tenso ao seu lado. Se ele sentisse por ela metade do que ela sentia por ele,

Heather compreenderia seus motivos. - Eu serei a mesma, eu acho, só que poderosa. Talvez algum tipo de super-herói! Ah, Henry, se eu pudesse não passar por isso, eu não passaria. Mas só de imaginar que terei que enfrentar essa turbulência de um poder desconhecido, e que isso pode prejudicar as pessoas que gosto... — Estou sendo ridiculamente egoísta. Ele falou, beijando-a novamente. - Mas será uma tortura suportar qualquer período sem você, principalmente sem saber quando você retornará. Realmente, eu sou patético. Veja a que ponto

eu cheguei, um vampiro tão antigo e não consigo considerar sequer a ideia de ficar sem você por algum tempo.

A garota puxou Henry para si, forçando seu corpo contra o dele. Os lábios estavam ansiosos e insistiam em beijá-lo por inteiro. O vampiro tentou resistir um pouco, ele não pretendia levar aquilo muito adiante. Mas foi doloroso ouvir que Heather o deixaria em algumas semanas, voltaria em uma data indeterminada e provavelmente diferente. Ela mesma não sabia o que podia lhe acontecer, e para ele já era uma condição especial que Heather se interessasse por ele. Ela, tão abençoada, tão pura e angelical; enquanto ele era um monstro. Mas ela estava ali, e enquanto ela fosse dele ele deveria aproveitá-la. E ele precisava ser forte, ele precisava tentar não mordê-la. Heather estava acostumada a ter o que queria. Ela lutava até o fim para conseguir seus objetivos, sempre, desde pequena. Graceland sempre foi insuficiente para ela, e ela ganhou o mundo pensando em conquistá-lo. Na verdade, ela queria conquistar as estrelas. Heather não sentia que pertencia àquela cidade, ou a qualquer outro lugar conhecido. Foi então que, entre os beijos de Henry e o calor que emanava de sua pele suada, contrastando gravemente com o morno da pele do vampiro; entre os sussurros, entre os toques e dedos entrelaçados, ela pensou mais uma vez em Esplendor. Talvez fosse o lugar ao qual ela pertencesse, e ela sempre tivesse sabido. Aquele lugar mítico era o seu lar, e por algum motivo ela sempre soube que não pertencia à Terra.

Mas, naquele momento, ela pertencia a Henry. Somente. Qualquer alternativa fora banida de sua consciência.

As suas mãos escorregaram para tocar partes pouco exploradas de Henry, enquanto ele ainda insistia em resistir.

Ele não queria, mas era um embate entre emoção e razão que o empurrava à objeção. Os jeans de Heather já estavam jogados em algum lugar no escuro do quarto. Eles não se viam; ao menos Heather não enxergava Henry. Ela apenas podia tateá-lo, e aproveitar cada instante no qual sua pele ficava em contato com a dele. À medida que eles se amavam, ela podia sentir que ele se transformava. Henry também sentia; a expansão das presas pontiagudas e a contração de todos os seus músculos da face. Era dolorido, mas a excitação o fazia daquela forma.

Heather beijou seus lábios, e passou as duas mãos por sua testa.

Sem ver o que tocava, ela podia fazê-lo sem medo de demonstrar surpresa. Acariciou a face do vampiro bem devagar, e puxou seus lábios para si. Ela não permitiu que ele se afastasse ou dissesse que não poderia fazer aquilo.

Daquela vez, foi Heather quem o direcionou. Talvez Henry até pudesse suportar a tentação de mordê-la, mas foi ela mesma quem desejou aquilo. Entre delírios e lampejos de consciência, ela afastou o cabelo do pescoço e virou para ele, o mesmo lado já ferido. Puxou sua cabeça com força, resistindo à sua resistência, e o fez pousar seus lábios na carne exposta. A veia pulsava com tanta intensidade que ela mesma podia sentila. Seu coração batia fora de ritmo, como era de costume na presença de Henry. Ele forçou os lábios para que se mantivessem fechados, mas ela entrelaçou suas pernas com as dele e, beijando seus cabelos, sussurrou em seus ouvidos. — Deixe acontecer, Henry. - Ela disse. - Temos tão pouco tempo, deixe acontecer.

~~\*~~

Wesley Mason acordou tão logo o sol desapareceu, e deixou seu quarto esfregando os olhos com força. Ele estava sonolento, e morrendo de fome. Tinha que sair para comer, mas não queria ir sozinho. Ele ainda não se sentia tão seguro para alimentar-se sozinho, somente quando atacava algum animal. Os humanos eram

tão fartos em sangue; ele sempre errava nos cálculos e mandava para casa uma pessoa debilitada. Tão logo ele saiu do banheiro, depois de escovar os dentes com cuidado e pentear-se, o nariz captou algo curioso. O cheiro humano o fez erguer as sobrancelhas e apurar os instintos.

Imediatamente, Wesley correu até o quarto de Stuart, sabendo que teria companhia. Sacudiu o vampiro loiro com toda força, fazendo-o despertar com violência.

— Stu, acorde! Tem um humano na casa! - O novato chamava, sussurrando. Ele podia fazer aquilo com Stuart, porque eles eram como dois irmãos. Já Henry, não. Ele não ousaria acordar o criador daquela forma, e não aumentaria o tom de voz para não arriscar fazê-lo, sem querer.

— Ficou doido, novato? - Stuart sentou-se na cama, apreensivo. - Eu tranquei tudo antes de ir dormir, você deve ter sonhado.

— Sonhei não! Respire fundo que você vai sentir.

Stuart fez o que lhe foi dito, e então sentiu o aroma de sangue humano fluir pelo quarto. Era mesmo característico, e muito cheiroso. O cheiro humano mais delicioso que Stuart sentira nos últimos anos.

— Uau, e ainda é bem saboroso. - Ele sorriu, maliciosamente. - Vamos caçar o abusado que invadiu a nossa casa. Hoje teremos jantar a domicílio!

Os dois vampiros saíram do porão e foram vasculhar a estalagem. Eles não estavam exatamente percebendo a presença do humano, apenas sentindo seu cheiro. Procuraram em cada quarto, debaixo de cada cama, dentro de cada armário. Procuraram no porão oficial da casa, procuraram na cozinha e até mesmo nos banheiros. Não havia sinal da presença de ninguém naquela casa, a não ser o cheiro. A hospedaria estava no escuro absoluto, mas eles estavam intrigados. Era hora de chamar Henry, e pedir que o vampiro mais velho, mais experiente e com habilidades mais capazes, descobrisse o humano escondido.

Desceram novamente até o porão, e abriram a porta de Henry. A fraca luz artificial que havia no hall iluminou o quarto, e o vampiro mais velho os encarou no mesmo instante em que a porta se abriu. Ele tinha Heather em seus braços, adormecida como uma criança. Foi por pura sorte, dos dois vampiros, que o Anjo dormia por sobre Henry, e que qualquer movimento brusco feito por ele a faria acordar assustada. Com um pouco mais de espaço, ele os teria matado ali mesmo, na porta. Mas ele cuidadosamente moveu Heather para o lado, beijando sua bochecha, e caminhou em direção aos dois vampiros, que não conseguiam esboçar reação.

— Quem deu a vocês o direito de invadir meu quarto? Henry disse, já com Wesley erguido do chão com uma das mãos. A outra envolvia o pescoço de Stuart, que mal conseguia falar.

— Nós queríamos te chamar, contar que havia um humano na casa. - Wesley tentou explicar. Henry olhou para Stuart, que confirmou a versão com os olhos. Henry colocou Wesley no chão, sem soltar Stuart.

— Não há humano algum na casa! É só Heather, vocês ainda não aprenderam a reconhecer o cheiro dela!?!

— Estamos com fome, é isso. - Wesley aproximou-se de Stuart, tentando fazer com que Henry o soltasse. - Não seja tão rigoroso; como poderíamos saber que o Anjo estava no seu quarto?

— *Hm.* - Henry largou o vampiro, estalando os dedos. Está bem, está bem.

— Eu preciso sair para comer. - Stuart passou as suas mãos no pescoço recém-espremido. - Preciso esquecer que vi a cena que vi e esquecer que por causa disso quase fui decapitado.

— Não seja dramático, Stu. Desculpe-me por minha reação. Mas vocês deviam saber o que poderia acontecer, ao entrar em meu quarto dessa forma.

— Você tem sangue nos lábios. - Wesley constatou. Você agora se alimenta regularmente dela? Como é que pode isso, é ultrajante!

— Só porque você não conseguiu, novato? - Stuart caiu na risada, e foi repreendido por Henry. Nada de barulho, ele disse apenas com o olhar.

— Eu não tenho me *alimentado* dela. - Henry pareceu encabulado

com o assunto. - É que ela é tão insistente! Ela faz questão que eu beba do seu sangue enquanto estamos juntos. Mas então ela enfraquece e eu me sinto culpado.

— Ela é tão saborosa quanto o seu cheiro sugere? Stuart comentou e não escapou de receber novamente as mãos de Henry ao redor de seu pescoço. Wesley entrou no meio, tentando acalmar o vampiro mais velho. - Ai, Henry, tenha um pouco de bom humor!

— Você abusa. - Wesley dirigiu-se a Stuart, repreendendo-o. - Mas Henry, por que você não oferece a ela o seu sangue, também?

— Nem pensar. - O vampiro retraiu-se só em considerar a possibilidade. - Wes, ela é pura! Ela é um Anjo; como oferecer a ela meu sangue condenado? Não, é inaceitável.

— Ela ficaria mais forte, o novato tem razão. Você se sentiria menos culpado.

— Só se ela precisar, e muito. - Henry franziu o cenho. Prefiro convencê-la a tomar vitaminas e comer mais carne vermelha, coisas assim. Já que não posso dissuadi-la da ideia de me presentear com um banquete sempre que nos encontramos. Agora sumam daqui, vocês não estavam com fome?

Henry empurrou os dois vampiros para fora do hall e fechou a porta. Era muito abuso da parte deles, entrar no quarto dele sentindo um cheiro humano, enquanto estavam com fome, Henry pensou. Torceu os lábios e entrou novamente em seu quarto, pegando Heather acordada, agarrada em um travesseiro. Ele gostaria de poder vê-la à luz, ele sabia que ela estava mais sem cor do que de costume.

— Então, eu sou *gostosa*? - Ela perguntou, bem humorada. Henry passou a mão pela face, mais intencionado ainda a arrancar o pescoço de Stuart fora. - E você pode me dar o seu sangue? Como funciona isso? Pensei que vampiros bebessem sangue, não entendi essa história.

— Esqueça essas loucuras de Stu e Wes. - Ele se sentou na cama, ao lado dela. Heather moveu-se e envolveu sua cintura com os braços, deitando em seu colo. Ele afagou os seus cabelos. Estava totalmente escuro, eles precisavam ir para cima.

- Vamos comer alguma coisa?

— Sim, vamos. Só depois que você me responder. - Ela manteve-se

imóvel.

— Heather... isso tudo é tolice.

— Explique eu ser saborosa. – Ela mordeu os lábios. – Como Stuart pode saber, se ele nunca provou?

Henry olhou para ela, a face estampando a desistência. Não era mesmo fácil discutir com Heather.

— Vejamos, como vou explicar? Para nós, o aroma significa sabor. Creio que para vocês também, já me esqueci de como funciona o paladar humano. Então, o seu cheiro é bastante tentador. - Ele sorriu, involuntariamente. - Por isso resistir a você é meio difícil. E por isso Wesley se deixou seduzir. Então, era disso que Stuart falava; você é saborosa, para nós vampiros. Sim, você é.

— Bom saber disso. - Ela escalou Henry, beijando seus lábios. - E quanto ao sangue? Explique você poder me dar seu sangue.

— Nem cogite essa possibilidade. A resposta será não, então nem tente entender o que significa.

— Então você pode beber o meu sangue e eu não posso beber o seu? - Heather sentou-se na cama, emburrada. – Vamos, Henry, conte-me. Qual seria a relevância disso?

— A troca de sangue cria uma conexão. – Ele respirou fundo; Heather pode sentir seu diafragma mover-se. – Se eu bebo o seu sangue, eu me alimento. Se você bebe o meu, você se conecta a mim. É algo que não compreendo direito, apenas é. Wesley é meu *filho*, fui eu quem o criou. Ele está ligado a mim para sempre; é mais ou menos assim que funciona.

— E você quer me negar essa conexão com você? – Heather esbravejou, fazendo um bico com os lábios. – Mas é muito egoísmo mesmo, Sr. Henry Austin Lewis.

— Heather, por favor! - Henry segurou-a pelos pulsos e a fez olhar para ele, para sua sombra. - Eu me alimento de sangue; eu me alimento de vidas. Você não, você é um Anjo. Por que quer se contaminar com o meu sangue? Eu bebo o seu sangue porque é meu pecado, minha sina, a maldição que tenho que carregar por toda a eternidade. E porque você insiste, é claro. Mas você não precisa beber o meu; você é pura demais para isso.

— E se eu *quiser*? - Ela manteve-se insistente.

— Não vou conseguir ganhar essa discussão com você, não é? - Ele respirou fundo, em desalento.

— Claro que não. Se eu quiser, eu vou poder?

— Eu vou pensar. - Henry levantou-se. - Agora vamos nos vestir e subir para comer alguma coisa.

## 11 { REVELAÇÃO }

O Anjo Mills caminhava pelo Jardim Suspenso quando foi interpelada por Bellasiel. Ela era um Elfo de nível superior, que tinha feições muito bonitas e cabelos castanhos cor de chocolate. Seus olhos eram pontiagudos como a espada que carregava, apesar de não fazer uso dela há anos. Bellasiel era uma boa companheira de Mills; as duas, vez ou outra, conversavam bastante no mesmo jardim.

— Saudações. - Ela fez uma reverência, sorrindo. Preciso lhe falar. Aqui é seguro?

— Nenhum lugar é seguro. - Mills ergueu uma sobrancelha. - Não se estamos no mesmo plano que Seraphiel. — Então vamos a Vanera. Siga-me, por favor. Mills flutuou até Bellasiel, e a seguiu. O Jardim Suspenso era a construção mais impressionante de Esplendor, com suas árvores seculares de raízes flutuantes. Ele ficava a alguns metros do chão, e toda a estrutura se mantinha erguida por pura magia. As raízes das árvores chegavam ao solo, porém se fixavam bem acima dele. Mas as duas caminharam até Vanera, a terra dos Elfos. Não ficava muito distante de Esplendor, e funcionava como uma espécie de condado. Os Elfos não eram totalmente submetidos ao Conselho de Bruxos e Anjos de Esplendor, eles tinham suas próprias leis e sua própria hierarquia. Porém participavam da mesma vida em comum, como as demais criaturas mágicas que pertenciam à luz. O seu líder era o bravo Raunien, irmão mais velho de Bellasiel.

Tirando as orelhas esticadas e os olhos, os Elfos se pareciam em quase tudo com os humanos.

— Estamos muito preocupados com a Sétima Pedra.

Bellasiel confidenciou, já dentro dos muros de Vanera. Assim que ultrapassavam a Ponte de Fogo, estavam fora dos domínios do Onisciente Seraphiel e sua amplitude de poderes. Havia um tratado entre Anjos e Elfos; Seraphiel não estaria presente espionando as suas atividades nem monitorando seus pensamentos. Uma prova de

confiança. Conversei com Raunien sobre isso, e ele se mostrou interessado em intervir, juntamente com o Conselho.

— Bellasiel, tudo isso está tomando proporções exageradas. Mills disse, calmamente. Seu manto branco, cravejado de brilhantes e rajado de prata, se movia juntamente com o seu corpo, delineando a silhueta iluminada do Anjo. As duas se sentaram à sombra da Árvore da Sabedoria, o lugar de meditação e concentração de Vanera. - Vocês não podem se deixar influenciar por Bell, ela é muito supersticiosa. — E você é capaz de nos dar a dimensão exata do problema?

— Sim, eu sou. Conheço Heather desde que ela ainda hibernava, e posso garantir que ela é só humana. Apesar de sua origem nobre, ela não compreende nada disso. Ela é uma garota, e será muito fácil lidar com sua ascensão porque ela não possui a noção da extensão de seu poder. Ela sequer compreende o que é o poder. Porém se a intimidarmos ou a ameaçarmos, não sabemos o que ela poderia fazer. Seu poder é ainda imensurável, e fora de controle pode ser letal. — E podemos mesmo controlá-la? - A voz de Raunien ecoou pelo ar, e ele se uniu às duas. O arco pendurado nas costas, o cabelo longo e negro preso por um arco reluzente, as vestes características com camisa, colete e calça presa na altura do joelho. Raunien era bonito, suas feições muito se assemelhavam às de um humano. O queixo arqueado lhe dava uma aparência bastante máscula. Bellasiel reverenciou o irmão com um movimento de cabeça.

— Não sei se precisaremos. - Mills considerou. - Heather virá a Esplendor, ascenderá e depois retornará para os humanos. Ela não consegue se desvincular de lá, e não sei se nós deveríamos lutar contra isso. Até porque agora ela está envolvida com a criatura das trevas.

Raunien e Bellasiel se entreolharam. O olhar era descaradamente de espanto. A resposta de Mills não condizia com alguma informação que eles tinham. O Anjo percebeu que havia algo errado, mas não se manifestou. Ela sabia que o Elfo queria falar-lhe em particular, ou não a teria tirado de

Esplendor. Então, era mesmo provável que fossem contar tudo.

— Mills, então você não sabe? - Bellasiel tinha a expressão ansiosa. - O Conselho; eles vão buscar Heather em alguns dias. Bell convenceu Seraphiel que você não será capaz de trazê-la e eles decidiram trazê-la à força.

O Anjo enrijeceu sua expressão.

— Mas Heather não vai ascender *agora*. - Ela ergueu uma sobrancelha. E ela já concordou em vir comigo! Não é necessário que o Conselho vá buscá-la, isso pode desencadear um problema que hoje não existe.

— Eles pretendem mantê-la aqui, em Esplendor, para sempre. - Foram as palavras de Raunien. - Eu imagino que eles pretendam impedi-la de usar seus poderes, ou neutralizá-los de alguma forma. Mills já não tinha mais expressão. Seus olhos irradiavam luz, e ela parecia arder em fogo. O manto esvoaçava mesmo sem vento algum, e ela sentia seu corpo chacoalhar. Não era possível acreditar que o Conselho de Esplendor, as entidades para quais ela jurou servir, seriam capazes de fazer tamanha barbaridade.

— Como vocês estão cientes disso?

— Israfil nos procurou. Ele pediu ajuda de Raunien para obter alguns guerreiros. Os Anjos não pretendem ir à Terra, e os Bruxos temem Heather e não querem enfrentá-la. Eles não têm ninguém para fazer o trabalho sujo que idealizaram, então nos convidaram.

— Quem está envolvido? - Mills precisava saber. - Quem do Conselho participa desse ultraje?

— Seraphiel e Bell, além de Israfil. Eles conseguiram a ajuda de Vera e Phillis, e parece que alguns Druidas os apoiam. Mills levantou-se, e flutuou em círculos por alguns instantes. Ela já havia processado tudo mais rapidamente do que lhe seria possível. As informações de Raunien e Bellasiel, somadas às informações que ela tinha, e ao que ela sabia; tudo fazia então um sentido único. Bell nunca pretendeu ajudar Heather, Bell nunca quis que Heather sobrevivesse à ascensão.

Bell temia que Heather reivindicasse seu lugar como superiora de Esplendor, e que seus poderes a ajudassem a conseguir isso.

Não havia real preocupação com a Sétima Pedra ou com qualquer outra profecia que considerasse Heather um perigo.

Por mais poderosa que ela fosse, ela era boa. Heather era a filha de Abdiel, então ela não podia ser diferente de sua mãe. Ela era boa, mas ela tinha um poder desconhecido. A única ameaça que Heather poderia significar era ao trono de Bell. Por isso Seraphiel a ajudava, por isso Seraphiel estava do lado de Bell naquela ideia repugnante de sequestrar o Anjo da Terra e aprisioná-la.

— Eu preciso pensar. - Mills disse, voltando-se para os dois Elfos. - Isso é sem sentido. Bellasiel, Heather é uma boa criatura. Ela não merece isso. Ela tem uma vida pela frente; uma vida imortal, e ela precisa ser ensinada. Mas ela está superando as adversidades de forma tão madura! Tirando a sua fascinação pelo vampiro, ela vem fazendo tudo conforme esperado. Nada disso é justo e correto, não aceito tornar-me parte disso.

— Não compactuaremos com eles. - Raunien disse, seguro. - Bellasiel foi lhe chamar porque eu gostaria de ouvir sobre esse Anjo. Se você diz que ela não traz perigo, mesmo com a Sétima Pedra, e se Bellasiel crê em você, o Conselho não terá nossos guerreiros. Não vamos à Terra causar sofrimento a nenhuma entidade.

Mills agradeceu com uma reverência e deixou Vanera, completamente atordoada. Ela não esperava nada daquilo; Mills acreditava que Heather teria seu livre arbítrio mantido.

Mas o Conselho não parecia concordar. Enquanto o Anjo pensava no que faria com aquela informação, a Bruxa Phillis estava na Terra, cumprindo uma missão para Bell. Ela precisava achar um Bruxo capaz de auxiliá-los a matar um vampiro, porque a Bruxa Superiora não podia aparecer de forma alguma.

Phillis conhecia um Bruxo antigo que vivia em uma cabana nas florestas coníferas. Era uma situação clichê, mas bruxos geralmente viviam afastados da comunidade humana, sempre reclusos em lugares escondidos. Como os filmes humanos comumente os descreviam, um espelho da realidade.

Porém os humanos não acreditavam em Bruxos, vampiros ou Fadas. Phillis os considerava uma espécie subdesenvolvida e egocêntrica, que achava que somente eles tinham inteligência.

Mas a bruxa sabia que seu contato residia próximo de Graceland, lugar de habitação de Heather e Henry. Ela precisava descobrir se

ele tinha uma técnica segura para eliminar um vampiro sem deixar vestígios. E, de preferência, sem derramar sangue.

~\*~

A música harmoniosa não parava de tocar. Heather procurou por sua bolsa, que estava na sala de estar jogada por sobre um sofá, até encontrar o celular que fora presente de Henry. Se ela estava do lado de Henry e tinha passado todo o dia com ele, não podia imaginar quem estaria ligando. O vampiro esperava de pé, mãos nos bolsos, um bico nos lábios, enquanto esperava. Heather segurou o aparelho nas mãos e o encarou. Ela mal tinha ganhado aquele telefone dele, como teria alguém ligando? Ela não reconheceu o número, mas atendeu assim mesmo.

— Kristen? - Foi a reação. - Você tem esse número? Aliás, todo mundo tem esse número?

— Não seja tola, eu anotei ontem à noite. Vamos comer algo?

— *Hm*, eu já ia comer...

— Você foi abduzida pelo Henry, é? Sua mãe me ligou três vezes, e tive que dizer que você estava no banheiro, que você estava conversando com o engenheiro e que você não estava! Veja bem cada roubada em que você me mete.

— Eu não fui abduzida. Bem, deixe-me ver. - Heather cobriu o fone. - Henry, Kristen está me convidando para comer.

— Diga a ela que nos encontramos em meia hora.

— Ah, você está do lado dela? - Heather ergueu uma sobrancelha.

— Estou do lado do jantar. - Ele deu uma risada. - Você precisa comer, então vamos nos encontrar com sua amiga.

Heather descobriu o fone, contrariada. Ela esperava que Henry fosse dizer que eles ficariam a noite toda fazendo qualquer coisa, menos sair com amigos para jantar. Ela definitivamente apostava em *qualquer coisa*.

— Está bem, ele também quer sair. - Ela respondeu. Vamos onde?

— Algum lugar que tenha carne vermelha. - Henry respondeu, mesmo se a pergunta não fosse feita para ele.

— Kristen vai achar que estou doente; segundo dia saindo para

comer carne!

— Você vai ficar doente se não se alimentar conforme. Henry torceu os lábios. - Não seja complicada, Heather. Já que você insiste que eu beba o seu sangue, então pelo menos me deixe menos culpado depois.

Novamente, Heather franziu o cenho e estava contrariada. Kristen falava pelos cotovelos enquanto o diálogo entre o vampiro e o Anjo acontecia paralelamente. A garota interrompeu a amiga e escolheu um lugar diferente do Meatball, mas que tinha carne vermelha, também. Ela fazia a vontade de Henry, se ele continuasse a fazer a dela. Até porque eles ainda não tinham terminado de discutir a questão do sangue dele.

— Então, Kristen está nos esperando na cidade. Heather virou-se para os outros dois vampiros. - Vocês vão conosco?

Todos se mostraram surpresos.

— *Eles?* - Henry ergueu uma sobrancelha.

— *Nós?* - Stuart não acreditou. - O Anjinho está nos convidando para sair?

— Eles não devem. - Henry disse. - Estão com fome, os dois. Estavam farejando você pela casa, hoje.

— Ui. - Heather levou instintivamente a mão ao seu pescoço duplamente mordido, sentindo um calafrio ao imaginar qualquer um daqueles dois cravando os dentes ali.

— E você não está porque tem comido em casa. - Stuart deu uma gargalhada, Wesley lhe atirou o controle remoto.

— Pare de ser irritante, Stu! Depois que ele te matar eu não vou fazer nada. Mas eu acho que podemos ir assim mesmo. Afinal, somos tão comportados e controlados!

— Totalmente! - Stuart fingiu que havia uma auréola por sobre sua cabeça loira. - Sou quase um Anjo, só que com presas.

— A resposta ainda é não. - Henry estava impassível.

— Ah, não seja irritante, Henry! Afinal, é um absurdo ficarmos saindo e deixarmos os dois aqui. Eu tenho Kristen que está solteira, vai que ela se interessa por algum deles? Ela mesma me disse que não está apaixonada por Geoffrey então eu duvido que essa paquera deles dure e... - Heather parou e encarou o vampiro que a

observava falar. Ele vestia apenas as calças de tecido bege, sem camisa e descalço. Ela então pode vê-lo, e enxergá-lo à luz. Henry no observatório estava na penumbra, e parecia feito de prata, iluminado pelo luar. Henry em seu quarto parecia uma sombra, ela não conseguia vê-lo, apenas tocá-lo. E naquele momento ele parecia tão real, e tão humano. Ela jamais poderia dizer que ele era um vampiro se não soubesse. O peito definido exercitar-se, permeado com fios como se ele costumasse escuros, em quantidade suficiente, que desciam por toda a extensão de seu tórax até a barriga, desaparecendo cuidadosamente no cóis da calça; os braços estendidos e também definidos; os pés perfeitamente desenhados, meio escondidos pelo corte impecável da bainha; os olhos negros profundos e vívidos, que expressavam toda a ansiedade que ele sentia; os lábios pálidos de desenho, que não estavam tão pálidos naquele momento, e que se retorciam enquanto as mãos estavam guardadas nos bolsos; os cabelos da mesma cor dos olhos, tão escuros quanto a noite sem estrelas, levemente ondulados com uma ou duas mechas a caírem por sua testa lisa. Heather considerou se ele era mesmo real, porque ela não conseguia imaginar alguém real sendo tão Henry. - Você quer parar de ser tão lindo enquanto eu falo com você?

O comentário fez Stuart desabar em uma gargalhada sonora, e Wesley o seguiu. Até mesmo Henry riu, ele não conseguiu evitar. Heather fez um bico, indignada por acharem graça de seu discurso, mas logo se derreteu nas mãos precisas de Henry, que a seguraram pela face enquanto ele beijava seus lábios devagar.

— Está bem. - Ele disse, ainda rindo. - Vamos todos; esses dois conseguem comer mais tarde.

A chegada dos vampiros em Graceland foi interessante. O Clayton's já tinha conhecido Henry e Wesley, mas não daquela forma. Foram nos dois carros, porque depois Heather ficaria em casa. Henry não a deixaria retornar para a estalagem, principalmente porque ela precisava dormir à noite, e não durante o dia, como ele fazia. A Mercedes SRL sempre causava impacto, enquanto o Audi prateado não necessariamente. Mas quando Wesley, Stuart e Henry entraram no restaurante mais elegante de Graceland, onde Heather esteve

almoçando com os amigos alguns dias atrás; todos os presentes pararam para olhar.

O vampiro mais velho havia já desistido de ser um adolescente. Heather ajudou-o a vestir-se de uma forma que ele gostasse sem aparentar os seus quinhentos e tantos anos. A calça bege permaneceu, mas a camisa branca de botões deu lugar a um pulôver azul marinho, que enegrecia ainda mais os seus olhos. Ele parecia um jovem de hábitos antigos, e era como deveria ser. Stuart e Wesley já preferiam vestir-se conforme a moda atual, mesmo com Stuart tendo um gosto um tanto diferente, e trajavam jeans escuros, tênis que imitavam sapatos e blusas de malha grossa que os protegeriam do frio. Heather continuava vestindo o mesmo, com uma pequena diferença: ela conseguira um cachecol de Henry para colocar no pescoço, e encobrir a ferida causada pelos dentes. Henry tivera o cuidado de morder exatamente no mesmo lugar, mas isso apenas agravara a condição do ferimento anterior.

Com Kristen, estavam Geoffrey e outra garota, Anita. Ela era amiga de Kristen, não tanto de Heather, porque chegou a Graceland depois da partida da garota. Mas era uma bonita ruiva de olhos verdes muito claros, que destacavam em sua face branca e decorada com sardas. Os cabelos eram curtos e muito lisos. Eles já estavam no restaurante quando Heather chegou com os vampiros, que obviamente não seriam assim identificados. Tirando o fato de que os três eram lindos, eles dificilmente poderiam ser vistos como diferentes dos humanos que ali estavam.

Heather apresentou os três para Geoffrey e Anita, considerando que Kristen já conhecia Henry e Wesley. Para ela, após, a grande comoção dos caipiras conhecendo os vampiros, a novidade acabaria e eles poderiam circular normalmente sem serem notados. A não ser que eles começassem a se alimentar na cidade, mas pelo que Henry havia dito, eles não tinham esse interesse imediato. O jantar correu exatamente como Heather esperava, sem maiores atrações. Ela pode notar que Kristen ficou atraída pela beleza incomum de Stuart, mas não acreditou que o suficiente para colocar seu pescoço em risco. E ela também duvidava que Stuart fosse contar sobre sua

natureza; ela mesma só ficou sabendo por que foi atacada equivocadamente por um novato.

~\*~

Os dias transcorreram por Graceland como nunca antes. O clima voltou a ficar sombrio e frio, e o sol se escondeu definitivamente. Cobertos com pesados casacos, os vampiros até podiam arriscar caminhar pelas ruas durante o dia, e isso explicitou bastante o relacionamento de Heather e Henry. Ele foi à sua casa almoçar no final de semana, e conhecer seus pais oficialmente. Henry não se importava, ele mesmo tinha costumes antigos e não admitiria envolver-se com a mulher sem pedir permissão aos seus pais. Gregory Cohen não gostou dele na primeira impressão, e disse que se tratava de instinto paterno. "*Aquele garoto é mais novo do que Heather,*" ele reclamava, porque a filha não quis mentir e confessou que Henry tinha vinte e dois anos. Era a sua idade humana, quando transformado, então ela preferiu ser sincera. Ao menos naquele item.

Os dois passaram mais tempo juntos do que seria concebível pelos que conheciam Heather. Mas ela confessou também que estava apaixonada, e pediu compreensão. Ela demorou um quarto de século para conhecer alguém que a interessasse, era considerável que seus pais fossem solidários àquele sentimento. Helena Cohen não ligou muito, ela já estava encantada por Henry desde a primeira vez que o vira. Heather chegou a mentir, dizendo que ia dormir e depois escapando para a hospedaria de Henry. Passou noites com ele, noites em família com os vampiros, conheceu mais e mais perspectivas diferentes. Sua nova vida se abria em sua frente como se ela tivesse novamente saído de um período de hibernação. Depois de vinte e cinco anos acreditando-se humana, Heather finalmente descobriu a sua verdadeira origem.

Ela só não conseguiu convencer Henry a oferecer-lhe seu sangue.

Ele continuava bebendo o sangue dela sempre que se envolviam sexualmente, mas não mais porque ele não conseguia se controlar.

Ele estava tentando, e se sentia apto a fazê-lo se estivesse bem alimentado. Mas Heather insistia, e inclusive comprou uma caixa de vitamina B12 para ajudá-la a provar a ele que não havia risco, e que ela não se importava com aquilo. Ela queria mesmo que ele continuasse a fazer aquilo, porque ela se sentia bem permitindo que ele tomasse algo dela enquanto lhe oferecia tanto. Ela precisava daquela conexão, estava praticamente dependente daquilo.

A normalidade que pairava sobre a pequena cidade Americana fez com que Heather praticamente esquecesse-se da história de sua ascensão e do Anjo protetor que a observava. Tudo que importava a ela estava acontecendo de forma natural e aquilo causou uma sensação de felicidade e paz que lhe era única. A cafeteria estava quase pronta para a inauguração, e as duas amigas já haviam encomendado os convites para o evento. A Universidade já havia ligado várias vezes e negociado novas pesquisas com Heather, mas ela recusou algumas e aceitou as que exigiam menos de seu tempo. Ela não admitia mais passar as noites sozinhas, e já havia entre ela e Henry uma ligação tão forte que eles definitivamente consideravam o que fariam com toda aquela necessidade. Mas, por mais devagar que o tempo passasse, e por menos que ela se recordasse dos fatos mágicos de sua vida, eles não se esqueciam dela.

A estalagem dos vampiros estava silenciosa, porque era dia e eles deveriam dormir, ocultados pelo escuro frescor do porão secreto. O sol já ameaçava se por no horizonte gélido de Graceland, tingindo de laranja as nuvens logo acima de si. Uma movimentação espontânea do lado de fora chacoalhou a copa das árvores que circundavam o pátio. Não era o vento, nem um grande pássaro que alçava voo, mas um Anjo que se aproximava de um covil de bestas. O manto roxo muito escuro de Mills esvoaçava enquanto ela girava em círculos, tentando descobrir uma maneira de entrar na hospedaria sem ser impedida por seus próprios pés. Ela tinha um conflito enorme dentro de si, algo que a atormentava desde que ouvira de Belasiel e Raunien o que Esplendor pretendia. E ela não podia deixar que acontecesse, porque um dia ela prometeu proteger Heather. Era de se esperar que os outros, que também deveriam protegê-la,

fizessem o mesmo. Era o que ela, Mills, esperava; mas não era o que aconteceria. Bell e Seraphiel não queriam o bem de Heather, e aquela informação era o suficiente para fazê-la repensar todos os seus votos e todas as suas atribuições.

Seu tormento ecoou para dentro da hospedaria. Tão logo a luz natural cessou, dando lugar ao brilho inconsistente das estrelas, Mills pode ver um sinal de movimento que fez surgir um fino fio de esperança em si. Ela parou de mover-se, fazendo com que as árvores se acalmassem, e posicionou-se no meio do pátio. Livrou seus cabelos loiros do escuro capuz que os cobria, e esperou por alguns segundos, respirando lentamente. A figura bem traçada de Henry, que exibia um meio sorriso no canto de sua boca, abriu a porta principal e caminhou em sua direção, lentamente.

— Por alguns instantes, Anjo, deixei-me enganar pelo seu cheiro. — Henry parou exatamente em frente ao Anjo, que se sentia ainda intimidada na presença do vampiro. — Bem que eu gostaria que Heather tivesse deixado seus afazeres para verme, essa noite.

— Já eu, prefiro que ela esteja ausente. — Mills recolocou o capuz, que havia sido tirado apenas para que ela fosse reconhecida. — Tenho algo importante para lhe falar, Henry Austin. Resisti o máximo que pude, mas não tenho forças para, sozinha, impedir o que está para acontecer. Eu preciso de você. Aliás, agora eu preciso que você entre, na estalagem. Vá lá para dentro, eu preciso conversar com você lá dentro.

— Não entendi, Anjo. — Henry refez a expressão, endurecendo a face. Suas sobrancelhas pesadas estavam franzidas por sobre os olhos escuros.

— Entre, vampiro! — Mills disse, em tom de ordem. — Não temos tempo a perder, não me faça ter que pedir novamente.

Henry voltou para dentro de casa, contrariado. Ele tomava por hábito não discutir com criaturas sobrenaturais temperamentais; na verdade Henry não discutia com ninguém. Ele era uma criatura pacífica e tolerante. Mas ele estava acostumado a saber de tudo, ele estava acostumado a não permanecer na ignorância. Aqueles Anjos gostavam de irritá-lo, e um dia ele sabia que perderia a paciência. Tão logo Mills teve certeza que ele estava abrigado dentro das

paredes da estalagem, ela utilizou-se de seus poderes e projetou-se até ele, da mesma forma que fez para conversar com Heather. Era estar ali, sem estar ali, precisamente.

— Interessante, isso. — Ele sorriu ao vê-la, como uma imagem de televisão com interferência. — Você vai me contar o que está havendo, ou precisarei arrancar a informação à força?

— Você é mesmo muito petulante, vampiro. — Mills considerou. — Mas eu vim até aqui com um propósito, e vou levá-lo adiante. Não pretendo recuar só por depender de um ser das trevas. Precisamos conversar aqui dentro, não posso permitir que o Onisciente nos ouça.

— Continuo sem entender absolutamente nada. — Henry já estava ficando irritado.

— Então me permita explicar. Esplendor pretende vir à Terra tomar Heather. E eles não vêm, simplesmente, para levá-la até a cidade e zelar por sua ascensão. Eles vêm para capturá-la, fazê-la prisioneira. E Seraphiel, nosso Anjo Supremo, que está envolvido totalmente nessa maligna trama, consegue saber tudo que acontece com todo Anjo, e com alguns outros seres também. Ele tem a habilidade da onisciência, o que é um pouco irritante, preciso admitir.

Mills falou tudo de uma só vez, em um fôlego apenas. As atrocidades que ela considerava que podiam ser feitas eram muito graves. A simples ideia de que um Anjo Supremo pretendesse se aliar a um Bruxo para interferir na ascensão de um Anjo como Heather era repugnante. Ela sentiu um espasmo lhe retorcer os músculos, no mesmo instante em que Henry cerrou as mãos em punhos, agitando-se.

— Mas eles *não* vêm! — O vampiro bateu o punho direito na palma da mão esquerda, demonstrando irritação. — Não vêm mesmo, Anjo. Mande toda Esplendor, e eles terão que passar por mim primeiro, antes de chegar até Heather. Mande qualquer Anjo, onisciente ou não, e ele terá que enfrentar uma boa briga!

— Não seja tolo, vampiro. — Mills flutuou em círculos mais um pouco. Ela pensava, tentava encontrar falhas em seu plano aparentemente perfeito. O plano que ela levou dias para idealizar e concluir. Aquela era a última peça que faltava. — Você não é páreo para nenhum

deles, principalmente aqui na Terra. Não pense que é fácil, você não pode impedir Seraphiel.

Apenas uma pessoa pode; Heather estará segura em apenas um lugar.

— E veio aqui me dizer isso, e depois dizer que nada posso fazer, apenas para me deixar irritado? – Henry franziu os lábios.

— Não, claro que não. Eu vim porque apenas você é capaz de controlar os demônios dentro de Heather. Então eu preciso de você. Henry deu uma sonora gargalhada, tão logo Mills completou a frase. Ela enrugou a testa, irritada pelo fato daquela besta levar tudo com tanto bom humor. Para Mills, a situação não era lúdica nem desafiava brincadeiras. Ela vinha traindo tudo que sempre acreditou, desde que Heather saiu da hibernação. A proximidade da ascensão do Anjo apenas a deixou mais perto do pecado do que da salvação. Heather era um amontoado de problemas e tudo que se relacionava com ela acabava por colocar Mills em posição de escolha – e sempre era uma escolha difícil demais.

— Desculpe-me, Anjo. – O vampiro notou a inquietação em Mills. – Mas parece engraçado demais, a ideia de que Heather possa ser perigosa, de que haja *demônios* dentro dela.

— Eu falei em sentido figurado. – Mills sacodiu a cabeça, em negação. – Claro que não há demônio algum dentro de Heather; ela é um Anjo tão puro que não deveria, definitivamente, estar envolvida com bestas como você. Mas eu não posso evitar; eu não consigo fazer com que Heather me ouça. Não o suficiente. Eu não conseguirei que ela siga meus ensinamentos sem ajuda, e a única ajuda que pude visualizar, nesse momento de incertezas, foi você. Eu preciso que você esteja com ela e que a proteja, vampiro. Eu preciso que você a mantenha segura até a ascensão.

— Você disse que não posso. – Ele enrijeceu a face novamente.

— Não pode, *aqui*. Mas no Mundo Inferior teremos uma chance. Eu conversei com meus amigos Elfos, e eles me orientaram a procurar um Ogro, de nome Belissarius. Ele comanda a superfície no Mundo Inferior, e é um monstro de bom coração. Pode parecer uma antinomia, dizer que um monstro possa ser bom; mas é assim que Belissarius é. Ele e sua esposa aceitaram guardar Heather até que

ela esteja ascendida, mas eles também não terão controle algum sobre ela.

— Sobrou para mim, então. — Henry sorriu novamente. — Há, no final, algo que eu possa fazer para impedir sua raça de fazer mal a Heather. Vejo que você organizou uma operação grande, Anjo... não há possibilidade daquele tal Onisciente ficar sabendo de tudo?

— Sim, há. — Mills coçou o queixo. — Por isso fiz você entrar; existe algo em sua morada que não permite acesso aos Anjos. Seraphiel é onisciente, mas até seus poderes possuem limites. Ele não tem acesso a lugares amaldiçoados, ele não pode ver tudo dentro de sua casa. Só que eu não posso entrar, então precisei projetar-me aqui, como já havia feito antes, com Heather.

— E se ele descobrir lendo o seu pensamento? — Henry ponderou.

— Ele não vai. — Mills sorriu. — Henry Austin, eu estou aqui contra tudo que eu acredito, e contra tudo que eu prego em Esplendor. Estou quebrando meus votos e aniquilando minhas crenças, fazendo pactos com seres das trevas e me aliando a monstros do Mundo Inferior. Estou levando Heather para o lugar mais maligno que existe em todos os mundos, e faço isso porque descobri que Esplendor guarda segredos que são muito cruéis. Há mais mentira e mais maldade nos corações dos Anjos que eu sirvo do que eu posso tolerar. Nada me fará revelar meus planos, nem mesmo os poderes inevitáveis do Anjo Supremo.

— Pois bem. — Henry ajeitou a camisa, puxando-a pela base. — Vamos buscar Heather e levá-la para esse lugar.

— Acalme-se, vampiro. Não *podemos* fazer isso; eu posso bloquear meus pensamentos, mas Seraphiel pode nos ver assim mesmo. Eu vou buscar Heather sozinha.

— E pretende que eu fique aqui esperando? Você definitivamente não gosta de mim, Anjo. Essa tortura a que me submete é cruel.

— Não seja melodramático. — Mills esticou a mão espalmada em direção ao vampiro Henry. — Agora prepare-se, pois em algumas horas trarei Heather e vocês precisarão descer comigo. O Mundo Inferior é um lugar desagradável, e nenhuma criatura lá servirá de alimento para você. Preciso que você esteja forte para estar ao lado dela em tudo, durante toda a ascensão. Não me desaponte,

vampiro.

Henry não teve tempo de protestar, ou questionar nada. Mills desapareceu de sua frente na mesma velocidade em que apareceu, deixando-o com uma história terrível para lidar. Se ele nunca tivesse conhecido Heather, sua existência continuaria a resumir-se em ver os dias passarem lentamente à sua frente. Mas a presença daquele Anjo em sua vida mudou completamente todas as suas perspectivas; Henry nunca tinha visto tanta coisa acontecer em tão pouco tempo. Ele, que tinha a eternidade pela frente, precisava lidar com o furacão Heather

– que fazia tudo passar muito mais rápido do que ele poderia assimilar.

~\*~

Foi naquela noite fria, como outra qualquer, em Graceland, com o vento que soprava pela janela aberta de Heather, que sua vida mudou completamente pela terceira vez. Saber que era um Anjo, conhecer Henry e apaixonar-se por ele, e receber de Mills a notícia de que sua ascensão não seria fácil como era esperado. Ela estava na cama, coberta por seu edredom, escrevendo algumas anotações sobre sua última pesquisa. Ela tinha um prazo para cumprir e não pretendia atrasá-lo, por isso passara o dia com Henry já que ela precisava da noite para observar o céu. As nuvens grossas que não se dissolveram atrapalharam suas pretensões, e ela precisou gastar o tempo escrevendo o resultado do que ela já havia pesquisado. Concentrada, ela mal percebeu quando um feixe de luz atravessou suas cortinas e parou ao seu lado.

— Mills? - Heather perguntou, olhando para o Anjo que tentava a todo custo cobrir sua luz. O manto era negro, e Heather ainda não tinha visto Mills vestida daquela forma. Na verdade, Heather estava estranhando o fato de que o Anjo a havia abandonado por todos aqueles dias. Ela pensou que fosse porque tudo estava bem, e porque Mills esperava que ela retornasse somente no período combinado, para a ascensão. O Anjo encarou Heather e colocou o dedo indicador na frente do lábio, indicando que ela deveria manter-

se em silêncio. A garota deixou a caneta por sobre o caderno de anotações e esperou instruções. Mills ergueu a mão e a estendeu para Heather, que se levantou silenciosamente e a segurou. Era a primeira vez que ela via Mills sem que o Anjo parecesse feito de luz, apenas. Ela tinha matéria, ela podia ser tocada. Ao contrário da sensação de tocar Henry, que tinha a pele suave e viscosa, Mills tinha uma textura realmente inumana. Como se ali existisse apenas ar e poeira, e nada mais.

Ao tocar Mills, Heather enfrentou algo novo. O Anjo fechou os olhos, concentrou-se, e em alguns instantes as duas não estavam mais no quarto de Heather. Mills orbitou com ela para outro lugar, e Heather pensou que estivesse caindo em um buraco, como em alguns sonhos estranhos que ela já tinha tido. O lugar era escuro e cheirava a umidade e mofo. Heather percebeu que seus pés estavam imersos em uma água fétida, e havia paredes escuras e cheias de musgo as cercando. O som da água escorrendo em algum lugar podia ser ouvido.

— Onde estamos? - Heather considerou que podia falar, e não foi repreendida. - Aliás, o que acabou de acontecer?

— Heather, precisamos conversar. - Mills parecia ansiosa demais.

— Você veio me buscar? - A garota arregalou os olhos, em desespero. - Viemos para Esplendor, estou para ascender? Mas... eu ainda não me despedi de Henry, eu...

— Heather. - Mills disse, segurando as duas mãos da garota, que tremia. - Não estamos em Esplendor. Você acha que um lugar lindo e mágico é horrível assim? Acha que a terra dos Anjos seria assim tão repugnante?

A garota olhou em volta e observou exatamente o que já sabia. Era como se ela estivesse no esgoto de uma cidade grande, como em alguns filmes que já tinha visto.

— Não, realmente. Mas se não estamos em Esplendor, o que está havendo? Por que estamos aqui, e por que tive que ficar em silêncio?

— Eu precisei orbitar com você para fora da Terra. Estamos no Mundo Inferior. Eu precisei trazer você aqui, também, porque não podíamos conversar em sua casa. Afinal, Seraphiel saberia.

— O que tem Seraphiel? - Heather tentou mover os pés, com nojo daquela água suja. – Não podemos como ir a um lugar melhor? Aqui é meio nojento.

— Não podemos, pois não quero contato com as criaturas das trevas. Aqui, no Mundo Inferior, só monstros e bestas habitam o solo. Eu consegui trazê-la aqui graças a uma velha amiga que tem alguns contatos nesse lugar terrível. Porque aqui Seraphiel, o Anjo Supremo do Conselho de Esplendor, não pode nos ver ou ouvir.

— Ele pode nos *ver* e *ouvir* na Terra?

— Sim, ele tem a habilidade da Onisciência, o que o torna tão especial para nossa espécie. Mas ele não pode estar aqui, nas trevas. Os poderes dos Anjos são praticamente nulificados no Mundo Inferior.

— Está bem; estamos aqui, nesse lodo todo, e isso é necessário. O que houve dessa vez?

— Heather, você corre perigo. - Mills disse, comprimindo os lábios. - Eu levei muito tempo pensando em como vir aqui e te dizer isso, lutando contra o meu juramento de servir ao Conselho. Mas eu não posso servir ao Conselho quando eles mentem e manipulam Anjos e Bruxos, e tentam fazer mal a seres inocentes. Ficou determinado que você iria comigo para Esplendor para sua ascensão, mas Bell e Seraphiel mudaram os planos e decidiram vir buscá-la, para aprisioná-la em nossa terra.

A garota ouviu as palavras do Anjo com alguma perplexidade. Tudo aquilo já fazia bem mais sentido do que há alguns meses, mas ainda assim parecia um livro de fábulas infantis.

— Eles querem me sequestrar? Algo assim?

— Pode considerar assim. Eles virão, com reforços, te buscar e te aprisionar. Você ascenderá sob o controle deles, e eles pretendem neutralizar seus poderes, ou eliminá-los, se for possível.

— E então eles me mandam de volta? Heather considerou.

— Não, eles não pretendem enviá-la à Terra nunca mais. Os Bruxos a temem demais, e Bell tratou de convencer a todos que você é uma ameaça; até os Anjos agora estão com medo de você. Seraphiel era antes contrário à ideia de mantê-la cativa, mas agora ele já concorda com Bell.

— E eles podem fazer isso? - Os olhos arregalados da garota eram de puro assombro. Eu não seria tão mais poderosa que eles? Eles têm como reverter ou roubar meus poderes?

— Eu não sei, eles provavelmente também não sabem. É fácil jogar com o medo alheio, então no final das contas eles podem tudo, mesmo sem poder. Mas... - Mills olhou para baixo.

- Heather, eu vim aqui te avisar disso, e dizer que vamos te esconder. Você não vai até Esplendor para ascender, você será *escondida* enquanto ascende, e eles não poderão pegá-la. Depois que você estiver ascendida, será impossível fazer qualquer coisa contra a sua vontade.

— Esconder-me? Não é suficiente deixar-me na Terra, lá eu posso...

— A Terra é um lugar que potencializa os poderes dos Anjos. - Mills disse, com um tom de derrota na voz. - Por isso sua ascensão lá é perigosa, e Seraphiel é ultrapoderoso. Seria mais conveniente que você ascendesse aqui, no Mundo Inferior.

— Nesse lugar nojento? E fedido? - Heather franziu o nariz, olhando em volta.

— É aqui ou sob os domínios de Bell. - Mills abriu os braços, dando a impressão de que Heather deveria escolher uma mão ou outra, em um gesto demonstrando que a escolha era obrigatória e difícil.

— Aqui, então. E eu ficarei sozinha? Ou você vai poder ficar no meio das bestas que você tanto detesta?

— Heather, você pode ser sarcástica, mas fique sabendo que eu tenho muita consideração por você. Sua mãe era minha melhor amiga, e eu prometi a ela cuidar de você para sempre; enquanto você me permitisse, e até mesmo sem a sua permissão. Eu agi contrária a todos os meus juramentos em Esplendor. Eu pedi que os Elfos interferissem, e eles conseguiram a ajuda de alguns Ogros para mantê-la no solo, no Mundo Inferior. Foi mobilizada uma estrutura para você poder passar os dias durante a sua ascensão, e os Ogros são fortes o suficiente para mantê-la sob controle, eu espero. Se for necessário, claro. - Mills não parecia precisar parar para respirar, e seu discurso era sem pausa. - Eu virei aqui no dia da ascensão. E, bem, eu pedi ajuda a *outra pessoa*.

— Quem? - Heather sentiu-se envergonhada em desdenhar do Anjo,

afinal.

— Seu vampiro. - Mills pronunciou aquilo tentando de todas as formas não parecer infeliz com a ideia. - Henry Austin, eu pedi a ele que ficasse com você durante esse período de transição. São alguns dias, no máximo.

Heather arregalou os olhos novamente, e a surpresa então era de satisfação. Ela considerava que ascender perto de Henry o colocaria em perigo deliberado, mas se Mills o estava oferecendo, talvez a sua compreensão estivesse equivocada.

— Henry vai estar comigo? - Ela tinha novamente o tom reverencial ao falar dele. - Ele sabe que estou em perigo, essa baboseira toda?

— Sim, eu o visitei antes de ver você. Ele é uma criatura muito impulsiva, precisei explicar que eu te traria para uma conversa para evitar que ele entrasse no carro e fosse atrás de você.

— Mills, obrigada. - Heather disse, com um misto de emoções confusas e contraditórias. Medo pelo perigo, ansiedade pela ascensão, felicidade porque Henry estaria com ela, curiosidade pelos seus poderes. - Eu não devo ter merecido tudo isso, eu sempre fui cética e cruel; eu inclusive não acreditei em você inicialmente, mas mesmo assim você me ajuda e é boa comigo.

— Eu só preciso estar certa. - O Anjo sorriu. - Se eu não estiver, será mesmo o nosso fim.

— E agora, o que eu vou fazer? - Heather pressionou os lábios.

— Você vai explicar aos seus pais que precisa ir embora. Acorde-os no meio da noite, é irrelevante o que precise para convencê-los de que não está fugindo. Eles vêm te buscar em um dia, contado na Terra. Se você se demorar, não teremos como fazê-la sumir. Depois, você vai comigo encontrar-se com o seu vampiro. Ele está esperando em casa. Relutante, mas está.

Heather assentiu com a cabeça. Mills a tocou novamente, e as duas foram orbitadas para o quarto da garota. Não havia tempo, e Heather não sabia direito o que fazer. Era informação demais em pouco tempo, ela não parava de pensar a mesma coisa. O Anjo desmaterializou-se e ela, agitada, pegou uma bolsa de viagem pequena e colocou algumas coisas dentro. Coisas que ela nem sabia se precisaria porque ela não estava sabendo muita coisa. Enquanto

organizava metodicamente a bagagem, ela imaginava a justificativa que teria para fugir. Ela não podia deixar perceber que ia, então tentaria usar como desculpa a sua vida complexa de cientista, e toda a ignorância das pessoas quanto a isso. Heather poderia ter que sair no meio da madrugada para pesquisar determinada estrela ou determinado astro que só estaria visível naquele horário, ou fora convocada de urgência na Universidade e não teria como dizer não, porque afinal eram eles que pagavam o seu salário. Naquele momento, ela adorou que ninguém nunca tivesse se interessado por suas ideias e projetos, assim ninguém questionaria a veracidade dos fatos que ela expunha.

E foi como Heather fez. Saiu do quarto, esbaforida, não precisando muito fingir a agitação que a acometia. Seus dedos pressionavam com força incompatível o aparelho de telefone em suas mãos, e ela entrou nos aposentos dos pais. Sua mãe lia um romance qualquer, e o pai terminava de passar o tônico capilar contra queda de cabelo. Informou a eles o que faria, explicando que a Universidade de Bozeman precisava dela o mais rapidamente possível no dia seguinte, antes do nascer do sol, e que ela tinha que sair naquele instante. Sua mala estava arrumada, e ela retornaria assim que tivesse concluído aquela pesquisa. Beijou os dois, com um aperto no coração. Mesmo sabendo que eles não eram seus pais biológicos, e mesmo considerando o abismo entre eles, em todos os sentidos, ela os amava e não podia negar. Eram as pessoas que a tinham criado, mesmo sabendo que ela não havia sido gerada por eles. E nunca, em momento algum, demonstraram que aquilo fazia diferença.

A garota entrou apressada no carro prateado e jogou a bolsa no banco do carona. Girou a chave com força demais; o carro precisou de três tentativas para pegar. Heather não olhou para trás, mas ela percebeu que o Anjo Mills estava sentado no banco traseiro de seu Audi, observando-a.

— Calma, Heather. - Ela disse, uma voz tranquila. Temos ainda algum tempo.

Mesmo assim Heather não demonstrou calma suficiente. Guiou o carro com alguma imprudência pela rodovia de pistas molhadas por

causa da garoa que caía insistentemente em Graceland, e não se importou em derrapar várias vezes na trilha de acesso ao casarão da pensão. Também não se preocupou muito com organização, quando parou o carro de qualquer jeito no meio do pátio e saiu porta afora, esquecendo-se da bolsa de viagem. A luz fraca do interior iluminava Henry, de pé, trajando uma camiseta de malha branca e shorts xadrez, algo que ele provavelmente não usaria nem para dormir. Ela o reconheceu ao longe, porque ela o reconheceria de qualquer jeito. Ele esfregava as mãos, e a ansiedade emanava de todos os seus poros. Heather queria apenas caminhar, mas suas pernas atropelaram suas intenções e ela não se percebeu correndo em direção a Henry. Também não percebeu quando se jogou por sobre ele, sendo imediatamente sustentada em um abraço forte demais. Ela envolveu sua cintura com as duas pernas, o nariz afundado em seu peito; o aroma amadeirado da camiseta recém-lavada, enquanto ele beijava seus cabelos e a mantinha segura.

— Aquele seu Anjo não me deixou ir atrás de você. Henry disse, entrando com Heather nos braços, sem se preocupar em fechar a porta. Mills já havia desmaterializado, ela não podia ser vista com eles porque Seraphiel poderia desconfiar de algo. - Ela veio aqui e me contou uma história horrível, e depois me disse que eu deveria esperar por vocês. Henry levou Heather para o segundo andar, para o quarto que eles costumavam compartilhar à noite. Ela se sentou na cama, e suas mãos estavam trêmulas.

— Eu sei, ela me levou para um lugar péssimo e... Heather olhou em volta. - Não podemos confabular essas coisas aqui, podemos?

— Sim, podemos. - Henry disse, sentando-se ao seu lado e segurando suas mãos. - O Anjo me disse que nossa casa é uma morada de bestas, e que o tal Anjo Superior não tem poderes aqui. Nunca fiquei tão feliz em ser uma besta, eu acho.

— Então por que eu não posso ficar aqui? - Heather ergueu uma sobrancelha, confusa com a necessidade de recluír-se em uma casa de Ogros enquanto ela podia tranquilamente estar na hospedaria que já lhe era familiar e quente.

— Porque os Bruxos têm livre acesso à casa, e poderiam vir pegá-la. Só os Anjos não podem entrar aqui; eu precisei conversar com Mills

de uma forma nada convencional. Foi um tanto quanto complicado, e não sabia que era possível.

— É muita burocracia nesse mundo sobrenatural. Heather torceu os lábios, contraria com a lista de “nãos”. Anjo não pode aquilo, vampiro não pode isso, Bruxo não pode aquilo; ela não sabia exatamente o que ela podia ou não, mas era fato que estar na casa de Henry era natural para ela.

— Você não tem ideia. - Henry sorriu, e beijou Heather nos lábios. - Seu Anjo me contou algumas coisas, mas no final eu ainda não sei como será essa ascensão. De qualquer forma, depois de enfrentar meus sentimentos por você, nada poderia ser mais perigoso ou intenso.

Heather corou, e suas bochechas logo estavam tingidas de um vermelho forte.

— Então, eu vou irradiar luz, ou algo parecido?

— Não sei, eu acho que você pode ficar fora de controle. Ela mencionou os demônios dentro de você. - Henry franziu o cenho, segurando a face pequena da garota em suas mãos frias.

- Estranho, imaginar você fora de controle; um Anjinho tão frágil e delicado! Como você pode ser responsável pelo fim de qualquer coisa?

— Você é muito bobo. Heather envergonhou-se, olhando para baixo.

- Eu posso ser um perigo!

— Sim, eu sei. - Ele deu uma gargalhada. - Você é um perigo imensurável, eu que o diga! Mas, Heather, não se preocupe; nada irá tocar em você. Enquanto eu estiver ao seu lado, nada te fará mal.

Heather sentiu um arrepio lhe percorrer a espinha. Seria normal para uma mulher sentir-se feliz e realizada quando seu namorado lhe dissesse que a protegeria de qualquer mal. Claro, *os humanos não têm noção do que é o mal*, foi como Heather pensou. E, naquele momento, pela lógica racional, Heather jamais ficaria comovida por Henry dizer que nenhum mal lhe aconteceria porque, ela sabia, ele não seria páreo para *qualquer* mal. Se o Conselho de Esplendor seria capaz de sequestrá-la e aprisioná-la de forma a domar seus poderes indomáveis, o que eles poderiam fazer com Henry, o vampiro lindo e antigo que ela tanto adorava?

Não era admissível ou tolerável considerar que Henry pudesse ferir-se; não para protegê-la.

— Henry, - ela disse, olhando fixamente em seus olhos negros. - você precisa me prometer uma coisa.

— O que você quer? - Ele acariciava sua face com os dedos.

— Prometa que você não vai se colocar em risco por mim.

Henry deu uma gargalhada sonora, talvez a mais estridente que ele já pudesse ter dado na frente de Heather. Um misto de ansiedade, nervoso e comicidade.

— Não posso prometer algo que já sei que não vou cumprir, Heather. Ele a abraçou, mas ela o empurrou e manteve-se olhando para ele, com aquela indignação que lhe era peculiar. Henry torceu os lábios, encarando-a. - O que foi, Heather? Você acha que seu Anjo me escolheu por quê? *Qualquer* um poderia estar ao seu lado, mas ela sabia que somente *eu* seria capaz de me arriscar por você. Ela sabia, eu também. Ninguém mais daria a vida por você, somente eu.

— Não diga isso! - Ela fechou as mãos em punhos e bateu inutilmente no peito de Henry, sem desejar realmente feri-lo. Não quero que você dê a vida por mim! De jeito algum, eu preciso de você vivo, Henry!

— Eu não estou mais vivo. - Ele beijou sua testa, mas ela estava rígida na mesma posição. - Bem, como eu vou explicar isso? Talvez seja simples. Eu te amo. Não permitirei que Anjo, Elfo, Druida, Bruxo ou ser algum te machuque. Se eles tentarem, terão que passar por mim primeiro. E garanto, será difícil. Eu posso ser muito insistente.

A garota baixou o olhar mais uma vez. Deixou que seus olhos repousassem na estampa da camiseta branca que ele vestia, enquanto seu coração batia muito forte. Em meio a perigos, males, Anjos e demônios; em meio a promessas que não podiam ser feitas nem cumpridas, Heather havia prestado atenção especialmente em uma envolvimento deles, quase tudo única coisa. Por todo o tinha sido tão rápido e inesperado. Eles mal tiveram tempo de pensar a respeito do que estavam fazendo. Eles se conheceram e se apaixonaram de forma súbita, fazendo inclusive com que a cética Heather acreditasse em magia e amor à primeira vista. Eles se amaram de forma intensa e sem qualquer barreira que os impedisse,

mas eles nunca confessaram um ao outro que se amavam.

Não até aquele momento, em que Henry, talvez inconscientemente, disse que a amava. Heather não ouviu muito mais depois daquilo, até porque ela não queria ouvi-lo dizer que faria qualquer tipo de loucura por ela. Ele colocou o indicador em seu queixo e o fez subir. Naquele instante, Heather enxergou por dentro dele, como se Henry fosse o transparente. Ela viu sua alma, ela viu sua dor, ela viu o que ele sentia e o sofrimento pelo qual ele passava. Ela o viu; ela pode colocar-se em seu lugar.

— Sim, *eu te amo*. - Ele percebeu a perturbação nela. Seus lábios desenhados se abriram suavemente em um sorriso, e Heather jurava que havia mais luz nele do que em Mills inteira.

- Eu te amo e por algum motivo que eu ignoro eu achei que você soubesse disso tão bem que eu não precisava dizer. - Ele a beijou nos lábios, como se eles já tivessem se beijado tanto que aquele foi apenas um eco do desejo que existia entre os dois. Desculpe um vampiro que não tem experiência em expressar sentimentos.

— Prometa. Ela disse, os braços ao redor de seu pescoço.

— Eu não posso, Heather. - Ele beijou-a mais uma vez. Eu não aceito perder duas vezes a pessoa que eu amo.

## 12 { MUNDO INFERIOR }

Mesmo que os planos do Conselho de Esplendor não conseguissem se concretizar, a ordem era levar Heather para o Mundo Inferior a qualquer custo. Bellasiel havia conseguido que Heather se escondesse na casa de Belissarius, um Ogro de nível superior que tinha um bom relacionamento com as entidades abençoadas e humanas. Por sua aparência repugnante e abominável, ele não podia jamais viver no mundo humano, mas seu comportamento era bastante similar ao das pessoas. Era gigante, com mais de três metros de altura e pesando quase quatrocentos quilos. Sua face era coberta de tubérculos e escaras, e o olho esquerdo era muito maior do que o direito. Suas feições eram horríveis, e sua cor aproximava-se do esverdeado.

Mesmo assim, Belissarius era uma boa criatura. Tinha bom coração, e vivia em harmonia com outros seres do Mundo Inferior, naquele plano. Descendo até o Olho de Cerno, os demônios dominavam e o mal era a filosofia a se seguir. Mas Mills e Bellasiel não pretendiam que Heather precisasse esconder-se tão profundamente, bastaria que ela estivesse em um lugar onde os Anjos e Bruxos não tivessem fácil acesso.

Mills teria que orbitá-los até Belissarius, porque ela desconhecia outra forma de chegar ao Mundo Inferior. Como não tinha certeza se poderia tocar em Henry, ela precisou fazer uma ponte: Heather tocava em Henry e ela tocava somente em Heather. Como a garota era também um Anjo, seria simples orbitá-los daquela forma. E na mesma noite, para que imprevistos não pudessem acontecer. Heather não teve tempo de curtir outra noite com Henry na hospedaria que ela tanto gostava, foi preciso que eles se dirigissem logo para o Mundo Inferior e aguardassem a ascensão de Heather, que aconteceria em cinco dias segundo as contas de Mills. Henry deu diversas recomendações a Wesley e Stuart, como se eles precisassem saber como passariam o resto da eternidade, sozinhos. Por mais que ele considerasse que tudo daria certo, ele precisava

prevenir-se para algo ruim. Fazia tempo que Henry não se importava em morrer, mas estar com Heather o fazia querer manter-se vivo por mais um dia, sempre.

— Se algo me acontecer, vocês devem ir para Barrows. Henry disse, o tom de voz de um pai falando com os filhos. - Lá vocês serão mais fortes pela grande quantidade de tempo em que é noite. E não serão perseguidos.

— Acha que algo pode acontecer? - Wesley perguntou, com os músculos trêmulos só de pensar na possibilidade.

— Sim, por que não? Eu não sei o quanto esses Anjos estão interessados em Heather, e quanto tempo poderemos resistir até que ela possa cuidar de si mesma. Enquanto ela for uma frágil garota, eu a protegerei com a *vida*, se for preciso. Henry disse, tentando esconder essas palavras de Heather. Mas eu sou um vampiro antigo e forte, tenho minhas qualidades. De qualquer forma, vocês não devem me procurar. Se tiverem notícias da minha morte, ou algo assim, vocês devem seguir para Barrows.

O vampiro antigo abraçou os outros dois, despedindo-se de sua família. Stuart sempre soube que aquele Anjo causaria problemas, mas ele não imaginou que fossem naquelas proporções. Por mais grave que tudo parecesse, ele ainda não conseguia direcionar sua ira para Heather, mas para os que a perseguiam e afastavam Henry deles, arriscando sua existência. Stuart desejou fortemente ser capaz de ir até Esplendor e surpreender alguns Bruxos. O sangue dos Anjos lhe podia ser perigoso, mas o dos Bruxos não. Sua vontade era a de aniquilar todo o famigerado Conselho, para impedir aquela fuga. Mas ele não podia; seres das trevas não eram autorizados a pisar em Esplendor. Uma simples tentativa e ele queimaria como se estivesse ao sol.

No Mundo Inferior, a casa de Belissarius não se parecia com uma casa humana, mas todos já esperavam aquilo.

— Heather, não o encare. Mills disse, prestando algumas informações. - Não me chame e não tente nenhum contato comigo. Seu vampiro está aqui para fazer as minhas vezes. Tente concentrar-se em si, e mantenha sempre o foco no controle. A ascensão deve acontecer em cinco dias contados na Terra, e o tempo aqui passa de

forma diferente. As noites são mais longas, e o sol quase nunca aparece. Permita que o vampiro cuide de você, apesar de que me incomoda muito colocá-la totalmente em suas mãos. Eu não posso permanecer aqui.

— Está tudo bem. - Henry abraçou Heather, segurando a bolsa em sua mão. impedir.

— Meu medo Nada acontecerá a ela que eu possa é exatamente o que você não pode, vampiro. - Mills torceu os lábios, mas fez um gesto de cabeça em cumprimento a Henry. Depois, desmaterializou-se mais uma vez, em definitivo. O casal sobrenatural bateu à porta de Belissarius, e foram recebidos por uma mulher enorme, com a face retorcida, e o vestuário de uma mãe. Heather lembrou-se de não encará-los, e deixou que Henry os apresentasse. Belissarius, o

Separou-lhes

Ogro, esperava na enorme sala e foi gentil. aposentos no andar inferior da casa, porque quanto mais abaixo eles ficassem, menos estariam submetidos ao acesso das criaturas abençoadas.

A casa do Ogro era tão grande quanto ele, e sua família. As escadas tinham degraus enormes, e pelas portas poderia passar um caminhão. A mobília era toda de madeira bruta e escurecida, e as paredes eram de pedra. Algumas brancas, outras naturais. Heather não teve tempo de observar muito a decoração, porque o Ogro rapidamente os empurrou para baixo. A escuridão começou a ficar mais densa, e a única luz era o lampião que Belissarius carregava. Não parecia haver energia elétrica no Mundo Inferior, e não faria sentido que houvesse.

— Vocês devem sair o mínimo possível. - Belissarius disse, a voz grave e monstruosa. - Minha esposa, Serena, trará alimento para a garota três vezes por dia. Você, vampiro, pode ter problemas. É meio difícil para você encontrar sangue aproveitável aqui, no Mundo Inferior. Espero que tenha vindo bem alimentado, para suportar os cinco dias que se seguirão.

Henry assentiu com a cabeça, e Heather o encarou; assombrada. Ela não sabia que ele teria que ficar tanto tempo sem alimentar-se, e aquilo seria especialmente penoso para ele. Na verdade ela nem sabia que ele podia ficar tanto tempo sem alimentar-se, porque ele

comia regularmente, na Terra. Ele nunca a tinha dito que o sangue o fazia forte em diversos aspectos diferentes, e que renová-lo era não só uma forma de saciar a fome, mas de fortalecimento de suas habilidades. Quanto mais tempo Henry levasse sem se alimentar, mais fraco ele ficaria. E aquilo seria, definitivamente, um problema, se algo desse errado.

— Está tudo bem. - Henry disse, tão logo o Ogro fechou a pesada porta de madeira. - Eu comi bastante antes de vir; depois que o Anjo me visitou, fui comer. E com pouco sol, eu consumo menos energia. Conseguirei superar os dias sem grandes problemas.

— Você sempre pode me ter, se for preciso. - Heather disse, colocando a bolsa por sobre uma cômoda.

A garota pode observar o quarto onde estava. Eles haviam descido dois lances de escada, e estavam em uma espécie de porão. Não havia janelas, mas aquele lugar não lembrava o quarto de Henry. As paredes eram brancas e de pedra bruta, com um leve cheiro de mofo e um pouco de musgo crescendo em algumas quinas. A cama que ficava no centro do quarto era de madeira também bruta, pouco lixada e não envernizada, com um colchão feito de mato e encapado por um tecido grosso e listrado. Havia também uma cômoda de madeira escura, um espelho retorcido por sobre ela e duas cadeiras. Não havia televisão e nenhuma outra forma de entretenimento. Uma porta, menor do que as outras, dava acesso ao que ela supôs ser o banheiro.

— Não pense que usarei seu sangue para me aliviar a fome. - Henry ergueu uma sobrancelha.

— Não penso. - Heather jogou-se na cama, percebendo que apesar de tudo fazia calor. Muito mais calor do que qualquer dia em Graceland. - Na verdade, penso que deveríamos aproveitar a oportunidade da ausência absoluta do que fazer. O sangue é consequência.

O vampiro sentou-se na cama, e encarou o teto por alguns instantes.

— Heather, precisamos ter cuidado. Sua ascensão é perigosa se você perder o controle. A atividade sexual...

— Menos conversa, Henry. - Ela o abraçou, interrompendo um

provável discurso. - Primeiro que não será agora; eu não vou ascender agora. Segundo que estamos seguros aqui, eu acho. Terceiro que, assim como eu sabia que não te faria mal com meu sangue, eu tenho um bom pressentimento quanto a essa ascensão. Mills me permitiu ficar na sua presença, porque ela acha que com você eu sou naturalmente mais controlada e feliz.

— E teria razão, o seu Anjo? - Henry disse, retribuindo o abraço e deixando-se puxar para o colchão, junto com Heather.

— Sim. Eu sou muito mais feliz ao seu lado. - Ela o beijou.

- Controlada, já não sei tanto.

Ela sabia que Henry estava alimentado, então ele não precisaria de sangue naquela noite. Apesar de querê-lo demais, Heather não podia permitir que ele bebesse o seu sangue despretensiosamente, ou ela talvez não tivesse como ajudá-lo em ocasião futura. Ele mesmo não aceitaria beber dela por dois dias seguidos, então ela tinha que se controlar. Naquela noite, a primeira no Mundo Inferior, a poucos dias da tão complicada e ansiada ascensão, Heather precisou conformar-se em somente adormecer com os braços de Henry ao seu redor, porque ela também não queria que ele sofresse tendo que se reprimir em um momento como aquele.

~\*~

Os céus em Esplendor estavam encobertos. O aroma de camomila e crisântemo dos campos se misturava com o cheiro de chuva iminente. As rajadas de vento se atiravam contra as janelas fechadas das casas, e as folhas das árvores se desprendiam e caíam ao chão. Era o prelúdio de alguma coisa ruim, era a anunciação do fim. No Quarto da Profecia, o formão recomeçava a entalhar a Sétima Pedra, sob os olhos atentos e nervosos de Vera. Ela observava periodicamente a pedra, e quando percebeu o céu avisando que uma chuva forte estava por vir, correu para o Quarto.

Alguns minutos depois chegou Bell, com Phillis ao seu encalço. A bruxa esticou seus longos dedos e apontou para a Sétima Pedra, como que a acusasse de algo.

— Isso está fora de controle. - Bell encarou Vera, que assentiu com a cabeça. - Phillis, sobre nosso trato? Conseguiu alguém que pudesse fazê-lo?

— Sim, mas ele está receoso. Ele conhece a profecia da Sétima Pedra e não quer desafiá-la. Ele teme que se... você sabe, ele teme que *ela* se revolte.

As Bruxas se comunicavam sem explicitar nomes ou acontecimentos importantes. Precisavam falar de forma dissimulada, porque Seraphiel não tolerava a ideia de Bell para matar Henry. Ele considerava que Heather fosse uma ameaça, o vampiro era só uma alma perdida.

— Tolo. - Bell aproximou-se da pedra. - Ele teme a coisa errada. Precisamos temer a Profecia, ela sim pode determinar nosso fim. Convença-o.

— Bell, você está mesmo pensando em fazer isso? - A Bruxa Vera sabia das intenções malignas da Bruxa Superiora, mas também não considerava uma boa saída. - A pobre criatura das trevas não é responsável pelos riscos que ela nos representa.

— A criatura a prende ao mundo terreno. - Bell disse, sem conseguir tirar os olhos da Pedra. - Sem raízes lá, ela poderá sucumbir mais facilmente. Além do que, minha cara Vera, os seres como Heather podem ser muito mais facilmente manipuláveis quando sob a égide de emoções descontroladas. A dor que ela sentirá a fará suscetível.

Enquanto as bruxas conversavam, o Anjo Paschar entrou pelo Quarto da Profecia apressado, arrastando um pequeno rastro de luz consigo. Seu manto bege era mais curto do que o dos Anjos Superiores. A entidade tinha olhos inexpressivos e um semblante assustado.

— Bruxa Bell, o Conselho solicita a sua presença no Salão, imediatamente.

— O que houve? - Bell ergueu uma sobrancelha e olhou para o anjo, que se recusava a encará-la.

— Capturaram uma *Banshee*, e ela tem revelações a fazer. Bell seguiu o Anjo até o Salão do Conselho. Phillis e Vera foram atrás dela, mesmo sabendo que não podiam participar das deliberações

do grupo que liderava Esplendor. De qualquer forma, a situação envolvendo a captura da *Banshee* estava caótica. Vários Anjos e Bruxos inferiores estavam espalhados pelo Salão, encarando a criatura que se encontrava suspensa em uma bola transparente de energia. Seraphiel estava no alto de seu pedestal, e aguardava Bell se juntar a ele para iniciar a sessão extraordinária e fora dos padrões. A Bruxa Superiora encarou a entidade antes de se sentar, a face franzida e confusa.

— Pois bem. - Bell dirigiu-se ao Conselho. - Capturaram uma *Fada*; logo teremos uma nova guerra entre mundos. - A Bruxa foi sarcástica.

— Não se trata disso. - Israfil disse. - Essa *Banshee* em especial sabe de algo muito importante. O Anjo Glicério a encontrou vagando pelas proximidades de Vanera e a trouxe, depois de ouvir dela uma história que merecia ser contada.

— Ela veio diretamente do Mundo Inferior com o objetivo de nos falar. - Glicério explicou o que o fez capturar a besta.

— Se ela veio espontaneamente, soltem-na. - Seraphiel ordenou. Os Anjos assentiram e logo a *Banshee* estava solta, flutuando pelo Salão do Conselho com seu espectro de cor sombria. - Diga-nos, criatura, o que tem a contar que justifica sua entrada em Esplendor?

— Eu sei algo muito importante. - Ela disse, a voz um choro lamurioso praticamente insuportável aos ouvidos. - E eu quero informá-los de que o Anjo que buscam está agora nos domínios de Belissarius.

Fez-se espanto total no Salão. As interjeições de surpresa e pavor foram ouvidas por todos os lados, entre todas as entidades presentes. Ouviu-se também um trovão forte, que estremeceu a estrutura do Salão.

— Belissarius, o Ogro? - Seraphiel precisou repetir, para confirmar se verdade. A *Banshee* assentiu, movendo a cabeça esvoaçante. - E o que um Anjo faz no Mundo Inferior? Como você, criatura medonha, sabe disso? Ela foi capturada pelo Ogro?

— Não. - A *Banshee* continuou seu relato, causando o mesmo desconforto aos ouvidos que ali estavam. - O Anjo é um hóspede de

Belissarius. Ela estará com ele por alguns dias, a pedido dos Elfos.

Mais espanto, e o barulho no Salão se elevava. Outros trovões foram ouvidos, como se os deuses do tempo estivessem também surpresos e horrorizados com a história. Seraphiel moveu a mão, requerendo silêncio.

— Criatura, você acusa os Elfos, antigos aliados, de conluio para desautorizar o Conselho de Esplendor. E ainda informa que um Ogro está ajudando um Anjo a fugir de seu inevitável destino. Deseja mesmo que acreditemos nessa história sem qualquer comprovação?

— Parece-me um grande absurdo. O Anjo Anael manifestou-se. - Essa criatura tenta nos ludibriar.

— Devemos expulsá-la. - A Bruxa Zoraide sugeriu. O burburinho dentro do Salão se misturava com os trovões, e os relâmpagos cruzavam o céu escuro de Esplendor como se fossem meticulosamente desenhados.

— Não me interessa se acreditam. - O som era estridente e alto demais. - Eu sei o que sei. O Anjo está no Mundo Inferior, guardada pelos Ogres e por um sugador de sangue.

Seraphiel e Bell se entreolharam, aturdidos. A chuva pesada e densa começou a cair, e o vento jogava os pingos grossos para dentro do Salão aberto. As cortinas das imensas janelas esvoaçavam, e o ruído da água batendo na imensa cúpula de vidro era ensurdecedor. Os dois superiores do Conselho de Esplendor deixaram a confusão formada no Salão, e ignoraram a presença da *Banshee*. Enquanto o resto dos conselheiros discutia o que fazer com ela, eles precisavam pensar. Havia coisa mais importante a tratar, e deveria ser em particular. Com um movimento de cabeça, o Anjo Superior convocou Israfil para uma reunião secreta, e Bell chamou Phillis para participar também. Vera não podia ir, ela precisava manter-se guardando e observando a Sétima Pedra para informar qualquer alteração significativa. Os membros do Conselho caminharam pelo prédio principal de Esplendor até uma sala pequena, que ficava no alto da torre norte, e trancaram-se lá. Somente Seraphiel tudo via, então eles não teriam problemas.

O plano de sequestrar interferente grave. O Mundo Heather parecia

ter um Inferior era um território extremamente inóspito para os Anjos, porque a maioria dos poderes superiores não funcionava lá. Seria um excelente lugar para Heather ascender, pois tudo que ela desenvolvesse estaria praticamente neutralizado ou enfraquecido. Seraphiel não podia ver ou ouvir nada, e suas habilidades eram bastante reduzidas. Os Bruxos tinham acesso mais fácil ao Mundo Inferior, mas mesmo com seus poderes maximizados eles não eram absolutos. As criaturas das trevas dominavam por todas as partes, e poderiam sentir-se ameaçadas com a presença das entidades abençoadas. Não seria mais uma missão cotidiana, a captura de Heather. Ela estava bem guardada.

— Mills está envolvida. Bell afirmou, os cabelos vermelhos movendo-se como chamas do fogo. - Claro que está, é ela que tem ótimo relacionamento com os Elfos.

— Eles quebraram o pacto. - Israfil considerou. - E se quebraram...

— Não podemos interferir. Tinha a mão julgar sem ouvi-los. Seraphiel reluzente segurando seu queixo, enquanto parecia pensar. A sala não tinha qualquer espécie de móvel, e apenas duas janelas. Era um confinamento, e bastante útil. - E quanto a Mills, deveríamos tê-la tratado com mais cuidado. Se ela ajudou Heather a fugir, ela ficou sabendo de alguma coisa que ela não deveria saber; temos um delator entre nós.

— Precisamos prendê-la, imediatamente. - Bell era a pura irritação. Seus olhos ardiam enquanto observavam a chuva que Esplendor nunca tinha visto.

— Não. - Seraphiel levantou a mão. - Mills é um Anjo Superior, prendê-la significa submetê-la a um julgamento do Conselho, e assim ela teria a chance de defender-se. Tudo que menos precisamos agora é que o Conselho saiba de nossos passos. Precisamos recuperar Heather, antes de sua ascensão, ou nada mais poderá ser feito.

Os trovões por vezes calavam os conspiradores. Todos impressionados com a ira do clima, que implacavelmente parecia apto a varrer tudo que estivesse ao seu alcance.

— Mas como? - Phillis parecia impressionada com a possibilidade de ir até o Mundo Inferior. - Como enviaremos um destacamento de

Anjos até aquele lugar horrível?

— Precisaremos pensar, teremos que ver uma forma. Israfil concordava com Seraphiel. - Talvez possamos pedir aos Bruxos que vão...

— Vamos manter o plano. - Seraphiel considerou. Primeiro, falaremos com Raunien. Precisamos saber por que Belissarius abriga Heather, e o que ele ganha com isso. Se ele for defendê-la, teremos que ir preparados para lidar com uma horda de Ogros. Se não, só teremos o vampiro em nosso caminho, ou seja, tudo estará resolvido rapidamente.

Os dissidentes continuaram a confabular por mais algum tempo, enquanto a chuva não diminuía. Dentro de si, Bell sabia o que aquilo significava. Ninguém havia estudado mais a Sétima Pedra do que ela, ninguém temia mais aquela profecia do que ela. A ira dos deuses era apenas o início do fim inevitável de Esplendor, e de tudo que ela acreditava existir. Bell tinha certeza absoluta de que Heather era a causa de tudo, e precisava eliminar aquele risco. Era apenas um Anjo tolo e ainda não ascendido, ela podia agir enquanto fosse daquela forma. Depois que Heather tivesse poder, ela não seria capaz de derrotá-la e teria que submeter-se novamente a uma tirania de Anjos. Não, Bell não toleraria aquilo mais uma vez. Heather tinha que ser eliminada; e ela tinha planos para aquilo.

~\*~

— Você está com fome? - Henry beijou os lábios de Heather bem devagar, enquanto ela acordava sonolenta. A garota espreguiçou-se, depois de uma excelente noite ao lado do vampiro. Ela estava em seus braços, dormindo por sobre seu peito nu, as narinas sorvendo o perfume que a sua pele exalava. Como Mills podia considerar que ele não cheirava bem, ela pensou instantaneamente. Tão logo chegou, Heather adormeceu. Não havia muito a fazer, e a luz do fogo tornava o propício para o sono. - Quer que providencie o café da manhã?

— *Hm*, não seria o Ogro que me traria comida? - Heather manteve-se abraçada a ele, sem desejar sair dali. Seria preciso uma força imensa para fazê-la desatar as mãos.

— Sim, mas talvez eles não sejam cientes dos seus horários.

— Se você pode sobreviver com pouco alimento, eu também posso.

- Ela fez um bico. - É quente aqui, não?

— Estamos nas profundezas. - Henry sorriu. - Quanto mais para baixo, mais quente e abafado. Não sente dificuldade para respirar? - Heather balançou a cabeça negativamente, ainda com o nariz colado em sua pele. - Bem, desse jeito deveria sentir. - Ele riu. - Então quer tomar um banho? Alguma coisa que eu possa fazer por você, ou vamos passar o tempo aqui, deitados?

— Que pergunta mais difícil de responder. - Heather deu uma risada e virou-se para o lado, finalmente liberta da prisão do abraço de Henry. Por que o Conselho de Esplendor não a condenava a ficar para sempre presa naqueles braços? Heather seria feliz para sempre se a única coisa que ela pudesse fazer fosse estar com Henry. Mas ela estava livre, espreguiçando-se e considerando o que fazer. Talvez *nada* fosse a melhor ideia, naquele momento. Qualquer coisa poderia despertar a ansiedade dentro dela; e Heather não admitia, mas tinha medo de si mesma.

— Bem, se você não quer nada, *eu* vou me lavar. - Henry levantou-se, ajeitando os cabelos com as mãos. As mechas negras eram ainda mais escuras sob a fraca luz. Sua pele pálida nem parecia diferenciar-se das paredes ou dos lençóis. - Estou me sentindo esquisitamente quente e encardido.

A garota deu outra gargalhada, enquanto o vampiro se dirigia para o banheiro, que ficava mesmo por trás da porta menor. A mobília naquele quarto também era grande, muito maior do que a humana. Heather manteve-se deitada observando o teto. Uma vela grossa queimava ao seu lado, em uma mesa de cabeceira atípica. O calor da chama fazia com que pequenas gotículas de suor se formassem em suas têmporas, e escorressem lentamente pela sua face. Seu corpo estava estranhamente relaxado, como se ela não estivesse vivendo um momento de tensão. Ela estava relaxada, calma, em paz. A respiração era acelerada, e Heather percebeu o que Henry queria dizer com dificuldades para respirar. Havia pouco ar para ser sugado para dentro de seus pulmões.

Os dedos de Heather tocaram a base direita do seu pescoço,

encontrando a pequena cicatriz. Havia uma casca que se formara pela umidade da ferida, e que quando desaparecesse significaria a cicatrização total. Fazia tempo que Henry não tocava aquela região com seus lábios; ela sentiu uma ausência incomum. Os olhos de fecharam, mas não por causa do sono ou do cansaço. Heather olhou para dentro de si, para sua alma. A mesma pergunta ecoava dentro dela desde que retornara a Graceland. Ela nunca havia pertencido a *lugar algum*. Ela nunca havia se sentido integrada a lugar algum. Heather era uma aberração em meio às aberrações; ela destoava até mesmo dentro do grupo de cientistas ao qual fazia parte.

*Quem* ela era, Heather queria saber desde a sua adolescência. Reações estranhas de seu comportamento fizeram com que seus pais a colocassem em uma escola para crianças especiais, e lá descobriram seu desenvolvimento mental elevado. Heather era muito mais inteligente do que os jovens de sua idade, e seu quociente de inteligência era alto. A sua habilidade, no entanto, resumia-se à matemática e às ciências. Ela nunca desenvolvera habilidades musicais, artísticas ou sociais. Heather era uma mente em constante evolução e um ser involuído.

Mas o retorno a Graceland foi forçado. Depois de concluir o Doutorado, Heather perdera o pesquisas e pelas aulas. Parecia tudo tão interesse pelas igual, tudo tão enfadonho. Ela já tinha estudado tudo que era capaz de estudar, e desenvolvido observar. Seus teorias para o que ainda não era possível trabalhos eram referências para seus professores inclusive, e ela não via brilhantismo em mais nada. Heather deixou perder, em algum momento de sua vida, o entusiasmo pela ciência e pelo que ela sabia fazer. Ela ainda não pertencia àquele lugar, e a busca incansável de si mesma estava se tornando um fardo. A Universidade de Montana colocou Heather em terapia, e a psicóloga decidiu que ela precisava de uma licença. Ela tinha um ano, para estar em casa e realizar trabalhos domiciliares. Se depois daquele período ela não estivesse curada, Heather seria reavaliada e a Universidade veria o que fazer com seu contrato de trabalho.

Deitada em uma cama gigante, hóspede na casa de um Ogro, Heather então se deu conta do que sentiu falta por tanto tempo: a

sua própria vida. Ela pertencia a um mundo que desconhecia, e que recusava veemente acreditar. Nenhum ser humano acreditava em Bruxos, Fadas, Anjos e vampiros. Os únicos Anjos existentes para os humanos eram aqueles que rodeavam o divino, e que eram comumente invocados em suas preces. Heather nunca se havia sentido integrada porque ela recusava a enxergar o lugar ao qual ela pertencia. Não, ela não pertencia a um Mundo Inferior ou às profundezas de nada. Ela pertencia a um mundo de *magia*, no qual ela estava se afogando a cada dia.

Ela não se deu conta de que estava de pé, e que seu corpo se movia involuntariamente. As mãos seguraram a base de sua blusa verde claro, e em poucos instantes ela estava descartada. Os ouvidos capturavam o ruído confuso da água caindo, enquanto tudo ao redor era um silêncio profundo. Os pés a conduziram para a porta menor de madeira, que não tinha tranca alguma. A respiração ainda era ofegante, e o aroma que provinha do outro lado daquela porta era irresistível. Os dedos seguraram a maçaneta da porta e Heather em um passo estava dentro do quarto que ela ignorava a composição.

Tudo que os olhos viram era uma silhueta enevoada. O banheiro parecia tanto com os humanos, guardadas as devidas proporções. O chuveiro estava encoberto por uma cortina de plástico opaco, e as paredes eram totalmente de pedra crua, sem qualquer revestimento artificial. Não havia nenhum outro cheiro que não o do sabonete floral. Heather percebeu que a silhueta parara de se mover, permanecendo estática por alguns instantes. Ela o observou, no ângulo em que se encontrava. Naquele momento, Heather sabia que seus olhos a enganavam.

Existiam diversos humanos mais lindos do que Henry, apesar de que eles não estavam caminhando pelas ruas de Graceland. Mas ela não conseguia admitir aquela possibilidade, porque aos seus olhos era impossível que aquela beleza fosse superada. A sua sombra, escondida pelas barreiras artificiais, oculta pela penumbra proporcionada por outra vela bastante grossa, era como uma pintura surreal.

Se ela pudesse dizer aquilo; se os termos humanos pudessem ser

aplicados a Henry; se qualquer adjetivo pudesse descrevê-lo, ela diria que ele parecia um *Anjo*.

Heather pode perceber o diafragma de Henry contrair e expandir, muito devagar. Ele ainda estava rígido, sob a água que seria invariavelmente fria demais, mas perfeitamente agradável para o calor daquele quarto. Ela caminhou vacilante para o seu lado, os lábios comprimidos, os músculos contraídos e trêmulos. Ela já o tinha visto tantas vezes, ela já o tinha tido tantas vezes; não era justificável tanta ansiedade. Em seu íntimo, Heather preparava-se para uma nova experiência. Para algo que Henry não lhe negaria. Era algo que ela precisava; algo que ela queria para sentir-se parte permanente daquela nova existência. Após a ascensão ela seria outra pessoa, seria um

Anjo diferente. Talvez ela conseguisse *sentir-se* como um Anjo, verdadeiramente.

Suas mãos puxaram a cortina, e ela concentrou-se em olhar apenas aqueles olhos. O semblante molhado de Henry era ainda mais lindo. Seus cabelos escorriam pela nuca como água negra, e todo o seu corpo parecia brilhar.

— Você, por alguma razão, conheceria o conceito de privacidade? - Ele disse, sério, as mãos tocando a face da garota.

— Conheço, mas gosto de ignorá-lo. - Ela não conseguia se aproximar muito. Henry acariciava sua bochecha, como de costume. A água de seu corpo respingava no dela, molhando-a por completo.

— Por que você está tão ansiosa, Heather?

— *Eu te amo*. Ela disse, e a frase saiu como se desobstruísse sua garganta. Heather sentiu um alívio imediato, uma sensação gratificante. Henry a abraçou, puxando-a com força para si, mergulhando-a por sob o chuveiro.

— Isso é muito bom de ouvir. - Ele disse, sorrindo. - E por que parece que você não podia esperar meu banho terminar para me dizer isso?

— Não, eu não podia. - Ela se mantinha mais uma vez atada a ele. - Eu estava pensando, eu estava revendo todos os acontecimentos desde que recebi a vista de Mills, desde que voltei para Graceland. Aconteceu tanta coisa em tão pouco tempo, e eu estou aqui agora

enfrentando forças que eu desconheço e eu não sei o que fazer para evitar que coisas ruins aconteçam. Eu precisava dizer agora, eu preciso de você *agora*. - Ela disse, erguendo os olhos e sendo capturada pelo mar de águas profundas.

— Meu amor. Ele beijou seus cabelos. Nada vai acontecer, você não deve se preocupar.

— Mentira. Ela disse, e não conseguiu evitar que lágrimas rolassem de seus olhos. - Você sabe que vai, eu sei que vai; eles virão atrás de mim, nós sabemos. Eu preciso ascender, e isso não depende de mim. Henry, eu quero que você fique comigo, agora.

O vampiro franziu o cenho e afastou Heather de si, encarando-a com alguma dúvida.

— Eu estou com você.

— Não. - Ela balançou a cabeça em uma negativa feroz. Não é isso. Eu...

Heather não se sentiu confortável em continuar. Seu corpo tremia mais, e Henry a sustentava com os braços. Eram muitas emoções ao mesmo tempo, emoções que ela nunca tinha sentido e com as quais não sabia lidar.

— *Isso* é tão importante assim para você? - Ele disse, compreendendo. Henry sempre compreendia quase tudo à sua volta, e Heather lhe era bastante transparente. - Você quer mesmo isso, a ponto de sentir-se assim tão nervosa? Está mesmo certa de que você deve, considerando o estado em que se encontra?

Heather balançou novamente a cabeça, jogando-se no pescoço de Henry e o envolvendo com os dois braços. Daquela vez ela não negava, mas assentia.

— Talvez você não entenda como é importante para mim, compartilhar isso com você. Ela disse, com a voz embargada. - Talvez nem eu entenda, mas fique comigo, Henry. Eu quero estar conectada a você da mesma forma que você se conecta a mim. Eu preciso estar *conectada* a você quando essa loucura de ascensão acontecer.

Ele a beijou, e Heather sentiu como se ele nunca a houvesse beijado. Os corpos molhados se entrelaçaram sob a água fresca; as mãos de Henry mantendo Heather alerta, sustentando seu corpo

que parecia prestes a derreter e descer pelo ralo junto com a água. Ela tinha razão ao considerar que Henry não negaria aquilo a ela, mesmo com a razão em combate ferrenho com a emoção. Ela podia saber que havia uma negação constante em seus lábios firmes, em seu toque macio por sua pele. Heather podia sentir que Henry estava contraditório, e ela então se viu como um ser egoísta por submetê-lo à escolha. Mas era importante; ela poderia não ter a chance daquilo, outra vez.

Henry sustentou Heather com as mãos, e a carregou até o quarto. Ele não se deu ao trabalho de enxugar a água que escorria dos corpos, não era necessário. Beijavam-se ainda, enquanto ele tentava descobrir uma forma menos cruel e desagradável de fazer aquilo que ela queria e tanto insistia. A enorme cama dos Ogros não parecia tão inadequada, então. Henry a deitou no colchão duro e deixou que o momento o levasse ao inevitável. Antes, ele se levantou e retornou ao banheiro, voltando com algo em suas mãos. Colocou o objeto na mesa de cabeceira e voltou para os lábios de Heather, que ansiavam pelos dele.

Ela considerou como era o desejo dele por seu sangue. Enquanto os corpos de amavam, Heather não queria outra coisa além de provar aquilo. Ela nunca fora mesmo considerada normal, então suas vontades não podiam ser as mais normais para os Anjos. Ela nunca sequer se sentira um Anjo, e talvez aquela ânsia inexplicável de tomar o sangue dele fosse repugnante para qualquer outro ser mítico. Mas ela não se importaria com pré-julgamentos, ela sabia o que queria. Ele a desejava em todos os sentidos, ela queria sentir o mesmo. Ela queria ter parte dele dentro dela, independentemente se fosse algo reprovável ou inaceitável por qualquer tipo de convenção. Henry sentiu-se por um momento fora de controle. Os dentes rompendo a barreira e transformando-se em presas afiadas e mortais. Suas unhas cravaram-se no colchão, o nariz sentindo com todo apuro o aroma do sangue vívido. A veia pulsante no pescoço de Heather era tão convidativa; ele não precisava se esforçar para alcançá-la. Mas ele precisava recordar-se que, naquele momento, Heather precisava estar com ele. Que ele não podia terminar aquilo se deliciando com o sangue dela, somente. Que ela exigia que ele

também compartilhasse o seu.

— O que eu devo fazer? - Ela perguntou, com a voz abafada e fraca, pressentindo a ocasião. - Diga-me, como eu devo fazer?

— Siga-me. - Ele disse, com a face imersa em seus cabelos, as presas muito próximas do seu alvo. Estava muito difícil prolongar as sensações incoerentes que o arrebatavam. A mão direita de Henry alcançou o objeto na mesa de cabeceira e ele o levou até o seu pescoço, mais ou menos no mesmo lugar em que costumava morder Heather. Ela pressionou com força as mãos nos quadris de Henry, sentindo por ele a dor do que ele faria. Seus olhos capturaram o sangue de coloração escurecida que vertia do pequeno furo que decorava o pescoço perfeito do vampiro. - Você consegue, não é tão difícil, é só deixar escorrer pela garganta.

E foi como deveria ser. Simultaneamente. Tão logo Heather deixou que seus lábios envolvessem a ferida e sentiu o sangue muito fresco gotejar em sua boca, os caninos de Henry perfuraram seu pescoço, uma ânsia que ela ainda não conhecia. Ele não parecia faminto daquela vez, era apenas um desejo maior do que a sua compreensão. Daquela vez, Heather sequer sentiu dor. O sangue de Henry não tinha um gosto ruim, como ela pensava. Heather já havia provado sangue humano, afinal tantas foram as vezes em que ela se feriu na infância e as outras tantas em que sugou dedos machucados, ou cortou os lábios. Mas o sangue humano era ferruginoso, de sabor salgado e quente. Henry era doce, como o seu aroma indicava. Era como se ela estivesse sugando um líquido perfumado e adocicado, cujo sabor ela ainda desconhecia.

~\*~

“ *Você morreria por ele?*” A voz ecoava, e Heather viu-se mais uma vez com os pés imersos em água suja, um lugar escuro demais e de cheiro desagradável. Não havia mais o cheiro de Henry, ou o perfume de seu sangue que ela então sabia o sabor. Não havia mais Henry, apenas a escuridão e o cheiro de lodo. “*Escolha, Heather... você precisa escolher.*” Era uma voz feminina, daquela vez. O juiz e o tribunal não estavam ali, e ela, por um breve momento, pensou

que aquele era o mesmo lugar que Mills a havia levado. Mas não era a voz de Mills. *“Eu não quero escolher!”* ela gritava. *“Eu já escolhi! Eu escolhi, eu fui traída. E não sou um perigo!”* a voz saía juntamente com as lágrimas que lhe inundavam a face e lhe ofuscavam a visão. *“Você tem que escolher, Heather. É a vida dele, você morreria por ele?”* a voz ficou mais grave, e mais forte. Heather sentou-se na umidade, joelhos encolhidos, e deixou que sua face repousasse por sobre as mãos. As lágrimas não podiam ser controladas, e ela soluçava tentando responder à voz cruel.

Foi trazida de volta à consciência pelo toque de Henry em sua face. Os dedos macios do vampiro limpavam seus olhos, enquanto ele a comprimia contra o peito. Heather sentia seu corpo que convulsionava nos braços de Henry, e abriu os olhos para enxergá-lo. Nada havia mudado, ele ainda estava ali. Os sentidos lhe foram sendo devolvidos, e ela aos poucos tomou percepção do quarto gigante, do cheiro de mofo, da luz de vela. O toque de Henry em sua pele, a sensação fresca que ele lhe proporcionava. Seus olhos aos poucos focaram a face séria e apreensiva do vampiro, que a encarava.

— Você teve um pesadelo? - Ele perguntou, a sua voz baixa e serena.

— Sim. - Ela sentia um grande alívio em vê-lo e ouvi-lo. Eu tenho esse pesadelo por várias noites; o mesmo pesadelo.

— Tem certeza? - Henry acariciava sua face, e Heather quase podia adormecer novamente. O frescor de sua pele a fazia sentir-se bem. Não tem nada relacionado ao que aconteceu há pouco?

— Henry! - A garota protestou, reclamando, batendo mais uma vez em seu peito com os punhos fechados. - Pare com isso, foi um pesadelo quase que diário, eu já estou acostumada. Mas ele me choca sempre.

— Como se sente? Nenhum mal estar?

— Não. - Heather levou sua mão até o pescoço de Henry, colocando a mão sobre onde deveria estar a marca da ferida por onde ela obteve o sangue dele. Foi difícil para seus dedos acharem o pequeno relevo em sua pele. Ela franziu o cenho e escalou o vampiro, os olhos atentos procurando marcas no cetim perfeito que parecia

artificial sob a fraca luz. – Ei, eu ainda estou dormindo? Onde está...

— Eu cicatrizo bem rápido. - Henry sorriu, capturando os olhos azuis de Heather. - Não deve ter mais nada para ver, aí.

Heather emburrou, recostando-se novamente em seu peito e cruzando os braços.

— E como é que eu vou saber que foi verdade, agora?

O vampiro emitiu uma sonora gargalhada. Heather era mesmo a coisa mais interessante e fantástica que ele conheceu em toda uma eternidade como vampiro. Poucas coisas lhe chamavam a atenção, quase nada era considerado válido de se ter ou de se gostar. Tudo era superficial e passageiro; com mais de quinhentos anos de idade, Henry acostumou-se a sobreviver a tudo, e saber o que esperar de tudo. Nada mais era novidade e o mundo parecia apenas uma sala de espera enfadonha onde nada novo acontecia. E então um Anjo apareceu em sua vida, e ele não tinha medo algum de parecer ridículo com aquele chavão. Era a verdade mais pura, porque Heather era nada mais do que um Anjo.

E ela trouxe consigo toda uma gama de cores e sabores aos quais ele não estava acostumado. Com seu rosa e lilás, com os cabelos loiros demais sempre ornamentados com pregadeiras brilhosas e com o batom de *glitter* que invariavelmente cobria seus lábios, Heather parecia às vezes um brinquedo. Seu jeito de falar, sua voz aguda demais e seus trejeitos únicos; tudo em Heather era diferente e novo. Ela estava além do que ele considerava fantástico, e era exatamente por causa daquilo que ele estava tão apaixonado por ela. O fato de que ela não podia ser totalmente dele e o motivo pelo qual ela se entregava com tanta facilidade a tudo. A cética cientista que sucumbiu ao sobrenatural de um dia para o outro.

Henry segurou Heather pelos ombros, com as duas mãos pressionando sua carne com força. A garota foi erguida pelo vampiro e ele a fez olhar para ele. Heather então apoiou os cotovelos no peito de Henry e sustentou a face sobre as duas mãos, esperando o que ele pretendia. Henry passou o polegar pelo lábio inferior da garota, mostrando para ela o resultado: uma mancha avermelhada tingia a sua pele de cera. Heather ergueu uma sobrancelha e mordeu o lábio, passando a língua por sua extensão.

— Você não precisa *saber* que foi verdade, está *dentro* de você, agora. - Ele beijou seus lábios rapidamente.

— E você tinha me negado isso até agora. - Ela fez um bico.

— Eu ainda teria continuado negando, se você não fosse tão impossível. - Henry respirou fundo. - E se eu não estivesse sempre tão rendido a você. De qualquer forma, foi muito bom. Não me arrependo de ter cedido a você.

— O que foi bom? Eu beber seu sangue foi bom para você?

— Sim, foi. - Ele a abraçou com força. - Você gosta quando eu bebo o seu? - Heather assentiu com a cabeça. - Então é assim. É uma troca interessante, de certa forma eu fico feliz por você ser tão insistente.

Batidas na porta fizeram o casal assustar-se. Henry estava distraído, sua atenção desviada do ambiente em geral. Ele não percebeu ninguém chegando, mas devia ser apenas Serena trazendo comida para Heather. Henry vestiu alguma coisa rapidamente e foi atender a pessoa à porta, que batia mais vezes. A imagem de Serena, o Ogro de muitos metros de altura, carregando uma bandeja com uma travessa coberta por uma tampa de metal e alguns outros utensílios. Serena estava sorridente, no alto de seus três metros, com uma veste preta amarrada pela cintura. Era uma criatura muito feia, mas sua simpatia a fazia agradável.

— Bom dia, Henry Austin. - Ela disse, a voz rouca. Belissarius me pediu para avisá-lo de que faltam menos de quatro dias para a ascensão do Anjo. - E o Ogro então abaixou o tom de voz, e encarou o vampiro com algum temor em seus olhos desfocados e tortos. - E ele teme que Esplendor tente retomá-la. Por isso, tenha cuidado.

— Pode deixar. - Henry pegou a bandeja das mãos do ogro. - Eu tomarei conta de Heather.

O Ogro fez um movimento de cabeça, e Henry entrou no quarto com o alimento, que tinha um cheiro nauseante, para ele. Heather já tinha vestido a camisa de Henry, e estava sentada na cama esperando seu almoço. Ela parecia tão saciada antes, mas então estava mais uma vez faminta. Ela não comia há muito tempo, e Henry tratou de colocar a comida na frente dela, erguendo a tampa. Parecia muito saboroso, Heather achou. Era tudo muito similar ao

que ela tinha na Terra, e se não fosse pelo gigantismo de tudo à sua volta, ela consideraria se ainda não estaria em seu mundo.

O cardápio era simples. Havia uma porção generosa de carne vermelha e purê de batatas, com uma bebida colorida de acompanhamento. Heather identificou como suco de alguma fruta que ela desconhecia, mas era gostoso. Proteína e carboidrato, o suficiente para mantê-la forte. Ela precisava se manter forte, porque assim Henry sempre podia socorrer-se dela. E ela poderia enfrentar melhor qualquer adversidade. A carne teve um sabor especial; Heather considerou que ela precisava mesmo comer vitaminas e proteínas para repor o sangue que entregava a Henry quando estavam juntos.

Ela comeu tudo, sob o olhar atento de Henry. Só depois que o cheiro da comida entrou em suas narinas, Heather descobriu que estava mesmo morrendo de fome. Seus músculos inclusive tremiam enquanto ela segurava os talheres e empurrava a comida para dentro com alguma violência. Ele a observava com alguma satisfação, apesar de estar preocupado com tudo. O Ogro Belissarius temia algo que parecia muito óbvio, algo que Henry sempre considerou que aconteceria. Se Esplendor estava tão interessada em Heather a ponto de mantê-la como cativa, eles não desistiriam dela tão facilmente.

Depois do almoço, Heather acabou por adormecer novamente. Estava quente e ela não tinha nada para fazer. Nos braços de Henry, ela sempre se sentia confortável e satisfeita. Acabava por sucumbir à preguiça e ao sono, como se suas carícias despejassem morfina em seu organismo. O vampiro, no entanto, não conseguia relaxar. Ele aproveitou para deixá-la dormindo e subir, decidido a ter uma conversa privada com Belissarius sobre uma possível imediata investida de Esplendor para ter Heather de volta. O Ogro estava em um tipo de varanda, que dava vista para um enorme gramado com um horizonte escurecido ao fundo. O céu era pesado e podiam-se ver trovões a todo instante. O cheiro de chuva característico era mais parecido com o mofo do quarto onde ele estava, e o vento era quente e causava uma sensação desagradável.

— Não é muito diferente do seu mundo, é? - Belissarius sorriu, a

bocarra torta e cheia de verrugas.

— Não, na verdade. - Henry aproximou-se, e sentou-se em uma enorme banquetta de madeira. - Isso é curioso, de certa forma, porque eu sequer sabia que havia um mundo como esse. Eu sabia da existência de outras bestas, mas com um mundo próprio; faz-me pensar que estou usurpando o território de alguém, vivendo na Terra.

— Você é muito humano. - O Ogro franziu a testa. - Na verdade, seu lugar é lá mesmo, aqui você não conseguiria alimento. Mas diga-me, sua preocupação é com o Anjo?

— Sim. - Henry respirou fundo, o ar quente causando ardência em seus pulmões. - Ela está em perigo, eu sei. E, na verdade, eu não sei o que fazer. Sou apenas um vampiro, enquanto eles têm Anjos com poderes espetaculares e bruxos com cajados e magias que desconheço.

— Não se preocupe com os Anjos, eles não têm força aqui. - Belissarius explicou. - Na verdade, os Bruxos são seu grande desafio. Eles estão em um limiar entre o bem e o mal, os dois pesos estão muito bem distribuídos dentro deles. Não há tanta ética em uma luta com Bruxos, você precisa esperar de tudo.

— E o que eu posso fazer? - Henry pretendia que Belissarius desse a ele alguma dica, uma ajuda. Ele precisava saber o que fazer quando Heather fosse ameaçada, porque ele faria qualquer coisa para protegê-la de qualquer ataque. Como neutralizar isso, como competir com isso?

— Você não pode fazer nada. - O Ogro virou sua face para Henry, a aparência desprezível. - Sua força não é páreo para nenhum Bruxo Superior. Se lutar com eles, vai perder. Se Esplendor aparecer por aqui, você deve orientar o Anjo a fugir. Coloque-a segura nas profundezas. Aqui estamos em um lugar calmo e tranquilo, mas mande-a para o Grande Poço. Ele fica naquela direção – Belissarius esticou o braço enorme e apontou para uma árvore de tronco retorcido e folhas avermelhadas. - e se ela chegar a ele, poderá ir o mais fundo possível. Claro que ela terá que enfrentar os demônios, mas talvez eles sejam menos perigosos do que um Bruxo enfurecido. Contato que ela fique longe do Olho de Cerno.

Henry deixou que seus dedos pressionassem a banqueta, comprimindo a madeira. Ele podia jurar que corria adrenalina em seu corpo, e ele sentia como se ele pudesse explodir. Um fracasso inútil; foi como ele conseguiu descrever-se. Nem apto a defender Heather, nem apto a defender a si próprio, uma presa à mercê de seres considerados abençoados. Seus olhos fitaram o horizonte, exatamente onde Belissarius apontou a direção do Poço. Era para lá que Heather deveria ir, afinal. Ele deveria escondê-la lá, quando aquilo começasse. E ele esperava que Mills pudesse, ao menos alertá-lo.

## 13 { O CONFRONTO }

Kristen repetia essa mesma frase pela terceira vez, parada na porta da frente da casa de Heather.

— Mas como assim ela saiu? -Ela já tinha ligado para o celular da amiga, várias vezes, e tinha tentado ir até a casa dela. Quando encontrou a Sra. Cohen que a avisou que Heather estava na Universidade de Portland, a trabalho. - Quero dizer, isso não está certo! Vamos inaugurar a cafeteria em poucos dias e ela some, sem me avisar?

— Heather é assim. - A Sra. Cohen moveu os ombros. Eu estava até achando estranho ela sossegar em Graceland! — *Hm!* A senhora sabe onde mora o namorado dela, o Henry?

— Não, mas ela me disse algo sobre um casarão na rodovia para Point Hill. - A mãe tentou arrancar da memória informações que não lhe eram muito importantes. - Mas Kristen, não se preocupe; Heather é responsável, ela deve voltar antes da inauguração. Ou, pelo menos, ligar.

— Sim, pode ser. - Kristen franziu a testa e torceu os lábios. - De qualquer forma, eu vou descobrir se ela também se esqueceu de informar Henry dessa partida súbita.

Kristen saiu apressada da varanda de Heather, e a Sra. Cohen balançou a cabeça negativamente. Os jovens, sempre tão impulsivos, ela considerou. Enquanto Kristen tentava descobrir para onde a amiga tinha ido, e por que ela tinha partido de forma tão inesperada, o céu de Esplendor ficava cada instante mais escuro. A noite chegava por sobre o mundo angelical, e todos temiam a novidade com a qual não se sabia lidar. Os rumores surgiam de todos os lados, e o burburinho pelas ruas de ladrilhos brilhantes de Esplendor já se pareciam mais com gritos de pânico e palavras de ordem.

A Bruxa Bell batia com as longas unhas vermelhas a pedra do tampo da mesa redonda que ficava na sala de reuniões de Vanera. Ela e

Seraphiel, seguidos de seus fiéis assessores, Israfil e Phillis, decidiram visitar os Elfos e descobrir por que ajudaram Heather, onde ela estava exatamente e como fariam para resgatá-la. Eles duvidavam que, ao final, Raunien se mantivesse do lado do Anjo do apocalipse. Todos temiam o fim dos tempos, e era com o medo que eles lidariam. O medo de se perder tudo, o medo da morte. O Elfo Raunien chegou ao salão rodeado por três de seus mais bravos guerreiros. Ele não esperava uma conversa áspera com os dois superiores do Conselho, porque ele sabia que nem Seraphiel nem Bell poderiam colocar em risco o seu plano maligno para controlar Heather. Mas mesmo assim ele preferia estar acompanhado de sua guarda pessoal. O líder dos Elfos sentou-se em sua cadeira revestida de couro e encarou aqueles que o aguardavam. Ele já tinha a resposta a todas as perguntas que eles fariam, mas mesmo assim os deixaria falar.

— Raunien, estamos aqui em paz. - Seraphiel disse, a voz mais parecendo um trovão. - Apesar de precisarmos desfazer alguns mal entendidos.

— Não há mal entendido. - O Elfo cruzou as pernas. O salão tinha paredes de vidro, e podia-se ver que Esplendor estava envolvida em uma negra e pesada nuvem de chuva e caos. - Vieram em busca de informações sobre o Anjo Heather?

Suspeito que haja delatores demais em nosso mundo. — Soubemos que Heather está escondida em domínios das trevas, com a ajuda de Bellasiel. - Bell atirou a informação, intencionando que Raunien a confrontasse.

— Sim, claro. Foi o que suspeitei que soubessem. - O Elfo sorriu. - Bem, é verdade. Mas na verdade não foi Bellasiel quem auxiliou o Anjo; ela apenas pediu que Belissarius a hospedasse por alguns dias.

— Dias suficientes até a sua ascensão? Seraphiel questionou.

— Não entendo nada de ascensão. Isso é uma coisa de vocês, Anjos.

— Raunien, serei breve. - Bell ergueu a mão indicando que ela faria aquele discurso, e que não pretendia ser interrompida. - Heather é uma ameaça ao nosso mundo. Não somente à Esplendor, mas a

todos os mundos que conhecemos.

Inclusive à Terra. Isso porque o poder que ela carrega é imprevisível, bem como ela mesma. Heather é o Anjo que trará o apocalipse; a destruição que ela carrega dentro de si é imensurável. Pretende mesmo manter em segurança essa criatura?

— E você sabe disso tudo, Bruxa, por causa de uma Profecia? - O Elfo gargalhou. - Mills tinha razão, você é muito supersticiosa! Eu não conheço esse Anjo, mas já uma coisa me preocupa: eu temo não aquela que não me fez nada e que não me representa ameaça; eu temo aqueles que conspiram contra um inocente. Mesmo que ele seja um vampiro.

Bell sentiu seu corpo estremecer. Seu manto esvoaçou e os cabelos vermelhos pareciam sob o efeito de uma corrente elétrica. Seraphiel a encarou, os olhos iluminados demonstrando completo assombro.

— Bruxa Bell! Como o Elfo pode saber isso, e usar o termo no presente?

A Bruxa nada respondeu.

— Como eu disse, caro Seraphiel, há mesmo delatores demais nesse mundo. O Elfo levantou-se. Se vocês já obtiveram a informação que queriam, podem retirar-se. — Precisamos de sua ajuda para resgatar o Anjo. - Israfil interferiu. - Como demonstração de boa vontade e prova de que não havia intenção em quebrar o pacto.

— Não. - Raunien foi determinado. - Não oferecerei um Elfo que seja para participar dessa carnificina. E houve sim, intenção em quebrar o pacto. Mas nunca da parte dos Elfos; quem primeiro traiu a confiança de toda Esplendor foram vocês, os dois superiores daquele Conselho de burocratas. Traíram Esplendor, traíram o Conselho, traíram os juramentos que fizeram. Então, o pacto foi quebrado, mas não por mim.

O Elfo deixou o salão, sendo acompanhado por seus guerreiros. Seraphiel e Bell se entreolharam, o Anjo Superior bastante indignado com o fato de que Bell continuara a planejar a morte do vampiro, mesmo com sua veemente negativa. E então, os Elfos sabiam de tudo e não ajudariam no resgate de Heather. Eles não podiam destacar muitos Anjos ou Bruxos, porque, tirando os que deliberadamente os apoiavam, uma movimentação muito grande de

seres míticos poderia levantar a desconfiança do Conselho. Toda movimentação levantaria a desconfiança de qualquer habitante de Esplendor, considerando o pavor que havia acometido o lugar desde que a Sétima Pedra fora reescrita por duas vezes. Não estava tudo perdido ainda, era possível executar o plano. Mas aquilo implicaria uma ação inesperada e jamais pretendida: Bell teria que descer ao submundo, e acompanhada de Seraphiel. Os dois superiores precisaram fazer o serviço; somente eles teriam condição de resgatar Heather sem a necessidade de vários guerreiros ou ajudantes.

Outra noite se abateu sobre o Mundo Inferior. O dia escuro e sem sol passou rapidamente, e quando Henry retornou para o quarto no porão, Heather ainda dormia. Ela não parecia agitada, então ele sabia que não havia nenhum pesadelo perturbando seu sono. Seus lábios se partiram em um pequeno sorriso tímido ao observá-la adormecida por sobre a cama, o seu corpo na mais pura essência que a natureza poderia ter criado. Ela não parecia real aos olhos de Henry, porque ele estava muito acostumado com a fisionomia humana.

Os humanos poderiam ser lindos, mas não surrealmente lindos como ela o era. Imediatamente, ele sentiu uma dor incomum em seu corpo rígido de morto vivo. A dor lhe fez perder momentaneamente os movimentos no braço direito, seu peito apertou-se como se alguma coisa vinda de dentro lhe estivesse sugando o interior. Foi intenso, e ele precisou se concentrar muito para conseguir retomar a respiração.

Henry não estava acostumado àquelas sensações, também. Era um mundo novo que se abria à sua frente por causa de Heather. Ele não estava disposto a continuar a existir sem aquilo. Ele não estava interessado em continuar no mundo se ela não pudesse estar com ele. Sentou-se na beira do colchão e passou os dedos pelos cabelos pálidos de Heather, retirando algumas mechas que caíam por sobre o seu pescoço. Ela estava suada, fazia mesmo calor naquele Mundo Inferior. A pele muito branca da garota parecia irradiar brilho, mesmo na escuridão.

Ela se mexeu um pouco, abrindo-se em um sorriso preguiçoso. —

Estou dormindo muito. - ela disse, sem abrir os olhos.

- Assim você vai ficar entediado ao meu lado.

— Isso não é possível. - Ele se aproximou, e ela deitou a cabeça por sobre ele. - Mas você pode dormir à vontade, aqui o tempo praticamente não passa.

— Não, eu prefiro aproveitar o tempo com você. - Ela deixou que o azul de seus olhos capturasse a face serena de Henry. - Falta ainda muito para esse tormento acabar? Eu poderia ter dormido por um dia inteiro e acordar já no momento dessa bendita ascensão.

— Falta algum tempo.

Henry não continuou a falar. Deixou que seu corpo escorregasse pela cama e tomou os lábios de Heather para si.

Ele também preferia usar o tempo livre para ficar com ela, porque ele sabia que Heather poderia não estar ali tão disponível o tempo todo. Era como se ele a tivesse conhecido no dia anterior, o que ele sentia ainda era o mesmo, não havia diminuído de intensidade ou se modificado.

Mas eles não estavam tão sozinhos no quarto. A forte luz de Mills fez a noite parecer dia naquele buraco no qual estavam escondidos.

— Mills!! - Heather escondeu-se por sob o lençol branco que deveria ser usado para cobrir-se, mas que tinha ficado abandonado em razão do calor. - O que você está fazendo aqui? — No momento, tentando esquecer o que vi. - O Anjo demonstrou algum senso de humor. Henry acomodou Heather em seus braços, mantendo-os cobertos.

— Não teria visto nada se não fosse uma espiã! - Heather protestou. O que está fazendo aqui; pensei que não nos falaríamos até depois da ascensão.

— E não nos falaríamos. - Mills mudou seu tom de voz. O timbre agudo estava severo, e Henry pressentiu alguma coisa errada. - Mas eu preciso confirmar se está indo tudo bem. O Anjo aproximou-se da cama, flutuando, e levou sua mão brilhante até a face da garota. A luz branca que irradiava de Mills iluminou Heather como se ela estivesse em uma boate, e sob a sua pele pode-se observar diversos pontos luminosos que reluziam estimulados pela claridade exterior. Henry ergueu as sobrancelhas, impressionado, e deixou que

seus dedos tocassem a pele de Heather.

— Fantástico. - Ele disse, em êxtase.

— Sim, é parte do processo. - Mills sorriu seriamente. — Você disse que eu *não* me transformaria em luz!

Heather entrou em pânico. Seus músculos estavam tremendo, então. Uma reação talvez exagerada demais a uma simples surpresa.

— Você não vai, Heather; fique tranquila. Aliás, tente não se exaltar, você já está muito suscetível a alterações de humor. - A luz de Mills percorreu a extensão da face e do pescoço de Heather, parando por alguns instantes no ferimento circular que ali estava, quase cicatrizado, em razão das capacidades curativas do franziu o cenho e olhou sangue do vampiro. O Anjo para Henry, que se sentiu envergonhado imediatamente. Ora vejam! Vou receber explicações sobre isso?

— E desde quando eu te devo explicações? Além do mais, pensei que fosse meio óbvio demais; afinal eu amo um vampiro. Mills balançou a cabeça negativamente, e Henry beijou os cabelos loiros de Heather.

— Isso não poderia ser mais impossível do que tudo já é em relação a você, Heather. - O Anjo disse, afastando-se um pouco. - Vampiros não podem beber o sangue dos Anjos. — Mas eu deixei, ele não me ofereceria risco. — Nem assim. - Ela mantinha o tom severo. — Não tem nada a ver com a sua vontade, com o seu querer. Somos definitivamente tóxicos para qualquer criatura das trevas; ele não poderia beber seu sangue em hipótese alguma, isso é realmente a coisa mais improvável que você já conseguiu fazer acontecer.

— Você veio só para me questionar e verificar que eu estou brilhando no escuro ou tem algo mais?

— Tem algo mais. - Mills olhou para Henry novamente, a apreensão que ele sentia. - Eles vêm te buscar, e não sabemos se chegarão antes ou depois de sua ascensão. Estou observando que o processo está transcorrendo mais aceleradamente, aqui.

Provavelmente em razão do calor excessivo, da força negativa que esse lugar tem; você deve ascender antes do previsto. — *Quem*

vem? - Foi Henry que perguntou. Ele tinha as mãos segurando Heather com toda delicadeza que ele podia ter, mas seu desejo era o de quebrar algo em pedaços.

— Seraphiel e Bell. Eles não conseguiram ninguém para fazer o trabalho para eles. Mas isso é ruim, enfrentar Bell aqui é quase o mesmo que enfrentar Seraphiel na Terra. Muito difícil.

— Então, temos que nos preparar. - Henry olhou para Heather, que tinha novamente pânico no olhar. - Meu amor, respire bem devagar, você não pode ficar tensa. Olhe para mim.

- Ele dizia, acariciando sua face. - Há um lugar para o qual você deve fugir se alguma coisa acontecer. Acho que está na hora de pensarmos nisso.

— Eu não vou fugir! - Heather protestou, afastando-se de Henry. - Eu não vou fugir, isso não é discutível.

— Você vai. - Mills concordou. - Para o Olho de Cerno, ou o mais próximo dele. O vampiro tem razão, precisamos nos apressar.

— Anjo, lá tem demônios demais. Belissarius disse que... — Eu sei, vampiro. Mas lá nem Bell tem coragem de ir.

Mills interrompeu, erguendo a mão. - Sei que há demônios, mas Heather estará em ascensão. Ninguém, nem nada, chegará perto dela. Eu sei que nada acontecerá com Heather lá, dê-me crédito. Como ela é um Anjo, eles não podem afetá-la muito.

Não há opções, ela precisa ir para o Olho de Cerno.

— Agora? - Heather arregalou os olhos, e sua respiração estava muito acelerada.

— Seria bom. - Mills considerou. - Não sabemos como a sua ascensão vai ocorrer, precisamos esconder você imediatamente.

— Por mais que isso seja doloroso, tem que ser agora.

Henry balançou a cabeça. - Mas ainda acho que o Olho de Cerno não seja boa opção, não consigo imaginar Heather sozinha em meio a demônios!

— Criatura, preste atenção. Mills elevou sua mão novamente e a luz quase cegou os olhos profundos de Henry.

Ela só vai ficar mais instável a partir de agora. Eu gostaria que você estivesse com ela, mas você não deve ir ao Olho de Cerno.

E precisamos ficar aqui para atrasá-los, não podemos vencê-los em

uma disputa justa nem em uma injusta, mas podemos tentar atrasá-los o suficiente para que, quando cheguem a Heather, ela já tenha ascendido.

Mills tinha um forte argumento, e Henry teve que ceder a ele. Não havia como discordar do fato de que eles precisavam estar ali para proteger Heather, e menos ainda do fato de que ela deveria fugir e esconder-se. Ela, no entanto, parecia ter convicções diferentes. Ela não queria esconder-se, mas pretendia ficar e lutar. Porém não havia muito o que fazer contra aquele que ela amava e seu Anjo protetor. Eles determinaram que Heather fosse levada ao Grande Poço, e que dali ela descesse até o Olho de Cerno, o ponto mais baixo e obscuro do Mundo Inferior. Ela não precisava entrar no Olho, mas ela deveria esconder-se o mais próximo possível da entrada, para impedir que Bell considerasse valer à pena ir até ela. Mills queria colocá-la em um lugar que fosse causar em Bell mais pavor do que o medo que ela tinha de Heather. Heather vestiu-se e preparou-se para ir. Os olhos azuis estavam vermelhos e cheios de lágrimas, e seu corpo todo soluçava em espasmos incontrolláveis. Henry ajudou-a a prender os cabelos, porque nem isso ela conseguia fazer. Até andar parecia uma tarefa muito árdua, mas ela precisava estar forte. Afinal, chegara o momento que todos temiam e pelo qual ela esperava. A ascensão estava começando, e ela estava no limiar de seu controle. Os dias passaram mais rapidamente do que Mills previra, e ela tinha pouco tempo até o processo estar completo. Os momentos ao lado de Henry, trancada em um porão úmido e cheio de mofo, tinham servido para mantê-la calma. Mas ela não podia continuar com ele, nem poderia ter Mills ao seu lado, nem poderia dormir em sua cama ou dirigir seu carro. Naquele instante, ela estaria sozinha e precisaria estar sozinha.

Os Ogros ajudariam Henry a conduzir Heather até o Grande Poço, que ficava há uma distância considerável de caminhada. Por isso eles não tinham tempo a perder, eles precisavam ser rápidos. Henry era veloz, o suficiente para ganhar a distância. Mas ele precisava contar com os Ogros para achar o lugar, então teria que seguir na velocidade deles. Nada que fosse muito problemático, considerando que eles eram gigantes e cada passo equivalia a vários

passos humanos. Tão logo Heather estava vestida, eles partiram em direção ao horizonte que estava ainda rosado, porém exibindo uma pesada noite.

Mills não os acompanharia. Ela precisava voltar para Esplendor, mas não tinha a coragem necessária. Ela sabia que eles estavam chegando, e que tentariam levar Heather de qualquer forma. Ela precisava voltar, mas iria ficar mais um pouco. Tentou esconder sua luz dentro do manto negro que usava e manteve-se vigilante na frente da casa dos ogros, na companhia de Serena. Belissarius saía com Henry e Heather, guiando-os até o Poço.

O Mundo Inferior estava escuro e sombrio, como deveria parecer. O gramado era quente, as pedras úmidas e escorregadias, o ar pesado. As montanhas pelas quais passaram estavam envolvidas em nuvens grossas que cobriam o cume.

Não havia lua ou estrelas, nenhum astro que Heather gostasse de observar. Belissarius e Henry tentaram acompanhar o passo da garota, mas não seria possível. Além de ela ser muito mais lenta, Heather estava perdendo o controle de seus próprios músculos. Ela tremia demais, e suas pernas não se sustentavam.

Henry a segurou em seus braços, fazendo-a recostar a cabeça em seu ombro. O Ogro caminhava a passos largos, seguido pelo vampiro. "*Vai ficar tudo bem*", Henry sussurrava em seus ouvidos, mas Heather não conseguia determinar o que ela ouvia ou não. Os ruídos da noite eram muito altos, mesmo se o Mundo Inferior sucumbisse a um silêncio mortal.

Depois de horas de caminhada, tanto o vampiro quanto o Ogro já cansados, o Grande Poço foi avistado. Naquela parte do submundo havia poucas criaturas, e eles apenas cruzaram com alguns animais e outros Ogos, que cumprimentaram Belissarius ao longe. Mas ao redor do Poço havia uma concentração de almas, espectros e outras criaturas sem matéria, que não estavam autorizadas a sair das profundezas.

Elas circulavam pelo solo sem poder afastar-se do Poço. Os sons eram de dor e agonia, e Heather colocou as duas mãos nos ouvidos para cobri-los. Ela não queria ouvir, mas estava tudo muito alto. As luzes inexistentes eram muito fortes, o cheiro de tudo era

insuportável.

— É *aqui*, vampiro. - Belissarius disse, parando. - Eu não posso ir mais além, não me misturo com as almas perdidas. — Eu não consigo pensar em deixá-la aqui. - Henry sentia a dor novamente, os braços enfraquecidos. Colocou Heather no chão; ela vacilou, mas conseguiu manter-se em pé.

- Como eu vou deixá-la, se ela mal consegue caminhar? - Havia também agonia em seus olhos. Os olhos negros estavam turvos.

Heather não conseguia focar em seus objetivos, mas ela precisava tentar. Henry era importante, ele precisava estar seguro. Ela não importava tanto, ela conseguiria sobreviver à ascensão mesmo em um poço cheio de demônios.

— Henry. - ela segurou sua face entre os dedos, os olhos azuis sem conseguir mirar uma direção por muito tempo.

Volte. Volte para a sua casa, vá para a Terra. Vá embora, eu vou ascender, então eu volto. Faça isso por mim, Henry; prometa que você não vai se colocar em risco.

E ele mentiu. Beijou-a pela última vez, uma lágrima escorrendo pela face e molhando a bochecha rosada de Heather. Ele prometeu que iria embora, prometeu que voltaria para casa, prometeu que esperaria por ela em seu quarto, prometeu que tudo acabaria bem. Ele não sabia e ele não iria embora. Ele montaria guarda porque ele não poderia permitir que Heather fosse capturada. Mas ele precisava deixá-la feliz, como o Anjo Mills acreditava. Ao lado dele, ela era mais feliz.

Heather tinha que estar feliz, mesmo naquele momento. A dor não passava, e Henry sentiu que poderia sucumbir a ela. Seu peito estava vazio, muito mais vazio do que de costume. Era como se os órgãos não estivessem ali, mesmo ele sabendo que estavam. Era como mesmo ele sabendo se o coração tivesse parado de bater, que o coração não deveria bater por séculos. Era como se a vida estivesse se esvaindo de dentro dele, mesmo ele sabendo que já estava morto.

Heather caminhou cambaleante em direção ao Grande Poço. Ela não sabia o que encontraria ali, mas ela precisava se esconder. Ela tinha

que descer, era o que faria. Descer até encontrar um lugar quente demais para prosseguir. Seus pés pisavam no chão sem força alguma, como se ela estivesse ensaiando para flutuar. O corpo não respondia a todos os comandos, e ela não sabia como se mantinha de pé. Mas ela foi até o Poço, mesmo se aquilo lhe estivesse custando todas as energias. O vampiro e o Ogro a esperaram descer, e só deixaram o lugar quando Heather não podia mais ser vista pelo lado de fora. Ao contrário do que Belissarius pensava os espectros não a seguiram Poço adentro. De fato, nenhuma criatura aproximou-se de Heather enquanto ela descia as escadas escorregadias do Grande Poço.

O Anjo Mills estava de pé na frente da casa do Ogro quando o céu do Mundo Inferior tornou-se cinzento e o anúncio da chuva chegou. Da mesma forma que em Esplendor os temporais prediziam seres das trevas em contato com o solo abençoado, no Mundo Inferior eles prediziam os Anjos Caídos.

Mas, para a pouca sorte daqueles que tentavam proteger Heather, era algo muito pior. Mills fechou os olhos e orbitou até Esplendor, para confirmar se o levante já havia se deslocado para perseguir o Anjo em ascensão. Ela não podia ser útil no Mundo Inferior, seus poderes lá eram imprestáveis. Já em Esplendor, se Seraphiel ainda não tivesse descido para ir atrás de Heather talvez ela pudesse ter uma última palavra com ele, tentando dissuadi-lo daquele absurdo.

Mas era tarde demais. No Salão do Conselho estava apenas o Anjo Anael. Ainda chovia muito em Esplendor, mas o céu estava menos escuro e os trovões já tinham cessado. Não havia habitantes perambulando pela cidade, todos estavam trancados em suas casas esperando que o apocalipse chegasse. — Anael. - Mills fez uma reverência com a cabeça. O Anjo desceu do alto dos pedestais e encontrou-se com ela, no centro do salão. - Onde estão Seraphiel e Israfil?

— Eles foram tratar com os Elfos. - O Anjo disse. Aquela devia ser a desculpa usada para enganar o Conselho e deixar Esplendor. Se o Conselho não fosse tão autocentrado, e se eles tivessem motivos para investigar, Mills considerava. — E disseram o que foram tratar? - Ela queria saber mais.

- Quando saíram?

— Faz algumas horas. Eles disseram que tinham informações importantes sobre a Sétima Pedra para discutir com os Elfos, algo sobre o Anjo Heather. Eu não esperava que ela se tornasse um transtorno tão cruel.

— Precisamos conversar. - Mills disse, olhando em volta.

- Seraphiel não está em Esplendor, ele não pode nos ouvir. Poderia ser discreta?

— Claro, Mills. O que há?

— Seraphiel e Bell pretendem sequestrar Heather do Mundo Inferior e trazê-la à força para nossa cidade. — Oh, mas isso seria trágico. - O Anjo observou o céu. —Não compreendo por que ela não quis vir espontaneamente! Esconder-se entre as trevas, fugir da sua própria natureza, isso é tão triste!

— Mas ela quis vir. Heather estava decidida a ascender em Esplendor, conforme meu pedido. - Mills continuava prestando atenção para que ninguém pudesse ouvi-las às escondidas. - Mas na verdade, fui eu quem a escondeu no Mundo Inferior.

— Você? - O anjo Anael arregalou os olhos em surpresa.

- Mas Mills, Heather é muito perigosa, por que fez isso? Por que traiu seu Conselho?

— Porque Bell pretendia tomar-lhe os poderes durante a ascensão.

— Isso não é possível. - Anael considerou. - Bruxos não podem interferir na ascensão de um Anjo.

— Mas Seraphiel pode, e ele a auxilia. Na verdade, eles não sabem se podem fazer isso, mas sei que eles planejavam.

Ele não deve saber de suas razões, mas Bell não é boa e generosa. Ela pretende calar Heather para evitar que ela reivindique o trono que seria de Abdiel. A sua posição no Conselho, ao lado de Seraphiel.

— É uma acusação séria. - Anael levou a mão até o queixo, e passou as longas unhas prateadas pela face. - Tem certeza disso, Anjo Mills? Ninguém conhece Heather melhor do que você, e ela é filha de Abdiel, o que significa naturalmente ser imprevisível. Podemos confiar nesse julgamento? — Heather é uma vítima, posso garantir. Apostaria meus poderes nisso.

— Então providências precisam ser tomadas. A ascensão do Anjo já se iniciou?

— Sim, e agora ela se encontra no mais profundo dos submundos. — Mills sentiu um arrepio ao pensar no Mundo Inferior. - Mas, Anael, há algo mais que gostaria de discutir com você, para usufruir de sua imensa sabedoria.

O Anjo moveu a cabeça, confirmando que estava ouvindo. Anael era o Anjo mais sábio do Conselho, aquele que estudava mais as lendas, as histórias, as crenças. Ela inclusive estudava mais as Profecias do que qualquer outro, até mesmo a Bruxa Vera. Ela tinha plena compreensão dos seres míticos e sabia tudo que fosse possível sobre eles, fossem criaturas abençoadas ou pertencentes à escuridão.

— Pois bem, sabe você que Heather tem um envolvimento com um vampiro.

— Sim, e disse que deveria afastá-la dele. Alguém sairá ferido, mais cedo ou mais tarde. - Anael franziu o cenho. — Mas eu pensei o mesmo, porém deixei que descobrissem por eles mesmos como seria fisicamente improvável que se relacionassem. Surpreendi-me ao ver que estava errada. Mills prosseguiu sua narrativa enquanto flutuava pelo são, como se precisasse lembrar-se de todos os fatos. - Heather pode tocá-lo, inclusive eles têm o repugnante hábito de beijarem-se bastante.

— *Hm*, interessante troca de fluídos. E desagradável, devo confessar. - Anael franziu o cenho em desaprovação. — E um tanto quanto improvável, porém Heather é um híbrido.

Deve haver uma explicação lógica para isso.

— Talvez para esse fato, mas há algo ainda mais intrigante. Ele se alimenta dela, frequentemente.

Anael arregalou os dois olhos e encarou Mills com bastante espanto. Espanto suficiente para demonstrar que aquilo era mesmo impossível, como já era esperado. — Impossível. - Foi o veredito já sabido. - Um vampiro não pode ferir um Anjo, mesmo um híbrido. Poderíamos aceitar que Heather o tocasse porque ela tem matéria física semelhante à de um Bruxo, seu pai, mas o sangue dela continua sendo o sangue de um Anjo ou ela não ascenderia. Ele *não* poderia alimentar-se dela, ele morreria apenas com a mordida.

— Mas eu sou testemunha ocular. - Mills torceu os lábios. - Eu vi as feridas em seu pescoço, e para tornar a situação mais abominável, ela também bebeu o sangue dele. Foi uma troca.

— Céus, com o que estamos lidando? - Anael passou a flutuar em círculos, como fazia Mills. O cérebro trabalhando ao máximo, tentando compreender aqueles absurdos.

— Heather é mesmo única.

— Não me refiro a ela. - Anael levou os dedos à boca. – O *vampiro* é impressionante. É ele que resiste ao sangue dela, que permite que ela o toque, e cujo sangue não causa mal a Heather. Mills ergueu uma sobrancelha, compreendendo o raciocínio de Anael. Ela ainda não tinha pensado daquela forma. — Então, você considera que o vampiro também seja único?

— Mais do que único, *especial*.

— Mas ele é um vampiro. - Mills insistia. — Sim, se ele vive de sangue. Anjo Mills, eu preciso descobrir mais sobre ele. Por favor, vamos até minha sala, você vai me passar todas as informações que sabe sobre ele. O que você não souber, teremos que descobrir. Precisamos estudar esses fatos e entender que tipo de criatura é esse vampiro. — Sim, compreendo. - Mills disse. - Mas Anael, preciso nesse momento focar em Heather. Ela está em perigo, ela está escondida no Olho de Cerno.

— Mas isso é uma temeridade. Um Anjo nunca ascendeu naquele lugar! - Anael parou sua caminhada.

— Eu sei, por isso estou preocupada. Um Anjo nunca ascendeu nem mesmo no Mundo Inferior, menos ainda sendo tão poderoso quanto ela.

— Precisamos resolver esse impasse. Poderia contar essa sua história ao resto do Conselho? Conseguiria demonstrar a eles a mesma certeza que demonstrou a mim, agora? Mills assentiu, e Anael deixou o Salão para convocar o Conselho extraordinariamente. Seria a segunda sessão extraordinária em pouquíssimo tempo; o Conselho de Esplendor nunca tivera tanto a deliberar. Enquanto aguardava, ela parou para pensar em sua confusão. Ela sempre considerou

Heather uma criatura especial e diferente, simplesmente por se

tratar um híbrido. O único híbrido vivo que ela conhecia. O único capaz de ditar uma Profecia inteira, o único capaz de colocar Esplendor sem os dois líderes de seu Conselho. Mas Heather era especial, e aquilo era sabido por todos. Porém ela não conseguia compreender o que tinha aquele vampiro que Heather tanto adorava de tão precioso para aguçar a curiosidade de Anael?

~\*~

Quando Belissarius e Henry retornaram à casa do Ogro, viram uma luz incandescente reluzir. Eles não sabiam se Mills ainda estava no Mundo Inferior ou se era o perigo, mas correram o mais rápido que podiam para chegar até a fonte do brilho. Belissarius não pretendia ver Serena enfrentando, sozinha, Anjos e Bruxos; principalmente se a Bruxa Superiora de Esplendor estivesse presente. Chegaram em instantes até o quintal do Ogro, e encontraram um pequeno destacamento a discutir com a pobre criatura da escuridão.

Henry não conhecia nenhum deles, e podia apostar que Belissarius também não. Mas havia uma entidade que emanava tanta luz que não podia ser outro senão o Anjo que governava Esplendor. E ele não se preocupava em usar um manto escuro; suas vestes eram de um azul celeste vivo e ofuscante, como o brilho labial que Heather gostava. O Ogro segurou sua clava nas mãos em posição de ataque, e Henry apenas desejou que, na hora da ira, suas presas surgissem e ele pudesse eliminar ao menos um dos Bruxos que ali estava. Ao ver que os dois se aproximavam, Serena quis correr em direção ao marido, mas achou imprudente. Esperou que eles se aproximassem mais. Os visitantes não pareciam propensos ao ataque desmedido.

— Vocês não são bem vindos aqui. - Belissarius disse, apontando para eles a clava. - Solicito que se retirem, para evitarem problemas.

— Pretende expulsar o Conselho de Esplendor? Seraphiel virou-se para o Ogro, os olhos completamente tomados pela luz.

— Não, não pretendo. Apesar desse Conselho não ter autoridade nenhuma no Mundo expulsá-lo, só vocês. Mas, no solicitando que se

retirem. Inferior, eu não pretendo momento, estou apenas

— Viemos buscar algo que nos pertence. Depois iremos, em paz. - Bell disse.

— Heather não pertence a vocês. - Henry tentou manter a calma, e travou os dentes. Ele podia facilmente arrebentar o pescoço da Bruxa insolente, mas ela certamente teria um feitiço poderoso para imobilizá-lo, atirá-lo longe ou mesmo matá-lo. - Ela é livre para escolher o que quer.

— Heather vem conosco, isso é indiscutível. - Bell manteve-se firme.

— Ela não vai. - Henry insistiu. - E vocês não irão alcançá-la até a ascensão.

— Já começou. - Israfil sentiu apreensão. - Ela já está ascendendo.

— Não importa. - Seraphiel considerou. - Heather é um Anjo, criatura das trevas. Ela pertence a Esplendor, e não a você. Ascendida ou não, viemos buscá-la. Onde vocês a guardaram?

Ninguém respondeu. Phillis bateu seu cajado no chão, e uma onda de tremor chacoalhou o solo onde todos pisavam. O silêncio estava tão pesado que poderia até mesmo ser tocado. Os Bruxos, poderosos, tentariam intimidar e Belissarius estava preparado para aquilo. Como ele dissera a Henry, eles não podiam lutar. Até podiam, mas seria inútil. O jogo deveria ser mental, porque o enfrentamento de poderes seria um massacre.

Nenhum ser do Mundo Inferior tinha poderes, eles eram apenas monstros, bestas. Os Ogros eram grandes e fortes, mas eles não podiam ler as mentes ou enfeitiçar pessoas. Eles não dispunham de varinhas ou cajados nem qualquer outro instrumento encantado.

— Responda, Ogro. - Bell ameaçou. - Você tem muito a perder.

— Lamento, mas não direi nada. Você pode ser poderosa aqui, Bruxa, mas considere que está em meus domínios. Não sabe o que a espera, e seus Anjos da guarda não poderão protegê-la.

— Então façamos um trato. - Seraphiel parecia mais condescendente. - Levamos Heather e, quando ela não for mais considerada um perigo, permitiremos que você a visite. - Ele disse

para Henry, em uma tentativa de convencer o vampiro de que tinha boas intenções.

— Não quero visitá-la. - Henry deu uma gargalhada. Heather é *minha*, você não vai levá-la a não ser que ela queira ir com você.

— Pensei que ela não pertencesse a ninguém. - Bell ergueu uma sobrancelha.

— Ela não pertence, mas ela escolheu a mim, então será minha enquanto assim ela o quiser. Eu tenho o direito de dizer.

— Chega. - Seraphiel ergueu a mão, a luz irradiando com força, clareando todo o espaço onde se encontravam. Parecia o dia. Henry sentiu sua pele arder, como se a luz do sol estivesse próxima a ele. Não vou argumentar com seres inferiores. Se não querem nos dizer onde está Heather, então vasculharemos encontrá-la.

— Não cada centímetro desse mundo fétido até será necessário. - Bell encarava os dois oponentes, sem dar-lhes qualquer importância.

- Eu imagino onde a tenham escondido. Pensei que fossem criaturas tolas e que não submeteriam Heather a esse risco, mas, pensando bem, foi uma ideia brilhante brilhante.

— Onde? - Israfil agitou-se.

— No Olho de Cerno.

O espanto foi generalizado. Os Anjos se encolheram à simples menção da palavra, e Phillis deixou escapar uma interjeição de medo. Mills sabia que Bell jamais se aproximaria do Olho, então Heather estaria teoricamente segura por lá. Mas a verdade é que ela não previu que Seraphiel poderia decidir resolver o problema sozinho.

— Claro, é mesmo brilhante. - Seraphiel sorriu. - Bem, temos alguns demônios para visitar, então. - Ele moveu a mão e fez um gesto para Israfil, demonstrando que era hora de partir em busca do Anjo desgarrado. - Para que vocês não tentem nos impedir, deixaremos Bell e Phillis para entretê-los.

E o confronto que se aguardava há algum tempo ocorreu em segundos. Os dois Anjos passaram pelos oponentes como feixes de luz, em direção ao Grande Poço. Bell puxou a varinha e Phillis apontou o cajado para Belissarius, avisando com aqueles gestos que qualquer tentativa de parar os Anjos seria revidada. Mas eles não

deixariam de brigar só porque a briga seria injusta. Nenhum daqueles seres estava acostumado a recuar ou desistir; eles sempre lutavam até a morte. Belissarius bateu com a clava no chão, causando o mesmo tremor do cajado anteriormente, aproveitando-se para chamar reforços. Os Ogros enfrentariam as Bruxas, porque eles eram fortes o suficiente para suportar diversos encantamentos sem sofrer muito. E enquanto Serena bloqueava o campo de visão das Bruxas, Henry decidiu correr atrás dos Anjos. Ele faria o que tinha que ser feito, fosse aquilo matá-lo ou não. Desde o início, as promessas a Heather tinham sido em vão. Os Anjos não chegariam até ela, se ele os pudesse impedir. E foi com essa determinação que ele sentiu suas presas se expandindo no mesmo instante em que pulou por sobre Seraphiel.

Mas o seu plano não daria certo. Israfil percebeu o ataque e colocou-se repentinamente entre os dois, fazendo com que Henry cravasse seus dentes em seu pescoço e livrasse o Anjo Superior. O ataque fez com que ele sucumbisse nas mãos do vampiro, que fez o possível para causar danos permanentes ou fatais na entidade. Ele não sabia se era possível, se havia sangue a ser sugado, se ele morreria. Ele não tinha ideia se aqueles Anjos também tinham matéria por debaixo daquela luz toda, e aquele era um excelente momento para descobrir. As presas se prenderam em uma carne de consistência duvidosa, e o líquido que escorreu por sua boca era de sabor desagradável. Não se parecia em nada com o suave sangue de Heather, e seu sabor floral. Aquele gosto horrível demonstrava que o sangue dos Anjos não era mesmo para ser bebido por vampiros. Mas ele não sentiu nada, só a ira que o dominava por completo. Ele também não pretendia alimentar-se do Anjo, apenas feri-lo o suficiente para que ele não pudesse perseguir Heather.

Enquanto as Bruxas já tinham tratado de se livrar dos primeiros Ogros, outros chegavam. Elas eram apenas duas, e Phillis não tinha tanto poder quanto Bell. Elas conseguiam vencer os gigantes com alguma facilidade, mas eles eram muitos e enquanto mais se aproximavam, os outros se recompunham. Mas elas não estavam preocupadas, pois tinham preparado uma surpresa para Henry; que ele não esperava e que Seraphiel não havia aprovado. Enquanto o

Anjo Superior corria ao encontro de Heather, e Israfil sofria em agonia pelo ataque, outro oponente entrou na luta. O Bruxo amigo de Phillis, que resistia em enfrentar Heather e que aceitava matar o vampiro, havia sido levado ao Mundo Inferior sem que os Anjos soubessem. E ele esperava um momento no qual Henry estivesse sozinho para atacá-lo.

Com um Bruxo, o vampiro não conseguiria lutar. Não sozinho, não se aquele Bruxo estivesse previamente esperando por ele, e disposto a matá-lo e não somente afastá-lo do caminho. E foi como aconteceu. Tão logo Henry livrou-se de Israfil e deixou o Anjo largado no chão, limpando os lábios retorcidos que estavam encharcados com sangue, sentiu algo lhe romper os músculos e quebrar os ossos, perfurando os órgãos. Olhou para baixo e viu um objeto lhe atravessar o peito depois de dilacerar a carne. A dor foi aguda, e por pouco ele não perdeu os sentidos. Sangue verteu de seus lábios, mas mesmo assim ele tentou continuar a caminhar. O Bruxo tinha os olhos arregalados e muita surpresa, porque o vampiro continuava vivo. Henry deu mais alguns passos, porém seu corpo perdeu força e ele desabou ao chão, caindo de lado. Seus dedos tocaram o objeto que o ferira. Uma enorme estaca de madeira, com ponta afiada.

As lendas de vampiro eram todas verdadeiras, naquele momento. Mas nenhuma delas falava da *dor*. Ele desejou morrer, ou que a sua existência tivesse fim naquele instante. A dor era agonizante, e a sensação de que ela não ia acabar nunca era a pior coisa. Sua mão não conseguiu se fechar ao redor da estaca para puxá-la para fora. Henry sabia que se a madeira saísse, ele conseguiria regenerar-se. Mas ele não podia, os seus músculos estavam debilitados. A fraqueza o acometeu, e aos poucos a dor começou a cessar. Os olhos se fecharam lentamente e a imagem de Heather sorrindo, Heather feliz, Heather em seus braços, o fez descansar.

Depois de algum tempo, o Anjo Seraphiel caminhou lentamente até a entrada do Grande Poço. Ele não pressentiu mais o risco atrás de si, então manteve o passo sereno. Os espectros se agitaram com a presença do Anjo Superior, e as almas sobrevoavam a abertura com bastante ênfase. Havia uma movimentação estranha

provavelmente causada pela chegada de um Anjo tão poderoso, mesmo que os seus poderes não fossem significativos ali. Sua luz brilhava ofuscando qualquer criatura que lhe tentava enxergar, e ele parou de andar quando verificou que seus pés não mais se moviam.

“ *Estou impedido de prosseguir,*” pensou o Anjo. Heather estava mesmo naquele Poço, ele tinha uma crença forte. Mas Seraphiel tinha um segredo guardado, que ele não podia revelar, e que fazia com que a sua ida ao Poço não fosse a mais indicada apesar de tudo. Ele sabia que os Bruxos não iriam até o Olho de Cerno, mas ele também não devia ir, apesar de não haver teoricamente um impedimento. Os seus pés recusavam-se a seguir em frente, e Seraphiel não sabia se teria algo a ver com ele ou não. Talvez com aquele segredo que o atormentava, mas que ele não deixaria que soubessem. Não se ele pudesse impedir.

— Ora vejam que surpresa agradável eu recebo hoje! Uma voz ecoou no vazio, enquanto Seraphiel tentava inutilmente avançar. Os espectros agitados se espalharam, e começaram a voar em espiral. O ar ficou mais denso e quente, e o vento mudou de direção. Seraphiel ergueu a mão e a escuridão se iluminou, mostrando asas negras enormes se aproximando. O céu ficou turvo e o chão tremeu quando pés fortes o tocaram.

— Jophiel. - O Anjo Superior disse, com algum espanto, mas já esperando que forma tomaria a figura.

— Meu irmão, há quanto tempo. O homem alto, músculos definidos, que trajava calças pretas somente, com duas enormes asas que pareciam de seda rasgada, cabelos negros como a noite e olhos profundamente azuis, encarou o anjo superior. - A que devo essa visita? É Natal?

— Eu não vim visitar-te.

— Bem, então agora eu estou confuso. Jophiel, o grande Anjo de asas negras, caminhou com a mão no queixo, expressão de dúvida. Sua silhueta era assustadora. Todos os espectros que vagavam ao redor do Poço desapareceram como que por mágica. - O que um Anjo Superior está fazendo tão próximo ao Olho de Cerno? Você não está passeando, nem veio de férias.

Seraphiel concentrou-se. Ele não via Jophiel desde que o irmão

decidira unir-se às trevas. Os Anjos em Esplendor sabiam de Jophiel, mas também escondiam a sua origem. Para todos os demais seres míticos, ele era um demônio que governava o Cerno. Mas os Anjos sabiam que, na verdade, ele era um dos Anjos Superiores de maior poder em toda Esplendor, e que, ao final, decidiu servir ao lado das trevas. Não só servir, como conquistar, assumir, governar.

— Eu não devo dizer-lhe. - O Anjo superior tinha a voz calma. - Porém gostaria de passar, se fosse possível.

— Não. - Jophiel gargalhou. - Pensa que pode vir à minha casa e entrar sem me dizer a que veio? Conte-me a verdade, ou volte de onde está.

— Jophiel, há um grande perigo no Poço.

— Sim, *eu*. - O Anjo Negro riu novamente com sua piada. O outro o olhou com alguma irritação. - É escolha sua, meu irmão. Diga o que quer e posso considerar se você deve passar. Se não disser, pode retornar para Esplendor e toda aquela chatice.

— Eu não devo dizer-lhe. - Seraphiel repetiu-se. - Por favor, deixe-me passar; será para o bem do Mundo Inferior.

Jophiel encarou o irmão com os olhos de fogo. Suas asas se abriram novamente, e bateram voo causando uma rajada de vento que atingiu Seraphiel em cheio. O Anjo Superior cambaleou, mas manteve-se de pé. O Anjo Negro estava no ar, sobrevoando em círculos o Poço. Com uma pirueta quase artística, mergulhou para dentro do Poço e carregou consigo as almas perdidas que o reverenciavam. Seraphiel tentou mover-se, mas não conseguia ir para frente. O Grande Poço aparentava estar vazio e a tranquilidade pairava por sobre a sua entrada. Não havia espectros flutuantes ou gritos de dor. O anjo superior tentou mais uma vez, mas não podia prosseguir. Heather estava ali, e estava inatingível. Mesmo que ele contasse a Jophiel a verdade, ele não teria sucesso em tê-la; o irmão jamais permitira que ele se apoderasse do Anjo em ascensão.

— Ele está morto? - Phillis perguntou, tocando a massa flácida e descolorida que jazia em sua frente.

— Não. O Bruxo Maleque respondeu, os olhos de desapontamento. - Eu errei, atingi-lo de trás foi uma ideia idiota; eu não consegui acertar o coração. Agora ele está nessa condição deprimente.

— Mas ele *parece* morto. - Phillis insistia, com seus dedos pressionando a carne fria. Bell e Seraphiel já haviam retornado a Esplendor, juntamente com um Israfil muito ferido. A Bruxa havia ficado para acertar com Maleque como livrar-se do corpo do vampiro. Porém havia uma questão a resolver, ele não estava morto. A estaca de madeira da grossura de um punho estava atravessada no peito de Henry, dilacerando seus músculos e órgãos, mas sem atingir o coração. Ele estava caído ao chão, o sangue gotejando pelo ferimento. Maleque o havia retirado do Mundo Inferior tão logo o vampiro sucumbiu ao ataque, e o levou a um lugar que ele considerava seguro.

— Ele não está. E eu não vou fazer mais isso, Phillis. Maleque sacudiu a cabeça negativamente. - Eu não vou matar essa criatura, está bem claro que ele não quer deixar esse mundo.

— Você precisa terminar o serviço! - A Bruxa estava ansiosa, andando de um lado para o outro. - O que vamos fazer, quando ele acordar vai acabar com todos nós. Você tem que matá-lo, Maleque!

— Ele não vai acordar, vai acabar morrendo mesmo. Vou deixá-lo aqui, ele vai morrer sozinho.

— Como acontece isso? - Phillis ficou curiosa.

— Bem, ele está perdendo muito sangue, e sem alimentar-se, ele vai morrer. Não deve demorar muito, depende da idade dele. Mas esse vampiro deve ter o que? Uns cem anos? Deve durar no máximo uns dois dias. Ele vai morrer de qualquer jeito, então não sujarei minhas mãos com o seu sangue. Não outra vez.

A Bruxa Phillis olhou para Henry. Ele estava jogado por sobre uma lona escura, os braços estendidos, a camisa destruída e sem sapatos. Sua pele era tão branca que parecia feita de cera. Ele não se movia, e a consistência de seus músculos era mole, esponjosa. Ela o tocou novamente, e não havia nenhuma reação. Depois de alguns segundos, ele gemeu. Um som triste; de dor, de desespero. A Bruxa sacudiu a cabeça e tentou não pensar naquilo. Concordou com Maleque, ele iria mesmo morrer. Os dois Bruxos deixaram o galpão onde Henry havia sido encarcerado e saíram, fechando a porta e trancando por fora.

Em Esplendor, o Conselho estava reunido sem seus integrantes

principais. Tão logo chegaram à cidade, Bell e Seraphiel foram intimados a comparecer ao Salão Nobre e aguardar as deliberações, que aconteciam desde que Mills informara a Anael dos acontecidos. O Conselho não gostou de ter que admitir que tudo que o Anjo lhes contava era a pura verdade, porque Mills não suscitava dúvida. Ela nunca mentia ou enganava ou traía suas convicções e seus juramentos. Mills era perfeita para cuidar de Heather e por isso foi escolhida; por sua incondicional capacidade de ser fiel. Então, quando ela falava, ninguém considerava que fosse uma mentira. Por aquele motivo somente, era importante que se apurasse se afinal os dois superiores estavam de conluio para prejudicar um anjo.

Porque Mills sequer imaginava o mal que havia sido feito a Henry. Depois de tomar o depoimento de Mills, ela foi liberada e o Conselho passou a reunir-se de portas fechadas, sem a presença dos acusados, que estariam confinados até o final das deliberações. Era uma situação tão grave que os Druidas e Elfos foram chamados para participar da conversa, a fim de que a melhor decisão fosse tomada. O Conselho não sabia se deveria punir os superiores ou se apenas deveriam conceder a Heather o direito de exercer seu livre arbítrio; ou ainda se deveriam concordar com Seraphiel e Bell e encarcerar Heather em razão do perigo que ela representava. Eles não tinham muito tempo, porque Heather deveria ascender logo. E eles também não contavam com a reação que o Olho de Cerno e todo o seu calor poderiam causar em um Anjo descontrolado que sofria.

— Todas as acusações são muito graves. — O Anjo Anael ponderou, diante do Conselho reunido. — Precisamos tomar uma atitude que talvez desagrade os mais céticos.

— Não podemos punir nossos Superiores. — A Bruxa Zoraide disse. — Seria uma heresia, uma afronta para com todas as nossas crenças. A Profecia da Sétima Pedra não pode ser ignorada.

— Mas não temos outra escolha. — Foi a decisão do Bruxo Jerônimo. — Se o Anjo Heather considerar que sofre perigo, e ela sofre, todos nós seremos punidos.

— Devemos ser exemplares em nossa punição. — Anael finalizou a conversa. — Talvez possamos fazer com que todos acreditem que nossa decisão ainda não está tomada; devemos deliberar com

cuidado. O Onisciente está confinado, mas ele já trapaceou uma vez. Seraphiel e Bell devem sofrer sozinhos as consequências de seus atos.

# Biografia

Tatiana Mareto Silva é brasileira, advogada e professora universitária. Mora na cidade de Cachoeiro de Itapemirim-ES, e sempre gostou de escrever histórias. Aos 12 anos, começou a escrever seu primeiro romance, "Dezembro", que só foi finalizado cinco anos depois. Dos 17 aos 20 anos, escreveu diversos contos e fanfictions, sem pretensão de publicar seus trabalhos - ela só queria entreter os amigos. Mesmo casada e trabalhando em tempo integral, continuou escrevendo histórias cada vez maiores e mais originais, até ser incentivada a publicar suas obras.

Dentre seus originais mais conhecidos no universo virtual, estão "Sequestrados", "One More Fan", "Taken" e "Quando o Verão se For", que ainda está sendo adaptada para transformar-se em livro.